

# REVISTA DOS CRIADORES

55 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Dezembro de 1985 - Ano LV - N.º 671 - Cr\$ 40.000

Órgão oficial da ABC

## EDIFÍCIO ABC - CENTRO DA PECUÁRIA

*"Este edifício simboliza o trabalho dos criadores e lavradores anônimos, pioneiros da conquista e ocupação do nosso território"*



# O MAIS FORTE

**AGROVET**  
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto - com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, - que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade.

AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos.

A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.

  
**SQUIBB**  
DIVISÃO AGROPECUÁRIA



# MENSAGEM DE NATAL

Há 10 anos passados, neste mês de dezembro, faleceu o pensador Plínio Salgado.

A eternidade e a atualidade do seu pensamento expresso na página escrita em 1939 para o diário de sua mulher, D. Carmela Salgado, é a mensagem de Fim de Ano da ABC aos seus associados, amigos, leitores da Revista dos Criadores, clientes e fornecedores.

*Navegamos no mar do tempo, mais 12 meses. Foram 12 etapas trabalhosas, ásperas, com ventos tempestuosos, angústias de horas atroz; aflição de momentos incertos; amarguras...*

*Iniciamos hoje o novo ano. Que nos reservará mais esse trecho da viagem através do tempo?*

*Nesta hora da madrugada de 1º de janeiro de 1939, ergo o meu pensamento aos insondáveis abismos infinitos. A passagem de um ano é uma convenção necessária à nossa limitada capacidade de apreender o mistério dessa coisa, que não tem princípio nem fim e que nós procuramos medir com o movimento dos astros. Mas, à força de repetirmos o ato solene da sucessão de um ano por outro, nós, homens, temos criado um valor emocional representativo da reação do nosso espírito em face do transcurso dessas etapas inventadas pelo calendário.*

*Qualquer coisa se ergue dentro de nós: uma ansiedade, uma dúvida, uma interrogação... Sentimo-nos diante da eterna esfinge do destino; cresce em nós o clamor dos nossos desejos, invade-nos a tristeza que vem de todos os recelos...*

*Tive este ano a felicidade de não ouvir nenhum clamor dentro do meu coração, nem experimentar as sombras da tristeza que é sempre filha dos recelos. É que mais do que nunca, as próprias dores e amarguras, desilusões e abatimentos suscitaram na minha alma uma força nova, uma alegria interior que supera todo o Bem e todo o Mal, todo o Prazer e todo o Sofrimento que se escondem nos refolhos dos dias que virão.*

*Não me preocupam os pormenores da viagem através do Futuro que é sempre incerto; preocupa-me o fim da viagem. O fim da viagem não é o seu termo. O termo pode ser d'aquí a muitos anos. Não importa. É um detalhe a mais no Infinito imperscrutável. O fim da viagem, esse, é permanente: está em todos os minutos, em todas as pancadas do nosso coração. Que fim é esse? É a aproximação de Deus.*

*Para isso fomos criados. Recebemos o dom da liberdade para que procuremos o nosso fim pela nossa própria deliberação. Aproximar-mo-nos de Deus consiste em lutarmos pela nossa perfeição moral. Consiste em sermos bons. Consiste em aceitarmos todos os fatos, como fazendo parte de um plano divino, dentro do qual devemos agir, batalhar, quantas vezes contra nós mesmos!*

*É certo que neste momento da passagem do ano, rogo ao nosso Pai, que está nos Céus, todas as felicidades materiais, sentimentais, intelectuais e morais para mim e minha mulher, minha filha e seu esposo, meus irmãos, cunhados, seus filhos, nossos parentes e amigos, nossos companheiros de ideal. Sim, peço, ardentemente, que sejamos felizes na terra; mas peço ainda mais ardentemente que sejamos todos felizes na Eternidade.*

*Que é a Eternidade? É acaso o mistério que só se revela depois da Morte? Não! — A Eternidade sente-se em vida. Quando? Quando o nosso Espírito se aproxima da Perfeição pela bondade, pelo amor, pelo perdão, pelo sacrifício quotidiano, pela aspiração do Bem.*

*Que Deus nos ajude a sermos perfeitos, eis o meu principal pedido. Que Deus nos inspire nas horas de triunfo terreno, de glória passageira, de riqueza, de alegria, como também nas horas de amargura. Que a bênção do Senhor venha sobre nós e que a sua graça caia como o maná sagrado. Que ele nos faculte os meios de espalharmos o Bem. Que nos ilumine o entendimento e nos toque o coração nos milagres da caridade. Que o fogo da Fé arda em nossa consciência como uma chama votiva. Que a sua Força galvanize e vitalize contra as nossas fraquezas. Que Jesus esteja sempre conosco. Que este ano de 1939 seja fecundo em benefícios para nosso espírito imortal. E que nunca nos faltem, em nenhuma circunstância, os meios de levarmos alegria aos tristes, esperança aos aflitos, consolo aos sofredores, exaltação aos humildes. E que nunca nos falte, principalmente, para nossa sede interior, as nossas angustiosas inquietações, aquela água que foi prometida à Samaritana, junto à cisterna patriarcal.*

Plínio Salgado

# NEGÓCIOS RURAIS - um instrumento de administração

ANO I - N.º 7 — Coord.: Engs. Agrônomos: Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wedekin — DEZEMBRO — 1985

## MOMENTO AGROPECUÁRIO

### Os choques dos preços agrícolas na inflacionária economia brasileira

No início deste segundo semestre, enquanto a colheita da grande safra de verão do país da temporada 1984/85 mal chegava ao fim, sem que a produção estivesse totalmente colocada nos segmentos atacadistas e varejistas dos centros consumidores, a nível de mercado, os preços dos gêneros alimentícios mostravam-se aquecidos. Tanto assim que, em agosto, a Fundação Getúlio Vargas, durante a fase de coleta de dados, antes mesmo do processamento mensal, apontava fortes pressões da área agrícola sobre o índice de inflação (vide tabela).

Do ponto de vista teórico, essa movimentação conjuntural nos preços agrícolas de consumo doméstico pode parecer estranha, pois o período de início de entressafra ainda é marcado por disponibilidade folgada, com as cotações frouxas. Entretanto, levando-se em conta a evolução da agricultura brasileira nos últimos tempos, conclui-se que tal fato econômico era perfeitamente normal e previsível.

Veja-se, por exemplo, o que ocorreu no país, entre 1977 a 1984, na oferta e consumo dos alimentos básicos. O consumo do brasileiro revelou uma baixa de 11%. Houve uma diminuição, em cada ano, de

1,66% na disponibilidade conjunta de arroz, feijão, milho, mandioca, batata, trigo e carnes. A produção de arroz, feijão, milho, mandioca e batata, em média, reduziu-se em 1,94% ao ano<sup>1/</sup>. Conseqüentemente, os produtos tipicamente destinados ao mercado interno apresentaram maiores variações de preço, descontada a inflação — entre 13,5% e 40,8% — ao longo do período. Nos gêneros agrícolas exportáveis ou com preços administrados (entre estes se incluem cana, trigo e leite), a escala de oscilação do crescimento foi menor, entre 9,8% e 17,9%.

Evidentemente, a evolução desse quadro tem sido muito mais penosa nas famílias de baixa renda. Elas, além de comprometerem maior parcela de seus ganhos com dispêndios em alimentação, sofreram negativamente a política de achatamento salarial dos últimos anos (em termos reais, o salário mínimo em 1984 foi 36% menor que o de 1977). Em conseqüência, foi reduzida de maneira significativa a possibilidade do mercado agrícola nacional ampliar seu espaço, haja vista que 84,0% da população ativa brasileira percebe abaixo de dois salários mínimos mensais.

Em tais circunstâncias, nada mais

explicativo que, atualmente, o índice mensal de inflação reflita diretamente as altas dos preços agrícolas, pondo em vão os esforços do governo para contê-los em um dígito (Tabela 1). A própria rapidez na recuperação da demanda interna, decorrente do aumento real de 25% da massa nos últimos 12 meses até outubro, facilitou o surgimento de diferentes focos especulativos, com pressão altista em certos alimentos básicos. Além disso, a estiagem prolongada que assolou importantes regiões produtoras do centro-sul do país, constituiu-se num complicador maior. Criou-se uma expectativa de escassez de produtos no início de 1986, pois a programação de plantio foi severamente prejudicada, com: a) perdas e reduções de áreas de cultivo; b) ampliação do período de entressafra, pois a colheita virá retardada e, bem provavelmente, em menor quantidade.

#### Na escassez são ineficazes as políticas de controle

É preciso ter em mente que para corrigir essa situação de pequena disponibilidade de certos produtos agrícolas, não há controle de preços que funcione. Para tanto, basta ava-

**Você tem um motivo  
atrás do outro  
para usar as botas Vulcabrás.**

## Negócios Rurais — um instrumento de administração

liar a baixa eficácia que tem revelado as recentes medidas adotadas pelo governo, com respeito às desovas de estoques oficiais, importações de alimentos e o condenável uso de tabelamentos.

A desova dos estoques oficiais, em que pese o governo ter sido o maior comprador de cereais e oleaginosas na safra 1984/85, vem sendo efetuada sem repassar os custos de aquisição e armazenamento. Não são cumpridos requisitos fundamentais de uma política de estoque regulador, no tocante à quantidade, época e local para se colocarem as mercadorias. A administração visa apenas a atender o curto prazo, principalmente em evitar a ocorrência de crises de abastecimento. Ademais, esse procedimento de vender produtos a preços subsidiados gera contradição na política do governo, pois faz com que ocorra transferência de renda ao consumidor, com absorção expressiva de recursos. Para o setor agrícola, cria-se um ambiente de insegurança, pois com os subsídios aos consumidores, corre-se o risco do governo não conseguir recompor o nível de recursos necessários à política de preços mínimos e de comprometimento dos créditos para o ano seguinte.

As importações de alimentos, pelo potencial que o país dispõe em desenvolver as explorações agropecuárias, são de medidas que revelam o fracasso dos planejamentos feitos anteriormente para o setor, com o país sendo forçado a gastar preciosos recursos (ver Tabela). Elas somente são válidas para casos extremos, de grandes e seguidas adversidades climáticas, bem como em momentos de calamidade pública. As importações dos últimos anos mostram uma tendência perigosa das autoridades brasileiras, que atacam um problema estrutural de déficit de produção, como se fosse um problema de natureza conjuntural. Da mesma forma, as importações têm sido inócuas, de pouca credibilidade

Tabela 1: Evolução da Inflação e dos Preços por Atacado dos Produtos Agrícolas 1985

Mês	Taxa de Inflação			Preços por atacado		
	no mês	no ano	em 12 meses	no mês	no ano	em 12 meses
jan	12,6	12,6	232	10,2	10,2	222
fev	10,2	24,1	226	8,8	19,9	221
mar	12,7	39,9	234	10,8	32,9	212
abr	7,2	49,9	229	7,0	42,1	188
mai	7,8	61,6	226	11,0	57,7	195
jun	7,8	74,3	221	13,6	79,3	221
jul	8,9	89,8	217	5,6	89,3	218
ago	14,0	116,4	227	22,5	132,0	264
set.	9,1	136,2	223	10,1	155,4	262
out	9,0	157,5	222	4,5	167,0	225
nov	15,0	196,0	227	29,7	246,4	277

no mercado, sem provocar a queda das cotações, uma vez que os agentes da comercialização têm pleno conhecimento do hiato de tempo que leva para trazer até o país as mercadorias importadas.

Com relação aos tabelamentos, mostra-se um desconhecimento de suas nefastas conseqüências no passado, ressuscitando uma prática que, via de regra, vai desestimular diretamente o segmento produtor. Por outro lado, tem-se que dentro de uma economia da magnitude e complexidade como é a brasileira, o seu efeito prático é praticamente nulo. Portanto, nada a estranhar a inexequibilidade do congelamento declarado recentemente pelo governo para a cesta básica composta de 42 produtos (muitos dos quais de natureza agrícola) e para a carne. Os preços continuaram solenemente a marcha ascensionista!

### Um balão de ensaio: o I PND — NR

Durante a fase de elaboração do I Plano Nacional de Desenvolvimento da Nova República (I PND — NR), **Momento Agropecuário** na edição da Revista dos Criadores de junho/85, dedicou espaço para comentá-lo. Na oportunidade, abordou-se genericamente o conteúdo social que deveria caracterizar o I PND — NR, bem como o papel a ser cumprido pela agricultura.

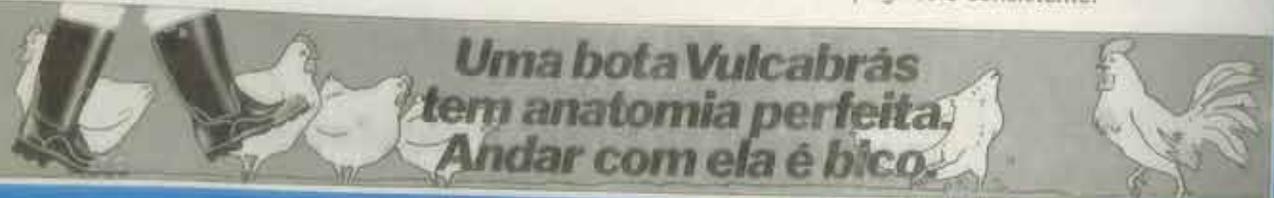
Tabela 2

Importações Brasileiras (milhões de dólares)					
Ano	Arroz	Feijão	Milho	Carne	Trigo
1977	0,2	30,5	0,8	21,8	264,7
1978	7,2	2,9	137,3	90,1	541,3
1979	222,0	3,4	194,7	148,3	546,7
1980	88,8	28,4	226,9	87,1	889,8
1981	57,4	4,4	143,4	69,9	831,9
1982	46,1	2,1	0,3	18,9	762,0
1983	106,7	1,7	33,7	20,3	726,6

Fonte: Cacex

Em meados de novembro, foi entregue à Presidência da República a versão final do I PND-NR, pelo Ministro do Planejamento João Sayad. Pertinente ao setor agrícola, o documento alinhava alguns pontos que merecem análise especial. O principal deles, sem dúvida diz respeito à afirmação de que **política de garantia de preços deverá explicitar-se em regras nítidas, determinando preços mínimos estáveis em períodos plurianuais, mormente para o mercado interno.**

Na realidade, a colocação de preços plurianuais para a agricultura constitui-se em aceno fundamental para remediar uma situação inadmissível, qual seja, a do Brasil, sendo o quinto maior produtor de alimentos do mundo, apenas perdendo para a Rússia, China, Estados Unidos e Comunidade Econômica Europeia, não ter ainda formulado normas para sustentar uma política agrícola consistente.



## Negócios Rurais — um instrumento de administração

Com a definição de preços plurianuais para os produtos agrícolas, o governo estará dando um passo concreto para conferir segurança à atividade, regularidade no fornecimento e estabilidade de preços para produtores e consumidores. A partir daí, a consecução de outros objetivos do I PND-NR serão favorecidos, tais como:

— Impedir nova orientação nos serviços de extensão rural, buscando atender prioritariamente

aos pequenos e médios agricultores. A meta é o atendimento de 3 milhões de agricultores; — crescimento mínimo para o setor de 5% ao ano. As culturas de exportação, sem comprometer a de abastecimento interno, crescerão 5,5% ao ano. Tais metas podem ser consideradas tímidas, pois estima-se que o setor industrial crescerá na faixa de 6% ao ano, de modo que a agricultura, por crescer menos, continuará

reduzindo a sua participação na formação da renda nacional. — incorporação de três milhões de hectares de novas terras para produção de alimentos, representando taxa de crescimento da área cultivada de 3% ao ano. À agricultura de exportação, deverá ser incorporado mais 1,5 milhão de hectares.

1/ Maiores detalhes leia: Prioridade Agrícola: Sucesso ou Fracasso? de Fernando Homem de Melo, São Paulo, Editora Pioneira/1985.

## MERCADO DE PRODUTO

### Nota explicativa

Cabe aqui esclarecer o tratamento estatístico dos preços apresentados nos gráficos. Os preços são os praticados a nível de produtor no estado de São Paulo e se referem a médias mensais levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. O gráfico apresenta duas linhas: a inferior é a dos **preços correntes ou nominais** de negócios realizados na prática. A curva superior registra os **preços reais**, cuja atualização permite a comparação em base isenta de inflação. Para se chegar à série real parte-se dos preços nominais de cada mês passado, trazendo-os a valores de hoje (dezembro-85) pela inflação acumulada no período; a atualização é feita através do Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas. Exemplificando: o **preço corrente ou nominal** da arroba do boi gordo em dez. 84 foi de Cr\$ 54.330; o **preço real**, a valores de dez. 85, será de Cr\$ 178.746, ou seja, Cr\$ 54.330 x 3,29, pois a inflação no período de dez.84-dez. 85 chegou a 229%. No mês presente (dezembro), que é a base da série real, o **preço real**, como seria de se esperar, é igual ao **preço corrente**, tal como registram os gráficos. Os preços nominais e a inflação de dezembro são estimativas(\*).

### BOVINOS DE CORTE

Preços estáveis; safra gaúcha antecipada.

O mercado de carne bovina começa apresentar sinais de estabilização de preços, após ter acumulado no estado de São Paulo uma elevação de 275% nos últimos cinco meses.

A cotação da arroba do boi gordo, a nível de produtor paulista, chegou a sofrer um recuo, passando de Cr\$ 220 mil em fins de novembro para Cr\$ 200 mil na primeira semana de dezembro.

Apesar da oferta de animais nos estados centrais continuar ainda escassa, pelo menos até princípio de janeiro, a redução notória do consumo vem contribuindo para manter

o abastecimento normal e consequentemente limitar novas elevações de preços. De acordo com estimativas do setor, o consumo sofreu uma queda em torno de 40% no período de agosto a outubro. Por outro lado, a entrada do produto importado e o aumento de oferta no Rio Grande do Sul, estado cuja oferta abastece as regiões centrais (RJ e SP), reduz as expectativas de aumento de preços no curto prazo.

Das 15 mil t de carne uruguaia importadas para consumo, 4 mil t já foram internalizadas e o volume restante deve estar sendo embarcada por via marítima com previsão de chegada nos portos brasileiros até início do próximo ano. A seca, que se estende por mais de 50 dias no



Rio Grande do Sul, vem provocando a perda de peso dos animais levando os pecuaristas a antecipar os abates, elevando a pressão de oferta. Este fato estimulou o setor pecuarista local a reivindicar do governo a aquisição de uma cota de 15 mil t de carne gaúcha para reposição de estoque governamental. Embora haja pretensões do governo para a formação de estoques para atender a próxima entressafra, não há nenhuma confirmação oficial a esse respeito.

## LEITE

**Com novo aumento, preço ainda não agrada**

O novo aumento autorizado pelo CIP de 14,7% ainda não atende as reivindicações da classe produtora de leite especial. De acordo com a nova tabela, o preço do litro de leite cota/consumo pago ao produtor, elevou-se para Cr\$ 1.554 e o destinado à Indústria para Cr\$ 1.478 o litro. Segundo cálculo da planilha de custos da Faesp, o preço pago ao produtor deveria ser de Cr\$ 1.866 o litro, equivalendo a necessidade de aumento de 37,7% sobre o preço de outubro, enquanto o Instituto de Economia Agrícola estima um custo atualizado para outubro de Cr\$ 2.017,22 o litro. Embora insatisfeitos, os produtores suspenderam o boicote da entrega do produto e aguardam nova reunião do CIP em

Não só a ausência de uma política estável de preços vem ameaçando a produção de leite. A estiagem prolongada agravou a escassez de leite nesta entressafra, reduzindo substancialmente o fornecimento do produto às indústrias. A fabricação de derivados chegou a sofrer uma queda de até 50%. Mas a queda na oferta não foi a única consequência da estiagem, pois os produtores tiveram seus custos onerados com a compra de ração e medicamentos para o gado, agravando ainda mais a situação econômica do setor.

A produção de leite no país, segundo a Fundação IBGE, cresceu de 4.899.816 t em 1960 para 11.818.370 t em 1984, enquanto a população aumentava de 70 milhões para 129 milhões de habitantes no mesmo período. Com base nos dados da FAO, o Brasil em 1983 produziu 9,49 milhões de t de leite, contra 63,49 milhões de t dos EUA e 35,15 milhões de t da França. A produção norte-americana é cerca de sete vezes su-

uma população que é a metade da nossa. Em 1960, o brasileiro consumia em média 190 ml/dia, chegando a 250 ml em 1980, atingindo 256 ml em 1984, quando a FAO recomenda 700 ml por dia como consumo mínimo para crianças, adolescentes, velhos e gestantes, e 500 ml como o mínimo para adultos.

Diante disto, o governo através do novo pacote recentemente anunciado, procura suprir em parte a carência nutricional, pretendendo destinar Cr\$ 14,6 trilhões por ano até 1989 no âmbito do Programa Nacional do Leite para Crianças Carentes. Só em 1986, a distribuição gratuita de 246 milhões de litros de leite deverá beneficiar 1,5 milhão de crianças a um custo de Cr\$ 1 trilhão. Para atingir esta meta, acredita-se necessário o estímulo à produção de leite no país.

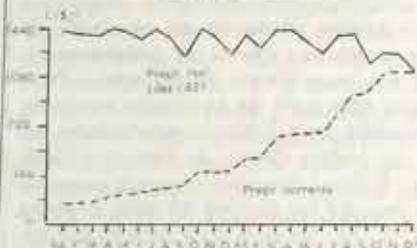
## SUÍNOS

**Maior procura pressiona os preços**

O mercado de suínos continua firme, mesmo com a interrupção da alta da carne bovina. Os preços, a nível de criador do estado de São Paulo, situam-se em Cr\$ 180 mil a arroba, significando um crescimento acumulado de 56,5% nos últimos três meses. O mercado de Santa Catarina também mostra-se ascendente, com a arroba cotada em Cr\$ 160 mil. Esse comportamento, no entanto, esteve relacionado com o movimento altista no mercado de carne bovina, iniciado a partir do segundo semestre deste ano.

A intensificação das compras por parte dos frigoríficos, visando atender a maior demanda para as festas de fim de ano e a capacidade limitada de oferta, permitem prever que os preços dos suínos ainda venham comportar moderada alta. O desempenho da atividade suinícola sofre o impacto do crescimento dos preços dos principais insumos de ração

SÃO PAULO - PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE ESPECIAL

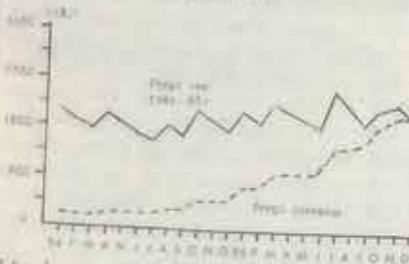


perior à do Brasil para uma população que não chega o dobro da do nosso país, enquanto os franceses produzem quatro vezes mais para

SÃO PAULO - PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE INDUSTRIAL



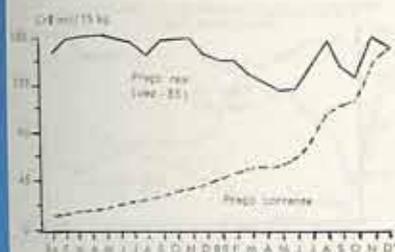
SÃO PAULO - PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE B



16 dez., quando deverão pleitear novo reajuste.



SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SUÍNOS.



(milho e farelo de soja), de maneira que, parte da evolução dos preços de suínos está sendo usado para cobrir o crescimento do custo de produção. Mesmo assim, a suinocultura nos últimos meses tem apresentado boa rentabilidade, estimulando o crescimento da disponibilidade de animais acabados a partir de março próximo ano. Segundo estimativa do Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina, o custo de produção de suínos gira em torno de Cr\$ 6.500 o quilo, contra um preço recebido pelo produtor de Cr\$ 8.600 o quilo.

era de Cr\$ 6.500/kg contra uma média em novembro de Cr\$ 5.400/kg. Apesar dos custos de produção de frango estar sendo pressionado pela elevação nos preços de milho e farelo de soja, a evolução positiva dos preços assegura boa rentabilidade ao produtor.

O desempenho das exportações brasileiras de frango em 1985 tende apresentar-se inferior à de 1984. Em outubro, o setor registrou o pior desempenho dos últimos 4 anos, embarcando somente 12,3 mil t para uma receita de US\$ 11,5 mil. Os dados acumulados de jan-out. revelam um volume exportado de 217,8 mil t e uma receita de US\$ 153,2 mil, equivalendo uma queda de 12,0% e 19,8% em relação ao mesmo período do ano passado. O preço médio acumulado é de US\$ 870/t, 7,5% inferior a de igual período de 1984 (US\$ 940/t).

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FRANGO.



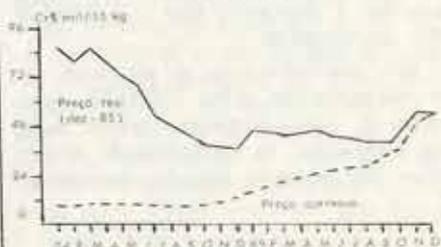
O Brasil vem perdendo gradativamente o mercado do Oriente Médio para a França, cujas exportações são subsidiadas pela Comunidade Econômica Européia. A competitividade do produto brasileiro também foi comprometida pela retirada em abril do crédito-prêmio e as recentes elevações dos preços de milho e soja, situando-se acima das cotações internacionais. Outro fator pesando nos custos de exportação é o alto preço dos fretes marítimos, que chegam superar em duas vezes as tarifas cobradas nos EUA. A manutenção da estabilidade da avicultura brasileira no mercado internacional está dependente da equalização destes problemas.

## ALGODÃO

**Cultura é a mais prejudicada no plantio**

Com o período limite para plantio esgotando-se em 20 de outubro, o algodão é a cultura mais sensível às condições climáticas adversas. De uma produção esperada inicialmente pela CFP em 628 mil t de pluma, aguarda-se uma redução que poderá atingir a 40%. A seca castigou a semeadura e nem mesmo possibilitou o plantio em algumas áreas. Assim, após a safra recorde da temporada 1984/85, quando o país teve de subsidiar exportações para enxugar o excedente interno, o quadro de suprimentos em 1986 poderá ficar apertado, caso se configure uma expansão da indústria têxtil.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ALGODÃO.



O estoque de passagem de algodão em pluma, previsto para a entrada da safra 1985/86, deverá ficar ao redor de 250 mil toneladas. Com a colheita do Centro-Sul (350 mil t) e do Nordeste (200 mil t), a disponibilidade doméstica poderá chegar a 800 mil t, para uma demanda que normalmente se situa em 600 mil t. As cotações para operações a vencer em março/86 na Bolsa de Mercadorias de São Paulo estão em Cr\$ 225 mil a arroba. Nos leilões de matérias primas de qualidade inferior, as arrobadas destinadas às exportações estão em Cr\$ 105 mil, enquanto que para o consumo interno os preços oscilam entre Cr\$ 140-170 mil. Pa-

## AVES

**Produção cresce e dificuldades de exportação aumentam**

Com base na produção de pintos de corte em outubro, que atingiu 108,8 milhões de unidades, a produção de carne de frango em dezembro será de 141,1 mil t, representando o segundo maior índice de produção desta década, superado apenas em dezembro de 1981 (143 mil t). A produção nacional neste ano alcança 1.482 mil t, perfazendo um crescimento de 9,3% sobre 1984.

O mercado continua firme com boa mobilidade das vendas, decorrente do fortalecimento da demanda e maior competitividade dos preços do frango frente às cotações das demais carnes. Na primeira semana de dezembro, o preço de frango vivo

**Uma bota Vulcabrás é flexível. Vai bem em todo lugar.**



## Negócios Rurais — um instrumento de administração

ra os produtores, neste mês, o preço mínimo da arroba em caroço passa a ser de Cr\$ 44.380.

### AMENDOIM

#### Estiagem aquece mercado

Até meados de outubro, as cotações do amendoim a nível de Bolsa de Cereais de São Paulo permaneciam relativamente estáveis, indicando equilíbrio entre a oferta e demanda da oleaginosa. Entretanto, a estiagem que assolou os estados da região Centro-Sul do país provocou a reversão desse quadro. Ocorre que o plantio teve de ser adiado, de modo que a colheita da próxima safra das águas, diante da continuidade da seca, deverá iniciar apenas em fevereiro, correspondendo a um atraso de cerca de 60 dias na entrada de produto novo no mercado. Além disso, o volume bastante reduzido de estoques é insuficiente para atender a demanda por um período tão prolongado.

Em consequência, o produto remanescente da safra 1984/85 valorizou-se sensivelmente, sendo que, no momento, as cotações do amendoim descascado, catado, vermelho,

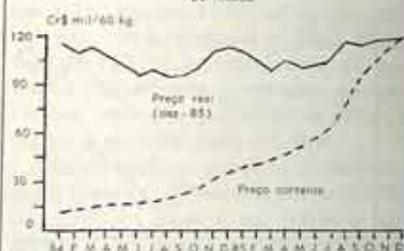
via leilão aberto aos diferentes segmentos do mercado — maquinistas, atacadistas, indústrias de óleo etc. — visando a arrefecer o movimento de alta, mas a medida causou pouco impacto. É que as previsões relativas à produção da futura safra indicam uma queda acentuada em relação à de 1984/85, o que mantém a tendência altista das cotações, pelo menos a curto prazo. No estado de São Paulo, responsável por 80% a 85% da produção brasileira de amendoim, apenas 55% da área de plantio, prevista em 102 mil ha, já foi efetivamente plantada. Acredita-se que, devido ao fato do período ideal de plantio da cultura ter sido há muito ultrapassado, muitos produtores deixarão de plantar a oleaginosa, pois o risco de perda é muito grande. Por outro lado, as cotações internacionais do óleo, em torno de US\$ 570/t, estão em queda, não estimulando o plantio da cultura, notadamente sob condições de risco maior.

### ARROZ

#### Produto importado garantirá abastecimento até março

Para continuar controlando os preços do arroz no mercado interno, o governo precisará desenvolver uma política de distribuição eficiente do produto importado, para todo o primeiro trimestre do próximo ano. A oferta interna está estreita, com a menor participação de mercadorias gaúchas, provocando pressão altista nas cotações. Enquanto na Bolsa de Cereais de São Paulo o arroz agulhinha tipo 2 ultrapassa a casa de Cr\$ 250 mil para a saca beneficiada de 60 quilos, no Rio Grande do Sul, o agulhinha em casca chega a Cr\$ 110 mil para a saca de 50 quilos. As estimativas são de que, em dezembro, pelo menos 30% das 450 mil t do cereal a ser importado pelo governo e a iniciativa privada

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ARROZ



já esteja internalizada, para pronta distribuição nas praças de São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza.

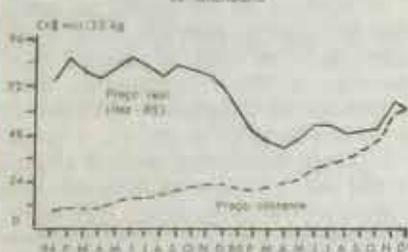
A colheita da safra de verão somente chegará aos centros consumidores a partir de março, com a entrada de mercadorias gaúchas e, posteriormente, de pequenos lotes de Goiás e Minas Gerais. Isso porque as safras precoces do Paraná, São Paulo e Minas Gerais foram afetadas pela estiagem. Na região Centro-Sul, dentre as culturas alimentares, o arroz constitui a única atividade com expectativa de crescimento na produção cuja previsão é de 1,2%, para 7.755 mil t. A razão desse aumento decorre, em grande parte, do aumento do plantio nas áreas de fronteira agrícola no Mato Grosso e Goiás. No Rio Grande do Sul, que responde por mais de 40% de colheita nacional, as preocupações concentram-se na capacidade dos mananciais hídricos para permitir a irrigação, uma vez que o plantio dos 720 mil hectares está praticamente encerrado.

### CAFÉ

#### Menor safra gera ondas altistas

Os mercados interno e externo estão bastante aquecidos, com as notícias de redução na produção brasileira em 1986. Ainda é cedo para traçar uma avaliação precisa do resultado a ser alcançado na próxima

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE AMENDOIM



giram em torno de Cr\$ 8 mil o kg, enquanto que o tipo casca, ventilado, alcança preços ao redor de Cr\$ 130 mil o saco de 25 kg. A alta dos preços levou o governo a colocar, em novembro, cerca de 1,5 tonelada de produto de seus estoques no mer-

**Uma bota Vulcabrás  
é impermeável.  
Enfrenta chuvas e trovoadas.**



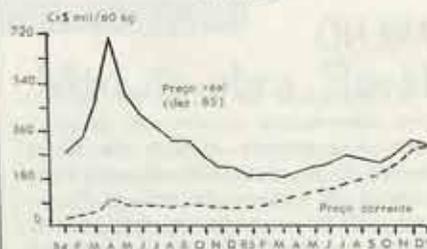
## FEIJÃO

**Quebra significa um mês de consumo nacional**

A Companhia de Financiamento da Produção traça uma previsão de que a safra das águas está com 15% da produção irremediavelmente perdida. A estimativa é de que os estados produtores da região Centro-Sul colham 1,096 milhão de toneladas. Trata-se de uma quebra ao redor de 200 mil toneladas, que representa praticamente o nível de um consumo mensal do país. Isso poderá comprometer o abastecimento futuro, mormente no período crítico de abril e maio, uma vez que novas perdas poderão ocorrer, em face das condições climáticas da época, normalmente de clima quente e chuvoso, propícias à disseminação de doenças.

O preço mínimo do feijão das águas para dezembro foi reajustado

SÃO PAULO, PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FEIJÃO



para Cr\$ 203.279 a saca, bem abaixo do que tem sido praticado pelo mercado. Os produtores que ainda detêm algum estoque da safra de inverno estão conseguindo negócios acima de Cr\$ 300 mil a saca. A CFP prossegue realizando leilões, com as cotações girando ao redor de Cr\$ 170 mil a saca, sem despertar forte interesse por parte dos intermediários, pois se trata de produto mais antigo e, portanto, de menor qualidade, de pequena aceitação pelos consumidores.

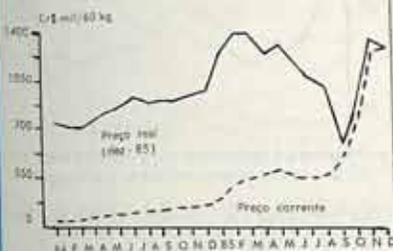
## LARANJA

**Divergência no segmento industrial**

A longa estiagem, que atingiu os pomares citrícolas entre maio e outubro, provocou uma aceleração na colheita. Os produtores, sentindo a perda de peso dos frutos, dada a redução dos líquidos, trataram de agilizar a sua retirada dos pomares. A colheita das variedades tardias já passou do momento de pique, estando no estágio final. Com isso, vai-se encerrando a safra 1984/85, que teve durante o transcorrer uma comercialização de grandes atritos entre citricultores e industriais. O preço da laranja somente foi definido no início de novembro, em Cr\$ 20 mil a caixa, com três pagamentos iguais, através de promissórias a vencer 30, 60 e 90 dias, após deduzido parte do ICM (8,5%), ou seja Cr\$ 1,7 mil. Não há ainda uma avaliação da produção e do rendimento industrial.

No tocante às exportações de suco, as estimativas são de que gerarão no primeiro semestre do atual ano comercial, que vai de julho de 85 a junho de 86, uma receita de US\$ 326 milhões, com o embarque de 244 mil toneladas. A previsão de receita para 1985, tomando por base o preço mínimo de exportação (US\$ 1.150 a tonelada FOB) e a redução de 100 mil toneladas no volume total, que passa a 505 mil toneladas, é de US\$ 628 milhões. As expectativas concentram-se num possível aquecimento do mercado, pela proximidade do período crítico de ocorrência de geadas na Flórida, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. As divergências nos critérios que devem nortear as regras de comercialização do suco de laranja provocaram uma divisão no segmento industrial, com a criação de uma nova associação — a ANIC, além da ABRASUCOS, cujo objetivo é alcançar novos mercados no exterior, sem controle dos embarques via cotas. O Ministério do Planejamento procura

SÃO PAULO, PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE CAFÉ BENEFICIADO



saíra, em que pese a expectativa extra-oficial de uma colheita ao redor de 15 milhões de sacas. Os estragos da seca poderão ser melhor mensurados em fevereiro, já que as chuvas ocorridas em importantes regiões produtoras minimizaram seus efeitos. As notícias sobre novas resoluções do IBC também causam ondas altistas. As perspectivas são de que os preços para os melhores tipos sejam impulsionados além de Cr\$ 1.800 mil a saca, com os cafeicultores e cooperativas retendo mercadorias.

No mercado internacional, o relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos sobre a safra brasileira de café frustrou as expectativas. O USDA preferiu não fazer uma estimativa de produção, afirmando apenas que um inverno excepcionalmente seco e o atraso na estação chuvosa, no Brasil, provocaram um retardamento na florada do café nas principais regiões produtoras, resultando em acentuada queda no potencial da safra 1986/87. A Organização Internacional do Café vem tentando conter a escalada dos preços, autorizando a antecipação de parte das exportações do primeiro trimestre de 1986 para este mês. Outra medida a ser tomada será a liberação de 1,0 milhão de toneladas na cota global, pois os preços de mercado superaram na média de quinze dias o preço indicativo da OIC (1,40 centavos de dólar por libra-peso).

**Uma bota Vulcabrás é fácil de lavar.  
É a única que vai pro brejo e volta.**



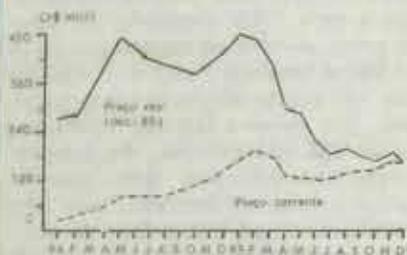
harmonizar a situação, através da criação de um colegiado paritário, com a participação de oito representantes dos produtores e oito da indústria, sob a coordenação da Cacex.

## MANDIOCA

### Indústrias interrompem atividades

A exemplo do ocorrido nos demais mercados, o mercado da mandioca vem reagindo em consequência da estiagem que vigorou nos principais estados produtores da região Centro-Sul do país. As dificuldades para o arranquio do produto e a consequente elevação dos preços da matéria-prima, levaram grande parte das indústrias a paralisarem suas operações que, só agora, com o reinício das chuvas, foram parcialmente retomadas. Esta paralisação, normalmente efetuada nos meses de dezembro a janeiro para manutenção e reparo das máquinas, coincidindo com o período de entressafra da cultura, fol, portanto, antecipada, a fim de evitar níveis elevados de ociosidade, incompatíveis com a manutenção da rentabilidade industrial. Por is-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE MANDIOCA



to, a reativação das atividades industriais não deverá ser total, pois muitas fábricas só deverão voltar a operar no final de janeiro.

Neste contexto, os preços dos derivados da mandioca, farinha e fécula, também reagiram, alcançando o primeiro, cerca de Cr\$ 1.150-1.200 o quilo do produto cru e o segundo, cerca de Cr\$ 2.700-2.800 o quilo posto São Paulo. Convém obser-

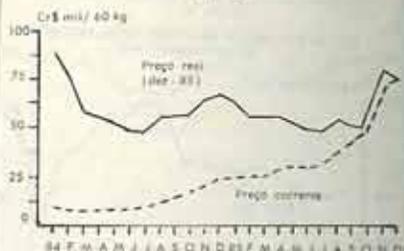
var que este último apresentou uma reação superior à do amido de milho, seu principal concorrente, que vem sendo comercializado a Cr\$ 2.000 o quilo. Esta valorização do produto trouxe novo ânimo aos produtores, pois os preços praticados no decorrer do ano ficaram bem abaixo do que era esperado. Para a farinha, a tendência a curto prazo é de que os preços evoluam para patamares próximos a Cr\$ 90-100 mil a saca até janeiro, nível equivalente aos previstos para a remissão dos EGF's daquele mês, com acréscimo de frete e ICM. A nível de campo, a seca prejudicou principalmente o plantio da mandioca de dois ciclos, cuja produtividade é mais elevada. Por ora, os preços recebidos pelos produtores situam-se ao redor de Cr\$ 160-170 mil/t, havendo perspectivas de alta, devido ao início da entressafra da raiz. Entretanto, o abastecimento deverá permanecer tranquilo, visto que a produção nordestina tem-se mostrado suficiente para atender a região, sem necessidade de recorrer aos estados sulinos para sua complementação.

## MILHO

O mercado de milho em novembro apresentou sucessivos decréscimos nos preços médios de fechamento do produto leilado pela Companhia de Financiamento da Produção (CFP), compensando parcialmente o significativo aumento de 46,5% contabilizado em outubro. As razões fundamentais para a reversão do mercado foram a efetivação da importação de 400 mil t de milho norte-americano, o aumento na oferta de milho nos leilões e a venda para entrega futura (a partir de 15.01.86) do produto importado.

O primeiro leilão realizado em dezembro (4.12) manteve relativa estabilização dos preços, registrando um preço médio nacional de fechamento de Cr\$ 47.044/60 kg contra Cr\$ 47.232/60 kg praticado na últi-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE MILHO



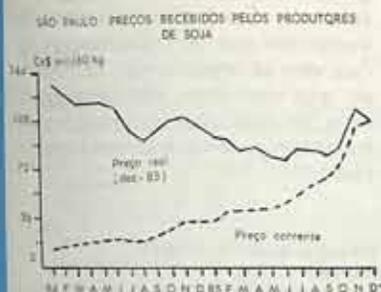
ma semana de novembro. O mercado está calmo, com a cotação a nível de produtor paulista na faixa de Cr\$ 60-65 mil/60 kg. Todavia, há probabilidade dos preços voltarem sofrer elevações significativas a partir de janeiro, caso o governo não incremente imediatamente o volume de importação.

Estima-se que o remanescente do estoque de milho nacional em mão do governo situa entre 800-830 mil t, que, caso o ritmo atual de vendas nos leilões se mantenha, estará esgotado em fins de dezembro ou início de janeiro. Apesar dos grandes consumidores deterem estoques para pelo menos boa parte de janeiro e algumas empresas possuírem algum volume para venda, o remanescente de milho importado ainda não comercializado (170 mil t na região Centro-Sul) não será suficiente para atender a pressão de demanda nos primeiros meses do próximo ano. Assim, o governo mostra-se disposto a importar mais 600 mil t de milho — de um total autorizado de 1 milhão de t — para manter o controle de preços até a entrada da próxima safra. O atraso do plantio tem criado expectativa de oferta do produto da nova safra, em escala comercial, somente a partir de fevereiro, uma vez que a "safrinha" do Paraná está totalmente comprometida pela estiagem.

## SOJA

O panorama internacional de soja para a próxima temporada continua





desalentador. A estimativa da safra norte-americana de soja em 1985/86 foi elevada para 57,9 milhões de t, perfazendo um estoque final em 31 ago.86 de 16,7 milhões de t, equivalendo a um crescimento de 93,5% em relação ao volume da mesma data de 1985. Em consequência, os preços médios previstos ao produtor norte-americano caíram para US\$ 12,90 em 1984/85.

Ainda que a colheita norte-americana recorde pressione as cotações

internacionais do grão, a provável alteração da política agrícola nos EUA tem constituído a "bomba" do mercado. Está em discussão a proposta de diminuição, a partir de 1986, do preço mínimo para efeito de financiamento, que seria reduzido para 75% da média dos preços de mercado dos últimos cinco anos, excluindo-se os anos atípicos. A proposta prevê o pagamento de 1 dólar por bushel (27,2 kg) ou US\$ 86,48/hectare para os produtores deixarem de vender o seu produto ao governo, lançando-o no mercado. O impacto baixista sobre o mercado compromete seriamente a comercialização da futura safra brasileira, devido à previsão de preços externos mais baixos do que nos últimos dez anos. Em 4.12, a cotação do grão para entrega em maio na Bolsa de Chicago situou-se em US\$ 5,25 o bushel (US\$ 11,50 a saca).

Internamente, o mercado apresen-

ta-se semi-paralisado, mostrando indicações de preços a nível de produtor do estado de São Paulo na faixa de Cr\$ 95-100 mil a saca. De outro lado, as indústrias de primeira linha encontram-se em posições bastante retraídas, existindo algum interesse por parte das mesmas no próximo leilão governamental a se realizar em dezembro. Nessa oportunidade, serão licitadas 290 mil t de grão em posse da CFP e as expectativas são de preços abaixo dos de mercado. Os negócios da safra nova encontram-se paralisados, devido tanto a queda das cotações da Bolsa de Chicago, como também, em função das dificuldades climáticas que enfrenta o plantio da safra 1985/86. O plantio no Rio Grande do Sul está interrompido por falta de umidade do solo. No geral, já está previsto um atraso de pelo menos 30 dias na colheita das variedades precoces em São Paulo e Paraná.

## FATORES DE PRODUÇÃO

### Mão-de-obra Rural

O perfil da população brasileira até a década dos anos cinquenta era fundamentalmente rural, localizando apenas cerca de um terço da população no meio urbano. A intensificação da industrialização no decorrer dos anos sessenta incentivou um forte movimento migratório das zonas rurais em direção às cidades, onde o parque industrial em expansão demandava grandes volumes de força de trabalho. Em consequência, as áreas rurais sofreram um processo de esvaziamento, de modo que, no período de 1960-80 a população rural brasileira manteve-se praticamente estagnada, contrapondo-se ao rápido e elevado crescimento (160%) populacional urbano. Esse

fenômeno foi especialmente profundo na região Sudeste, notoriamente no estado de São Paulo, onde dada a concentração das grandes instalações industriais, o processo migratório das zonas rurais foi surpreendentemente rápido, originando no futuro problemas sociais e econômicos (ver Tabela).

Com base nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios da Fundação IBGE, observa-se que em 1983, das 31 milhões de pessoas ocupadas em todos os setores da economia da região Centro-Sul, cerca de 7 milhões de pessoas dedicavam-se às atividades agrícolas, equivalendo uma participação relativa de aproximadamente 24%.

Essa participação nos anos de 1981 e 1982 foram de 22,2% e 20,9%, respectivamente. Segundo a pesquisa, o menor contingente de pessoas alocadas no setor agrícola situa-se no estado do Rio de Janeiro, variando de 5,0% em 1981 e 5,3% em 1983, justificado pelo pequeno potencial agrícola deste estado. O estado de São Paulo é o segundo na região Centro-Sul em menor número de pessoas ocupadas na agricultura (1,3 milhão de pessoas em 1983), com uma participação no triênio 1981-83 em torno de 11%. De outro lado, destaca-se os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os quais detinham 40,9%, 39,5% e 40,4% nas atividades agrí-



## Negócios Rurais um instrumento de administração

colas nos anos de 1981, 1982 e 1983, respectivamente. Nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, a participação também é representativa, passando de 35,4% em 1981 para 36,6% em 1983.

Em termos de salários do meio rural, levantamentos realizados pelo Instituto de Economia Agrícola nos estados que compõem a região Centro-Sul, revelam que os salários médios reais das diversas categorias de trabalhadores, no período de 1981-84, com exceção de Goiás, foram declinantes. No período, a queda média real do salário na região Centro-Sul foi a seguinte: administrador, 18,5%; capataz, 16,1%; tratorista, 19,6%; trabalhador permanente, 20,1%; e trabalhador eventual, 22,4% (ver Tabela).

A perda do poder aquisitivo do trabalhador rural e a tendência da substituição cada vez maior da mão-de-obra permanente pela volante ("bóias-frias") tem possibilitado a intensificação dos conflitos sociais e movimentos grevistas no meio rural, especialmente nestes últimos dois anos. De acordo com dados do DIEESE, no decorrer de 1984 e 1985, na região Centro-Sul, foram desenca-

deadas 24 e 13 greves, respectivamente, mobilizando cerca de 93 mil e 80 mil trabalhadores. A grande concentração dos movimentos ocorreram no interior do estado de São Paulo, envolvendo trabalhadores volantes das culturas de cana e laranja, que pleiteavam melhores condi-

ções de trabalho e maiores ganhos salariais. Estes acontecimentos demonstram que os trabalhadores rurais vem se organizando, fortalecendo seus sindicatos, abrindo perspectivas de alterações nas relações entre empregados e empregadores rurais.

Brasil: Evolução da População Urbana e Rural — 1940-80  
(em mil habitantes)

	1940	1950	1960	1970	1980
<b>População Urbana</b>					
Brasil	12.880	18.783	32.005	52.905	82.013
Norte	406	581	983	1.649	3.103
Nordeste	3.381	4.744	7.681	11.981	17.960
Sudeste	7.232	10.720	17.819	29.347	43.551
Sul	1.590	2.313	4.469	7.434	12.154
Centro-Oeste	271	423	1.053	2.493	5.246
<b>População Rural</b>					
Brasil	28.356	33.162	38.988	41.604	39.137
Norte	1.057	1.264	1.618	2.001	2.926
Nordeste	11.053	13.229	14.748	16.694	17.460
Sudeste	11.114	11.827	13.244	10.985	9.030
Sul	4.145	5.528	7.423	9.249	7.226
Centro-Oeste	988	1.313	1.954	2.674	2.496
<b>Total Brasil</b>	<b>41.326</b>	<b>51.945</b>	<b>70.993</b>	<b>94.509</b>	<b>121.150</b>

Fonte: Síntese Preliminar do Censo Demográfico — 1980 — Fibge.

Remuneração média<sup>1/</sup> do trabalho nos estabelecimentos agrícolas, segundo os estados da Região Centro-Sul e Brasil; 1981-84

	Administrador (Cr\$ 1.000/mês)				Capataz (Cr\$ 1.000/mês)				Tratorista (Cr\$ 1.000/mês)				Trabalhador permanente (Cr\$ 1.000/mês)				Trabalhador eventual (Cr\$ 1.000/dia)			
	1981	1982	1983	1984	1981	1982	1983	1984	1981	1982	1983	1984	1981	1982	1983	1984	1981	1982	1983	1984
Minas Gerais	1563	1454	1239	1221	1099	1008	900	858	1230	1164	994	931	795	772	689	634	30	26	22	22
Espírito Santo	1809	1690	1369	1320	1152	1184	917	1461	1298	1308	1073	1030	830	823	710	650	32	30	28	25
Rio de Janeiro	1942	1843	1598	1441	1386	1283	1155	1563	1281	1291	1048	996	878	881	748	673	30	30	27	23
São Paulo	1609	1670	1373	1274	1095	1118	949	886	1063	1095	911	848	845	887	747	671	36	35	29	25
Paraná	1978	1928	1617	1508	1341	1260	1084	1035	1140	1090	935	892	890	856	762	699	41	37	30	28
Santa Catarina	1945	2043	1902	1763	1433	1372	1197	1140	1337	1347	1171	1085	905	906	768	709	42	43	40	32
Rio G. do Sul	2233	2458	2355	2094	1524	1577	1491	1960	1138	1204	1106	1075	911	904	784	732	36	37	36	34
Mato Grosso <sup>2/</sup>	2558	2183	2011	1984	1617	1403	1246	1184	1209	1113	953	930	861	816	707	705	40	37	35	33
Goiás	1766	1587	1530	1592	1074	978	889	905	1179	1102	925	957	766	707	652	660	34	29	28	28
Centro-Sul	1934	1694	1666	1577	1302	1457	1092	1093	1208	1190	1012	972	853	839	730	682	36	34	30	28
Brasil	990	1599	1334	1287	1070	1032	905	874	1245	1136	979	1040	809	843	702	654	31	28	25	23

1/ Salários reais, em cruzeiros de dezembro de 1985, deflacionados pelo Índice 2 da Conjuntura Econômica. Para atualizar a remuneração de cruzeiros de 1984 para cruzeiros de 1985, multiplicar os dados por 5,36.

2/ Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fonte: FGV.



**Botas Vulcabras.**  
Agora você só não vai encontrar motivos para usar outra.



# Negócios Rurais -- um instrumento de administração

## REGISTROS

## Preços Pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e Indicadores Financeiros

Item	Unidade	Preço
<b>Máquina, veículo e implemento*</b>		
Arado de Aiveca, 3/4 reversível (41 kg. lâmina de aço carbono)	un.	718.130
Arado de 3 discos, 26" fixo, liso	un.	7.127.000
Caminhão Ford-F-11000, diesel	un.	138.167.680
Carreta 4 t c/carroceria, s/prova, s/freio	un.	9.228.000
Colheitadeira p/grãos - MF. 3.640	un.	258.956.300
Colheitadeira p/grãos - MF. 5.650	un.	295.002.667
Grade de discos, 26 discos de 18"	un.	11.774.000
Pick-up F-100, motor a gas., 4 cil. c/caçamba	un.	69.308.960
Máquina de beneficiar café, 600 arrobas p/dia	un.	146.718.600
Motor elétrico 3 HP trifásico - 4 p. blindado	un.	867.431
Planer 5 enxada, tração animal (28 kg)	un.	467.667
Plantadeira manual, Lider Modelo A	un.	90.700
Pulvilhadeira costal, 7 a 8 kg de pó	un.	637.007
Pulverizador costal, 18 litros	un.	380.836
Semeadora adubadora, 1 linha, tração animal	un.	1.711.294
Trator Massey-Ferguson, 44 CV	un.	61.771.867
Trator Massey-Ferguson, 61 CV	un.	82.983.436
<b>Ado e corretivo*</b>		
Clareto de potássio	t.	1.678.041
Fosfato natural moído	t.	325.484
Termofosfato	t.	1.300.000
Nitrocálcio Petrob. Conc. (27% N)	t.	1.606.765
Uria	t.	2.114.695
Sulfato de amônio	t.	1.621.289
Nitrato de amônio	t.	1.568.207
MAP	t.	3.458.000
Superfosfato simples (nacional)	t.	1.102.174
Superfosfato triplo	t.	2.536.495
Geloxia dolomítica (Rio Claro e Piracicaba)	t.	117.900
<b>Inseticida e fungicida*</b>		
Aldein 5%	sc 25kg	-
B.H.C. 12%	kg	-
1-10 (DDT Parathion)	kg	-
1,5-10 (DDT Parathion)	kg	-
Iaca Mirex	kg	6.016
Ditazo-M-45	kg	38.625
Nixate	ca 25kg	901.681
Oxiclorato de cobre 50%	kg	24.941
Oxiclorato de cobre 35%	kg	35.204
Folidol 1,5%	kg	2.375
Sulfato de cobre	kg	16.658
<b>Vacina e medicamento *</b>		
Assantal + Bepavon	kg	172.056
Croolina Pearson	lt	22.670
Penicilina Wycillin, frasco 400 mil unid.	fr	2.848
T-M-10	sc 25kg	1.183.169
Vacina contra brucelose	d.	968
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 ml	6.018
Vacina contra carbúnculo hemático	50 ml	5.665
Vacina contra febre aftosa (Inst. Biológico)	d.	1.941
<b>Ração*</b>		
<b>1. Ave</b>		
Pinto	kg	1.748
Franço	kg	1.560
Poeira	kg	1.610
Reprodutora	kg	1.626
Gorta inicial	kg	1.968
Gorta final	kg	1.867
<b>2. Bovino</b>		
Bezerro	kg	1.636
Mantimento	kg	1.185
Produção	kg	1.317
Touro	kg	1.172
<b>3. Suíno</b>		
Inicial	kg	1.950
Crescimento	kg	1.571
Acabamento	kg	1.690
Reprodução	kg	1.666
<b>Plano de sa. dia*</b>		
Gorta	un.	-
Pastora	un.	-

Item	Unidade	Preço
<b>Utensílio e ferramenta*</b>		
Aplicador de formicida pó	un.	25.630
Arma farpado nacional	kg	10.532
Enxada locustiva	n°	50.980
Enxada para cultivador, 16"	conj.	103.084
Enxada 2 caras, 2,5 libras	un.	31.249
Enxada Tupi, 2,5 libras	un.	-
Enxada 2 caras, 3 libras	un.	31.161
Foice 10", meia lua p/pasto	un.	25.873
Crampo para cerca	kg	5.439
Latão de leite, 50 litros	un.	197.275
Peneira para café, 70"	un.	42.167
Preço 17/21	kg	7.375
Saco novo, arroz em casca (60 kg)	un.	8.697
Saco novo, batata (60 kg)	un.	5.506
Saco novo, café (100 a 110 l)	un.	-
<b>Peça de reposição*</b>		
Bico de pato c/asa, 18"	un.	42.360
Disco de arado, liso, 26"	un.	221.533
Pneu de caminhão, 825 x 20, 12 lonas	un.	1.505.253
Pneu de caminhão, 900 x 20, 12 lonas	un.	1.898.374
<b>Animal de trabalho e produção*</b>		
Bezerro	un.	-
Boi magro	un.	-
Vaca leiteira, até 5 l/dia	un.	-
Vaca leiteira, de 5 a 10 l/dia	un.	-
Vaca leiteira, acima de 10 l/dia	un.	-
Boi carneiro novo	un.	-
Burro deitado novo	un.	-
<b>Alimento para animal*</b>		
<b>1. Farelo</b>		
trigo	sc 30kg	27.551
caroço de algodão	kg	1.190
amendoim	kg	-
raapa de mandioca	kg	-
soja	kg	1.800
<b>2. Farinha</b>		
osso	kg	2.520
sangue	kg	2.683
carne	kg	2.275
ostra	kg	383
<b>3. Outros</b>		
Refinail	sc 50kg	40.783
Sal comum grosso	sc 50kg	38.400
Sulfato de magnésio	kg	5.575
Torta de algodão	kg	1.400
Sal mineral	kg	16.891
Torta de amendoim	kg	1.670
<b>Combustível e lubrificante*</b>		
Gasolina comum, aurela	10 lt	32.913
Óleo diesel	10 lt	22.717
Óleo lubrificante SAE-30 18 l/lt	lt	11.000
Querosene	10 lt	23.490
Alcool hidratado	10 lt	21.363
<b>Material de construção**</b>		
Cau virgem	sc 20kg	7.622
Calfiro de procha (26cm, base 4,40cm) até 5m	m²	1.500.000
Tubo galvanizado p/água, 3/4", com costura 19mm	sc	16.655
Tubo galvanizado p/água, 3/4", sem costura 19mm	kg	14.202
Cimento Portland	sc 50kg	32.280
Folha de porta interna, lisa 30mm espessura	un.	135.500
Tábua de piso (12 x 1 cm) de 3", 4,2m	ds.	633.600
Tela francesa de cerâmica (fosca)	m/ltreiro	1.371.125
Tijolo comum	m/ltreiro	195.000
Fruite Cr/mt/c -		230,00
Mão-de-obra -		-
Salário-Mínimo -		600.000,00
IMR -		277.898,60
IGITP -		70.613,67

Fonte: \* Instituto de Economia Agrícola

\*\* Revista "A Construção de São Paulo"

# EQUINOS

SERGIO LIMA BECK

## EQUINOS



RAÇAS  
MANEJO  
EQUITACÃO

SERGIO LIMA

- Para quem **cria** cavalos, porque são observações de quem gosta e conhece profundamente o assunto.
- Para quem **gosta** de cavalos, porque são inúmeras histórias fartamente ilustradas que falam da vida dos eqüinos e seus feitos.
- Para quem **aprecia** uma leitura, pela maneira agradável com que o autor escreve sobre esse palpitante assunto que são os eqüinos, suas raças e equitação.
- 36 capítulos que vão desde a escolha de uma raça, a escolha de um cavalo, manejo, alimentação, até doma racional e a tradicional.

480

páginas,  
com ilustrações.

Volume  
encadernado.

Faça logo o seu pedido de "EQUINOS" preenchendo e enviando o cupon ao lado à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA., à rua Venâncio Aires, 31, CEP 05024 S. Paulo - SP

Cr\$

120.000

### CERTIFICADO DE COMPRA ANTECIPADA

1 exemplar do livro "EQUINOS".

Com o presente, peço remeterem um exemplar encadernado do livro "EQUINOS" de Sergio L. Beck, ao preço de Cr\$ 120.000. Para pagamento desta COMPRA, segue anexo o cheque n.º ..... c/ o Banco ..... e no valor acima.

A EDITORA DOS CRIADORES LTDA. Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — SÃO PAULO - SP

A remessa do livro "EQUINOS" deve ser feita para:

Nome: .....

Endereço: .....

CEP: ..... Cidade: ..... Estado: .....

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP: 05024 — São Paulo - SP  
CGC 61.183.406/0001-4 — Insc.: 108.063.288

# REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

**Diretor Responsável:** Luiz de Almeida Penna  
**Redator:** Fernando Noboru Yassu.

**Colaboradores:** Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battistoni, F. Teatini, Fidelis Alves Neto, José Rezende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara, Dácio de Moraes Junior. Seção de Economia: Eng.º Agr.º Luiz Antonio Pinazza e Eng.º Agr.º Ivan Wedekin.

**Departamento de Publicidade da Editora:**

**Gerência:** Luiz de Almeida Penna Filho  
**Contatos:** Leercio Noronha, Jacqueline N. Bomfim e Beatriz Carvalho de Andrade Silva.  
**Fotografia:** Francisco Sciacca.

Ao fazer publicidade na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta Editora exija credencial do vendedor, não aceite autorização em "xerox" e recibo na autorização. Só emita cheque cruzado e em nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

**Assinatura-anuidade** — Com direito a 1 AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da ABC: 7 ORTN. Números atrasados: ao preço da última edição em banca.

ISSN 0034-9259

**Departamento de assinatura:**

**Gerência:** Maria Nazareth de Castro Penna  
**Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura:** Disbrapel Ltda. — Edições Agropecuárias, Rua Caraíbas, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo - SP.  
**Redação:** Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 0502 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

**Gráfica e Fotelito Próprios:** Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

**Venda avulsa:**

Exemplar avulso: Cr\$ 40.000

Distribuição exclusiva para o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., Rua Teodoro da Silva, 907, Tel. 268-9112 (021) - 20563 - Rio de Janeiro - RJ.

Via aérea para: MANAUS, BOA VISTA, PORTO VELHO, RIO BRANCO e SANTARÉM — Cr\$ 52.000.

**Sucursais:** Rio de Janeiro - RJ — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 (São Cristóvão) - CEP 20931 - Tel.: 021 264-7150 - 264-7155 e 800-2307 (Srta. Sonia Maria D. Paes Leme)

**Belo Horizonte - MG** — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Brasília, 310 - Carlos Prates - 30000 - Belo Horizonte - MG - Tel. 031 - 201-2899

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

REVISTA  
CRIADORES



## NOSSA CADA

Edifício ABC — Centro da Agropecuária — Sede definitiva da ABC, já em construção. Seu atual presidente sugeriu que por ocasião da inauguração seja afixada uma placa com os dizeres: "Este Edifício simboliza o trabalho dos criadores e lavradores anônimos, pioneiros da conquista e ocupação do nosso Território".

Ver pág. 17

## SUMÁRIO

Dezembro de 1985 — Ano LV — N.º 671

1

Mensagem de Natal

3

Negócios Rurais

17

Palavras de Fim de Ano

20

Bovinocultura de Corte — Os dados no certificado de origem e sua interpretação — Capítulo III

25

Resíduos avícolas na alimentação dos ruminantes

29

"Nossa política agrícola é perfeita no papel" diz diretor do Noroeste

31

Combinando Pastos e Bosques

40

RRZ — Seleção de suínos — Exame de Sêmen — Melhoramento genético de suínos — Seleção para características de suínos — Varíola dos búfalos — doença mortífera — Fisiologia ambiental dos búfalos e bovinos — Nutrição e Fertilidade do Gado Leiteiro

76

Família Junqueira reúne-se no Sul de Minas

## SEÇÕES

24 ..... Associação Marchigiana

34 ..... O Nelorista

39 ..... Associação Pardo Suíço

65 ..... Mecanização

69 ..... A Marca VR

70 ..... Registro

72 ..... Crônica

78 ..... ABC - Rio

81 ..... Exposições e Leilões

86 ..... Das Empresas

87 ..... Legislação

90 ..... O que vai pelo Controle Leiteiro



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

60 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES



# ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

## DIRETORIA

### Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

### Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro  
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho  
Roberto Brotero de Barros  
João Antonio Camarero  
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

### Secretários:

Luiz Glycério de Freitas  
Luiz Baptista Pereira de Almeida

### Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio  
Pedro de Paula Leite Moraes

### Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

## CONSELHO DELIBERATIVO

### Presidente

Ruy Calzans de Araújo

### Vice-presidente

Arnaldo Lima

### Membros natos

João de Moraes Barros  
José Bonifácio Coutinho Nogueira  
Severo Fagundes Gomes  
Urbano de Andrade Junqueira  
Hélio Moreira Salles  
Renato Costa Lima  
José Cassiano Gomes dos Reis  
Joaquim Barros Alcântara Filho

### Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira  
Manoel José de Alcântara  
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior  
José Carlos Guimarães Oliva  
Ruy Calzans de Araújo  
Henrique de Souza Dias  
Fábio Garcez Meirões Júnior  
Alberto Paula Leite de Moraes  
Fernando Euler Bueno  
Rubens Franco de Mello  
Arnaldo Cerrato  
Alberto Chapchap  
Lélio Toledo Piza Almeida Filho  
Vicente Martins Júnior  
Antonio Tadeu Jalled

Edwin Benedito Montenegro  
Geraldino Natal Madureira  
Oswaldo Lara Leite Ribeiro  
José Acácio dos Santos  
Gilberto Carlos Arruda Sampaio  
Lúvil Veiga de Oliveira  
Renato Napolitano  
Franklin Rodrigues Siqueira  
Arion Bueno de Oliveira

### Suplentes

Roberto Felipe Centusio  
Honorato Rodrigues da Cunha  
James Galvão Breaciani  
Antonio Coelho Guimarães  
Radyr de Queiroz  
João Luiz Freitas Brito  
Carlos Ramos Stroppa  
Vicente Paulo Müller Perrielli

## CONSELHO FISCAL

### Efetivos

Jayme Watt Longo  
Radyr de Queiroz  
Roberto Diniz Junqueira

### Suplentes

Arion Bueno de Oliveira  
Laerte Garcez Meirelles

## SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

## DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º  
João Soares Veiga, Méd. Vet.

### Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

### Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pré-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

### Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente  
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

### Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

## DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. Rubens Malta Campos

SÃO PAULO: Rua Iguaribe, 634 — CEP 01224 — Tels. (011) 826-3033 — 800-3746 e 800-3747, Caixa Postal 9194, Av. José Cesar de Oliveira, 175 — CEP 05317 — Tels.: 831-7966 e 800-3531. Aberta até às 22 horas. SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP: Rua Gabriel Ferreira, 83 — Tels.: (0196) 23-4377 e 23-4224 — CEP 13870. RIO DE JANEIRO, RJ: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão — CEP 20931 — Tels. (021) 264-7150, 264-7255 e 800-2307. Os prefixos 800 são para ligações do interior para as capitais e sem despesas para o interessado.

# Palavras de fim de ano

Eng.º Agr.º **JOAQUIM BARROS ALCANTARA FILHO**  
Presidente da ABC

Prezados Conselheiros

Mandam os estatutos que no mês de Dezembro haja uma reunião do **CONSELHO DELIBERATIVO** para a aprovação da proposta da Diretoria, relativa ao orçamento e ao plano de trabalho para o ano seguinte.

Trata-se de uma feliz imposição pois, além daquelas obrigações, nos dá a oportunidade deste sempre alegre e festivo reencontro.

Para o perfeito entendimento da proposta apresentada é necessário mostrar um retrospecto do ano que se finda.

Em nome da Diretoria, tenho portanto a satisfação de apresentar um resumo do ano de 1985.

Até 30 de Outubro estávamos com 5.493 sócios, dos quais 222 foram admitidos este ano.

O Departamento Técnico foi consideravelmente ampliado. O número de consultas aos nossos agrônomos e veterinários é cada vez maior.

Foram promovidas 09 palestras mensais, por técnicos de alto gabarito, com excelente audiência e interesse dos associados e convidados.

Foi feita uma grande festa de entrega de prêmios a criadores participantes do **CONTROLE LEITEIRO**, que também foi um sucesso.

O **CONTROLE LEITEIRO** teve andamento normal e grande auxílio de pessoal da Secretaria da Agricultura. De Janeiro a Setembro foram controladas 56.685 vacas, ou seja, 6.298 por mês, pertencentes a 145 rebanhos de diversas raças.

Felizmente conseguimos que o **MINISTÉRIO DA AGRICULTURA** desistisse da idéia de aprovar o **CONTROLE LEITEIRO** feito pelos próprios criadores, idéia proposta pela

Associação do Gado Holandês, à qual nos opusemos frontalmente. Recebemos promessa do **MINISTÉRIO** de dotação de maiores verbas para alcançarmos um mínimo de 30.000 vacas controladas por mês.

Foi feito acordo com a Associação do Gado Holandês, relativo à dívida pela nossa execução do **CONTROLE LEITEIRO**.

Foi dado início ao **CONTROLE LEITEIRO AUXILIAR**, destinado aos rebanhos de gado sem registro. Além da produção de leite, esse serviço vai também controlar a alimentação, a reprodução e os preços de custo.

Até Outubro foram feitos 2.545 registros genealógicos e 2.018 controles de desenvolvimento ponderal.

O laboratório de análises clínicas funcionou normalmente e o de análises de sementes está necessitando um novo germinador cujo custo é da ordem de 100 milhões de cruzeiros.

Os serviços do Centro de Processamento de Dados vêm sendo ampliados constantemente e constituem, hoje, um poderoso e indispensável instrumento para a nossa administração.

Em março inauguramos as novas e modernas instalações da loja de S. João da Boa Vista.

A nossa **REVISTA** tem circulado normalmente com excelente padrão técnico e magnífica impressão.

Participamos de várias reuniões, congressos, seminários e etc. Vários membros da Diretoria representaram a Associação nas discussões sobre Reforma Agrária e nas lutas sobre a defesa dos interesses da classe.

Talvez o nosso trabalho, nesse sentido, não tenha sido o desejado

e esperado pela importância da **ASSOCIAÇÃO**. Acontece que, até agora, a necessidade da organização da **ASSOCIAÇÃO**, principalmente no seu setor econômico e financeiro, ocupava a maior parte do tempo disponível dos diretores.

Acredito que a nova diretoria terá disponibilidade para desenvolver esse aspecto político de fundamental importância para a classe agropecuária.

O Departamento Comercial, como os Srs. devem ter observado pelos documentos entregues, apresentou extraordinária evolução.

O volume de vendas previsto para o ano de 1985 foi ultrapassado no mês de Outubro.

A loja de pequenos animais e as nossas sedes regionais de São João da Boa Vista e Rio de Janeiro também têm apresentado significativos aumentos do volume de vendas.

Como todos sabem o Departamento Comercial é o pilar que sustenta a **ASSOCIAÇÃO**. Dele decorre toda a fonte de recursos que mantém esse enorme volume de serviços prestados.

Tenho repetido com certa frequência: A **ASSOCIAÇÃO** não é um simples empório de vendas. Ultimamente ela tem se firmado cada vez mais como uma reguladora dos preços de mercado, mostrando que a sua filosofia de trabalho é muito ampla.

Os índices de avaliação da situação econômica e financeira mostram que a situação é muito boa. Praticamente nada devemos. Nosso faturamento mensal está na casa de 5,1 bilhões de cruzeiros (**OUTUBRO**).

O único problema que ainda resta é a falta de capital de giro que nos obriga a elevados encargos com as despesas financeiras.

## Ponto de Vista

Até Outubro pagamos 2,6 bilhões nessa rubrica, ou seja, 10,5% do total de vendas, que poderia ser revertido em benefício dos associados, sob a forma de maiores descontos nos preços das mercadorias.

Esse problema será atacado com todo o empenho no próximo ano.

Acredito que até Junho ele estará substancialmente reduzido, de tal forma que a nova diretoria, a ser eleita, possa entrar numa fase áurea da vida da ASSOCIAÇÃO.

A previsão orçamentária é de 121,5 bilhões de receitas contra uma despesa de 109,2.

A diferença de 12,3 deverá atender o plano de trabalho proposto que, em resumo, é o seguinte:

- reduzir de todas as maneiras as despesas financeiras.
- dar continuidade normal à nova construção.
- concluir o projeto e os serviços do CPD.
- modernizar a comercialização visando o futuro super mercado.
- implantar serviços técnicos nas sedes regionais de SJ e RJ com recursos oriundos do setor comercial das próprias sedes.
- concluir a reforma dos estatutos antes da eleição de 86.
- ampliar os serviços do Departamento Técnico.
- promover campanha intensiva para admissão de novos sócios.

Antes da apreciação e julgamento das propostas acima peço licença para uma sugestão:

Em idêntica reunião do ano passado tive ocasião de afirmar que na história da ABC uma série de acontecimentos iriam dar um destaque especial ao ano de 85.

O primeiro desses acontecimentos era a sua própria história e o espírito da entidade, formado ao longo de muitos anos pelos diretores e funcionários que se sucederam.

O amor e dedicação à causa criaram uma mística que me permitiu afirmar e repito agora: a ASSOCIAÇÃO sabe de onde veio, sabe como está e sabe para onde deve ir.

Entre outros acontecimentos relacionados naquela ocasião, destacava-se, como meta principal, o lançamento do EDIFÍCIO que abrigaria a sede definitiva da ASSOCIAÇÃO.

Como os senhores sabem, esse projeto era um ideal perseguido por várias diretorias passadas.

Começou a tomar corpo nas gestões de JOÃO MORAES BARROS, JOSÉ BONIFÁCIO COUTINHO NOGUEIRA, URBANO JUNQUEIRA e RENATO COSTA LIMA, que efetivou a compra do terreno.

Na diretoria do Dr. JOSÉ CASSIANO GOMES DOS REIS foi feito o projeto do armazém e um anteprojeto do prédio principal.

Com financiamento do BADESP, concedido pelo então governador Paulo Egydio Martins, foi iniciada a construção do atual armazém, logo interrompida porque a firma construtora entrou em concordata.

No dia 1.º de Julho de 1980, recebi a presidência da ABC por transmissão do Dr. Cassiano.

Nesse mesmo ato inauguramos este armazém com uma benção das instalações, com o descerramento da placa comemorativa e com uma magnífica festa de entrega de prêmios aos criadores laureados pelo SCL.

Houve muita luta e muito trabalho para concluir a obra e, além do atraso na continuidade do projeto, aquela concordata gerou sérias dificuldades financeiras para a ASSOCIAÇÃO.

Graças ao esforço conjunto da Diretoria, do Conselho, dos nossos gerentes e ainda de 619 sócios que adiantaram suas anuidades pudemos sanar aquelas dificuldades e, em 1983, depois de muita reflexão e ampla discussão, amadurecemos a idéia da sede própria com o seguinte consenso: Seria construído um prédio de 11 andares, com uma grande lo-

ja no andar térreo, 2 sub-solos para garagens e um auditório para conferências e leilões de animais, com um total de 13.900 m<sup>2</sup> de área, que era o máximo permitido pelas posturas municipais.

A idéia básica seria a ABC ficar com uma certa área para a sua futura sede e vender o restante para outras associações de classe, instalando uma agência bancária na loja e transformando o atual armazém num amplo e moderno super mercado de produtos agrícolas, de tal modo que o conjunto todo fosse transformado num centro de negócios agropecuários.

O estudo econômico do projeto mostrava que o produto da venda de 70% da área a ser construída pagaria com sobras a área destinada a ABC.

Esse plano foi submetido e aprovado pelo CONSELHO e todas as providências, como projetos, aprovações, registros, contratos, etc. ... foram tomados pela diretoria.

A parte mais difícil e duvidosa de qualquer empreendimento imobiliário é sempre o capítulo das vendas.

As outras associações, por diversas razões, não se interessaram e com propaganda feita através de uma circular e algumas publicações na REVISTA DOS CRIADORES, abrimos as vendas aos nossos associados no mês de Setembro passado.

Aproximadamente 40 dias depois estava tudo vendido.

Admito que o sucesso foi devido às providências firmes e seguras adotadas pelos membros da Comissão de Obras e da diretoria.

Chegamos, agora, a esta feliz oportunidade do início das obras e quero aproveitá-la para que, nesta reunião conjunta, seja lançada a pedra fundamental.

Entendo que esse ato tem um significado profundo pelas seguintes razões:

O drama da conquista e ocupação do nosso território teve início com

## Ponto de Vista

os bandeirantes, que foram os desbravadores do nosso sertão.

A seguir, os criadores e lavradores conquistaram e ocuparam o nosso território com dificuldades tremendas, pois não tínhamos uma série de condições, entre as quais cumpre destacar a falta de estradas.

Tropas de burros e carros de boi foram as nossas máquinas de abrir fazendas e plantar cidades.

Apesar disso, nossa cafeicultura foi considerada como o acontecimento agrícola mais notável do mundo, no final do século passado.

No princípio deste século, a lavoura de café, nossa principal riqueza na época, na sua marcha para o Oeste, já havia atingido as barrancas do Paraná e mostrava a necessidade de adubos orgânicos para sua restauração.

Para a produção do esterco animal, intensificou-se a criação de gado de corte e de leite, em moldes racionais, tendo nascido uma nova fonte de riquezas para o país.

Para defender os interesses dos novos criadores, um grupo de idealistas, no ano de 1926, fundou a nossa atual ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES.

A sua evolução, até o estágio atual, mostra perfeitamente de onde ela veio.

Nossas origens estão, portanto, vinculadas aos rudes peões que cavalgam, diariamente, no trato e criação do gado e aos lavradores que vivem em contato com a terra, com as charruas, o sol, a chuva e as colheitas.

Entendo, por conseguinte, ser da maior justiça que se preste uma homenagem a esses criadores e lavradores, heróis anônimos, participantes também da construção da nossa nacionalidade.

Minha sugestão é que, sobre a pedra fundamental que hoje lançaremos, seja, daqui a três anos, no mesmo ato da inauguração do prédio, colocado uma escultura em granito bruto, com uma face polida onde seria gravada a seguinte inscrição:

"ESTE EDIFÍCIO SIMBOLIZA O TRABALHO DOS CRIADORES E LAVRADORES ANÔNIMOS, PIONEIROS DA CONQUISTA E OCUPAÇÃO DO NOSSO TERRITÓRIO".

ABC - Janeiro 1989.

Ao redor desse marco seria plantado um bosque de árvores de pau-ferro e alguns pés de café. Dessa

forma a sua memória ficará preservada através das idades.

Antes de terminar, mais uma vez agradeço, em nome da Diretoria, o apoio que os senhores sempre nos deram.

Os resultados que hoje, com legítimo orgulho, estamos apresentando não são frutos de um trabalho individual meu ou de qualquer outro.

Trata-se do resultado de um trabalho harmônico de toda a diretoria, dos nossos assessores, do nosso Superintendente, dos nossos gerentes, do pessoal da REVISTA DOS CRIADORES, dos nossos técnicos e de todos os nossos funcionários.

Considero uma honra e um privilégio ter participado dessa equipe.

Quiz a vontade que Deus que chegassemos a esse ponto. Peço que ele permita que os nossos planos e projetos cheguem a bom termo.

Aos amigos, associados, funcionários e dirigentes da nossa querida ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, bem como às suas famílias, os votos de FELIZ NATAL e FELIZ ANO NOVO.

## ABC - na palestra de José Richa

Na palestra sobre "Reforma Agrária" que o governador José Richa pronunciou recentemente na sede da Associação Brasileira de Criadores de Nelore, a Associação Brasileira de Criadores foi representada pelos seus diretores Gen. Diogo Branco Ribeiro e Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho, ambos vice-presidentes da entidade. O gen. Diogo Branco Ribeiro tomou assento à mesa que dirigiu os trabalhos, tendo o Dr. Manoel Elpidio, com a palavra no plenário, aberto os debates que se iniciaram logo após a palestra do go-

vernador do Paraná. O Dr. Manoel Elpidio reclamou do gov. José Richa uma ação mais efetiva quanto à de-



sorganização burocrática do INCRA e outros órgãos encarregados de implantar a reforma agrária no Brasil, no que foi vivamente aplaudido. Em resposta, o governador José Richa concordou plenamente com todos os conceitos do nosso diretor e agradecendo a "inestimável colaboração da Associação Brasileira de Criadores no seu empenho em afastar a burocracia que tanto emperra os órgãos administrativos do governo federal". No clichê, flagrantes da reunião dos pecuaristas durante a palestra do governador do Paraná.



# Os dados no certificado de origem e sua interpretação

VICENTE P. M. PELOSO

Se o fazendeiro considera seu rebanho bom e portanto, acompanha sua evolução em termos de ganho em peso, a cada ano, não há a menor razão para introduzir em sua FAZENDA, um REPRODUTOR SEM ESPECIFICAÇÃO GENÉTICA — sem controle de peso por idade. Se assim procede, estará inevitavelmente jogando no escuro.

O pecuarista ao adquirir um reprodutor pode ter em mente as seguintes intenções: produzir novos reprodutores (as) e se especializar nesse tipo de negócio ou produzir bezerros (as) para o corte ou, o que é mais comum, comercializar seu rebanho, tendo em vista os dois objetivos.

Em qualquer dos casos, o reprodutor deve contribuir para mudanças genéticas positivas, ou seja, seus filhos (progenie) devem ser mais pesados às idades consideradas. Se a aquisição do reprodutor teve como objetivo a sua utilização em Inseminação Artificial, então a preocupação de quem o comprou deve ser maior, uma vez que o reprodutor irá servir (ser acasalado ou cruzado) a um maior número de fêmeas e em consequência, o pecuarista tem que confiar, com certa precisão, nesse reprodutor. Então, a performance do reprodutor, já exigida do vendedor (pesos por idades, já mencionados), irá ser estada nas vacas do comprador através dos filhos (as) que irão nascer (progenie). A substituição desse reprodutor por um outro caro que ganhou prêmios em Exposições será melhor, ou produzirá filhos melhores do que aqueles existentes na Fazenda? Esta e outras perguntas fazem parte das dúvidas diárias de muitos pecuaristas. No fundo, o comprador deve ter orgulho de possuir um reprodutor registrado, cujo registro traga os pesos obtidos ao nascer, à desmama e aos 365 dias, e que tenha ganho prêmios em Exposições. Mas isso não é tudo. O comprador deve se ocupar com algo mais, isto é, precisa estar consciente de que aqueles números relativos à seleção e com base na performance individual do touro, foram testados e resultaram em pesos maiores em um número X de filhos através da inseminação artificial. Aqui, convém repetir que a Inseminação Artificial é apenas um processo de reprodução necessário e auxiliar ao trabalho de melhoramento. Se os filhos do touro reprodutor responderam positivamente (resposta à seleção), o touro receberá um número que se aproxima da unidade (1,00). Para achar esse número, os pesquisadores levaram em consideração a herdabilidade da característica a ser memorada, que é de 40, no caso de peso aos 365 dias; o número de filhos que foram

testados (nascidos de diferentes vacas), além de outros dados, como repetibilidade; correlações fenotípicas e genotípicas.

Deste modo é possível estimar o valor genético individual do touro, usando-se apenas a sua própria performance (peso aos 365 dias), estimar seu valor genético através da progenie (quanto maior o número de progenie estudada, maior precisão pode-se depositar no teste de progenie) e estimar ainda com maior exatidão quando se combina o valor individual do touro com o valor (desempenho) da progenie. Resumindo, a ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO (EVG) do touro é função principalmente:

- 1 — Do seu desempenho individual;
- 2 — do desempenho da sua progenie;
- 3 — Da combinação de uma com a outra.

Traduzindo-se em números:

- 1 — ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO PARA O DESEMPENHO INDIVIDUAL

$$h^2 \quad \text{EVG}^{**}$$

$$40 \quad 0,63$$

- 2 — ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO DO TOURO USANDO-SE O DESEMPENHO DE SUA PROGENIE

$$h^2$$

Número de progenie estudada

10    20    40    80

ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO DO TOURO

$$40 \quad 0,73 \quad 0,83 \quad 0,91 \quad 0,95$$

- 3 — ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO DO TOURO, USANDO-SE SEU DESEMPENHO INDIVIDUAL COMBINADO COM O DESEMPENHO DE SUA PROGENIE

$$h^2$$

Número de progenie estudada

10    20    40    80

ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO DO TOURO

$$40 \quad 0,80 \quad 0,86 \quad 0,92 \quad 0,97$$

Fonte: HARGROVE & JILEK (1974)

\*  $h^2$  = HERDABILIDADE

\*\* EVG = ESTIMATIVO DO VALOR GENÉTICO.

Então, o criador, ao procurar um reprodutor, pode, de antemão, prever se está ou não diante de um produtor de carne (para a característica peso aos 365 dias de vida, que é uma das mais importantes em gado de corte) cujo valor genético é estimado antes do próprio uso do rebanho. É claro que o comprador tem que ter a idéia do peso, aos 365 dias, de seu rebanho ou de uma amostragem significativa do mesmo. Do contrário, estará trabalhando sem método e sem perspectiva de progresso genético.

O peso que é obtido aos 365 dias, do reprodutor e de sua progenie, também deve ser comparado com aqueles outros pesos obtidos na mesma idade, dos contemporâneos (amostra da população). Na verdade, essa comparação é importante por dois motivos principais: o melhoramento genético deve ser entendido como populacional, isto é, deve interessar a um grande número de criadores da mesma raça, os quais desejam progressos genéticos quantitativos crescentes. Se a média do ganho genético (ganho econômico relacionado com a velocidade de ganho em peso ou peso por idade) em um determinado ano for, digamos X, numa amostragem da população, não há razão para testarmos reprodutores que obtiveram médias significativamente menores do que X. De outro ângulo, tendo em vista a multiplicidade de genes dos reprodutores (machos e fêmeas) e como consequência as múltiplas combinações genéticas que podem ocorrer (nascerem bezerros fenotipicamente diferentes), é necessário que seja estudada (verificação do peso aos 365 dias) numa amostra numerosa da população, gerada por matrizes não parentes entre si. Então, é importante comparar o peso do reprodutor aos 365 dias, em confronto com o peso médio ob-

\* A amostra da população deve ser grande e baseada em filhos de várias touros, de diversas fazendas, testados em condições semelhantes, no mesmo ano e em diversas regiões do Brasil. Esse procedimento só pode ser realizado através de Associações de Criadores ou Empresas governamentais e que dispõem de corpo técnico especializado e de recursos financeiros.



tido por sua progênie, na mesma idade, e também em confronto com os pesos dos contemporâneos. Portanto, são três aspectos, principais, que devem ser considerados. Se o comprador de reprodutores for um dos colaboradores do trabalho de melhoramento genético de sua Associação de Bovinos para corte (digamos Nelore ou Charolais, ou Hereford), seus animais contribuem com os pesos obtidos nas idades consideradas (ao nascer, aos 205 dias e 365 dias) para a média que a Associação obtém a cada ano. Entretanto, é conveniente lembrar que o Fazendeiro — comprador de reprodutores — pode perfeitamente obter, na Fazenda, pesos médios significativamente melhores do que aqueles encontrados por sua Associação, nas idades já mencionadas, tendo em vista a natureza da amostragem. Essa constatação coloca o comprador de reprodutores em situação de liderança, em relação aos demais e nesse caso, é preciso escolher com maior segurança, seus futuros reprodutores. Provavelmente esses reprodutores estariam dentro de seu próprio rebanho, ou do rebanho dos vizinhos. Trata-se apenas de organização zootécnica, através da qual os rebanhos são pesados, sistematicamente, às idades já mencionadas, com acompanhamento confiável pelos técnicos das Associações ou serviços de Extensão.

Voltando às considerações relativas às primeiras páginas, creio que seria importante, na altura desse trabalho, perguntar: afinal quais os dados que devem fazer parte integrante de um certificado de origem? Como analisá-los e interpretá-los? Antes de dar atenção a essas perguntas é conveniente informar que o "pedigree" — ou registro genealógico, ou registro ancestral ou ascendentes — deve conter entendimentos informativos sobre o animal em julgamento. Todavia, muitas Associações (estrangeiras e nacionais) costumam apresentar, de maneira diferente, os dados que serviram de motivo para o trabalho de seleção. Todas elas, em se tratando de gado de corte, não deixam de apresentar o peso (a performance) do animal em determinada idade, portanto, perseguem os mesmos objetivos.

Nos Estados Unidos da América do Norte, por exemplo, existem 38 (trinta e oito) Associações de Criadores de Gado de Corte, segundo o Boletim n.º 28, do Departamento de Agricultura da Flórida "Beef Cattle in Florida" (set., 1976). Todavia, as duas raças mais numerosas são a Hereford e a Angus, seguida de outras importantes como a Charolais, a Chianina, a Simmental, a Shorthorn, a Limosine, a Brahama (Zebu) e seus mestiços (Sant-Gertruds, Beefmaster, Brangus, Harzono, Braford e Charbay) além do Gollo-way, Blonde D'Aquitaine, Pardo Suíço, Devon, Gelbvieh e muitas outras. Pois bem, vejamos o que a Breeders Service (firma americana prestadora de serviços de inseminação artificial e melhoramento animal) oferece aos criadores, em termos de segurança relativa, ao apresentar os dados dos reprodutores que são doadores de sêmen.

- Três itens são postos em julgamento:
- I — PERFORMANCE INDIVIDUAL DO REPRODUTOR
  - II — SUMULA DO REPRODUTOR
  - III — AVALIAÇÃO DO REPRODUTOR

Vejamos agora, quais os dados considerados importantes e que são agregados aos itens I, II e III.

Em segundo lugar, a comparação anterior revela-se, estatisticamente, mais fidedigna quando envolve, também, uma grande amostra da população da raça considerada. Essa amostragem deve ser grande, conforme dissemos. Portanto, o trabalho deve englobar um número razoável de Fazendas com considerável número de reprodutores. Não faz sentido comparar

**I — PERFORMANCE INDIVIDUAL**

Caracteres econômicos	Peso	Rebanhos envolvidos	Pesos ajustados	Índice	Reproduz. testados
1 Ao nascer					
2 Aos 205 dias					
3 Aos 365 dias					
4 Ganho em Peso*					

\* O ganho em peso refere-se ao peso obtido, no período do teste e não entre idades, que é outro dado importante.

**II — SUMULA DO REPRODUTOR**

Caracteres Econômicos	N.º de filho(as) (Progênie) estudada	Índice	Exatidão do teste	Diferença Esperada na Progênie
5 Peso ao nascer				
6 Facilidade ao parir*				
7 Peso aos 205 dias				
8 Peso aos 365 dias				
9 Facilidade ao parir das irmãs (1.ª cria)				
10 Peso das irmãs à desmama (1.ª cria) * das filhas.				

**III — AVALIAÇÃO DO REPRODUTOR**

Caracteres Econômicos	Diferença Esperada na Progênie	Exatidão do teste	Estimativa do valor genético
11 Peso ao nascer			
12 Peso à desmama			
13 Peso aos 365 dias			
14 Valor materno das filhas			

**Explicações necessárias**

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que o melhoramento animal significa a escolha de filhos (as) que apresentam caracteres econômicos superiores aos revelados pelos pais (ascendentes) sob condições de meio mais semelhantes possíveis de criação.\*

\* O meio ambiente oferece ou não condições para a ação do genótipo. Em consequência o fenótipo, representado pelos pesos, revela a interação (ação recíproca) do genótipo e o meio ambiente.

raças entre si, tendo em vista as inúmeras características que envolvem a problemática do melhoramento, muitas das quais ligadas à preferência dos criadores, como cor, por exemplo, e outras como temperamento, produção de leite (há raças que produzem muito leite, como a Gir, por exemplo, mas a velocidade de ganho em peso ainda é menor, se comparada com outras raças). Essa constatação não significa que o Gir leiteiro não precisa ser melhorado também para a característica econômica relacionada com a velocidade de ganho em peso e muitas outras como longevidade, qualidade da carcaça, etc.,



Aliás, é preciso considerar que o tipo leiteiro clássico é necessariamente, também, produtor de carne e que o tipo de corte tradicional não pode e nem deve ser desprezado como produtor de leite. O leite, em muitos países, é considerado subproduto da produção de carne. Na Alemanha Ocidental, por exemplo, 90% (noventa por cento) da produção de carne é proveniente do gado leiteiro. No gado de corte, o valor materno ou habilidade criatória da matriz está bastante correlacionada com a sua produção de leite. Bezerros mais pesados à desmama são obtidos quando as mães são boas leiteiras e conforme sabemos, bezerros mais pesados aos 205 (dias) são mais saudáveis; são mais rápidos em ganhar peso posteriormente à desmama; levam menor tempo para atingirem o peso de corte (no caso dos machos) e menor tempo para serem cobertas (no caso das fêmeas) e finalmente, porque a diferença entre o peso de desmama, de mercado e de cobrição (450 kg e 300 kg, respectivamente) é significativamente menor. A eficiência de ganho em peso (NDT por kg de peso ganho)<sup>6</sup> é também menor.

Vejam agora, o que significam os termos técnicos encontrados no decorrer desta terceira parte.

### I — PERFORMANCE INDIVIDUAL

Conforme dissemos, a performance individual se refere aos pesos obtidos no nascimento (dentro das primeiras 24 horas), aos 205 dias (corrigidos para sexo e idade das mães) e aos 365 dias (também corrigido).

O ganho em peso refere-se à capacidade do animal crescer rapidamente durante o teste, quando alimentado com ração calculada dentro das normativas do NRC (Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos). Os animais (bezerros) recebem a mesma ração, de alta energia, e no final do teste, é calculada a média de ganho em peso, de todos os bezerros que participaram do teste. É importante para o criador que compra reprodutores, obter do vendedor ou da sua Associação, qual foi esse ganho (do animal que está sendo adquirido), quantos rebanhos participaram da prova (fazendas que colaboraram) e quantos reprodutores (pais dos bezerros) participaram da prova, uma vez que os melhores são aqueles que se destacaram — foram superiores — no ganho em peso. Quanto maior for o número de reprodutores participantes e por consequência, quanto maior for o número de filhos na prova, maior exatidão poderá esperar do teste e estimar-se com maior fidedignidade o valor genético do reprodutor em julgamento. A média que se obtém é sempre referida a um índice centesimal isto é, sempre igual a 100. Dessa forma, fica fácil para o criador saber se está adquirindo um reprodutor abaixo ou acima da média dos contemporâneos, ou seja, de todos os animais que passaram pelo teste, no ano considerado.

<sup>6</sup> NDT = Nutrientes Digestíveis Totais.

### II — SMULA DO REPRODUTOR

Os Americanos, além do peso do nascer, aos 205 dias e aos 365 dias, incluem nesse item II, os subitens relacionados com a: facilidade ao parir (item 6); facilidade ao parir das irmãs (na 1.ª cria) (item 9) e peso das irmãs à desmama (na 1.ª cria) (item 10). No Brasil, ainda não há maiores problemas relacionados com o parto. A primeira vista, esta característica parece ser vantajosa para nós. Acontece que o primeiro parto, no nosso meio, ocorre tardiamente, ou seja aos 4 anos (PRONADEPE, s.d.n.p.), quando os ossos da bacia estão desenvolvidos. Além disso o bezerro é de peso baixo, por fatores ligados ao meio — principalmente alimentação durante a gestação — e também fatores genéticos. A tendência para partos difíceis (distócicos), deverá ocorrer no nosso meio à proporção que o melhoramento ocorrer, isto é, as novilhas passarem a ter a 1.ª cria antes do 3.º ano e sua alimentação melhorar no período de gestação.

Ganhar tempo em produção animal, é de importância econômica capital.

Se as novilhas têm a primeira cria aos 4 anos — no nosso meio — e se o criador trabalha para que esse primeiro parto ocorra aos 3 anos — com peso em torno ou superior a 450 kg — e se realmente isso acontecer, os fazendeiros ganham 1/4 do tempo.<sup>7</sup> Esse ganho é transmitido às filhas — futuras matrizes — pelo reprodutor. Assim sendo, é importante para quem compra um reprodutor, saber se o peso do mesmo, está acima da média nas idades consideradas. O item 14 (quatorze) refere-se à capacidade materna das irmãs do reprodutor testado, tomado como referência a primeira cria, corrigido para idade adulta e é medido pelo peso do bezerro(a) à desmama, corrigido por sexo e raça. Esse dado confirma as nossas afirmações anteriores de que o gado de corte precisa ser considerado, também, como razoável produtor de leite, quando nada para bem alimentar o bezerro(a) no período de amamentação. Essa característica não pode deixar de ser avaliada no reprodutor, principalmente quando usado em Inseminação Artificial, quando sua responsabilidade cresce como pai de rebanhos.

### III — AVALIAÇÃO DO REPRODUTOR

O melhoramento do gado de corte, deve ter método, progressividade, continuidade e além de tudo disciplina. As Associações de Criadores, além do registro genealógico — registro cartorial — devem estar preparadas para prestarem serviços

<sup>7</sup> O progresso genético esperado para qualquer característica econômica é expresso pela fórmula:  $R = \frac{h^2}{2} \times D.S.$

la fórmula:  $R = \frac{h^2}{2} \times D.S.$  Sendo  $i$  o

intervalo entre gerações (idade média dos pais quando nascem suas progênie). Quanto menor for  $i$  (divisor) maior será o progresso genético.

especializados de melhoramento genético, nutrição adequada do rebanho, reprodução e defesa sanitária animal, etc. A avaliação do reprodutor é um serviço especializado de melhoramento genético que não envolve apenas o rebanho de um criador. Basta reconhecer, conforme ficou demonstrado nos itens I e II, que o problema ultrapassa a seus próprios limites. Não é um problema de um único rebanho. Envolve cálculos estatísticos de vários rebanhos centralizados na Associação. Além do mais, requer recursos humanos e financeiros para fazer funcionar serviços de extensão especializados para orientação do trabalho e coleta fidedigna dos dados necessários à conclusões estatísticas. Decorrentes desse trabalho, é possível a AVALIAÇÃO DO REPRODU. TOR nos pontos que mais interessam ao comprador.

O comprador precisa saber que diferença pode ser esperada (em pesos nas idades referidas e no valor materno das futuras matrizes). Essa diferença ou diferencial de seleção, é claro, deve ser sempre positiva. Todo comprador espera que os filhos (as) do touro sejam melhores do que ele possui na Fazenda.

Essa diferença esperada na progênie (filhos e filhas) possui um certo grau de precisão ou exatidão, residindo nesse particular, a CONFIABILIDADE DO TESTE DE PROGÊNIE.

Os touros que têm características em evidência — que são superiores — são identificados, nessas características, por um círculo colorido em cima do número que supera a média do rebanho, nas propagandas dos mesmos.

A estimativa do valor genético é determinada para cada raça e é expresso por intermédio de um índice, para as características econômicas individuais. Esse índice baseia-se em todas as performances e dados disponíveis no "pedigree". Como o touro transmite apenas metade de seu valor genético, o VALOR ESTIMADO ou ESTIMATIVA DO VALOR GENÉTICO será duas vezes maior do que a encontrada na progênie do touro, para as diversas características econômicas e em função de um grande número de progênie testadas.

O valor estimado para o PESO A DESMAMA (205 dias) utiliza o peso relativo do touro nessa idade (em comparação com os contemporâneos) em confronto com o peso relativo da sua progênie, e de seu Pai e de sua Mãe. O valor estimado para habilidade materna abrange a média do peso relativo da progênie (aos 205 dias), das filhas do touro do peso do Pai à desmama, do peso do avô à desmama, do peso à desmama de sua mãe e do peso à desmama de sua avó materna.

Do que ficou apreendido até agora nessa análise e no histórico da produção de carne bovina no Brasil, verifica-se que temos muito que trabalhar em prol do melhoramento zootécnico (melhoramento do meio ambiente) para que possamos atingir dimensões competitivas com os países mais desenvolvidos. A produção animal, insere-se em segmento importante do



economia de um País, quer se encare o problema como fator de saúde alimentar interna, quer como divisas em termos de exportação de excedentes. Aqui cabe uma pergunta. Será que temos tido excedentes exportáveis? Não resta a menor dúvida de que o produto carne é caro por dois motivos principais: primeiro porque a estrutura do criatório brasileiro, por razões históricas, ainda não permite obter-se rendimentos desejáveis relacionados com a eficiência reprodutiva (aumento da natalidade) e a produtividade, apesar dos esforços despendidos por Associações de Classe, Organismos de Pesquisa, Fábricas de Insumo, etc... Em segundo lugar porque a proteína gerada pelos bovinos de corte é mais onerosa do que aquelas geradas pelos grãos. Mas não se deve esquecer que uma nutrição humana racional inclui quatro grupos de alimentos essenciais: cereais, carne e laticínios; verduras e frutas, em proporções adequadas. As sugestões que irão se su-

ceder, não têm a pretensão de solucionar o problema, nem a curto, nem a médio prazo, mas estabelecer uma listagem de medidas, que se adotadas, contribuiriam para a melhoria genética dos reprodutores necessários à indústria de produção de carne no Brasil. É preciso meditar, em primeiro lugar, sobre o seguinte ponto básico: as populações animais que se reproduzem sem a devida seleção para características importantes, como produção de carne e leite, não têm possibilidade de ofertarem progressivamente esses produtos, a não ser pelo aumento da população agregada ao rebanho. É o que acontece atualmente no Brasil, conforme demonstramos dos QUADROS III e IV. Em segundo lugar, havendo seleção criteriosa e adequada, para atender ao tamanho do rebanho brasileiro, o meio (nutrição, sanidade, gerenciação, educação rural, etc.) também precisa ser melhorado. São dois fatores que se completam. O meio

não melhora geneticamente os animais, mas o favorece, quando bom. O surgimento de genótipos bons, quando esses genótipos estão presentes na população, é função da seleção. Todavia, genótipos bons (animais melhorados) não são capazes de melhorar o meio, que é função do fazendeiro ou melhor da atividade de extensão rural, ou de ambos, transferindo e fazendo adotar, por métodos especiais, tecnologias geradas pela pesquisa. Então, estamos diante de dois problemas básicos. De um lado a necessidade de bem selecionar os reprodutores e matrizes — em quantidade e qualidade — e de outro, a obrigação de oferecer à população melhorada, um meio mais adequado.

Para efeito didático, vamos separar um do outro, embora na prática essa desunião seja impossível, uma vez que o animal não é feito de um pedaço de gen e uma outra parte de ambiente. Ele resulta do processo de perfeita harmonia entre um e outro.

## Veteranos da Medicina Veterinária Recebem homenagem do CRMV/São Paulo

Em sessão solene realizada em 29 de novembro último, no auditório do Instituto Biológico, 24 médicos-veterinários foram agraciados com o título de "Sócio-Remido" que lhes foi outorgado pela Junta Governativa do CRMV/4 de São Paulo. Outros 16 profissionais receberam o diploma concedido por "Serviços Relevantes" à classe, destacando-se, entre eles, os Drs.: Alexandre J.L. Develey, Euclides Onofre Martins e Luiz Augusto Belline. Na mesma ocasião, foi prestada homenagem póstuma ao Dr. Osvaldo Domingues Soldado, que foi o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo e recentemente falecido quando no exercício da vice-presidência da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária. A saudação oficial coube ao Dr. Olímpio Geraldo Gomes, presidente da Junta Governativa do CRMV, tendo o gen. Diogo Branco Ribeiro, também médico-veterinário e atual vice-presidente da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE

CRIADORES agradecido em nome dos homenageados. Dona Yolanda, viúva de Osvaldo Domingues Solda-

do agradeceu, comovida, em nome da família do saudoso profissional. No clichê, flagrante da solenidade.



O médico-veterinário Diogo Branco Ribeiro recebe a laurea e o abraço do Dr. Geraldo Dias da Silva, presidente do Sindicato dos Médicos-Veterinários do Estado de São Paulo.



# MARCHIGIANA

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE MARCHIGIANA

## Marchigiana mostra sua força pela primeira vez em Bauru - SP

Sob a égide da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE MARCHIGIANA, a raça Marchigiana esteve presente, pela primeira vez, na GRANDE EXPO-85 de Bauru, ali se apresentando com toda a força de seus plantéis.

### SUCESSO DO VI LEILÃO

Foi grande o interesse demonstrado pelos pecuaristas presentes em Bauru no período de 9 a 17 de novembro último, segundo os resultados obtidos pelo VI LEILÃO DA RAÇA MARCHIGIANA, promovido pela ABCM no domingo, dia 17.

Os Machos PO foram arrematados ao preço médio de Cr\$ 22.000.000, enquanto que as Fêmeas desta categoria atingiam a média de Cr\$ 60.000.000. O maior vendedor foi o criador Israel Sverner, de Itapeva, com o resultado de Cr\$ 448.000.000, sendo que o maior comprador foi a Agropecuária GEMA, com Cr\$ 108.500.000.

O maior valor alcançado, por animal, foi atribuído à Fêmea PO "Zoraide de Itapeva", nascida em 8/8/83 e que foi arrematada por Cr\$ 71.000.000. Este é, provavelmente, o recorde nacional para fêmea de raça taurina de corte.

### Marchigiana é a campeã da Prova de Ganho em Peso de Sertãozinho

A Estação Experimental de Zootecnia de Sertãozinho (Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de S. Paulo), encerrou a 10 de outubro último, sua XXXIV PROVA DE GANHO EM PESO DE BOVINOS. Esta Prova, iniciada no dia 16 de abril, contou com 312 garrotes de diversas raças de corte e teve seu resultado final resumido no peso ajustado aos 378 dias de idade de

cada indivíduo. Esses dados propiciaram a classificação individual dentro de cada raça e as classificações dos animais considerados "Elite" e "Superior". As diversas raças representadas apresentaram as seguintes médias finais:

### PESO FINAL AJUSTADO AOS 378 DIAS

RAÇA	MÉDIA X kg
1 — Marchigiana P.O. ...	406,423
2 — Mestiço 3/4 Marchigiana .....	400,443
3 — Santa Gertrudes ...	394,071
4 — Mestiço 1/2 sangue Marchigiana .....	392,196
5 — Canchim .....	362,873
6 — Caracu .....	326,145
7 — Mestiços Piemontesa	355,513

### Impasse e classificação final

Todos os animais considerados "Elite" na sua raça, pelo seu desempenho no ganho de peso, foram avaliados pelos técnicos que representavam o Ministério da Agricultura, a Secretaria da Agricultura de São Paulo e as Associações de Registro Genealógico de cada raça que, considerando suas características, conformação racial e outros atributos, classificaram-nos em **Elite Ouro, Prata e Bronze**. Após essa fase, os animais considerados "Elite Ouro" de todas as raças taurinas foram reunidos para a escolha do "Campeão Tipo Frigorífico". Nesse ponto, a Comissão Julgadora se viu diante de um impasse. Três animais, de três raças, reuniam os atributos necessários para serem considerados Campeão Tipo Frigorífico. Foram, então, considerados campeões, empatados, os seguintes animais:

N.º 114 — Marchigiana PO — nasc. em 11/11/84 — pesou 402 kg com 324 dias de idade;

N.º 423 — Canchim — nasc. em 8/10/84 — pesou 415 kg, com 358 dias de idade;

N.º 925 — Sta. Gertrudes — nasc. em 9/9/84 — pesou 442 kg com 387 dias de idade.

Encerrando o certame, foi realizado a 11 de outubro o Leilão ofertando animais de diversas raças de corte e leiteira selecionados nas pesquisas levantadas pela Secretaria da Agricultura em sua Fazenda Experimental de Sertãozinho. Foram vendidos cerca de 200 animais pelo valor total de Cr\$ 737 milhões.

Criadores de diversas regiões do país, como Paraná, Minas, Pará, Goiás, Mato Grosso, etc., adquiriram animais de boa qualidade, nascidos e criados na Fazenda Experimental, os quais, certamente, vão contribuir para o melhoramento genético dos plantéis dos adquirentes.

### Inseminação artificial

Relação dos touros da raça Marchigiana com sêmen disponível nas Centrais de Inseminação do país:

- CAGLIARI DA LIQUIFARM 044 (Tairana)
- DIEGO DA LIQUIFARM (Lagoa da Serra)
- FABER DA LIQUIFARM (Lagoa da Serra)
- GIGLIO DA NOVA DELHI (Lagoa da Serra)
- HITO DA LIQUIFARM (Sembra)
- IDEALI DA SANTANA 165 (Pecplan)
- LEGASO (Atalla)
- OLANDESE (Cabana da Ponte)
- ORELLO (Pecplan)
- PACO (Lagoa da Serra)
- POMPEO (Cabana da Ponte)
- POSATO (Cabana da Ponte)
- TIROL DA QUATRO IRMÃOS (Pecplan)
- ZICO DA CENTAURUS (Pecplan) (Em início de Coleta)

## FELIZ ANO NOVO!

Aos nossos associados e amigos, auguramos um FELIZ ANO NOVO. Que 1986 seja, realmente, um ano pleno de prosperidade e alegrias junto às suas Exmas. Famílias.

São os votos da Diretoria da ABCM

# Resíduos avícolas na alimentação dos ruminantes

Igor M.E.V. von Tiesenhausen<sup>1/</sup>

*O aumento populacional exige a cada dia do produtor um incremento na oferta de alimentos, e o Brasil possui condições suficientes para produzi-los e suprir os requisitos nutricionais da população. Para tanto, realizam-se pesquisas, debates e congressos sobre problemas ligados à economia da produção de carne e leite, visando mudar ou aprimorar os sistemas de produção adotados.*

*Um dos aspectos que tem despertado interesse dos técnicos na área de alimentação de ruminantes é o de buscar alimentos que não são utilizados na dieta humana e/ou no arraçãoamento de monogástricos, e o de evitar o desperdício de certos produtos que não são adequadamente utilizados por falta de conhecimentos ou por falta de uma programação ordenada e global.*

*Entre os resíduos destacam-se: a cama de frango, o esterco de galinha, a farinha de pena, a farinha mista de pena (pena + vísceras) e a farinha de vísceras. Dentre estes, os mais utilizados na alimentação de bovinos têm sido a cama de frango e o esterco de galinha. Isto se deve principalmente a Belasco (1954) que impulsionou trabalhos neste setor quando relatou que os ruminantes podiam utilizar eficientemente o nitrogênio, proveniente do ácido úrico, principal fração nitrogenada, excretada pelas aves, na síntese da proteína microbiana.*

## CAMA DE FRANGO

A cama de frango é uma mistura constituída de substrato, comumente chamado cama, de fezes, de pena de aves e de restos de ração.

Este material torna-se muito importante, pois um lote de 1.000 frangos com 56 dias de idade produz cerca de 1.600 a 1.800 kg de cama (Oliveira 1984). Considerando que em 1982 o Brasil possuía 1159 milhões de aves de corrie (Ferreira et al 1983), estima-se a produção de 1800 mil toneladas a 2000 mil toneladas de cama.

Sua composição química varia de acordo com o tipo de cama, número de aves/m<sup>2</sup>, tipos de alimentação, manejo da cama e tempo de armazenagem (Ledman 1967; Tallieri et al 1970 e Tiesenhausen 1974). Além destas variáveis, a altura da cama (substrato) influencia significativamente em sua composição

química. Em 1969, o avicultor utilizava 8 a 10 cm de altura da cama, e atualmente apenas 3 cm, influenciando principalmente no teor de proteína e de fibra.

Embora sua composição química seja bastante variável, seus valores são apresentados no Quadro 1. Da proteína bruta, cerca de 40-44% é de proteína verdadeira e o restante na forma de nitrogênio não protéico.

Os tipos de cama mais recomendados têm sido: sabugo de milho triturado, serragem, palhas de arroz, soja ou feijão desintegrados, pé de milho desintegrado e feno de capim ou de rama de mandioca desintegrados. Estes apresentam boa higroscopicidade e bom valor nutritivo. Uma das mais utilizadas é a de maravalha e de serragem de madeira, devido a sua disponibilidade. Entretanto, devem-se retirar as impurezas, tais como aparas, pregos, arames. Outro inconveniente é o teor de tanino existente nela (Pereira 1978).

A casca de arroz é um material não



PAGEU ZJ — 49 meses — 955 kg.  
Campeão Sênior e Grande Campeão  
— Feira de Santana 85 — por Faizão  
A 4720 e Onzema BO — Chakkar.



GRANADA ZJ — 13 meses — 360 kg  
pór Golias ZJ. Neta de Faizão Pália ZJ  
-- Bisneta de Faizão.



JOJOBA 23 DA IPOGIRA

Tourinhos Prontos para Servir  
A Escolher  
Venda de Sêmen direta com  
proprietário

ZOROASTRO J.S. AZEVEDO

Rua Felinto Marques Cerqueira, 571  
Fone: (075) 221-0023  
FEIRA DE SANTANA - BA

<sup>1/</sup> Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup>, M.S. — Prof. Adj. ESAL e Pesquisador/CNPq — Caixa Postal 37 — 37.200 Lavras-MG

\* Este artigo foi publicado na Revista Informa Agropecuária, da Epemig.

QUADRO 1 - Composição Percentual Média de Cama de Frangos, Esterco de Galinha, Farinha de Pena, Farinha Mista de Pena e Farinha de Visceras

Alimentos	Matéria Seca %	Proteína %*		Fibra %	NDT*
		Bruta	Digestível		
Cama de frango	92,0% 1/	19-25% 1/	-	16,0 1/	61,0 3/
Esterco de galinha	91,4 1/	20,0 1/	-	10,0 1/	61,0 3/
Farinha de pena 2/	94,0	84,3	56,9	1,1	64,0
Farinha mista de pena 2/	93,2	65,6	54,0	1,5	74,5
Farinha de vísceras 2/	93,0	56,8	51,5	1,8	89,0

\* Base de matéria seca.  
 Fonte: 1/ Laboratório de Nutrição Animal da ESAL - Lavras-MG  
 2/ Rostagno et al (1983).  
 3/ Leman (1967).

muito recomendado para cama, devido a sua baixa capacidade de absorção de umidade e ao teor de sílica, nutriente considerado indigestível para ruminantes.

O bagaço de cana tem sido utilizado principalmente nas regiões próximas a usinas de açúcar e a destilarias de álcool. Deve-se observar se há desenvolvimento de fungos, pois o alto teor de umidade e o de açúcar existentes no bagaço poderão propiciar um meio adequado ao seu desenvolvimento, o que seria prejudicial na criação de frango e na alimentação dos bovinos. Entretanto, com a tendência das usinas e das destilarias de aperfeiçoar o método de extração do açúcar e de secar o bagaço, este problema poderá ser reduzido ou eliminado.

A cama de frango apresenta uma

boa aceitabilidade pelos animais e é normalmente fornecida a eles como substituto principalmente dos farelos de algodão e de soja. Na produção de bovinos

de corte, esta substituição tem sido total, e sua quantidade na ração concentrada tem variado de 40 a 60%.

Para bovinos de leite, aconselha-se sua utilização juntamente com outras fontes de proteína, e sua proporção na ração não deve ultrapassar a 20%. Para vacas com lactação igual ou superior a 25 kg de leite/dia, não se aconselha seu uso na ração.

Para animais até dois meses de idade, não é recomendada a sua utilização, face à presença das frações nitrogenadas não protéicas, tais como, ácido úrico, uréia, creatina e outros.

El-Sabhan et al (1970), estudando a digestibilidade aparente de rações cujas fontes de nitrogênio foram o farelo de soja, esterco de galinha autoclavado e esterco de galinha seco, suplementadas com milho e feno, encontraram os resultados apresentados no Quadro 2.

QUADRO 2 - Digestibilidade Aparente de Rações Contendo Farelo de Algodão, Esterco de Galinha Autoclavado e Esterco de Galinha Seco

Itens Estudados	Fontes Protéicas		
	Farelo de Soja	Esterco de Galinha Autoclavado	Esterco de Galinha Seco
Digestibilidade aparente da Matéria Seca (M.S.) %	75,3	72,1	76,2
Energia	74,7	75,5	76,3
Proteína Bruta	74,3 <sup>c</sup>	65,5 <sup>d</sup>	69,4 <sup>cd</sup>

## ADMINISTRAÇÃO AGROPECUÁRIA

20.<sup>o</sup> CURSO INTENSIVO  
(INÉDITO)  
64 HORAS/AULA

PROFESSORES DA:  
ESALQ, IEA, FEA,  
FMVZ, USP e INCRA

Vagas  
Limitadas

### PROGRAMAÇÃO BÁSICA

- 1 - Administração Rural
- 2 - Contabilidade Agrícola-Pessoa Física
- 3 - Comercialização Agrícola
- 4 - Análise de Investimentos
- 5 - Contabilidade Agrícola-Pessoa Jurídica
- 6 - Informática na Agricultura
- 7 - Direito Agrário
- 8 - Direito Trabalhista
- 9 - Alternativa de Aplicações e Empreendimentos Agrícolas

HORÁRIO: Aos Sábados das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00 hs.

LOCAIS AUDITORIOS: PARQUE DA ÁGUA BRANCA - S. Paulo e vários outros



Realização  
THOMAS FATHER DO BRASIL - Divisão Agropecuária  
Informações: (011) 222-5349 e 222-5490

Os ganhos em peso de animais alimentados com cama de frango têm variado entre 0,700 a 1,250 kg, dependendo do sistema de engorda adotado.

Recentemente, a cama de frango vem sendo utilizada também como aditivo na silagem na proporção de 10 kg/tonelada de forragem (Vilela 1983).

Almeida (1984), adicionando 50 ou 100 kg de cama de frango por tonelada de silagem de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) c.v. Cameroon, encontrou a composição apresentada no Quadro 3.

### CAMA DE POEDEIRA

A cama de poedeira é uma mistura constituída de substrato (cama), excreção, pena de aves e restos de ração, apre-

sentando 15 a 16% de proteína bruta. Pode ser utilizada da mesma forma que a cama de frango, desde que ajustada a sua proporção na ração em função do seu menor teor de proteína.

### ESTERCO DE GALINHA

Esterco de galinha é uma mistura de excremento, pena de aves e restos de ração.

Seu rendimento anual está em torno de 10 a 12 kg/poedeira. Considerando que o Brasil possui um plantel de 50 milhões de aves, estima-se uma proporção anual de 500 a 600 mil toneladas deste produto.

Sua composição varia em função do manejo das aves e do número de poedeiras alojadas por metro quadrado.

Sua utilização tem sido menor, face a pouca estabilidade pelos animais em relação à cama de frango. Devido a isto, recomenda-se adicionar de 1 a 2% de melaço para melhorar a sua aceitação.

### POSSÍVEIS EFEITOS PATOLÓGICOS DA Cama E DO ESTERCO DE GALINHA

Alexander et al (1968) isolaram em amostras representativas de esterco de galinha *Salmonellas*, *Clostridia* spp, *Micobacterias*, *Corynebacteria*, *Actinobacilli*, *Enterobacteria*, *Streptococci* e *Staphylococci* e relatam não existir evidência de doenças transmitidas através do esterco.

Leman (1967) informa que bovinos, em contato com aves tuberculosas, podem apresentar reação positiva à tuberculina, mas sem mostrar lesões da doença. Isto se explica porque os bacilos são de espécies diferentes.

Griel et al (1969), citado por Vilela (1983), observaram que, quando as vacas foram alimentadas com rações contendo níveis elevados de cama de frango e permaneceram em pastagem adubadas com este resíduo avícola, houve a incidência de aborto, o que foi atribuído possivelmente a um desequilíbrio hormonal, face à atividade do estrogênio que é alta

QUADRO 3 — Composição Química e pH da Silagem de Capim-elefante c.v. Cameroon com Diferentes Quantidades de Cama de Frango

Características	Cama de Frango (kg/t)		
	0	50	100
M.S. %	19,64 c	23,69 b	25,54 a
P.B. %*	9,86 b	11,80 a	12,18 a
Ca %*	0,33 c	0,74 b	1,18 a
P %*	0,10 c	0,34 b	0,63 a
E.B., kcal/kg M.S.	4.607,64 a	4.512,06 ab	4.490,03 b
DIVMS, %	50,01 a	50,88 a	45,47 b
N-NH <sub>3</sub> , % N total	4,81 c	11,50 b	41,10 a
pH	3,80 b	3,94 b	5,73 a

Fonte: Almeida (1984).



Confinamento de 2.000 animais alimentados com ração constituída de milho desintegrado com palha e sabugo (MDPS), cama de frango e mistura mineral suplementados com silagem — Campo Belo-MG



Confinamento de 350 animais alimentados com ração constituída de MDPS, palha de feijão desintegrada, cama de frango e mistura mineral — Campo Belo-MG

neste produto.

Com a finalidade de evitar a transmissão de doenças ou algum distúrbio nos animais, que a utilizam como alimento, pode-se utilizar a secagem no vácuo a 40°C, secagem a 100 ou 120°C e aquecimento a 78°C por 10 horas (Gerry 1968). Outra recomendação é armazená-la durante 35 a 40 dias, para que ela possa fermentar, e após este período ser utilizada.

## FARINHA DE PENA

A farinha de pena é um resíduo de abatedouros avícolas, o qual, segundo Maynard & Loosly (1966), representa de 5 a 8% do peso das aves. Sua composição química média apresenta: 94,0 de matéria seca; 87,4% de proteína total, 61,2% de proteína digestível, 0,6% de fibra, 64% de NDT (Campos 1980). Com a finalidade de melhorar a digestibilidade, ela pode ser tostada ou hidrolizada.

Tiesenhausen et al (1974), alimentando novilhos zebu com rações concentradas contendo 11,4% de farinha de pena, conseguiram ganhos médios diários por animal de 0,710 kg. O inconveniente da sua utilização é que este material é muito leve e por isso torna-se difícil misturá-lo aos outros ingredientes das rações.

## FARINHA MISTA DE PENA

A farinha mista de pena é uma mistura de penas e vísceras. Segundo Schneider (1972), as penas foram adicionadas às vísceras, visando viabilizar sua retirada dos abatedouros uma vez que as indústrias de rações ou mesmo os criadores não têm grande interesse somente na pena das aves. Sob o ponto de vista alimentício, não é desejável, pois o binômio tempo-temperatura utilizado para melhorar a digestibilidade da pena é diferente do das vísceras.

Os resultados da composição média são apresentados no Quadro 1.

A utilização de 11,8% na ração de novilhos em confinamento promoveu um ganho de 0,842 kg/dia/animal (Peireira 1978).

Atualmente o seu uso na dieta de

bovinos é reduzido devido ao elevado preço.

## FARINHA DE VÍSCERAS

A farinha de vísceras é um alimento protéico, cuja composição média pode ser observada no Quadro 1.

Sua utilização na ração de bovinos pode ser em torno de 3 a 7%.

É mais recomendada na ração de vacas leiteiras e bezerros pelo seu alto valor biológico, semelhante ao da farinha de carne.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, D.C.; CARRIERE, J.A. & MCKAY, A. Bacteriological studies of poultry litter fed to livestock. The Canadian Veterinary Journal, 9(6): 127-31, 1968.
- ALMEIDA, E.X. de. Pré-murchamento, cana-de-açúcar ou cama de frango na qualidade de silagem de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.) c.v. Cameroon Lavras, ESAL, 1984. (dados não publicados).
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, v. 43, 1982.
- BELASCO, J.I. New nitrogen feed components for ruminants. J. An. Sci., 13: 601-10, 1954.
- BLAIR, R. & KNIGHT, D.W. Recycling Animal Wastes. Feedstuffs, 45(10): 32-4, 55, 1973.
- CAMPOS, J.F. Tabelas de cálculo de rações. Viçosa, UFV, 1980. 60 p.
- EL-SABBAN, F.F.; BRATZLER, J.W.; LONG, T.A.; FREAR, D.E.H. & GENTRY, R.F. Value of processed poultry waste as feed for ruminants. J. Animal Sci., 31(1): 107-11, 1970.
- FERREIRA, M.M.; MOUCHREK, E.; ESTANISLAU, M.L. & FREIRE, J.A. Aspectos econômicos da avicultura de corte. Inf. Agropet., Belo Horizonte, 9(107): 3-8, 1983.
- FONTENOT, J.P. Broilers litter for ruminants. Feedstuffs, 43(16): 37, 1971.
- GERRY, R.M. Manure poultry by broilers. Poultry Sci., 47(1): 339-40, 1968.
- HARMON, B.W.; FONTENOT, J.P. & WEBB Jr, K.E. Ensilaged broiler litter and corn forage. I Fermentation characteristics. Journal of Animal Sci., 40(1): 144-55, 1975.
- JORDAN, R.M. & CROOM, H.M. Feather meal as a source of protein for fattening lambs. J. Animal Sci., 16(3): 118-25, 1957.
- LIFMAN, A.D. Chicken litter: a source of ruminants nutrition. Poultry Sci., (304) 1967. (Bulletin).
- MAYNARD, J.A. & LOOSLY, J.K. Nutrição animal. Guanabara, Liv. Freitas Bastos, 1966.
- MELO, R.P.; GALVÃO, F.E.; VELOSO, A.F. & BARBOSA, R.F. Eficiência da cama de frango, comparada ao farelo de algodão como fonte protéica para vacas em lactação. Arq. Esc. Vet., Belo Horizonte, 26(2): 131-45, 1973.
- OLIVEIRA, B.L. Comunicação pessoal. Lavras, ESAL, 1984.
- PEREIRA, E.A. Terminação de novilhos "holandeses" em confinamento com cama de frango e sorgo granífero (*Sorghum vulgare*, Pers.). Lavras, ESAL, 1978. 60 p. (Tese M.S.).
- ROSTAGNO, R.S.; SILVA, D.J.; COSTA, P.M.A.; FONSECA, J.B.; SOARES, P.R.; PEREIRA, J.A.A. & SILVA, M.A. Composição de alimentos e exigências nutricionais de aves e suínos (Tabelas brasileiras). Viçosa, UFV, 1983. 59 p.
- SCHNEIDER, R. Comunicação pessoal. São Paulo, Cooperativa Agrícola de Cotia, 1972.
- TALIERI, F. et alii. Utilization del NND en el engorda de vacunos. La Molina, Lima, Un. Nacional Agrária, 1970.
- TIESENHAUSEN, I.M.E.V. Substituição do farelo de algodão pela cama de frango ou pelo estercó de galinha na engorda de novilhos confinados. Belo Horizonte, Escola de Veterinária/UFMG, 1974. 41 p. (Tese M.S.).
- TIESENHAUSEN, I.M.E.V. et alii; PEREIRA, C.F.; VELOSO, J.A.F. & CAVALCANTE, S.S. Substituição do farelo de algodão pela cama de frango ou pelo estercó de galinha na engorda de novilhos confinados. Arq. Esc. Vet. UFMG, Belo Horizonte, 30 (1): 89-100, 1978.
- TIESENHAUSEN, I.M.E.V. et alii; VILELA, N.; VELOSO, J.A.F. & BARBOSA, S.A. Efeito da adição do milho e da uréia à cama de frango na engorda de novilhos confinados. In: REUNIÃO ANUAL DA ABZ, 8., Rio de Janeiro, 1969. Anais. Rio de Janeiro, 1971.
- TIESENHAUSEN, I.M.E.V. et alii; ALMEIDA, W.; SOARES, M.C.; ROSA, S. & SANTOS, E.S. Substituição do farelo de algodão pela farinha de pena e cama de frango na engorda de novilhos confinados. In: REUNIÃO DA SBZ, 11., 1974 Anais. s.n.t. p. 76-7.
- TIESENHAUSEN, I.M.E.V. et alii; ALMEIDA, W.; SOARES, M.C.; ROSA, S.S.; SANTOS, E.S.; CARVALHO, J.G.; DUARTE, G.S. & RIBEIRO, R. Diferentes tipos de cama de frango na engorda de novilhos confinados. In: REUNIÃO DA SBZ, 12., 1975. Anais. s.n.t. p. 37-8.
- VIANNA, J.A. et alii. Cama de aves como fonte de nitrogênio para novilhos em confinamento na época seca. Arq. Esc. Vet. UFMG, Belo Horizonte, 29(3): 285-92, 1977.
- VILELA, H. Utilização de excrementos de aves para ruminantes. Brasília, EMBRATER, 1983. 40 p.

## “Nossa política agrícola é perfeita no papel” Diz o diretor do banco Noroeste H. Franklin Mendes Thame

O diretor da Carteira de Crédito Rural do Banco Noroeste, Franklin Mendes Thame, acha a política agrícola e de crédito rural perfeita — porém no papel. De acordo com ele, na prática, ela sofre com as medidas casuísticas que são tomadas pelo Governo, e, também, com a escassez de recursos, que os bancos privados estão procurando suprir. Segundo Thame, essa postura não é favorável a uma diretriz dos bancos.

Thame explica que, atualmente, é um bom negócio investir os recursos no crédito de custeio, tanto nas operações favorecidas — 100% da correção mais 3% de juros — como nas operações Recursos Próprios Livres (RPL), a juros de mercado. “É vantagem para o banco e para o cliente. O mix entre as taxas favorecidas e as de mercado é favorável ao produtor”, explica. Segundo ele, o Banco Noroeste, por exemplo, tem fornecido tanto o crédito favorecido como o complemento dos VBCs.

De acordo com suas informações, a maioria dos agricultores está descapitalizada. “Por enquanto, o plantio com recursos próprios é mínimo: a maioria dos agricultores, ainda, está tomando tanto o crédito favorecido como o complemento”, diz. “É a garantia de crédito é essencial ao agricultor”, acrescenta. Ele notou uma mudança no comportamento do agricultor: hoje, com a retirada do crédito subsidiado, ele está administrando melhor os recursos. “Hoje, ele faz conta das despesas e

faz com que o dinheiro aplicado traga retorno. Agora, o produtor está mais racional e sobretudo preocupado com o aumento da produção e produtividade de suas lavouras. Então, ele faz conta de tudo e com base nele faz o plantio. Com a busca do aumento da produtividade, ele passa a adotar tecnologia mais adequada e moderna”, explica. “Com a eliminação do subsídio, ele se reduziu. Está mais cuidadoso”, acrescenta.

Por essa razão, Thame defende que o Governo dê, ao agricultor, preços mínimos estimulantes. “Agora, antes de plantar, o agricultor quer saber por quanto, no mínimo, ele vai vender o seu produto. E com base nisso ele opta pelo plantio de determinadas culturas. E se nenhuma satisfaz ou ele reduz a área ou não planta”, explica. Então, é imprescindível que a política agrícola procure fortalecer o preço mínimo, garantindo uma remuneração justa”, observa.

Os incentivos, em sua opinião, deveriam ser dados tanto aos produtos de mercado interno como o externo. “Precisamos de alimento e também de dólares”, justifica. Para tornar na prática a política agrícola brasileira ideal, Thame acha importante o governo, em primeiro lugar, garantir recursos para toda a demanda de crédito dos agricultores. Em segundo lugar, garantir preços mínimos justos, que remunerem, de fato, o agricultor. Por último, o Governo precisa garantir recursos para

a safra. “Não adianta nada o Governo dar preços mínimos justos e garantir recursos para o plantio, se não tiver dinheiro para comprar. Al, há o enfranquecimento de um dos tripés”, observa.

Segundo Thame, a mudança de crédito rural, a partir de 1984, impeliu o agricultor a uma modernização e a racionalização de suas atividades. “O Proagro, por exemplo, procura estimular a modernização. Não adianta o agricultor plantar sem sementes selecionadas, se não fizer os tratos corretos. Se produzir bem, sem cuidado, muito bem. Porém, se houver a frustração de safra ele não recebe o Proagro. Então, obriga o agricultor plantar pensando também na hipótese da safra não ir bem por problemas climáticos. É nesse ponto que o Proagro é perfeito: o de penalizar quem não faz o plantio direito, dentro das técnicas recomendadas”, diz.

Muito embora acredite que os agricultores não estejam capitalizados, Thame diz que, também, não estão numa situação muito difícil. Segundo ele, a Carteira de Crédito Rural dos bancos comerciais é a que apresenta a maior liquidez entre todas as carteiras dos bancos. “O índice de inadimplência é mínimo”, informa.

### Mudança no Crédito Rural

Até 1983, as Carteiras de Crédito Rural dos Bancos comerciais operavam com recursos subsidiados de-

correntes da obrigatoriedade de aplicações de um percentual dos depósitos à vista e dos depósitos a prazo. Porém, com a queda dos depósitos à vista empurrando o volume de recursos para baixo e com a desobrigação da aplicação de percentual dos depósitos a prazo no crédito rural, o Banco Central mudou, em 1984, a sistemática de crédito rural. Assim, primeiro eliminou-se o subsídio — mas manteve-se o favorecimento, estabelecendo 100% da correção, mais 3% de juros a.a. O bolo do crédito rural dos bancos comerciais passou a ser formado das diferentes carteiras dos bancos, como conta garantia, empréstimo de capital de giro, empréstimo em conta corrente do Banco comercial, financeira e banco de investimento. E, além disso, estabeleceu limites da oferta por tamanho do produtor. Garantiu, de outro lado, que os bancos oferecessem o complemento dos VBCs sob a

rubrica Recursos Próprios Livres (RPL), a juros de mercado, mas obedecendo, rigorosamente, as normas do Manual de Crédito Rural (MCR-18), como amparo do Proagro e isenção do Imposto de Operações de Crédito (IOC).

Por outro lado, Thame acha importante o Governo dotar o Programa de Investimento (Proinvest) de recursos. "Estamos no ponto da agricultura virar sucata", alerta. Os bancos, segundo ele, não têm interesse no momento por investimentos de longa maturação, como os créditos de investimentos à agricultura. "Mas é preciso", diz. Segundo ele, a demanda por créditos de investimentos é grande na agricultura. "Então, ao lado do incentivo ao plantio, é preciso garantir recursos para investimento para evitar que a agricultura, transformada em sucata, perca competitividade", explica.

Segundo informa Thame, o Banco Mundial está estudando a possibilidade de oferecer uma linha de crédito para investimento fixos e semifixos na agricultura brasileira. Esses recursos seriam repassados aos bancos e estes aos agricultores. "O Proinvest não tem recursos", explica. Embora seja o setor que apresenta mínima inadimplência, a agricultura, segundo Thame, continua drenando poucos recursos para os bancos. "O grosso da captação de recursos, ainda, é das grandes cidades. Mas, se a agricultura não está boa, também não está má. Na média, mesmo no período de recessão, a agricultura ganhou. E a crise na zona rural não foi tão intensa", observa. "Por essa razão que o Banco Noroeste, que tem sua origem no interior de São Paulo, continua dando toda a atenção à agricultura".

# CRESCIMENTO E REPRODUÇÃO EM GADO NELORE



## VISÃO DO CRIADOR E DO PESQUISADOR

ARTHUR DA SILVA MARIANTE  
ARNALDO ZANCANER

Esta publicação deverá ser de grande valia para os criadores interessados em melhorar a composição genética e o manejo de seus rebanhos; para os pesquisadores interessados na análise e interpretação de dados de gado de corte, bem como para os extensionistas interessados em aprender de que forma os dados de pesquisa podem ser usados para melhorar o manejo do rebanho.

Preço: Cr\$ 60.000

Pedidos à:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.  
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024  
São Paulo - SP



# Combinando pastos e bosques

PAULO NOGUEIRA-NETO  
(SEMA e Inst. Biociências — USP)

No Brasil, quando se fala em arvoredos situados em pastagens, vem logo alguém e lembra que a mosca do berne (*Dermatobia hominis*) prefere lugares sombreados. Na realidade, essa é uma meia verdade, porque há muitas outras, pois tenho visto rebanhos muito atacados em Campinas - SP, em lugares com relativamente poucas árvores, ao passo que nos cerrados e cerradões de Luziânia-GO, no Brasil Central, onde frequentemente o estrato arbóreo é preponderante, a intensidade do ataque depende em grande parte do controle feito pelo fazendeiro. Segundo a minha experiência pessoal, e certamente a de muitos outros pecuaristas que criam gado bovino em regiões de cerrado-cerradão, o berne é um inimigo, mas não é um empecilho à criação nessas áreas. Os larvicidas sistêmicos usados com as devidas cautelas, são bastante eficientes no controle do berne.

A idéia de usar pastos arbóreos é muito antiga. No seu interessante livro "Forragens Fertas na Seca" (1975), Pimentel Gomes contou que, já na antiga Roma, Virgílio, Plínio e Columela, aconselharam o uso de ramos de certas árvores na alimentação do gado. Citou, também, outros autores que escreveram sobre o assunto. Além dessas considerações, Pimentel Gomes recomendou no seu livro uma série de árvores

do Nordeste e de outras regiões, visando o seu plantio para a formação de pastos arbóreos, principalmente na região semi-árida do Brasil. O referido autor citou, entre outros, um trabalho de Guilherme Azevedo, em que este enumerou nada menos de 13 vantagens dessa tipo de pasto. Pimentel Gomes escreveu também sobre a importância que certas árvores poderão ter na formação de pastagens arbóreas no Brasil. Destacou, entre outras, a canafístula (*Pithecolobium multiflorum*), o camunzé (*P. polyccephalum*), o jacaré (*Piptadenia communis*), o juazeiro (*Zizyphus juazeiro*) com restrições pois é algo tóxico, o jacazeiro (*Caesalpinia ferrea*), o mororó (*Bahinia fortalicata*), a jurema (*P. diversifolium*), o sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), o pau branco (*Cordia alliodora*), a figueira benjamim (*Ficus microcarpa*, segundo H. Moreira de Souza), o surucucu (*Piptadenia biuncifera*), o Ingá *affinis*, a amoreira (*Morus alba*), o turco (*Parhiu-sonia aculeata*), a quixabeira (*Boumelia sertorum*), o licurizeiro (*Cocos coronata*), o ariri (*V. vagans*) e principalmente a algarobeira (*Prosopis juliflora*). Esta última é o único pasto arboreo de importância, efetivamente, plantado no Brasil. Os demais são sobretudo recomendações de Pimentel Gomes e de outros autores. O juazeiro, segundo Pimentel Gomes, não deve ser dado

a vacas mojando e é preciso acostumar o gado, lentamente, a comê-lo. Além disso, aconselhou a não dar ramos de diversas árvores, quando estão quentes (aquecidas pelo sol).

No CATIE — Centro Agronômico Tropical de Investigación y Enseñanza — em Turrialba, Costa Rica, há um setor de pesquisas que se dedica a estudos florestais e silvo-pastoris. A Costa Rica está muito adiantada nessa matéria. A idéia é utilizar os benefícios dos bosques concomitantemente com a produção agrícola e pecuária. A princípio, isso pode parecer algo difícil de ser posto em prática, pois os raios de sol que são interceptados pelas copas das árvores, fariam falta à fotossíntese das plantas que cobrem o chão. Realmente, isso acontece se a sombra é muito densa. Vi certa vez um experimento na EMBRAPA na região de Manaus, em que o capim crescia muito pouco debaixo da mata que fora escassamente raleada. Contudo, a extensão da sombra, que o arvoredado projeta sobre um pasto, pode variar e deve ser manejada criteriosamente, para se obter o maior rendimento possível do conjunto pasto-árvores. O que interessa, sob o aspecto econômico, é o maior lucro por hectare. O que mais importa, sob o aspecto ecológico, é manter a maior diversidade possível na parte biológica do ecossistema, aliada

à boa conservação do solo. Ambos objetivos, o econômico e o ecológico, podem ser conciliados, quando se tem vista rendimentos sustentados a médio e longo prazo. A procura do lucro imediato ou a curto prazo motiva sobretudo os predadores e os devastadores, que rapinam e desaparecem de cena.

### BOSQUES DE PASTOREIO

A idéia de concorciar gramíneas e leguminosas de baixo porte já está largamente disseminada no Brasil. No entanto, os resultados que tenho obtido em Luziânia-GO, no Brasil Central, são frustrantes. Na minha Fazenda Jatiara, depois de algum tempo as leguminosas rasteiras acabam desaparecendo e ficam apenas as gramíneas. No entanto, na Costa Rica e em outros países estão procurando resolver o problema com o plantio de árvores cujas raízes são capazes de hospedar bactérias fixadoras de Nitrogênio. É o caso, naquele país centro-americano, do *Alnus acuminata*, da família Betulaceae. Essa árvore não é uma leguminosa, mas nas suas raízes certas bactérias formam nódulos fixadores de Nitrogênio, muito eficientes.

Na Costa Rica, segundo me informou o Eng. Fl. Ben Chang, a *Erythrina poeppigiana*, na quantidade de 230 árvores por hectare consegue acumular anualmente cerca de 140 kg de Nitrogênio orgânico. É o equivalente a 700 kg de Sulfato de Amônio por ha ano! Além disso, as suas folhas são altamente digeríveis e contém cerca de 34,4% de proteína bruta. São utilizadas na alimentação do gado. Lá, essa *Erythrina* é também empregada no sombreamento de cafezais. No Brasil Sudeste, como sabemos, o sombreamento de cafezais fracassou, mas isso foi devido principalmente ao fato de que as árvores usadas, de copas perenes (como o ingazeiro), concorreram na utilização da água disponível no solo (A. Carvalho, informação pessoal). Esse inconveniente, porém, poderia desaparecer com o emprego das *Erythrinas* (molungus ou suinãs), pois elas perdem as folhas na estação seca. Em Campinas-SP e em

Luziânia-GO, realizo presentemente observações sobre as nossas espécies *E. molungu*, *E. verna* e *E. falcata*, além das espécies alienígenas *E. poeppigiana* e *E. belteroana* usadas na América Central. Os molungus e suinãs são muito ornamentais. De um modo geral, apresentam uma belíssima florada vermelha, na estação seca. No Brasil, as suas flores frequentemente são procuradas por periquitos, sanhaços, beija-flores, etc. Um cuidado: aconselho a vacinar contra o tétano as pessoas que lidam com as *Erythrinas*, pois são muito espinhudas.

M. Daccarett (1967), na sua tese de mestrado feita no CATIE (Turrialba, Costa Rica), verificou que a produção de forragem, debaixo de árvores de *Erythrina poeppigiana*, foi "ligeiramente inferior" à obtida na parcela sem sombra. Contudo, o conteúdo de proteína na forragem foi bem maior, em baixo das referidas árvores (8,37% versus 6,00% no lote sem árvores). Na Malaya, Jaogoe (1949) também já havia verificado essa maior quantidade de proteína sob árvores leguminosas.

Daccarett constatou ainda que no solo, de 0 a 20 cm de profundidade, existia mais Nitrogênio total debaixo de árvores leguminosas, que debaixo de uma outra árvore (*Cordia alliodora*), ou na parcela sem sombra. Destacou-se nesse particular a *E. poeppigiana* como fixadora de Nitrogênio (através de bactérias). Nos experimentos de Daccarett, esse autor observou que a referida espécie interceptou a luz em 55,60%.

Estou no momento iniciando a formação, na Fazenda Jatiara (Luziânia-GO), de dois tipos diferentes de bosques de pastoreio. Os de copa renovável seriam plantações de árvores periodicamente podadas. É uma prática feita há séculos em várias regiões. No Nordeste brasileiro é comum plantarem a algaroba para esse fim. O gado come as vagens e os ramos cortados das copas das árvores. Nesse tipo de bosque de pastoreio, o corte das árvores poderia a meu ver ser realizado a aproximadamente 1,80 m de altura, talvez

com o auxílio de uma serra mecânica portátil ou por outros meios. Parece-me que a *Leucaena arborea*, a *Erythrina poeppigiana*, os Inga, o pau d'óleo (*Copaifera langsdorffi*), os jatobás (*Hymenae spp*) o jacaré (*Piptadenia communis*), a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroideis*), o sombreiro (*Clitoria sp*), também se prestariam a esse fim. Seria possível ainda usar árvores de famílias não fixadoras de Nitrogênio, como as embauvas *Cecropia spp*, certas figueiras (*Ficus spp*), inclusive *F. elastica*!, o ramom (*Brosimum allcastrum*), a Cadamba sp, a jaqueira (*Artocarpus intergrifolia*).

Na Costa Rica, como tive ocasião de dizer em artigo anterior,<sup>(1)</sup> as cercas arbóreas têm as suas copas cortadas com certa frequência, para alimentar o gado. Segundo o Eng. Fl. Ben Chang, nos cafezais a *E. poeppigiana*, cortada a 2,50 m de altura, produz lá uma copa nova a cada 6 meses.

Os bosques de pastoreio de copa perene devem ser constituídos por plantações de árvores distribuídas de modo rarefeito. Isso prejudicaria pouco a insolação do capim. É o que fazem na Costa Rica com o *Alnus acuminata*. A função das árvores seria, nesse caso, basicamente a de reciclar nutrientes e fornecer Nitrogênio ao solo. As *Erythrinas* de um modo geral se prestariam bem para essa finalidade, pois são fixadoras de Nitrogênio e perdem as folhas na estação seca. Nesse tipo de consorciação, as árvores devem ter copa rala e alta. A nossa *E. verna*, devido ao seu porte muito elevado e copa pouco densa, parece ser especialmente indicada para isso. Mesmo no verão, a sua sombra é relativamente pouco compacta. A *Albizia falcataria*, o guapiruvu (*Schizolobium parayba*), os angicos (*Piptadenia macrocarpa* e outras *Piptadenia*), o *Acrocarpus fraxinosus* e talvez a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroideis*), entre outras, também poderiam ser boas escolhas para fins de pesquisa. Elas figuram no meu plano de experiências, já em fase de implantação.

(1) Revista dos Criadores — Outubro, 65.

## CONCLUSÕES

Como se vê, há todo um campo novo a explorar no Brasil, no que se refere à consorciação de árvores fixadoras de Nitrogênio e gramíneas. Faltam dados básicos sobre o assunto em nosso país. Contudo, a formidável produção de Nitrogênio apresentada pela *Erythrina poeppigiana* na Costa Rica é altamente animadora. O problema maior, no Brasil, é que não sabemos qual a capacidade de fixação de Nitrogênio que apresentam aqui as muitas árvores da família das leguminosas que possuímos. Sem conhecer esse dado fundamental, fica difícil escolher. Além das espécies já mencionadas, lembro também, como dignas de estudo, o pau ferro (*Caesalpinia leiostachya*), as patas de vacas (*Bahúinia* spp), as *Cassias* e as *Acacias* e tantas outras árvores leguminosas.

Árvores que não fixam Nitrogênio, mas que possuem boa capacidade de mobilizar nutrientes no solo, também podem ser muito úteis nas pastagens, devido ao seu poder de reciclagem. As leguminosas, contudo, assim como determinadas espécies de outras famílias, merecem a preferência, pois fixam Nitrogênio. É preciso lembrar, porém, que nem todas as espécies da família das leguminosas fixam Nitrogênio. Segundo Daccarett (1967) explicou, a grande maioria das leguminosas Caesalpinoideas não fixa Nitrogênio. O mesmo ocorre com algumas espécies de Mimosoídes e Papilionaceas. É necessário examinar as raízes, para ver se as plantas têm os nódulos laterais típicos, formados pelas bactérias fixadoras, nódulos que não devem ser confundidos com os engrossamentos de raízes causadas pelos nematóides (pragas).

No que se refere as plantas fixadoras de Nitrogênio que não são leguminosas, o *Alnus acuminata* multiplicou a produção de forragem em vários países latino americanos, segundo a publicação "Firewood Crops" da Academia Nacional de Ciências, dos USA (1980). Certamente muitas outras árvores poderão apresentar o mesmo potencial. É um desafio descobri-las.

Os pastos arbóreos são úteis aos bovinos de quaisquer raças. Na Fazenda Jatiara a maioria dos animais são produtos do cruzamento da raça gir com a dinamarquesa vermelha. Agora porém, já estão lá em atividades os primeiros touros e novilhas pitangueiras — Tabapuãs, objetivando a formação de um tipo TABAPITÁ. Mas isso, como diria Kipling, já é outra estória.

# Fazenda Morada dos Búfalos

Dr. Nelson Luiz Baeta Neves

## CRIAÇÃO E SELEÇÃO

DAS RAÇAS MURRAH E JAFARABAD, COM O CONTROLE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BÚFALOS



GOMMUR nasc. 13/2/81



PINGAS DA MORADA nasc. 18/2/83

Faz. Rod. BR-050 Km 489, Estrada Santa Gertrudis Posto das Bandeiras — Uberaba - MG

Contato: Luiz Roberto M. Baeta Neves  
Tels.: (034) 332-4181 — (016) 722-2431



© Nelore deve ser pesado, precoce e ter muita expressão da raça, estes são os três mandamentos...

## O pensamento que vem do sertão da Bahia: O ARTIFICIALISMO OU A PUREZA DO NELORE?

(texto por Rinaldo dos Santos)

Joãozinho Andrade é um desses raros selecionadores abnegados que buscam objetivos palpáveis, com senso lógico de profundo conhecedor e estudioso. Acredita que o promotor de suas teorias é o gado, mas conseguimos compilar uma série de ensinamentos muito pertinentes ao mundo atual. Para o moderno selecionador de Nelore, essas considerações são de enorme validade...

• A palavra "seleção" implica em se buscar a fonte, a origem verdadeira da raça. Não se sabendo de onde surgiu, ou o que era e como era o gado na fonte, como seria possível selecionar? Selecionar virtudes funcionais como peso, porte, precocidade, etc. é fácil, mas incorporar tais virtudes ao fator "raça" já é muito mais difícil e melindroso.

Não pode existir "Raça-pura" quando se tem um acentuado vigor castiço no gado. O chamado Nelore brasileiro em sua grande maioria, recebeu sangue Misore, Kangayan, Killari, Hallikar e Amrit-Mahal, em seus primórdios, provocando uma acentuada promiscuidade racial. Hoje, o incauto criador pensa que está criando Nelore, mas está criando

um coquetel de raças que, de tempos em tempos, produz um bom indivíduo — mas isso é mais um brinde da sorte do que de acerto no manejo zootécnico. O criador comum pode até fazer um bom gado, pesado e de bom porte, auferindo lucros (o vigor castiço ajuda muito nessa direção) mas não pleitear para si os louros de uma "raça pura". Melho-



O Nelore é branco, de grande porte e muita caracterização.

ramento é uma coisa, seleção de raça é outra...

• Selecionar significa ir somando virtudes, dentro da raça, sem colocar em uso o "vigor castigo". O problema para o selecionador sério, no Brasil é que — ao atingir um patamar onde os animais são altos, fortes, saudáveis, precoces, pesados, de boa produtividade, os "dirigentes" resolvem mudar a orientação zootécnica. Assim, aquilo que era o certo acaba não valendo nada. Seleção transforma-se em "moda", em coisa de boutique. Por isso é muito difícil juntar, com seriedade, 50 animais Nelore idênticos em seus detalhes no Brasil inteiro! A grande maioria é machada, pintada, cinza, azulago, com testículos escuros, debrum da orelha escuro, etc. Para o entendedor essas características indicam o castigamento acentuado dentro do que, outrora, foi uma raça pura...

• O Ongole, nosso direto ancestral do Nelore Brasileiro, é um grande gado e, também, um gado grande, com atávica aptidão leiteira, adequada para viver no campo, sem arrastamento complementar. Este é o tipo de gado que foi, em parte, esquecido e marginalizado, na tentativa de se plasmar um tipo similar que viria receber o nome de "nelore". Hoje, o nome Nelore inclui esse equívoco generalizado.

• O animal tem que convencer que é puro! E existem os puros, mas

são poucos e não são convenientemente aproveitados, uma vez que "os modelos adotados" são diferentes, às vezes paradoxais entre si mesmos. O fator "raça" foi marginalizado...

• As crises econômicas ensinam o caminho da verdade... para quem quiser ver. Uns poucos fazem seleção de verdade, buscando a origem e melhorando as funções dentro da pureza racial. Os compradores, mesmo lentamente, vão reconhecendo que o gado de origem mais pura dá mais rendimento, isto é, que a pureza genética é um fortíssimo fator de rendimento para a propriedade.

• Vai chegando o momento do conflito entre o real e o artificial: ou selecionar um gado para gerar renda ou para satisfazer a vaidade e a fantasia!

• Na verdade, o animal confinado perde sua natural imponência, abaixa os olhos, enquanto seu dono levanta os olhos para o troféu que virá. A expressão da raça só é própria de um animal puro. Somente um selecionador experimentado consegue perceber dezenas de detalhes que definem a "expressão racial".

• A superficialidade é tamanha, a ponto de se ouvir que o Ongole tem a cabeça muito avantajada — esquecendo-se que a cabeça cresce na mesma proporção que o resto do corpo, no ventre da mãe. Existe uma relação entre o comprimento, amplitude e espessura da cabeça com várias outras mensurações do Zebu — como foi bem ensaiado pelo livro "A Geometria do Zebu". É claro que uma cabeça será "avantajada" se não coincidir com tais outras medidas. Mas como dizer que uma cabeça de Ongole é avantajada se seu comprimento está intimamente relacionado com o comprimento e espessura do cupim (giba), com o comprimento e amplitude da garupa, com a amplitude entre ileos e isqueos, com a distância entre jarretes e machinhos, com a distância entre testículo e pênis, com a altura do animal, com o perímetro torácico, com a amplitude do peito, etc.? Supõe-se que tais relações,



Mesmo criado na castiça, havendo pureza genética, o Nelore não encabitará, porque essa condição é típica de animais castigos ou mestiços — nunca de um puro. Vê-se a pureza pela expressão racial.



Éis uma cabeça típica de Nelore: queixo graúdo, olhar vivo, chifres típicos, crelha em riste, goteira pronunciada, perfil semiconvexo, pescoço firme, proporção exata de crânio com a giba. Muito coure, a almofada ao redor dos olhos, cupim sem deficiências, etc. (Denodado da Trindade)

aquilatadas entre centenas ou milhares de animais devem conduzir a uma "verdade da raça". Ir contra essa constatação é mergulhar em um poderoso artificialismo, maquiavélico e desastroso, que somente produzirá atraso na seleção do Nelore.

- Em uma Exposição, devido a esse artificialismo, ninguém consegue enxergar um animal como ele é, mas apenas como ele está preparado para ser visto.

- A Exposição deveria ser uma escola, mas o espectador fica tonto quando um juiz de Uberaba, a dita "Meca do Zebu", declara campeão um animal que deveria ser castrado por evidente anomalia testicular (fato ocorrido em 1985). Existem as pessoas especializadas em fazer "gado fino" próprios para serem campeões... como corolário do artificialismo imposto e não combatido.

- Na Expoinel realizada em Salvador havia gado manchado, cinza, branco, etc. O touro branco seria o campeão mas, daí a vinte dias, seria derrotado pelo pintado em Uberaba. Como pode um campeão aqui ser derrotado ali? Estaria em julgamento o animal em si ou a prepotência dos juizes? Sem dúvida o Nelore pintado, naquela ocasião, era um excelente animal de corte, mas lhe faltavam as características minuciosas para a seleção da "raça". Uma Expoinel deveria eleger um animal

de corte em detrimento de um "de raça"?

#### A FANTASIA NELORISTA

- O artificialismo é próprio do espírito superficialista que, por sua vez, é impróprio a um selecionador, cabendo melhor em um comerciante, em um fazendeiro de fim-de-semana, etc. Não se trata aqui de fazer uma crítica aos criadores ou a certo tipo de animal, mas apenas de alertar os verdadeiros selecionadores sobre a necessidade de um maior intercâmbio sobre a realidade do Nelore, em busca da origem, da fonte, porque somente ela poderá reerguer o padrão da raça. O castiçamento dá bons resultados mas, como todo vigor híbrido, tem seus dias contados. Para evitar a degenerescência nos castiamentos os dirigentes insuflam outros castiamentos e, assim, vão surgindo novas "modas". No momento presente, os neloristas agem como mariposas ao redor do brilho, girando tontamente sem nunca conseguir atingir a luz. Essa dança das mariposas pouco tem a ver com o brilho da luz que permanece única, fixa, para quem quiser enxergar.

- Os comerciantes inventam as modas, pela via do castiamento, e lançam seus produtos no mercado, a preços de ouro. Quando o filão está saturado, destroem as mura-

lhas construídas, soterram os abnegados e incautos selecionadores que antes haviam neles acreditados e lançam outra "moda".

- O que se verifica, (e vai continuar se verificando) é um melhoramento geral da pecuária de Nelore, em termos de aumento de peso, de porte, do desfrute — tudo muito salutar para o país... mas isso pouco tem a ver com "seleção de raça", único fator que pode garantir esse sucesso perpetuamente. A injeção de vigor castiço ou híbrido provoca, sem dúvida, uma alteração gênica, bastando um mínimo de bom senso para conseguir bons resultados em termos de Porte, Peso, etc. Manipular essa premissa zootécnica, com fins comerciais, é próprio de comerciantes, mas nunca de selecionadores, porque qualquer hibridismo é de caráter temporário. Por isso, um verdadeiro selecionador dificilmente consegue encontrar um bom reprodutor para adquirir. Geralmente, os filhos de inseminados sequer correspondem às fotografias...

- Por culpa dessas fantasias, o Nelore tem sofrido muitas acusações, como: a) não suporta os rigores da caatinga. b) encabrita em ambientes de pouca alimentação. c) não fornece leite nem para as crias, etc. etc. O encabritamento é próprio do sangue híbrido, porque é um axioma da Fisiologia que diz: "O vigor híbrido (ou castiço) é consumido pela necessidade", isto é, em um ambiente rústico, o animal castiço encabrita, enquanto o puro mantém-se. Assim, aqueles Nelores que receberam infusão de Kangayan, Misore, etc. tenderão ao encabritamento, mas aqueles oriundos da fonte, do Ongole, não encabritarão.

- Em termos de seleção de raça, pouco adianta os artificialismos como: colocar o animal para nadar, para subir ladeiras, para girar, para correr. Tudo isso são artificialismos, próprios do cérebro do proprietário que prefere não estudar zootecnia com profundidade. O regime de campo é o grande preparador dos verdadeiros animais que perpetuam a raça.

- As Exposições exibem, claramente, os resultados do artificialismo: a pele é variada, tanto quanto o pêlo. Não há quase expressão de



Camboatá da Trindade, em regime de campo, notável expressão da raça, grande porte, excelente distribuição muscular, esbanjando saúde e pujança...

raça, os animais não ostentam nobreza. A maioria anda de cabeça baixa. Aqueles que andam altivos, ao serem soltos no campo, abaixam a cabeça e comportam-se inferiormente aos animais de campo. O campeão, geralmente, é ruim de produção! Na Exposição é fácil notar a gama de defeitos comuns: cupim retorcido, cavado, grande demais ou pequeno demais, cernelha alta, bainha grosseira, umbigo penduloso, barbelas inadequadas, angulações exageradas, chifres deselegantes, etc...

• Durante a Expoinel, em Salvador, o juiz desclassificou um touro da Trindade porque ele nunca havia visto um tal volume de carne em um único animal criado em regime de

campo. O juiz acreditava que aquele volume deveria ser "gordura" e, mesmo verificando que não era, optou por desclassificar o animal que estava muito diferente dos demais. Com medidas como essa o artificialismo tomou conta do país, marginalizando aquilo que é bom, que é criado em regime de campo, que expressa a "verdade" da raça.

• A superficialidade nos julgamentos leva a considerar que a melhor forma de avaliar os animais, numa pista de Exposição, seria a formação de uma comissão composta de um zootecnista, um veterinário e um criador que não fosse desses de fim-de-semana. O juiz único pode aplicar uma enorme carga de conhe-

cimentos teóricos durante o julgamento mas, no final, a decisão fica por conta de seu gosto subjetivo enquanto que o correto seria eleger-se o animal classificado como "padrão em todos os aspectos".

• O culto ao superficial chegou aos conhecedores de carcaça que esmeraram seus conhecimentos sobre um "boi morto", na mesa dos frigoríficos e se esqueceram de aquilatar a performance desse animal na propriedade. Eles pregam o rendimento do animal "depois de morto" e se esquecem que, para o fazendeiro, interessa o rendimento "enquanto está vivo".

• Paradoxalmente, por ser excelente como "raça", por se admitir que o Nelore já está sobejamente selecionado, os novos ricos pagam verdadeiras fortunas na aquisição de indivíduos duvidosos e isso alimenta, cada vez mais, o culto ao artificialismo. O Nelore, portanto, peca por ser bom demais...

#### A QUESTÃO DA FONTE, DA "PUREZA RACIAL"

• A ecologia indiana dá alguns indícios que, se seguidos, poderiam levar à origem do problema. A região onde predomina o Ongole tem como divisas naturais as terras do Kankrej, do Gir ao norte e do Kanyagan, ao sul. Mas o gado de Misore, o Malvi, o Khillari, o Krishna Valley, o Hallikar, o Amrit-Mahal e outras, misturam-se na periferia da região onde predomina o nobre gado branco Ongole. Ao ir se espalhando, as variedades de raça vão adotando variedades de cor, isto é, no epicentro a raça é o Ongole branco, dirigindo-se ao norte, ao encontro do Kankrej vai incorporando o cinza, bem como dirigindo-se ao sul. Dirigindo-se ao nordeste incorpora o vermelho. As definições indianas são: cinzas-nuvem para o guzerá, cinza-azul para o Misore, as demais variedades também são cinza... Essas definições de pelagens indicam que os indianos tentam contrapô-las à origem branca pura. Assim não é exagerado acreditar que o Ongole é branco esmalte, como uma premissa ecológica. Os indianos levam tais conhecimentos a sério, podendo até haver interferência da religião que

## O Nelorista do Mês

não vê com bons olhos o castiçamento, por possibilitar a diminuição da rusticidade. Em um país formado por castas humanas, onde são terminantemente proibidos os matrimônios misturando as mesmas, é de se supor que a mesma regra seja mantida quanto aos animais domésticos (a seleção é feita aperfeiçoando as virtudes do animal tendo-se em conta sua futura encarnação como ser humano!)

• O ONGOLE, portanto, DEVERÁ SER BRANCO ESMALTE, CINZA PRATA e BRANCO com manchas escuras surgindo sob o pêlo. ESSE É QUE É O VERDADEIRO NELORE DE ONGOLE. Os demais comportam dúvidas quanto à pureza genética.

• Em síntese: a) um animal puro acasalado com outro puro produzirá um puro, b) um puro com um castiço produzirá um novo castiço, c) um puro com um mestiço produzirá um mestiço. A diferença entre castiçamento e mestiçagem é que o animal castiço pode ser perfeitamente confundido com um puro, pelos leigos.

• A importação da década de 60 e até os atuais "clandestinos" trouxeram algumas qualidades que não poderiam ser desprezadas mas, em geral, embora contribua para o aperfeiçoamento das características de um excelente animal de corte, tal introdução não contribui na busca da origem da raça pura. Somente a raça pura pode garantir uma exploração rentável por longo tempo e esse é o mérito vislumbrado pelos antigos selecionadores brasileiros, pelo que tanto batalharam. O Nelore da Trindade utilizou Akasamu (sem dúvida, a melhor conformação do trem posterior já chegada ao Brasil) e Padhú (de notável comprimento), ambos brancos, de perfeita caracterização racial.

• O que seria um Nelore ideal, nos dias de hoje? Para Joãozito Andrade seria a presença dos três fa-



As fêmeas Nelore, mesmo em regime de campo, por anos a fio, são graudas. Não existe explicação para um Nelore miúdo, se ele for puro. Apenas os não-puros reduzem seu tamanho diante dos rigores do clima, mas isso é comum a todas as raças. Apenas a pureza genética consegue vencer o clima hostil. Joãozito Andrade tem o gado que explica suficientemente esse assunto...

tores básicos: a) **Peso:** o animal tem que pesar mais de 1.000 kg em 48 meses, no campo. b) **Precocidade:** tem de atingir 450 kg aos 24 meses, no campo. Ser desmamado com 300 kg, também no campo. c) Poder transmitir essas virtudes, o que só é conseguido pela raça pura. O animal tem que apresentar, então, a expressão da raça.

• O Nelore pode suportar condições rústicas, como o prova o Nelore da Trindade, único do país criado na caatinga, nas piores condições de vegetação durante vários meses: "O clima, é ótimo" — diz Joãozito — "as fêmeas não perdem cio e o gado todo já é acostumado e até tiram partido do que, para muita gente, parece tristeza ou pobreza ecológica".

• O plantel de 300 matrizes é padreado por 10 touros em serviço. As fêmeas são de aptidão leiteira (não poderia ser diferente para obter sucesso na caatinga). São testados 4 reprodutores por ano, do próprio gado. Parte do plantel já obe-

deceu à ordenha sistemática, por algum tempo, até garantir as linhagens leiteiras, em que algumas fêmeas atingiram mais de 10,0 kg/dia. As mestiças chegam a produzir mais de 20,0 kg/dia... um feito surpreendente para a raça Nelore.

• Em termos de recordes, Joãozito lembra-se dos touros mais pesados, em regime de trabalho: Castelo, com 1.113 kg; Akazaf: com 1.081 kg; Paxá: com 1.078 kg; Zamui: com 1.068 kg. A fêmea mais pesada atingiu 740 kg, mas muitas passaram de 700 kg.

• A propaganda é feita pelo gado vendido e não faltam compradores para adquirir o Nelore e a seriedade do selecionador, confirmando que a busca da pureza original, casada com os fatores de renda (desfrute) está correta e proporciona lucros... nos plantéis dos compradores.

Os interessados em mais detalhes podem escrever para: JOÃO BATISTA DE ANDRADE — Fazenda Trindade — Cícero Dantas, BA — Fone: (075) 278-2123. Em Salvador: Av. Sete de Setembro, 750, apto. 302. Fone: (071) 241-0945.

# Saúde tem nome

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - 5ª ind. CJ 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

**CRED  
MED**  
ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE



# PARDO SUÍÇO em notícias

ANO I — N.º 5 — DEZEMBRO DE 1985

## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO PARDO SUÍÇO

FUNDADA EM 1980

Av. Francisco Matarazzo, 455 — CEP 05001 — Fone: 864-0691 — São Paulo — SP

## Cruzamento de Pardo Suíço com Guzerá visando a produção de leite

**DR. PEDRO MELGUIZO RAMOS**

Superintendente Técnico da Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo Suíço

Inúmeros trabalhos tem sido realizados e publicados que comprovam a precocidade e o escalante genho de peso com ótimo rendimento de carcaça de animais cruzados das raças Pardo Suíço e Guzerá.

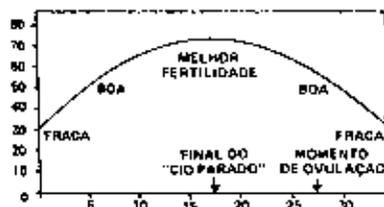
Visando avaliar a produção leiteira de fêmeas 1/2 de Pardo Suíço x 1/2 Guzerá, obtidas do cruzamento de touro puro de origem Pardo Suíço com fêmeas Guzerá não registradas, o Dr. Silvio Lima Marinho na Fazenda Santa Anzale, Município de Andradina, Estado de São Paulo, submeteu ao Controle Leiteiro Oficial da Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo Suíço dezessete fêmeas, sendo que nove foram submetidas a Controle Leiteiro por duas lactações consecutivas, obtendo-se deste modo 25 lactações oficialmente controladas.

9 vacas X 2 lactações = 18 lactações

7 vacas X 1 lactação = 7 lactações

Total 25 lactações

Os resultados obtidos nestas 25 lactações constam do quadro a seguir:



Os resultados obtidos foram excelentes com as médias de 2670,7 quilos de leite por lactação com 3,84% de gordura o que resultou em uma produção total média de gordura de 102,6 quilos.

A frequência da produção total de leite nas 25 lactações foi de:

Produção Leiteira de Fêmeas 1/2 Pardo Suíço x 1/2 Guzerá  
fazenda Santa Anzale, Andradina, São Paulo

Raça	Idade Anos - Meses	Duração lact. (dias)	Produção Total		Kg de Leite/Lact	
			LACTÍFERO	GORDURA		
HEBRANDEIRA	05 - 05	333	4.232,5	362,8	3,93	12,4
MONACARIPA	06 - 05	211	2.882,5	221,1	3,88	13,6
COPIRA	06 - 06	314	4.075,3	352,3	3,98	13,0
COIRO	01 - 08	383	2.722,1	92,8	3,37	14,9
REPLICIA	06 - 06	242	2.177,7	109,8	3,45	13,1
REPLICIA	07 - 08	291	3.828,7	133,0	3,46	13,3
BARROCO	07 - 04	308	3.480,4	246,9	4,26	13,3
SAPOMEIA	08 - 05	150	2.373,1	75,0	3,51	16,8
DISTÍMA	06 - 02	345	1.564,8	110,4	3,88	13,7
DISTÍMA	07 - 12	371	2.416,2	183,4	4,02	11,0
FRANCOZA	03 - 11	479	3.141,8	126,5	3,12	16,3
TRAMPUEIRA	05 - 02	296	2.420,6	105,6	3,75	13,4
NEVEIRA	06 - 06	259	3.212,7	120,0	4,20	12,4
NEVEIRA	07 - 05	300	2.071,4	80,6	4,27	10,1
ILUSIONISTA	01 - 05	353	3.035,0	100,0	3,65	12,4
SAVADUEIRA	06 - 01	228	3.989,4	61,8	3,74	4,7
MELGA	12 - 01	143	1.314,3	58,5	3,96	8,9
MELGA	03 - 02	320	1.921,8	58,7	2,15	8,1
CRANICA	06 - 01	283	3.823,5	324,5	4,13	10,0
HAZENHO	07 - 02	328	3.543,4	303,0	4,01	11,2
BALENEIRA	04 - 01	158	2.230,4	85,7	3,88	14,8
EVANGELINA	05 - 02	197	1.822,3	49,0	3,78	7,3
MARCELA	08 - 03	178	1.711,0	62,3	3,63	14,8
MOLLEIA	11 - 02	149	1.341,0	45,7	4,90	9,5
MÉDIA		331	2.670,7	107,6	3,84	11,7

LITROS DE LEITE POR LACTAÇÃO DAS 9 VACAS COM 2 LACTAÇÕES = 11,5 REZES

18 lactações = 18

7 lactações = 7

25 lactações = 25

Produção Total de lactações (quilos)	Nº DE ANIMAIS	FREQUÊNCIA
abaixo de 4000	3	8%
3500 a 4000	4	16%
3000 a 3500	8	32%
2500 a 3000	7	28%
2000 a 2500	3	12%
1500 a 2000	4	16%
menor de 1500	2	8%
TOTAL	25	100%

A duração média das lactações foi de 228 dias (7 meses e 18 dias) com a máxima de 333 dias e a mínima de 116 dias.

A produção média diária de leite foi de 11,7 kg; com um máximo de 16,6 kg e um mínimo de 8,0 kg de leite.

A frequência da produção média diária foi a seguinte:

KG DE LEITE	Nº DE ANIMAIS	FREQUÊNCIA
8 a 11	8	32%
11 a 14	17	68%
14 a 17	4	16%
TOTALS	29	100%

A maior frequência, maior número de animais, concentrou-se na média de 11 a 14 litros com 52%, conforme consta a seguir:

As médias obtidas foram altamente significativas pois a média mundial de produção de leite por lactação é de 1926 quilos e média brasileira é de 734 quilos.

O intervalo entre partos das nove fêmeas que tiveram duas lactações controladas foi de 13,5 meses, quando no Brasil se considera altamente satisfatório para as raças puras a média de 14 meses.

Chamamos a atenção para longevidade desses animais, tivemos 3 lactações com mais de 10 anos ou seja: 11 anos e 1 mês, 11 anos e 02 meses e 12 anos e 03 meses.

Devemos destacar ainda a grande rusticidade desses animais 1/2 Pardo Suíço (Schwy) X 1/2 Guzerá e a baixa exigência alimentar dos mesmos, produzindo leite de maneira altamente econômica.

Outro fator foi a docilidade dos mesmos ao manejo e a ordenha.

# REVISTA DAS REVISTAS ZOOTÉCNICAS

REDATOR: L. PACHECO JORDÃO  
— CRMV-4 — 0322

N.º 120 — DEZEMBRO DE 1985 — ANO X

## SUINOCULTURA BOVINOCULTURA E GADO LEITEIRO

### SUMÁRIO

- SUINOCULTURA
  - Exame de sêmen
  - Melhoramento genético de suínos
  - Seleção para características de suínos
- VARIOLA DOS BÚFALOS — DOENÇA MORTÍFERA
- FISILOGIA AMBIENTAL DOS BÚFALOS E BOVINOS
- NUTRIÇÃO E FERTILIDADE DO GADO LEITEIRO

### COMO EXAMINAR O SÊMEN DE UM SUÍNO

A qualidade do sêmen porcino tem grande influência no tamanho e índice das leitegadas. A importância do sêmen de boa qualidade é freqüentemente subestimada. Sem essa característica, não se obtêm bons resultados na suinocultura. Portanto, é de maior importância o exame preliminar do sêmen.

O sêmen produzido por um cachaço deve ser de alta qualidade, a fim de obter bons resultados na fertilização. É possível avaliar um reprodutor de acordo com a qualidade de seu sêmen. O sêmen ejaculado é examinado não só para as características que o distinguem, como para medir atributos mediante instrumentos sensíveis.

Após a coleta, o sêmen é passado através de um filtro de gaze. A massa resultante, semelhante à tapioca, fica retida na gaze e o conteúdo líquido é então examinado.

São avaliadas primeiramente três características descritivas:

1. **Odor.** O sêmen normal do porco tem cheiro nauseante. Quando há infiltração de líquido preputial, o sêmen pode ter mau odor. A coleta provavelmente não foi feita adequadamente e por isso deve-se tomar para exame uma nova amostra.

2. **Quantidade.** Um cachaço pode produzir uma grande quantidade de sêmen, variável normalmente de 150 a 350 ml.

**Cor.** Dependendo da concentração de espermatozoides, o sêmen tem um aspecto leitoso ou aquoso.

Uma vez feito o exame sob esses três aspectos o sêmen é, depois, examinado ao microscópio e em medidor de densidade.

**O medidor de densidade.** Este medidor registra a concentração de espermatozoides no sêmen (ver a ilustração). Uma quantidade fixa de sêmen, por ex. 0,1 ml é transferida mediante uma pipeta para um tubo contendo 7,4 ml de um líquido claro. Faz-se a mistura de ambos e o tubo é colocado no medidor. O feixe de luz é seccionado e isso é medido segundo um critério que dá a densidade do sêmen. Quanto maior o número de espermatozoides, maior é a luz retirada. Calibrando-se antecipadamente o aparelho, a concentração do sêmen pode ser rapidamente determinada. Com base nesta operação simples foi compilado um índice no qual a quan-

# ivomec<sup>®</sup>

(ivermectin, MSD)

## injetável



**Reduz o número  
de tratamentos**

**Mata mais  
parasitas**

**Controla por  
mais tempo**

TABELA DE DOSAGEM	
PESO KG	VOLUME DA DOSE ML
Até 50	1
51-100	2
101-150	3
151-200	4
201-250	5
251-300	6
301-350	7
351-400	8
401-450	9
451-500	10
501-550	11
551-600	12



**APRESENTAÇÃO:**  
'Ivomec' é apresentado  
em frascos contendo:  
50 ml - 200 ml - 500 ml

**MSD-AGVET** 

DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME  
Química e Farmacêutica Ltda.

SÃO PAULO, Av. Brig. Faria Lima, 1.815-27 andar - CEP. 01451-100 - Tel. (011) 814-5296-99

tidade de concentrado, em conexão com a intensidade luminosa, é estabelecida. A concentração do sêmen pode ser determinada mediante consulta a esse índice.

O microscópio. Uma lâmina aquecida é usada para o exame microscópico. O material é examinado sob dois aumentos diferentes. A objetiva e a ocular formam em conjunto, um fator de magnificação

Quadro 1. Aumentos proporcionados pelo microscópio

Objetiva	Ocular	Aumento
40 X	10 X	400 X
100 X	10 X	1 000 X

A objetiva 40 X. Para obter este aumento coloca-se uma pequena gota de sêmen na lâmina e cobre-se o material com uma lamínula bem delgada. Os espermatozoides aumentados 400 X e podem ser vistos separadamente. A porcentagem de zoospermas dotados de bom movimento é estimada. O sêmen bom contém 60-80% de espermatozoides móveis.

Objetiva 100 X. Mais informações concernentes aos espermatozoides podem ser obtidas estimando-se uma pequena gota de sêmen, misturada com material corante, como uma película sob uma lamínula. Eles estão agora estacionários. A fim de eliminar a refração do ar, coloca-se uma gota de óleo na lamínula. Os espermatozoides aumentados 1000 X podem ser estudados mais cuidadosamente, ou seja, morfológicamente. São examinados individualmente 200 espermatozoides, o que propicia achados mais exatos.

Discussão. Estes testes são necessários com o fim de avaliar a qualidade do esperma. As conclusões corretas somente podem ser feitas se também forem levados em consideração os seguintes fatores:

- idade do cachão
- intensidade das coberturas antes do exame
- raça do cachão

Havendo qualquer dúvida sobre a exatidão dos dados obtidos, torna-se aconselhável repetir os exames. Somento então, pode-se determinar com elevado grau de certeza se o reprodutor em questão está apto para a cobertura. É certo, no entanto, que os exames sistemáticos podem contribuir consideravelmente para os melhores resultados possíveis.

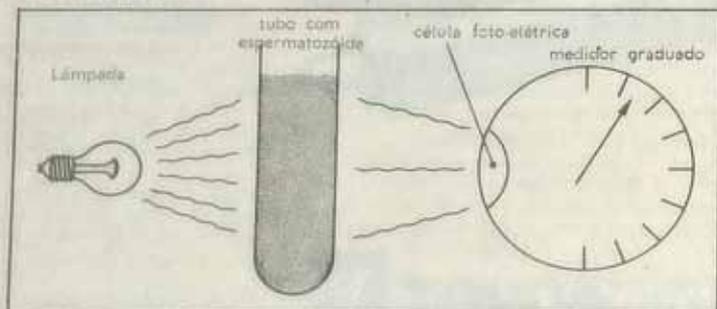


Figura 3. Princípio do medidor de densidade

— van Gemert, W. — Take a closer look at boar semen. Pigs- an int. mag. on pig keeping, Holanda (fev): 6-7, 1985.

Nota da R.: W. van Gemert pertence ao Animal Service of Gelderland, Rosendaal, Holanda.

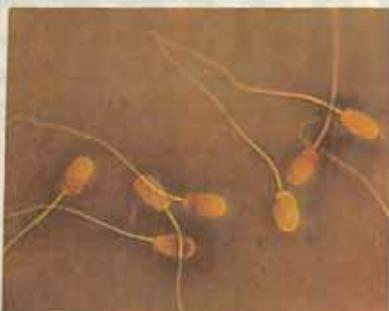


Figura 1. Espermatozoide normal — Ele tem a forma de uma colher, vista de cima. A cabeça é envolvida por uma orla espessa. Este envoltório da cabeça forma uma espécie de coifa ou capuz em torno do espermatozoide. Sob o envoltório da cabeça estão enzimas que asseguram que a cabeça real possa penetrar o óvulo. Esta cabeça contém as características genéticas. Ligada à cabeça acha-se uma longa cauda que exerce importante papel na movimentação do espermatozoide.



Figura 2. Após a coleta o sêmen é passado através de um filtro de gaze. O conteúdo líquido deve ser examinado.



Figura 4. O espermatozoide aparece como tendo um caroco na orla da cobertura da cabeça. Esta anomalia é grave — muitos espermatozoides a mostram; podemos admitir que o cachão é menos fértil ou totalmente infértil.



Figura 5. Um espermatozoide com a cauda enrolada. Defeito que constitui importante obstrução às tentativas de penetração do espermatozoide no útero. Em competição com outros, este espermatozoide certamente perde.



Figura 6. Uma mancha branca bem sob a cabeça do espermatozoide. É a chamada gota protoplasmática, mostrando que a maturação sofrida no epidídimo ainda não se completou.



Figura 7. Espermatozoide com duas cabeças e uma só cauda não são encontrados com frequência. Evidente que não infértil.

# O melhoramento genético dos suínos inicia-se com a seleção adequada

— A seleção é um meio óbvio para obter o melhoramento genético das raças porcinas. Todavia, há vários fatores que a influenciam. Com o propósito de fazer a escolha de diferentes métodos de seleção, necessitamos conhecer os fatores responsáveis pelo seu sucesso. —

O melhoramento genético dentro das raças somente pode ser alcançado por meio da seleção. Seleção, escolha, é o ato de verificar aqueles animais que possuem ser pais dos indivíduos da próxima geração e que, de acordo com o criador, tenham valor reprodutivo mais elevado.

A informação sobre o valor reprodutivo pode ser obtida mediante:

- prova de desempenho
- prova com irmãos perfeitos
- prova de progênie

Que fatores influem no melhoramento genético? Com o intuito de aumentar nossos conhecimentos sobre os "prós" e os "contra" de diferentes métodos de seleção, necessitamos saber que fatores são responsáveis pelo êxito da seleção. Isso é mostrado na seguinte equação:

$$\text{Melhoramento genético por ano:} \\ \text{Intensidade da seleção} \times \text{Exatidão da} \\ \text{seleção} \times \text{Variação genética}$$

## Intervalo de geração

O melhoramento genético por ano (= resposta da seleção) aumenta se selecionarmos mais intensamente e/ou mais cuidadosamente e também se há maior variação genética e diminui o intervalo de geração. Uma dissertação sobre o significado destes fatos é feita a seguir:

## Intensidade da seleção

A intensidade da seleção é a porcentagem de animais testados e serem usados para reprodução. Quanto menor essa porcentagem, mais elevada é a intensidade da seleção e mais rápido o melhoramento genético da população.

Infelizmente não podemos aumentar a intensidade da seleção ilimitadamente, porque as estações de provas de reprodutores são empresas mais do que dispendiosas, de sorte que sua capacidade tem de ser mantida dentro de certos limites.

Há um segundo fator que limita a intensidade da seleção. Trata-se do número de reprodutores jovens anualmente necessários para substituir os animais descartados do rebanho de multiplicação. A proporção entre o número de reprodutores que podem ser testados anualmente (S) e o número de indivíduos a serem substituídos por ano (R) pode ser denominada a capacidade de testagem (C); consequentemente,  $C = S/R$ .

É evidente que, aumentando a capacidade da estação de testagem, resulta em maior intensidade de seleção, mas uma expansão dessa estação pode ser dispendiosa. A capacidade de testagem (C) também pode ser aumentada mediante diminuição do fator R. Isto é possível concentrando a seleção somente em cachorros, porque o número desses reprodutores a serem substituídos anualmente é muito menor do que o do número de porcas.

O número de cachorros pode ser consideravelmente reduzido se a inseminação artificial for aplicada em larga escala. Isto aumentará a intensidade da seleção substancialmente.

O número de cachorros reprodutores necessários também pode ser diminuído se a seleção puder ser limitada a um número de criadores qualificados. No presente momento isso é a prática geral em alguns países. Um grupo de criadores de vanguarda pode vender a progênie de seus cachorros testados e aprovados a outros criadores. A capacidade de testagem com este sistema fechado é mais elevada que em um sistema aberto.

Quanto menor o núcleo de criadores, maior é a intensidade da seleção. Todavia, o grupo deve ser suficientemente amplo para suprir um número em condições de filhos de cachorros testados a outros criadores e para manter o risco da consanguinidade em o menor grau possível.

## Apuro da seleção

Este fator indica como pode ser determinado acuradamente o valor reprodutor dos animais e depende, entre outras coisas, da herdabilidade ( $h^2$ ) das características. A herdabilidade é a parte das diferenças observáveis entre animais, devida a diferenças em valor reprodutor; em outras palavras é a porção selecionável da variação total. Quanto mais alta a herdabilidade, mais acurada será a determinação do valor reprodutor. A  $h^2$  pode ser aumentada mediante a conservação do ambiente em condições o mais constantes possíveis.

O apuro da seleção depende também das relações de família entre os animais testados e os animais usados para reprodução. A determinação de conversão alimentar dos futuros reprodutores é, em si, mais exata que a dos companheiros de leitgada de um descendente. Naturalmente

te a exatidão pode ser aumentada testando-se mais do que uma leitgada ou mais do que um descendente, mas isso terá efeitos contra a intensidade da seleção.

## Variação genética

A variação genética indica a variação de genótipo encontrada na raça e está intimamente conectada com a mencionada herdabilidade. Quanto maior a variação genética, maior a resposta da seleção. A variação genética da maior parte das características econômicas é ainda muito grande na população porcina de muitos países tropicais, de sorte que a seleção pode produzir um melhoramento substancial.

## Intervalo de geração

Este intervalo significa o número de anos, em média, entre duas gerações seguintes. Nos suínos é, em média, de cerca de 2,5 anos. Quanto mais breve o intervalo, mais elevado é o melhoramento genético obtido por ano. Há uma interdependência entre o intervalo de geração e a intensidade da seleção. Uma grande diminuição do intervalo de geração significa que mais animais precisam ser substituídos anualmente e isso poderá diminuir a intensidade da seleção.

Pelo que se segue é evidente que a resposta ótima à seleção pode ser obtida mediante um acordo mútuo entre a intensidade de seleção, o seu apuro e o intervalo da geração.

Mui frequentemente tem-se dado atenção ao apuro da seleção e a intensidade é, por outro lado, bem negligenciada.

Na seleção de características que podem ser medidas em animais vivos, a testagem do desempenho dá uma resposta à seleção mais elevada do que as provas efetuadas com irmãos perfeitos e os testes de progênie. Contudo, para as características que somente podem ser medidas em animais mortos, após o abate, a testagem do desempenho não pode ser utilizada e então as provas com irmãos perfeitos são mais eficientes do que a testagem do prole.

## Provas de desempenho

Este método de testagem é baseado no registro de características do futuro reprodutor propriamente dito. Portanto ele é, às vezes, denominado seleção individual. Como já mencionado, o teste de desempenho somente é utilizável para ca-

racterísticas que podem ser medidas no animal vivo. São, por exemplo, o ganho de peso diário, a conversão de alimentos e a conformação, mas também é possível mensurar a espessura do tocinho dorsal in vivo com equipamento ultrassônico. A determinação da referida espessura no indivíduo vivo dá uma boa estimativa do teor de carne total da carcaça (a correlação é de 0,70).

#### Testagem com irmãos perfeitos

Esta é a seleção de futuros reprodutores baseada no desempenho de seus irmãos completos ou perfeitos, testados e sacrificados. O grupo a testar será constituída por uma amostra representativa de toda a leitegada. Quanto menor o grupo, maior será a chance de "viciosidade" da amostra. Se a melhor parte da leitegada é testada, o resultado será uma super estimativa do valor reprodutor de seus companheiros de ninhada.

Uma desvantagem da prova com irmãos perfeitos é a correlação ambiental entre eles, porque são produzidos e criados no mesmo meio (efeito materno). Isso introduz diferenças de ambiente sistemáticas entre as leitegadas e conseqüentemente diminui a determinação do valor reprodutor.

Mas uma vantagem deste método de testagem é a possibilidade de ter mais do que um companheiro de leitegada macho disponível para reprodução.

O número mais eficaz de animais no grupo de testagem depende da herdabilidade das características e da capacidade de testagem (C). Na seleção do ganho de peso diário ( $h^2 = 0,30$ ), a conversão alimentar ( $h^2 = 0,35$ ), as características de qualidade da carcaça ( $h^2 = 0,50-0,60$ ) e com uma capacidade de testagem ( $C = 13-25$ ), o número de animais mais eficaz em um grupo de prova é 3 irmãos perfeitos. Com uma capacidade de testagem de  $C = 25-60$ , ele será de 4 irmãos perfeitos e com  $C = 60$  serão 5 irmãos perfeitos.

#### Testagem combinada

É uma combinação de provas de desempenho e de irmãos perfeitos, mediante a qual os futuros reprodutores são testados juntamente com um ou mais de seus parceiros de leitegada machos castrados e/ou fêmeas; os castrados e as fêmeas serão sacrificados ao término do período de testagem. Em geral recomenda-se manter o número de irmãos perfeitos por cachão a ser provado tão baixo quanto possível e nunca superior a dois por cachão testado.

#### Prova de progênie

Com este método de testagem os pais são selecionados com base no desempenho de sua prole. O teste de progênie

oferece sérias desvantagens, devidas mormente à baixa intensidade de seleção e ao elevado intervalo de geração.

É patente, pelo que se viu, que para as mais importantes características econômicas a prova de desempenho de cachãos novos dá o mais elevado melhoramento genético por ano.

#### Crítérios de seleção

Antes de adotar um programa de reprodução é necessário ter objetivos claros. Assim é imperioso decidir sobre que características são importantes e quais as que não são. Em havendo 10 características independentes a serem escolhidas, o cachão com resultados acima da média em todas as características será 1 em 100, mas se a seleção visar 2 características somente o cachão que der resultados acima da média em ambas as características será 1 em 4, somente.

Não se pode negar que os suínos são criados para produzir lucro. Se isso é certo, será possível definir certos objetivos imediatos.

#### Seleção para que característica?

A característica econômica mais importante a ser aprimorada é o **desempenho reprodutivo**, mas, infelizmente, dificilmente pode-se obter qualquer melhoria

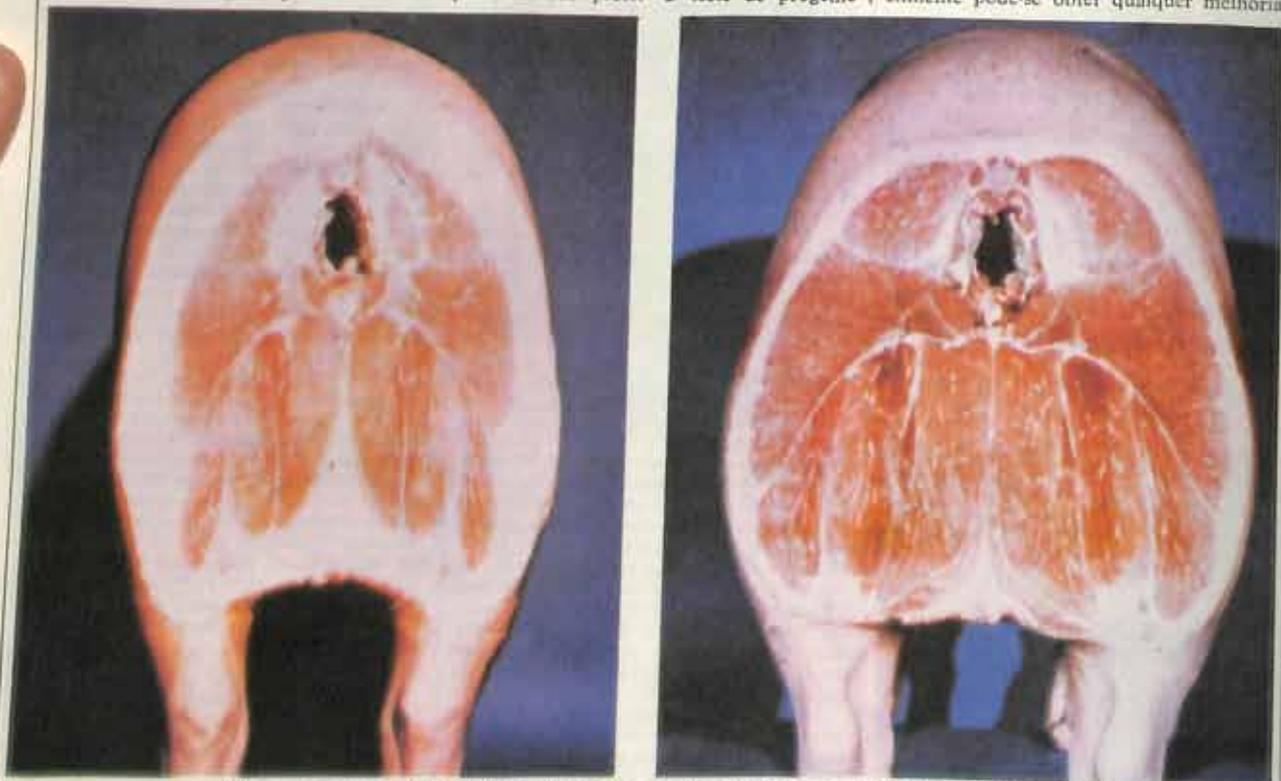


Fig. 1: Uma característica muito importante é a proporção de carne magra/gordura da carcaça. Não há necessidade de dizer que o corte de carcaça à esquerda é muito mais gordo que o da direita onde há predominância de carne magra, procurada na seleção.



Fig. 2. A mensuração ultrassônica da gordura do dorso (16"), consome muito tempo.

nessa área, dentro das raças, porque sua herdabilidade é baixa ( $h^2 = 0,15$ ). O melhoramento do manejo e da nutrição e o cruzamento de raças puras constituem o melhor caminho para aumentar o desempenho reprodutivo.

A característica seguinte, em termos de importância econômica, é a **eficiência da conversão alimentar**, definida usualmente como o número de unidades alimentares necessárias para obter um kg de ganho em peso vivo, durante os períodos de crescimento e engorda. A  $h^2$  dessa característica flutua ao redor de 0,30 e a seleção pode ter, conseqüentemente, uma resposta razoável. Porém, a determinação da conversão alimentar individual requer instalações especiais e isso é dispendioso.

Afortunadamente, a conversão de alimentos está bem correlacionada com o ganho diário, que pode ser determinado mediante método barato e fácil, mesmo na fazenda.

Outra característica muito importante é a **relação carne:gordura das carcaças** que tem uma herdabilidade relativamente elevada ( $h^2 = 0,50-0,60$ ). A determinação exata da referida relação é muito dispendiosa e portanto limitada ao registro de peso dos cortes de carne importantes e de



Fig. 3. Hoje a mensuração da gordura do dorso pode ser feita facilmente enquanto o animal come sua ração.

mensurações da carcaça, da espessura do tocinho dorsal, o que é possível, naturalmente, somente em testes de irmãos perfeitos e da progênie. Um importante progresso durante os anos 60 foi a introdução de um equipamento ultrassônico para mensuração da espessura da camada de gordura do dorso em animais vivos, capacitando a inclusão da qualidade da carcaça no índice de seleção, no teste de desempenho de reprodutores jovens.

Duas correlações importantes e valiosas para serem utilizadas na prática devem ser também mencionadas. Primeiramente, a correlação negativa entre a espessura do tocinho dorsal e a relação carne magra/gordura da carcaça e, em segundo lugar, a correlação positiva entre a referida espessura e as unidades alimentares necessárias para obter um kg de ganho em peso vivo.

É claro, pelo que foi dito, que para um programa de reprodução eficiente, desejando um aumento da lucratividade da produção porcina, o ajuste mais benéfico entre a resposta da seleção e os custos da seleção é a escolha de animais dotados de crescimento mais rápido e com menos gordura no dorso. Isto porque:

- a. Os animais que crescem mais depressa requerem menos alimento por kg de carcaça do que os que crescem lentamente; e,
- b. Menos gordura dorsal significa mais carne magra e menos alimento por kg de carcaça; e,

Deverão contar com fundos para levar avante um programa zootécnico eficiente, com melhoramento genético rápido de suínos de raça pura. A cooperação deve ser feita entre um número limitado de suinocultores a fim de estabelecer um núcleo de criadores. Na seleção dos criadores para constituir o núcleo a Comissão considerará:

1. O tamanho do rebanho. Dar-se-á preferência aos rebanhos maiores, porque eles podem manter mais porcas, de sorte que haverá mais proles testadas por cachão, e a contribuição para o melhoramento genético geral será maior do que com rebanhos pequenos.
2. A qualidade do plantel de reprodução (conformação, constituição, qualidades dos pés e pernas, etc.).
3. As condições sanitárias da fazenda.
4. Os cuidados dispensados ao manejo pelo criador.

A fim de interessar alguns criadores como membros do núcleo e refreá-los na prática de cruzamentos, pode ser necessário propiciar-lhes inicialmente algum incentivo financeiro. Portanto, um simples contrato entre o membro do núcleo e a Comissão pode ser firmado para determinar direitos e deveres. Uma vez escolhido um criador para o núcleo, ele poderá ser substituído por outro se deixar de atender aos padrões exigidos para seu grupo.

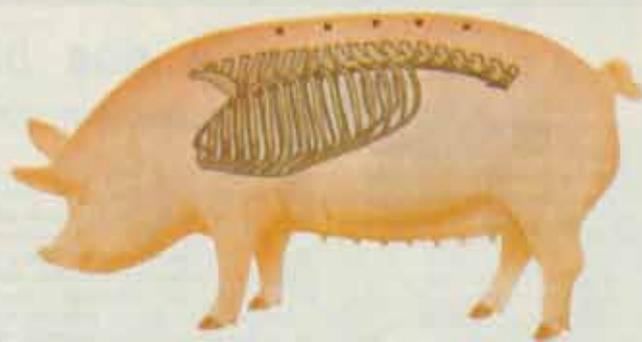


Fig. 4. A espessura da gordura dorsal pode ser medida em 4 lugares, cada qual a 5 cm da linha mediana do dorso. Os locais dos 4 pontos de mensuração devem ser os mesmos para cada suíno. O ponto 1, embora não usado na mensuração, deve ser fixado perpendicularmente acima da ponta do cotovelo e o ponto 4 acima do bordo da última costela. É usado um terço da distância entre o ponto 1 e o ponto 4 para encontrar os locais dos pontos 2, 3 e 5. Somente os pontos 2, 3, 4 e 5 da gordura dorsal são objeto de mensuração e propiciam uma média representativa da espessura da camada de toucinho sobre o dorso.

c. A taxa de crescimento e a espessura da gordura no dorso podem ser determinadas economicamente, em larga escala, capacitando uma elevada intensidade de seleção.

#### Programa nacional de reprodução

A supervisão e responsabilidade de um programa de reprodução de suínos e sua aplicação na prática deverão ser feitas por uma Comissão Nacional Permanente.

#### Estação de testagem de cachãos

Somente os membros do núcleo poderão fazer uso da Estação de Testagem. É recomendado que ela tenha um sistema de ocupação contínua a fim de testar os cachãos novos do maior número possível de boas leitegadas. Isso faz necessário fazer comparações contemporâneas dos resultados.

Com uma lotação de 300 suínos por ano, 6 cachãos por semana podem ini-

ciar e 6 terminar o teste, em média. A fim de comparar um lote de 30 cachos ao mesmo tempo, indica-se que duas semanas após o término do teste a seleção está feita. Os 6 animais que terminam o teste em certa semana podem ser então comparados com os cachos que deixaram a Estação no período de 5 semanas (ver o diagrama 1).

**Teste de desempenho na fazenda**

Numerosos suinocultores podem ser ajudados na execução de testes de desempenho de matrões e cachos jovens em suas fazendas. Os animais serão pesados e registradas as espessuras do tocinho dorsal em idades variáveis de 5 a 8 meses. O peso do animal testado será dividido pelo número de dias do nascimento até a data da prova, o que dá o ganho diário médio. A espessura do tocinho sobre a região dorsal pode ser medida com um equipamento ultrassônico. O ganho diário e a espessura do tocinho dorsal precisam ser ajustados à idade. Este ajuste somente é possível após uma coleta de dados suficientes em cada grupo diário, mas, inicialmente, podem ser usadas tabelas de correção para este propósito.

Ambas as características podem ser combinadas no índice de seleção, após terem sido transferidas para uma escala de 0 a 100. Isto é mostrado no diagrama 2.

Especialmente em populações suínas com considerável variação genética, a pro-

va de desempenho na fazenda propicia um rápido melhoramento genético. Agora os dois parâmetros econômicos a serem determinados (ganho diário e espessura do tocinho no dorso) deve-se atentar para a qualidade da conformação e dos pés. — Kroeske, D. — Genetic improvement starts with proper selection. Pigs-an int. mag. on pig-keeping, Holanda (fev): 8-11, 1985.

Nota da R.: D. Kroeske é antigo chefe da Produção Animal da F.A.O.

**Diagrama 1**

Categoria I	10%	Superior
Categoria II	40%	
Categoria III	25%	
Categoria IV	25%	Inferior

**Categ. I:** Os cachos com os melhores desempenhos incluem 10% do total. Os animais deste grupo serão selecionados como "cabeceras" para os rebanhos núcleos.

**Categ. II:** Os cachos cujos desempenhos se enquadram neste grupo incluem 40%. Servem para a reprodução de rebanhos puros, fora do núcleo.

**Categ. III:** Cachos com desempenhos bem abaixo da média; incluem 25% dos porcos. Podem ser vendidos a pequenos criadores para cruzamentos.

**Categ. IV:** Os cachos com desempenhos abaixo das do grupo III incluem os 25% restantes. Devem ser sacrificados.

**Diagrama 2**

Ganho diário g/dia	100 pontos	Tocinho dorsal pontos	35 mm
700	100	0	35
	90	10	
600	80	20	30
	70	30	
500	60	40	25
	50	50	
400	40	60	20
	30	70	
300	20	80	15
	10	90	
200	0	100	10

Neste diagrama admite-se que os extremos do ganho diário são 200 e 700 gramas por dia e que as espessuras do tocinho dorsal são 10 e 35 mm. O índice de seleção de um chacho ou marrã extremamente bons, com ganho diário de 700 g e 10 mm de tocinho dorsal, será:

$$I = \frac{100 + 100}{2} = 100$$

Um animal com ganho diário de 600 gramas e 20 mm de tocinho dorsal tem:

$$I = \frac{80 + 60}{2} = 70$$

Um chacho com taxa de crescimento de 450 gramas por dia e 22,5 mm de tocinho dorsal tem o índice:

$$I = \frac{50 + 50}{2} = 50$$

## Variola dos búfalos

— uma doença específica dos búfalos indianos

O búfalo indiano (*Bubalus bubalis*), um dos mais produtivos entre os animais domésticos, está substituindo, rapidamente, os bovinos em alguns países, com um constante aumento de seus números. Hoje, a população bubalina do mundo totaliza cerca de 150 milhões de cabeças, em quarenta países. Até agora desprezado, há um crescente interesse mundial por ele, nas últimas décadas, com muito potencial para o futuro. O aspecto sanitário dos búfalos tem atraído maior atenção agora do que nunca antes, com um comércio internacional de animais para reprodução em expansão, estabelecimento de rebanhos em novos países e práticas de criação intensiva.

Os búfalos são suscetíveis a muitas infecções, tais como os bovinos, que podem ou não diferir quanto à manifestação e incidência das doenças. Contudo, certas moléstias parecem ser específicas dos búfalos, entre as quais a variola (buffalopox) que é mortífera, causando sérias perdas econômicas.

Neste artigo faz-se um resumo dos conhecimentos básicos e clínicos sobre esta doença.

Nos primórdios dos anos 50, a variola dos búfalos foi descrita sob vários nomes,

tais como variola-vaccinia, variola, cow-pox-variola e vaccinia. A doença foi reportada no Egito, Índia, Indonésia, Itália, Rússia e Paquistão. É de natureza zoonótica, porquanto o homem pode infectar-se mediante contato com búfalos ou materiais infectados. As lesões são principalmente confinadas às mãos, pulsos, dedos, com ou sem inchaço dos gânglios regionais e febre (Baxby & Hill, 1971). Segundo o conjunto de peritos da Comissão de Zoonoses da FAO/WHO (1967) a variola bubalina foi enrolada como doença zoonótica importante, confinada à criação de búfalos em partes do mundo.

**Agente etiológico**

A buffalopox foi considerada como causada pelo vírus da vaccinia ou variola bovina (cow-pox) devido à sua estreita proximidade clínica com a infecção pelo agente da variola bovina, até o isolamento e caracterização de seu agente causador (Singh & Singh, 1967), como uma entidade distinta, pertencente ao sub-grupo da variola-vaccinia dos vírus da variola. O vírus tem a forma de um paralelepípedo ou tijolo, com um revestimento lipídico, uma simetria complexa e não se

sabe se apresenta uma torção única ou dupla. O tamanho do vírus maduro varia de 280-330 nm x 200-25 nm (Bloch & Lal, 1975). Desde sua demonstração como entidade distinta da vaccinia e variola bovina, ele foi denominado vírus da vacina do búfalo que é membro do gênero orthopoxvirus, sub-família chloordoxvirinae ou família poxviridae (Fenner, 1979).

**Caracteres virais**

**Físico-químicos:** O vírus contém proteínas, lipídeos e DNA; contudo, a quantidade de cada constituinte não pôde ser estabelecida mediante análise química direta. O vírus é termo-lábil e as características de laboratório sugerem a existência de proteínas e lipídeos na superfície do vírus. Há uma diferença na composição química das superfícies dos vírions de vacina bubalina e de vaccinia (Hills e cols., 1972). O vírus é sensível ao cloroformo e sais biliares, mas resistente ao éter a frio. O desoxicolato de sódio, o glicolato e o taurocolato de sódio exercem semelhantes graus de depressão na infectividade. Não foi observada a estabilização catiônica (Mg++) ao valor (Baxby & Hill, 1969; Singh & Singh, 1967).

**Crescimento:** O vírus cresce bem na cório-alantóide de embriões de pintos de 12 dias de idade (Singh & Singh, 1967) e produz inúmeras pústulas grandes, salientes ou achatadas, brancas ou acinzentadas, não hemorrágicas, 48 a 72 horas após a inoculação. As pústulas são maiores que as da varicela e ectromelia e sem o caráter hemorrágico das produzidas pela varíola bovina. A temperatura teto produzida por este vírus (Baxby & Hill, 1971) na alantóide de embrião de pinto foi de 38,5°C. O vírus pode crescer em fibroblastos de embrião de pinto, células RK-13 e HeLa (Lal & Singh, 1977). O efeito citopático típico inclui a perda da forma normal e da formação de sincícios, formação de grumos e granularidade no citoplasma, arredondamento e tendência para formar agrupamentos (cachos). Os antígenos virais têm sido detectados sequencialmente logo após seis horas da infecção em fibroblastos de embriões de pinto, empregando técnicas imunocitoquímicas (Kraushik & Pandey, 1981) e imunoenzimáticas (Grover & Pandey, 1980). A titulação do vírus pode ser efetuada convenientemente em cultura de células cório-alantóides de embrião de pinto e de camundongos lactentes. Contudo, o título do vírus propagado em cório-alantóide foi considerado mais elevado (Bansal & Singh, 1974) do que o vírus adaptado à cultura de células. O vírus multiplica-se bem na pele escarificada do coelho e bezerros búfalos experimentais e não o faz na pele escarificada de bezerros zebus, galináceos, camundongos, ratos, hamsters, carneiros e cabras (Singh & Singh, 1967).

**Antigênica:** Os componentes antigênicos destes vírus são de natureza complexa. Contém quatro principais antígenos-proteína-solúveis (IS), antígenos nucleoproteínas (NP), antígenos hemaglutinina (HA) e o fator responsável pela infectividade. Nove antígenos foram detectados pela imunodifusão por vírus parcialmente purificados (Kataria & Singh, 1970; Lal & Singh, 1973).

**Sorológica:** Há uma estreita relação entre os vírus da varíola bubalina, vaccinia e varíola bovina (Lal & Singh, 1973). O vírus não se relaciona sorologicamente com os da varíola ovina e caprina. Não obstante, o grupo de antígenos comum (NP) reage com os antissoros dos vírus das varíolas ovina, suína e aviária.

#### Os hospedeiros

A varíola do búfalo é comparativamente específica na espécie, porquanto tem sido encontrada somente em búfalos confinados naturalmente, a despeito de outras espécies de animais ficarem em estreito contacto com búfalos infectados. Experimentalmente, os bezerros búfalos, coelhos, cobaias e camundongos lactentes (Droga e cols., 1978) podem ser infectados. Os camundongos aleitantes constituem um modelo adequado para diagnóstico e investigações. As galinhas, bezerros zebus, ovinos, caprinos, ratos e hamsters são refratários à infecção pelo vírus da varíola do búfalo (Singh & Singh,

1967). Este vírus pode infectar o homem, particularmente os ordenhadores, através do contacto com búfalas e materiais infectados.

#### Características clínicas e patogênese

Epizootias de varíola em búfalos ocorrem particularmente sob formas generalizada ou localizada, durante os meses de inverno. As lesões típicas são vistas nas tetas, úbere, partes internas médias das coxas e, em poucos casos, no espaço interdigital, lábios e narinas. Mas na forma generalizada as lesões típicas da varíola sob várias fases estão presentes sobre todo o corpo. O engrossamento das tetas, a estenose do ducto do leite e a mastite são seqüelas comuns desta infecção. As lesões também têm sido citadas confinadas à aurícula, conjuntiva e córnea, sem envolvimento do úbere, tetas e outras partes do corpo. Na forma localizada, as lesões são mais proeminentes no úbere, tetas e partes internas das coxas. Entre os bezerros lactentes, as lesões podem ser notadas em torno do focinho, olhos e outras partes da face. Em alguns bezerros tem-se observado gengivite purulenta e abscessos que podem ter ocorrido em decorrência de infecções bacterianas secundárias. As erupções da varíola bubalina raramente registradas (Lal & Singh, 1977), nas partes laterais do corpo e mais altas dos membros anteriores e posteriores, períneo e vulva. No homem, as lesões são usualmente vistas nas mãos, punhos, polegares, com ou sem tumefacção dos gânglios linfáticos regionais e febre (Baxby & Hill, 1971).

O modo de transmissão ao homem e outras características epizootiológicas parecem semelhantes às da varíola bovina. A patogênese da varíola bubalina é típica das infecções virais de varíola. A infecção passa por fases clássicas como: roseolar, papular, vesicular, pustular e descamativa. O modo de transmissão ainda não está bem estudado. O maior contingente de relatos epidêmicos no homem vem da Índia, onde a criação de búfalos constitui a espinha dorsal da pecuária leiteira. As características epizootiológicas detalhadas ainda não foram bem estudadas.

#### Imunidade e imunoprofilaxia

Tanto as respostas celulares como humorais têm sido demonstradas em camundongos lactentes e coelhos infectados experimentalmente com varíola bubalina (J.-L. Raina, 1973; Kaushik & Pandey, 1980). Os experimentos sobre imunidade protetora têm revelado que as imunidades celulares e humorais exercem um papel no restabelecimento de infecções por esta varíola em camundongos lactentes e coelhos. A porcentagem, bem como o número absoluto de linfócitos-T periféricos do coelho têm sido vistos diminuir significativamente durante a fase aguda (Kaushik & Pandey, 1980), desta doença. Sem embargo, não se tem observado em linfócitos-B. Não se notou alteração na concentração de IgG no soro total (Grover &

Pandey, 1980) em bezerros búfalos infectados experimentalmente com varíola bubalina virulenta, mesmo durante a fase de restabelecimento.

Não se dispõe de nenhum agente imunizante apropriado, no presente, contra esta varíola; porém, esta área está presente na mira dos pesquisadores assim como para produzir um meio profilático adequado. O vírus tem sido atenuado após 70 passagens em fibroblastos de embrião de pinto (Droga, 1980) e foi revelado que protege contra a infecção virulenta da varíola do búfalo até um período máximo de 168 dias em coelhos. Até agora a eficácia desta vacina potencial não foi experimentada em búfalos, os hospedeiros habituais. A inativação química do vírus não tem dado resultados encorajadores do ponto de vista imunoprofilático. — Kaushik, Azad K; Grover, Yash, P; Pandey, R. — Buffalo-pox — a specific disease of water buffaloes. *Buffalo Bul.* 2 (4): 3-4 e 14-15, 1983.

**Nota da R.:** Os AA. pertencem ao Departamento de Microbiologia Veterinária, Colégio de Ciências Veterinárias, Universidade Haryana de Agricultura, Hissar, Índia.

#### Mais Carne em Menos Tempo Marchigiana x Nelore



Touros 1/2 sangue Marchigiana x Nelore aos 3 anos, pesando 800 kg em regime de pasto.

#### FAZENDA CERRADO DE CIMA

Itapeva — SP  
Km 266 da Rodovia SP-258

Seleção de Marchigiana PO e Cruzamentos com Nelore  
Venda de Tourinhos e Novilhas 1/2 sangue e 3/4 Marchigiana/Nelore

#### Informações:

Em S. Paulo: (011) 247-8995  
(011) 247-9233  
TELEX: 011-22388

Em Itapeva: 101 — Taquari  
Val R. 24

À noite (0155) 22-1423

# Respostas fisiológicas ao ambiente de búfalos de pântano e bovinos em condições temperadas

Considerando a ampla distribuição no mundo, os búfalos parecem ser adaptáveis a uma larga faixa de ambientes. Muitos pesquisadores têm procurado conhecer o efeito dos fatores climáticos sobre características fisiológicas dos búfalos de rio (ou indianos); entretanto, os estudos sobre os búfalos de pântano (carabaos) são escassos.

O presente trabalho visa rever monograficamente resultados obtidos em três experimentos (I, II e III) levados a efeito durante os últimos 5 anos.

I. Alterações sazonais em resposta fisiológica, constituintes do plasma e quadro sanguíneo

Quatro vacas búfalas e 2 Holsteins, todas não prenhas e secas, foram utilizadas para verificar os efeitos de alterações sazonais na resposta fisiológica, constituintes do plasma e quadro sanguíneo dos animais. A temperatura do corpo (retal), a frequência respiratória e a frequência do pulso foram registradas semanalmente durante um ano. Foram determinados a glicose, proteína total, cálcio, creatinina, atividade da fosfatase alcalina, valor hematócrito, número de glóbulos vermelhos do sangue e número de glóbulos brancos do sangue como constituintes do plasma e quadro hemático.

Os valores mensais médios da temperatura do ar, durante o período do experimento, variaram de 3,2 a 29,3°C (14 ± 2,5°C). Os índices de umidade relativa flutuaram de 63 a 78% (72 ± 2,3%). Os resultados alcançados foram os seguintes:

1. Temperatura do corpo, frequência respiratória e pulsação dos búfalos foram significativamente inferiores às dos bovinos.

2. Foi encontrada uma correlação altamente significativa em búfalos entre as modificações sazonais da temperatura do ar e aquelas da temperatura corporal ( $r = 0,52^{**}$ ); assim como uma correlação parcial ( $r = 0,38^{**}$ ) quando o nível de umidade foi tido como constante. Todavia, não foram encontradas nos bovinos correlações significativas.

3. Embora os coeficientes de correlação entre temperatura do ar e frequência respiratória em ambas as espécies fossem semelhantes (búfalos,  $r = 0,83^{**}$ ; bovinos  $0,73^{**}$ ) os coeficientes de regressão linear (b) da taxa respiratória sobre a temperatura do ar foram calculadas como 0,40 para búfalos e 0,84 para bovinos. Isto sugere menor eficiência da termorregulação em búfalos, especialmente através da via evaporativa da respiração.

4. Os valores médios da glicose, proteína total, valor hematócrito, atividade da fosfatase alcalina e contagem de hemácias, foram mais elevados em búfalos do

que em bovinos. Os níveis de glicose do plasma, tanto em búfalos como em bovinos, diminuíram significativamente, a medida que a temperatura do ar aumentou. O decréscimo do valor hematócrito e do número de hemácias acompanhando a elevação da temperatura do ar em búfalos também foram observados.

II. Alterações sazonais na evaporação respiratória, taxa de sudação e consumo de oxigênio

Quatro vacas búfalas e 4 Holsteins foram usadas. Fizeram-se mensurações da taxa de sudação, perda de umidade por via respiratória e consumo de oxigênio uma vez por mês. A taxa de sudação foi obtida pelo método da taça de suor (Brook & Short, 1950) em dois lugares do corpo (flanco e garupa). O ar inalado foi recolhido em sacos de Douglas e os teores de  $O_2$  e  $CO_2$  determinados. Os resultados auferidos foram os seguintes:

1) Os valores médios anuais da taxa de sudação foram menores em búfalos do que em bovinos. Observaram-se correlações altamente significativas entre a temperatura do ar e a taxa de sudação, em ambas as espécies.

2) O volume respiratório dos búfalos foi menor do que o dos bovinos. Houve uma correlação altamente significativa entre a temperatura do ar e o volume respiratório nas duas espécies.

3) O valor anual médio da perda de umidade por via respiratória em búfalos foi inferior em 25% ao dos bovinos e também menor nas estações mais frias do que nas mais quentes, em ambas as espécies.

4) O volume tidal das búfalas foi mais elevado que nos bovinos, indicando uma respiração mais profunda na primeira espécie.

5) Não se observou diferença no consumo de oxigênio (ml/min/animal) entre búfalos e bovinos. Entretanto, o volume de oxigênio consumido por unidade de ar inalado em búfalos foi maior do que em bovinos. Os movimentos respiratórios mais profundos e mais lentos dos búfalos causou menor volume respiratório. Esta poderia ser considerada uma característica negativa para a termorregulação, devida à baixa evaporação pulmonar sob condições climáticas quentes.

6) Não foi observada uma relação significativa entre o consumo de oxigênio e a temperatura retal. Portanto, pode-se concluir que a labilidade da temperatura corporal observada em búfalos não constitui um mecanismo importante para a adaptação.

III. Efeitos da exposição à luz solar e do resfriamento e tratamentos protetores sobre as respostas fisiológicas

Quatro búfalos e 4 vacas Holsteins foram usadas em experimentos levados a cabo no meio do verão. Elas foram mantidas no estábulo até o meio-dia e depois expostas à luz solar direta por 2 horas; a seguir foram submetidas a 3 tratamentos de refrigeração, da seguinte forma: i) transferidas para a sombra; ii) pulverizadas com água (18°C) mediante mangueira provida de esguicho, por 10 min; iii) deixadas em um tanque para se espojaarem durante 20 min (sendo que para as búfalas, somente, a temperatura da água foi de 25°C). A temperatura corporal, a frequência respiratória e a pulsação foram anotadas a cada 20 minutos, antes, durante e após a exposição. A energia radiante do sol foi de 690 Kcal/m<sup>2</sup>/h. A temperatura do ar externa, durante a exposição, e a umidade interna e externa do estábulo variaram de 34,9-36,0; 32,5-35,0; 55-58% e 55-64%, respectivamente. Os resultados registrados foram os seguintes:

1) O búfalo é mais sensível à exposição à luz solar do que o bovino, o que é mostrado pela maior alteração de sua temperatura corporal e frequência respiratória. O couro escuro e quase desprovido de pelos desse animal pode ser a razão pela qual o búfalo não pode suportar a referida exposição. Os coeficientes de tolerância ao calor (fórmula Ibérica, Rhoads, 1944) foram 54 para as búfalas e 75 para os bovinos.

2) A comparação dos coeficientes de regressão da temperatura do corpo e frequência respiratória, após o tratamento de refrigeração, mostrou que a espojadura é significativamente mais efetiva do que a ducha e que esta é mais significativa do que a sombra.

Os efeitos da exposição à luz sobre a taxa de sudação e o consumo de oxigênio foram determinados em outro experimento em que se usaram 4 búfalas e outras tantas vacas Holsteins, no verão. As taxas de sudação foram medidas antes da exposição, uma hora após seu início e uma hora depois da transferência para a sombra. O ar expirado foi coletado para análises dos teores de  $O_2$  e  $CO_2$ , antes da exposição, no cabo da exposição e 2 h após a transferência para o local sombreado. Os resultados obtidos mostraram que:

3) A perda de água pela superfície do corpo, medida em dois lugares (flanco e garupa), tanto antes como depois da exposição e após o regresso à sombra, não exibiu diferenças significativas entre búfalos e bovinos.

4) O consumo de oxigênio em búfalas e vacas aumentou de 40 e 18%, respectivamente, em relação aos valores iniciais.

O efeito protetor de se cobrir o tronco dos animais com um pano branco de algodão sobre as modificações das respostas fisiológicas foram cotizadas com os obtidos em testemunhos não cobertas de pano, quando os animais foram expostos. O pano tinha 0,35 mm de espessura e a proporção de penetração da energia solar era de 45%, quando a energia de radiação foi de 600 Kcal/m<sup>2</sup>/h. A temperatura do ar, dentro e fora do local sombreado, foi de 28 e 32°C, respectivamente e a quantidade total de energia irradiada durante a exposição foi de 101 Kcal/cm<sup>2</sup>. Os resultados anotados foram os seguintes:

5) As alterações das três respostas fisiológicas foram muito menos pronunciadas no grupo de animais vestidos do que no grupo não coberto de pano: as taxas

de aumento dos coeficientes de regressão (b) no grupo vestido foram de 42% para a temperatura corporal, 30% para a frequência respiratória e 27% para a pulsação dos indivíduos do lote testemunha.

6) Os coeficientes de tolerância ao calor nas búfalas e vacas não cobertas de pano foram 65,5 e 81,3, respectivamente, ao passo que os das búfalas vestidas foi de 82,6 aproximando-se do valor das vacas.

7) A perda de água por evaporação na superfície do corpo em dois lugares (flanco e garupa) não revelou diferenças entre os grupos, vestido e não vestido e entre antes, duas horas após a exposição e duas horas após o retorno à sombra, em ambos os grupos de animais.

8) Na exposição à luz do sol, o volume tidal diminuiu e a hiperpneia (bate-deira) foi notável nas búfalas não vestidas. O volume respiratório do grupo de animais não recoberto foi ainda maior duas horas após o regresso à sombra do que inicialmente. Os resultados mostraram que a proteção do tronco do animal com um pano branco reduz a carga de calor nas búfalas quando expostas diretamente à luz solar.

— Chikamune, Tateki — Comparison of physiological responses to environment in swamp buffaloes and cattle under temperate conditions. *Buffalo Bul.* 2 (4): 5-8, 1985.

Nota de R.: O A. pertence ao Instituto de Agricultura e Silvicultura da Universidade de Tsukuba, Ibaraki-ken 305, Japão.

## Nutrição e fertilidade em gado leiteiro

Nas deficiências e desequilíbrios nutricionais são frequentemente implicadas como causas de infertilidade em bovinos. Se a ração está determinando um efeito adverso na fertilidade, é porque ela se mostra deficiente em mais de um nutriente, o que torna difícil avaliar o efeito de um nutriente específico na fertilidade. Os sinais clínicos observados variam com o grau de deficiência. Por exemplo, uma escassez moderada de energia reduz a fertilidade, ao passo que uma deficiência severa resulta em anestro (falta de cio). A ração tem o maior efeito na fertilidade antes da puberdade, antes e após a cobertura e antes e após a parturição.

Este trabalho sumaria a pesquisa existente sobre as interrelações entre a nutrição e a reprodução em gado leiteiro e se destina a ajudar os criadores e veterinários a identificar e corrigir os problemas nutricionais relacionados com a área da reprodução.

### Energia

— Puberdade. Há uma relação íntima entre a ingestão de energia e o advento da puberdade, tanto em fêmeas como em machos. Em 102 bezerras alimentadas a razão de 62:100 ou 146% dos nutrientes digestíveis totais (NDT), o primeiro cio ocorreu aos 20; 11 e 9 meses, respectivamente. A despeito dessas grandes diferenças de idade, as fêmeas, sob os três níveis de nutrição, pesaram cerca de 273 kg no início da puberdade, sugerindo, assim, que o peso vivo é mais importante que a idade para determinar o momento do estro.

Em 24 bezerras machos alimentadas a razão de 70:100; 115 ou 130 requisitos de NDT, a idade média ao iniciar-se a produção de sêmen foi de 61; 45; 41 e 44 semanas, respectivamente, quando os pesos foram de 238; 292; 307 e 340 kg respectivamente. A produção média de espermatozoides móveis por ejaculado às 80 semanas de idade do grupo de 70% foi somente a metade daquela do grupo com 130%. O nível de ingestão energética não teve efeito na produção de espermatozoides após 112 semanas de idade.

A libido no grupo que recebeu 130% da quantidade de NDT segundo as recomendações do NRC diminuiu após 156 semanas de idade, não havendo diferenças na fertilidade atribuível ao nível de ingestão de energia.

Os sinais clínicos observados em uma deficiência energética são o atraso do início do cio nas novilhas pequenas e magras, com ovários inativos, mais amide observado no fim do outono ou no inverno quando há probabilidade de haver menor suprimento de alimento. A condição pode ser tratada com a ministração de alimentos à vontade, constituída de volumosos de alta qualidade (pastagem, feno, silagem de milho, etc.). Adicionando-se diariamente 2,27 kg de grãos haverá aumento do crescimento e diminuição do tempo para o advento do cio. O nível alimentar não afeta a atividade estral, após as novilhas comecem de ciclar, e não ser em casos de severa restrição.

As novilhas mantidas com rações que provêm cerca de 0,68 kg de ganho diário exibirão cio antes dos 12 meses de idade e atingirão o peso para acasalamento com 341 kg aos 14 meses. Para uma fertilidade ótima é importante que as novilhas ga-

nhem peso durante 30 dias antes e após a cobertura. Os pesos ao nascer de bezerras provenientes de novilhas são semelhantes, quaisquer que sejam as idades e as condições da mãe ao parto. As novilhas Holstein deverão atingir 545 kg e parir aos 24 meses de idade, a fim de minimizar as dificuldades de parição.

— Reprodução pós-parto. Os sinais clínicos da infertilidade com uma deficiência de energia em vacas englobam os ovários císticos, a repetição de coberturas, a diminuição da produção de progesterona pelo corpo lúteo. A emaciação, quando severa pode resultar em aborto. Em estudo realizado em Israel com 14 vacas, sob níveis baixo e alto de nutrientes, as que conceberam de 1.º serviço ganharam peso e tiveram níveis de progesterona mais elevados durante o ciclo anterior, ao passo que as que não conceberam perderam peso e mostraram níveis de progesterona mais baixos.

Em estudo com 6 novilhas alimentadas com 62 ou 100% das quantidades de NDT recomendadas por Morrison, o hormônio luteinizante (LH) no plasma aumentou progressivamente durante os 1.º-3.º ciclos estrais em novilhas sob ingestão baixa de

# Fazenda Nossa Senhora das Graças



Proprietário:  
**Antônio Gomes Calçado**

Raça Murrah



**PIZAN POI DA BELA OLINDA**

Raça Jafarabadi



**SERENO POI DA BELA OLINDA**

criação de  
NELORE PO, BÚFALOS  
JAFARABADI E  
MURRAH POI,  
MANGALARGA  
MARCHADOR E  
JUMENTO PEGA

**VENDA PERMANENTE  
DE PRODUTOS**  
Caixa Postal 75

SILVADO (021) 737-2764 —  
MARICÁ - RJ

PRAIA DO FLAMENGO, 274  
RIO DE JANEIRO  
(021) 552-6607 - CEP 22.210

energia, ao passo que a progesterona do plasma diminuiu. Assim, com uma ingestão restrita de energia, a hipofunção ovariana é devida à pequena resposta do tecido ovariano ao LH, mais do que aos níveis reduzidos desse hormônio em circulação.

No caso de 27 novilhas primíparas Holsteins, alimentadas com 66, 100 ou 133% dos requisitos (NRC), aquelas sob dieta rica de energia tiveram níveis de glicose no plasma mais elevados, os quais estavam correlacionados negativamente com o intervalo pós-parto necessário para o desenvolvimento de um folículo de mais de 10 mm e a 1.ª ovulação.

Em estudo de três anos com 50 vacas, as alimentadas com até 9,1 kg de grãos, antes do parto, e à vontade por 6 semanas após a parição, tiveram um intervalo entre partos mais longo que as alimentadas com mais de 2,9 kg de grãos antes do parto e o máximo de 9,1 kg, depois da parição. As vacas alimentadas liberalmente também tiveram mais folículos císticos, mais serviços por concepção e abortos.

Para 393 vacas os intervalos até o cio pós-parto e a ovulação foram mais breves nas alimentadas com nível médio de concentrados (100%) do que nas com nível alto (150%) e houve menor número de casos de retenção de placenta e metrite no grupo médio.

A produção elevada também pode ser um efeito adverso na fertilidade. Em estudo com 204 vacas, o intervalo do parto à concepção e os serviços por concepção aumentaram à medida que ascendeu a produção leiteira, especialmente em vacas que deram mais de 7272 kg de leite.

Em estudo feito em 125 rebanhos controlados (DHIA) no Estado de Nova Iorque, as vacas que produziam mais que 907 kg que suas companheiras de rebanho tiveram uma taxa de concepção ao 1.º serviço (TC) de 36% e ficaram vazias 133 dias versus 54% e 108 dias de suas companheiras de rebanho com produção inferior.

A produção da lactação efetiva completa desses dois grupos de vacas foi respectivamente de 8270 e 6042 kg. O desempenho reprodutivo das vacas altamente produtivas dentro de um rebanho parece ser prejudicado em comparação com aquelas das companheiras de rebanho com produção inferior.

As vacas com produção elevada ficam freqüentemente em balanço energético negativo durante o início da lactação porque não podem consumir bastante alimentos. As reservas de energia dos tecidos são mobilizadas e as perdas de peso ocorrem durante as várias semanas precedentes e, por vezes, inclusive, durante o período no qual a vaca deverá conceber. Esse balanço energético negativo, a perda de peso e o estresse associado, têm sido imputados como causas de falhas reprodutivas.

Em um estudo, a TC ao 1.º serviço para 98 vacas que ganhavam peso foi de 78%, versus 16% para 81 vacas que perdiam peso. Em outro estudo, 814 vacas com ganho de peso líquido durante 30-90 dias pós-parto tiveram uma TC ao 1.º ser-

viço de 64%, contra 46% para vacas que perdiam peso durante essa fase.

O maior problema com a perda de peso ocorre usualmente em novilhas de dois anos altamente produtivas, que utilizam nutrientes para o crescimento em adição à manutenção e produção de leite. Em estudo neo-zelandês, 85% de 1028 fêmeas anéstricas de 2 anos de idade tinham ovários inativos 60 dias após o parto, versus 47% de 808 vacas de 4 anos de idade.

As vacas precisam estar em boas condições físicas no momento do parto para o melhor desempenho reprodutivo logo depois. Vacas em más condições adiam o início do estro e reduzem a fertilidade, enquanto as vacas excessivamente gordas ficam predispostas ao chamado "síndrome da vaca gorda".

Conquanto seja praticamente impossível evitar que as vacas altamente produtivas percam peso durante o pico da lactação, elas deverão ser alimentadas com volumes de alta qualidade à vontade, sendo recomendado dar um estímulo sob a forma de grãos. As vacas receberão uma pequena quantidade de grãos 10-14 dias antes do parto, com aumentos de 0,9 kg/dia, ou à vontade, após o parto, até a produção áptica de leite. Este método estimula a vaca a dar a produção máxima e minimiza a perda de peso. Uma quantidade adicional de 0,9 a 1,82 kg de grãos será ministrada durante a 1.ª e a 2.ª lactação para atender ao crescimento.

**Proteína.** Os sinais clínicos ligados à deficiência de proteína incluem o atraso da puberdade, um aumento no número de dias vazios e a diminuição do apetite. O último sinal torna difícil separar a deficiência proteica da deficiência energética concorrente; esta é geralmente tida como tendo efeito muito maior na reprodução.

A proteína é essencial para o desenvolvimento fetal adequado e as funções dos órgãos da reprodução. A maturidade sexual é postergada em novilhas que recebem dietas inadequadas de proteína. A deficiência proteica em vacas lactantes resulta em emaciação e baixa produção de leite. Os touros alimentados com dieta de 2% de proteína exibiram anorexia e debilidade, juntamente com decréscimo da libido e do número de espermatozoides por ejaculado.

O nível e a fonte de proteína bruta (PB) afetam o desempenho reprodutivo em vacas de elevada produção. A suplementação com metionina melhorou a reprodução em uma ração que continha 12,5% de PB (na matéria seca) mas não com 15,5% de PB. Certos aminoácidos parecem ser limitantes em níveis mais baixos de PB.

As rações contendo 19,3% de PB resultaram em maior número de serviços por concepção e mais dias vazios do que as rações com 12,5 ou 16,3% de PB. No último caso, as vacas tiveram menor resposta a 100 g de GnRH em comparação com as alimentadas com 19,3% de PB. A progesterona sérica foi significativamente mais elevada no 14.º dia após o 1.º cio e a concepção em vacas alimentadas com 12,7% de PB do que as alimentadas com 16,3 ou 19,3% de PB.

A uréia é frequentemente acusada de produzir menor fertilidade em gado leiteiro, mas em estudo feito pela DHIA de Michigan, a ingestão de uréia de 81 g/dia em média, durante 1709 (de 3157) observações anos-rebanhos (85 281 parições) não teve qualquer efeito no intervalo entre partos ou número de vacas vendidas em decorrência de esterilidade.

Em novilhas Holstein que receberam 143 ou 290 g de uréia diariamente, em uma ração misturada durante várias lactações, aquelas com maior ingestão de uréia tiveram uma taxa de abortos maior na 1.ª prenhez e de retenções de placenta na 2.ª parição, em comparação às testemunhas. Os intervalos entre partos aumentaram, ao passo que a incidência de ovários císticos e a duração da gestação diminuíram; mas as novilhas que receberam 145 g de uréia tiveram desempenho reprodutivo tão bom como as testemunhas. Este nível (= 2% de uréia no concentrado) é semelhante às recomendações atuais. Concluiu-se que as novilhas não devem receber mais do que 30-40 g de uréia ao dia, durante a 1.ª gestação, para evitar abortos. As vacas podem consumir mais uréia quando ela é incluída em uma mistura de ração dada à vontade do que quando dada no concentrado duas vezes ao dia.

As forrageiras para feno e silagem de milho são altamente variáveis em teor proteico e precisam ser testadas a fim de se determinar a proteína disponível. A ração total para vacas em lactação deverá conter 12-16% de proteína, dependendo do nível de produção. O excesso ou a inadequação da proteína na dieta pode alterar o desempenho reprodutivo, mas este efeito em vacas altamente produtivas requer mais pesquisas.

**Vitaminas.** As necessidades de vitamina do gado leiteiro são frequentemente atendidas mediante uma combinação da síntese no rume e tecidos e os alimentos naturais. Como os concentrados do consumo e os minerais frequentemente usados contêm vitaminas suplementares, a probabilidade de infertilidade devida à deficiência vitamínica é muito reduzida.

— **Vitamina A:** esta vitamina é essencial para manter a saúde do tecido epitelial. Os sinais clínicos de infertilidade associados à deficiência de vitamina A em bovinos incluem o atraso da puberdade, o aborto ou o nascimento de bezerros cegos e com incoerência; queratinização e degeneração da placenta, retenção da placenta e matriz nas vacas; e supressão da libido nos touros. As vacas deficientes têm ciclos estrais normais, ovulam e concebem, com desenvolvimento fetal inicial normal.

A manutenção dos requisitos de vitamina A em touros a dos requisitos da lactação em vacas são adequados para prevenir a infertilidade. A deficiência desta vitamina pode produzir-se em bezerros privados do colostro ou em bovinos alimentados com volumosos deteriorados pelo tempo, superaquecimento durante a armazenagem ou a estocagem por um longo período.

Em vacas injetadas alternadamente (total 957) na secagem e parturição com 2,5 milhões de unidades USP de vitamina A, 500 000 unidades USP de vitamina D<sub>2</sub> e 250 UI de vitamina E, não houve efeitos positivos em quaisquer das 26 medidas de produção e reprodução.

As vacas leiteiras não lactantes requerem 1 500 UI de atividade de vitamina A/lb de matéria seca ( $\pm$  3 300 UI/kg). Isto inclui o caroteno (1 mg = 400 UI de vitamina A em ração para gado leiteiro) bem como a vitamina A pré-formada. É recomendada para vacas leiteiras uma suplementação de vitamina A com 30 000-50 000 U/dia.

— **Vitamina D:** Esta vitamina é essencial para a absorção adequada de cálcio e fósforo, o crescimento normal dos ossos e a prevenção do raquitismo. A deficiência de vitamina D diminui a fertilidade, suprimindo os sinais de cio e atrasando seu aparecimento. Doses maciças de vitamina D são tóxicas.

Em 58 vacas que receberam 100 ou 200 g de Ca e 80-100 g de P diariamente, o 1.º cio e a concepção ocorreram 12-35 dias mais cedo e naquelas que também receberam vitamina D, a 43 000 UI/dia do que nas testemunhas, mas a involução uterina foi adiada.

Os requisitos de vitamina D em vacas leiteiras lactantes é de 150 UI/lb da matéria seca (330 UI/kg). A suplementação com 6 000-12 000 UI/dia é recomendada. O aconselhamento de suplementação de ração com níveis elevados de vitamina D necessita de maior documentação.

— **Vitamina E:** Não há evidências documentadas indicando que a vitamina E, só, seja essencial para a reprodução em bovinos.

**Minerais.** Os minerais estão frequentemente implicados na infertilidade dos bovinos, mas as numerosas interrelações em sua absorção e utilização tornam difícil determinar os efeitos específicos. Assim, alguns sinais clínicos podem ser produzidos por uma deficiência de mais de 1 mineral, vários dos quais podem ser deficientes simultaneamente.

— **Cálcio:** Uma deficiência deste mineral tem um efeito indireto na reprodução do bovino. Para vacas alimentadas com 43 000 UI de vitamina D diariamente, dados limitados indicam que o útero das que receberam 200 g de Ca involuiu normalmente 8 dias antes do que em vacas que receberam 100 g de Ca. A ingestão de cálcio é importante para prevenir a lebre do leite que aumenta a incidência de distocia e de retenção de placenta. A TC ao 1.º serviço em 2 454 vacas normais foi de 42% contra 30% em 297 vacas com retenção de placenta, o que aumentou o serviço por concepção de 2,7 para 3,4.

Estudos feitos com novilhas e vacas deixaram de mostrar uma relação entre fertilidade e relação Ca:P, na dieta. A concentração de minerais na dieta é mais importante do que a relação e a quantidade de vitamina D também precisa ser considerada.

Em 498 alimentos volumosos de Michi-

gan o teor de Ca foi de 0,5-2,8%. O teor de Ca das rações deve ser no mínimo de 0,7% do total de matéria seca (MS) para vacas altamente produtivas e de 0,4% para vacas secas, com uma relação Ca:P de 1,5-2,3: 1.

— **Fósforo:** A dieta pobre de proteína e energia também é frequentemente deficiente em fósforo, que é o mineral mais comumente associado com a infertilidade dos bovinos. Os sinais clínicos gerais da deficiência de P incluem o apetite deprimido e diminuído, o crescimento retardado e os pelos ásperos em animais em más condições físicas. A severa deficiência de P pode adiar o início da puberdade e do cio pós-parto, devido à inatividade ovariana, ao passo que a deficiência moderada pode estar associada com a repetição de coberturas. A relação entre a ingestão de P e o desenvolvimento de cistos foliculares requer mais estudos. Os bezerros de mães deficientes em P podem nascer mortos ou fracos, mas não ocorrem abortos.

Em 27 novilhas de raça leiteira com dieta deficiente em P, o nível sanguíneo desse elemento foi de 3,9 mg/dl versus 6,6 mg/dl em 26 novilhas que receberam suplementação fosfórica e os serviços por concepção declinaram de 2,8 para 1,3 em novilhas suplementadas.

O teor de P nas forrageiras é determinado primariamente pelo nível desse elemento no solo. Em 498 forrageiras de Michigan ele foi de 0,12%-0,54%. Cerca de 35% dessas forrageiras eram deficientes para os animais que tiraram delas a maior parte de sua ingestão de P. As novilhas de sobrelano e as vacas secas ficam frequentemente com uma ração totalmente composta de volumosos e em resultado podem apresentar deficiência mineral.

Os suplementos minerais são comumente usados no balanceamento das rações para bovinos (Quadro 1). Suplementos ricos de P são usados para rações ricas em leguminosas e suplementos ricos de Ca para rações ricas de silagem de milho. Esses elementos e o sal com minerais-traços são adicionados a cerca de 1% cada às rações de grãos. O teor de P das rações deve ser no mínimo de 0,35% da MS total para vacas altamente produtivas e de 0,25% para as secas.

— **Iodo:** O iodo influencia a fertilidade no bovino pela sua ação na glândula tireóide, o que, em baixos níveis da função, parece alterar a atividade dos ovários. Uma dieta deficiente de iodo para vacas prenhas pode causar o nascimento de bezerros prematuros, mortos ou fracos e afetados de bócio. A detecção do cio e a fertilidade melhoraram em gado suplementado com iodo, em comparação a animais testemunhas em áreas deficientes.

A toxicidade do iodo também pode resultar em aborto. Em um rebanho de 70 vacas leiteiras de Michigan foi dada a quantidade de 1,2 g de iodo suplementar diariamente (ca 3000 X o recomendado) durante 1 mês; 13 delas abortaram, principalmente durante o 1.º trimestre.

Em áreas iodo-deficientes, a inclusão de 0,01% de KI no sal é recomendada para

## O berço da marca "F"

125 ANOS  
DE CRIAÇÃO E SELEÇÃO  
DAS RAÇAS  
MANGALARGA MARCHADOR,  
CAMPOLINA,  
PONEY PIQUIRA E  
JUMENTO PEGA

A marca "F" significa  
agilidade, comodidade  
beleza e resistência



LOTE DE JUMENTOS PEGA



MANGALARGA MARCHADOR

DENTRO DO MESMO PADRÃO E TRADIÇÃO  
DA MARCA "F" CRIAMOS E VENDEMOS  
REPRODUTORES BUBALINOS JAFFARABADI E  
MURRAH, CAPRINOS TOGGENBURG, OVINOS  
DESLANADOS SANTA INEZ, SUÍNOS PIAU E  
PASSA TEMPO E CANINOS FILA BRASILEIRO  
TELS.: (037) 335-1130 - (031) 224-6493

Fazenda Campo Grande Ltda.

Dir.: Dr. Marcio Andrade

Tels.: (037) 335-1130 e

(031) 224-6493 -

Passa Tempo - MG

Quadro 1. Suplementos minerais comumente usados no balanceamento das rações para o gado leiteiro

Suplemento	Ca, %	P. %	Relação Ca:P
Fosfato monossódico	0	22	—
Fosfato dicálcico	26	20	1,3
Tripolifosfato de sódio	0	25	—
Fosfato desfluorinado	25	10	2,5
Farinha de ossos	30	14	2,2
Calcáreo	38	0	—

atender aos requisitos mínimos dos animais, permitindo-se variações para volumosos e substâncias biogênicas em alimentos tais como o farelo de soja. O nível de ração de iodo deve ser aumentado quando os alimentos contêm biogênicos. O teor de iodo da dieta para vacas leiteiras altamente produtivas será de 0,5 ppm da MS.

— **Cobre:** Aumentos de retenção de placenta, de ovários inativos, de atraso do cio e de infertilidade têm sido atribuídos à deficiência de cobre em gado leiteiro. Vários estudos relatam a inexistência de benefícios com a suplementação de Cu. O teor cúprico da dieta para vacas altamente produtivas seria de 10 ppm da MS total.

— **Manganês:** o cio silencioso, inaparente, a infertilidade, os abortos e o nascimento de bezerros débeis ou com os membros retorcidos têm sido registrados em vacas com deficiência deste mineral. O conteúdo dietético de Mn para vacas altamente produtivas deve ser de 40 ppm da MS total.

— **Cobalto:** O adiamento do início da puberdade e do estro pós-parto são reportados para as deficiências de Co, juntamente com a depravação do apetite e a anemia em animais que se apresentam em más condições. O teor de Co na dieta de vacas com produções elevadas deve ser de 0,10 ppm da MS total.

— **Zinco:** Os sinais de deficiência de Zn incluem o atraso do desenvolvimento testicular em touros adultos; também é citada a redução da fertilidade em fêmeas; a paraqueratose é comum. O teor de Zn da dieta para vacas altamente lactíferas será de 40 ppm da MS total.

— **Selênio:** Este elemento essencial é um componente integrante da enzima glicação peroxidase. Os sinais da deficiência são a diminuição da taxa de fertilização, o aumento da retenção de placenta e a distrofia muscular.

Em um experimento britânico, a incidência de retenção da placenta, em vacas que receberam 15 mg de Se + 680 UI de vitamina E ou 15 mg de Se somente, por via intra-muscular, 28 dias antes da data esperada para o parto, foi de 0 e 7%, respectivamente, contra 26,5% para as testemunhas.

Em uma área selênio-deficiente, do Estado de Ohio, a incidência de retenção de placenta foi de 51% em 80 vacas testemunhas versus 9% em 133 vacas que receberam 50 mg de Se + 680 UI de vitamina E. Em 82 vacas do Estado de Michigan a mesma dosagem reduziu a ocorrência de retenção de 31 para 23% e a

metrite de 38 para 26%. Esta terapêutica foi semelhantemente eficaz em um estudo feito no Estado de Kentucky, mas mostrou-se ineficiente em provas realizadas em Maryland, Virginia e Nova Iorque.

A minitração de 0,1 ppm de Se, durante o período seco evitou a retenção de placenta, que é considerada como expressão de deficiência selênica em vacas leiteiras, quando não causada por agentes infecciosos. O teor de Se na ração para vacas altamente produtivas será de 0,1 ppm da MS total. A fim de prevenir a retenção de placenta e a metrite pós-parto, as vacas secas devem receber uma ração balanceada de acordo com os requisitos nutritivos e contar com um local desinfetado para o parto, livre de agentes patogênicos.

### Conclusões

Nutrição e fertilidade estão intimamente relacionadas em gado leiteiro. O desempenho reprodutivo máximo é alcançado quando uma ração balanceada para energia, proteína, vitaminas e minerais é ministrada para atender aos requisitos nutritivos dos animais em crescimento, manutenção, lactação e gestação. Todavia, a fertilidade não pode ser melhorada só pela alimentação, a menos que ocorra uma taxa limitante em algum nutriente (s).

A maioria dos problemas nutricionais relacionados com a reprodução em gado bovino podem ser evitados mediante os seguintes procedimentos:

1. Balanceamento da ração para energia, proteína, vitaminas e minerais baseado em resultados de análises de laboratório e ministrada para atender os requisitos de nutrientes.

2. Dar alta prioridade ao programa alimentar antes da puberdade, antes e depois das coberturas e antes e depois da partição.

3. Ministrar uma alimentação estimulante para atender os requisitos de nutrientes durante o período de lactação.

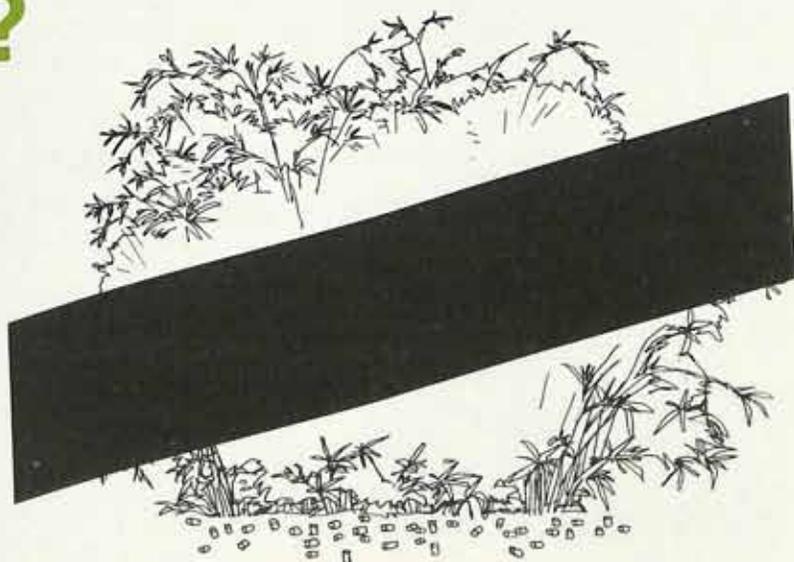
4. Dar 20% e 10% acima da manutenção durante a 1.ª e a 2.ª lactação da novilha, respectivamente, para atender ao crescimento.

5. O trabalho em cooperação do criador, nutricionista e veterinário é essencial para elevar a fertilidade, a produção e a lucratividade do rebanho.

— Morrow, David A. Nutrition and feeding in dairy cattle. Mod. Vet. Pract. 61 (6): 499-503, 1980, 31 refs.

Nota da R.: O Dr. David A. Morrow pertence ao Centro de Clínica Veterinária da Universidade Estadual de Michigan, East Lansing, Michigan, EUA.

# -CADÊ O LIMÃOZINHO, A TABOÇA, O GRAMÃO\* E O TARUMÃ QUE TINHAM AQUI?



## -GRASLAN 10 COMEU TUDO.

Pois é, GRASLAN 10 é o mais eficiente arbusticida que existe. Mais do que eficiente, GRASLAN 10 é moderno e fácil de usar. Ele acaba com o limãozinho, a taboça, o gramão\* e o tarumã, além de uma série enorme de outras plantas invasoras.

Mas, vamos por partes.

### As vantagens de usar GRASLAN 10:

- Não é preciso roçar;
- Não é preciso levar água para o pasto usando transporte especial, equipamentos, nem mão-de-obra especializada;
- Não é preciso misturar com outros produtos, nem com água;
- Não é preciso esperar épocas de chuva para aplicação;
- Não é preciso cortar os arbustos, nem repassar a aplicação;
- Não é preciso retirar o gado do pasto.

### Como funciona GRASLAN 10:

Os grãos de GRASLAN 10, aplicados no pé do arbusto, com as chuvas, penetram na terra, atingindo definitivamente a raiz do arbusto que, em pouco tempo, perde sua vitalidade e morre para deixar crescer uma pastagem limpa e desimpedida.

### Como usar GRASLAN 10:

Planta Invasora	Gramas/Planta
Limãozinho ou Juvu	80
Taboça	40
Tarumã	80

Elanco Química Ltda.  
Av. Morumbi, 8.264 - São Paulo - CEP 04703.  
Tel.: (011) 533-9211.

(\* Na prática, tem sido comprovada a eficiência de Grasilan 10 no controle do gramão.

ELANCO

**Grasilan®**

Grasilan 10, o limpa-pasto da Elanco

# Agro Pastoril dos Poções Ltda.

Prop.: Arthur Souto Maior Filizzola

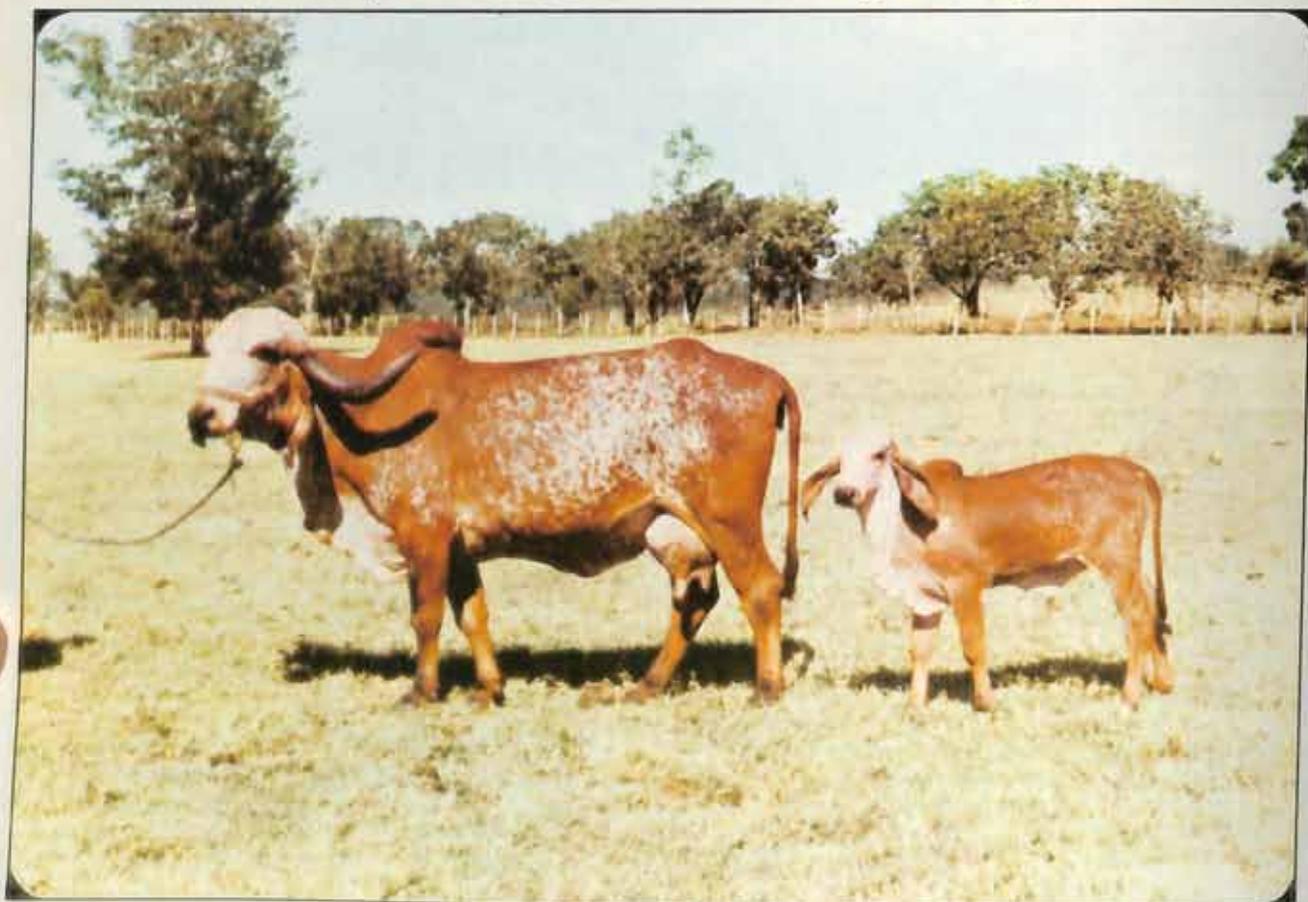
## Fazenda dos Poções

Município JEQUITIBÁ - MG

Fones: (031) 223-1630 Res. (041) 233-8175 e 233-8422 Com.



**Nova opção do Gir Leiteiro: porte - fertilidade -  
caracterização - mansidão - leite e longa vida produtiva**



**JANÁ**

**RESERVADA CAMPEÃ EM BELO HORIZONTE 85**

10.10m. 2x 365d. 4.313kg. 168kg G 3.88%  
LIVRO DE MÉRITO

# Noite dos Campeões

Novotel Uberaba

1.º Maio 86 - 5.ª feira - 19h.

Org. Mário de Almeida Franco  
Alberto Laborne Valle Mendes  
Cláudio Sabino Carvalho  
Fahd Jamil & Irmãos  
José Luiz Niemeyer dos Santos

*O melhor Neloze em leilão!*

# PREFIXO ROMANO

Fazenda Santana - Tel.: (0125) 61-2008

Cachoeira Paulista - SP km 200 Via Dutra

Alta seleção de gado holandês preto e branco



**ROMANO VALIANT MINISTRO**

Nasc. 27/12/83 Pai: Valiant

Campeão Junior Guaratinguetá — 1985

Mais um herdeiro do grande Valiant que surge e que está à prova na Fazenda Santana, logo seu sêmen estará à disposição.



**CARVANAGUES ELAINE ROYALSTAR (POI)**

Nasc. 25/01/77 — Pai: Bond Havem Royalstar

1.º prêmio e reserv. grande campeã e 1.º prêmio úbere — Guaratinguetá - 1984.

1.º prêmio e reserv. campeã Guaratinguetá - 1985.



**HELOISA LUPO — nasc. 14/06/77 — PC**

reg. 119.779 — média 48 kg

Reservada campeã Guaratinguetá 1983 e 1984

Reservada campeã Cruzeiro 1984

1.º lugar e campeã da categoria



**ROMANO MARGARET MARQUIS NED**

Pai: Agro Acres Marquis Ned HBB/A

Mãe: Albatroz P. Nucho

Nasc. 20/12/78 média 30 kg 2 ord.

**INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL USANDO OS MELHORES TOUROS CANADENSES E AMERICANOS**

TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO

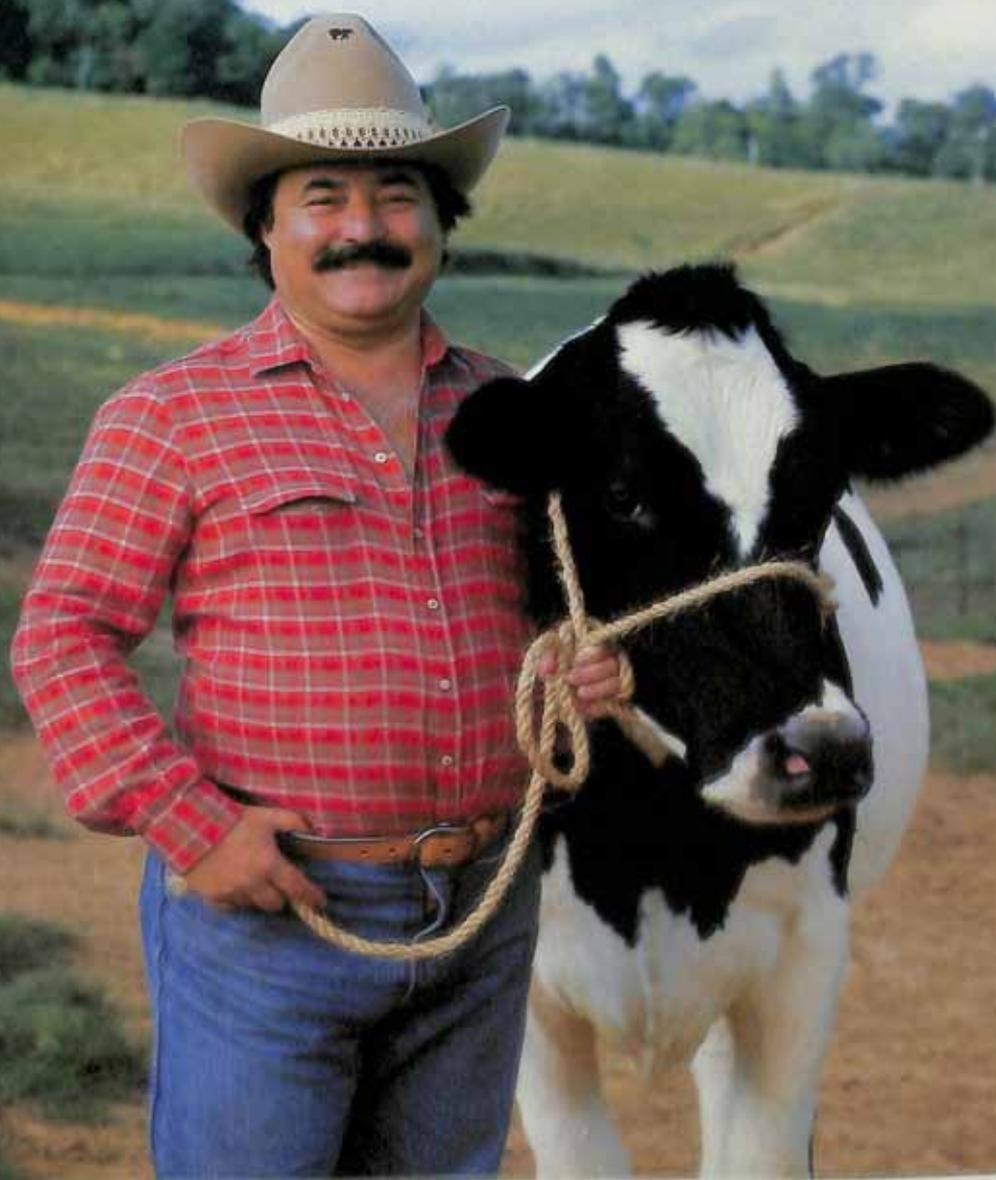
CONTROLE LEITEIRO FEITO PELA A.B.C.

**Prop.: Henrique Romano - em São Paulo (011) 289-4890**

**Venda Permanente de Produtos**

# ECTOPLUS<sup>®</sup>

Esse dá no couro.



## ECONÔMICO

Um fator que influencia na economia é a sua diluição: 1 litro do produto dilui-se em 400 l de água, quantidade suficiente para banhar entre 80 a 130 animais (entre 3 a 5 l de calda por animal).

Devido à sua atuação sobre cepas resistentes e suscetíveis, ECTOPLUS promove um maior espaçamento entre os banhos, fazendo com que se gaste menos produto durante o ano.

## EFEITO CHOQUE

Dá-se este nome a uma ação rápida. O ECTOPLUS possui efeito de choque, pois logo após sua aplicação, os ectoparasitas começam a morrer, notando-se este efeito já nas 24 horas seguintes.

**EFEITO RESIDUAL: Ação de controle**  
ECTOPLUS mantém-se no pêlo e pele dos animais por um período de até 15 dias.

## EFICIÊNCIA SOBRE TODOS OS ESTÁDIOS EVOLUTIVOS DOS ECTOPARASITAS

ECTOPLUS foi testado sob as mais variadas condições de campo, em diversas raças bovinas, mostrando ter ação rápida e eficiente em todos os estádios evolutivos dos ectoparasitas.

## EFICIÊNCIA CONTRA CEPAS RESISTENTES

A ação combinada de dois princípios ativos na formação de ECTOPLUS confere-lhe um controle sobre os ectoparasitas resistentes, retardando o aparecimento de eventuais novas cepas resistentes.

## EFEITO REPELENTE, ALÉM DE SEU EFEITO INSETICIDA

ECTOPLUS tem a propriedade de repelir as moscas, que causam incômodo aos animais, bem como repelir os mosquitos e outros vetores do berne, reduzindo a possibilidade de reinfestações em curto prazo de tempo.

## INOCUIDADE PARA OS ANIMAIS TRATADOS

Vacas em gestação e bezerras foram banhados sob as mais variadas condições de campo, sem apresentarem sinais clínicos de intoxicação. Quando usado conforme as recomendações da bula, ECTOPLUS mostra-se seguro.

## FACILIDADE DE MISTURAR-SE EM QUALQUER TIPO DE ÁGUA

ECTOPLUS mistura-se facilmente com qualquer tipo de água, independentemente da sua dureza ou teores de sais minerais nela contida.

## EFEITOS DE SOBREPOSIÇÃO DOS CICLOS

Observa-se em algumas regiões, dependendo da temperatura e umidade, que o ciclo de vida médio dos carrapatos pode se completar em 21 dias.

O ciclo do berne se completa numa média de 90 dias ou menos. Portanto, o produto, quando aplicado devidamente, oferece a oportunidade de interromper o ciclo de vida dos 2 ectoparasitas concomitantemente.

## OUTROS ECTOPARASITAS

ECTOPLUS é também recomendado no combate a piolhos e sarnas nos bovinos, com a mesma eficiência. Enfim: com ECTOPLUS os animais ficam livres do incômodo causado por carrapatos, bernes, moscas, sarnas e piolhos.



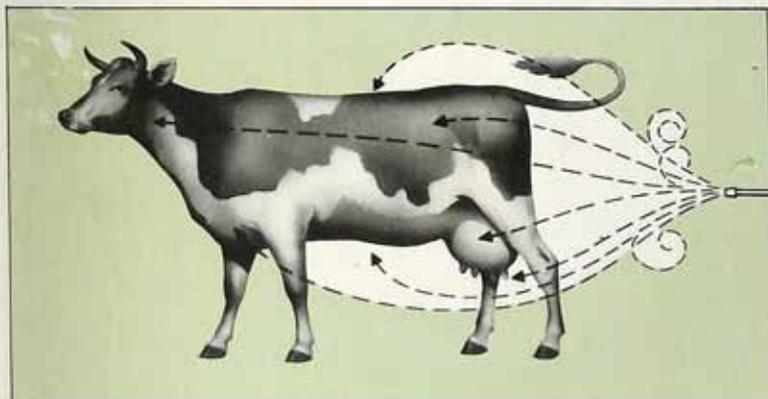
# Como proceder para se fazer uma pulverização bem-feita:

1. Ler atentamente o rótulo do produto para se conhecer a diluição correta, a forma de preparo da calda e os cuidados relativos ao manuseio e conservação do produto.

2. Verificar se o pulverizador está em boa condição, com a pressão adequada, a fim de que o ECTOPLUS possa penetrar por baixo dos pêlos, atingindo efetivamente os carrapatos, bernes e demais parasitas externos.

3. Ter o cuidado de efetuar a pulverização sempre em sentido contrário e a favor do vento, com o bico bastante aproximado, a fim de obter uma melhor penetração do produto.

4. A quantidade de calda necessária para dar suficiente cobertura a um animal de grande porte é entre 3 a 5 litros.



## A TÉCNICA PARA PULVERIZAR É A SEGUINTE:

1º lugar — banha-se todo o dorso do animal, o costado, o pescoço, o ventre, as faces externas das pernas e as internas das pernas do outro lado, o úbere ou o escroto, as entrepernas e o peito. Esta operação deverá ser repetida no outro lado do animal.

Antídoto: Sulfato de atropina, reativadores da colinesterase e tratamento sintomático.



2º lugar — a parte traseira do animal, embaixo da cauda, a face posterior do úbere ou do escroto, as entrepernas, a cauda e a vassoura (este é um dos caminhos de subida da larva infestante).



3º lugar — e, finalmente, atrás dos chifres, atrás das orelhas, o pescoço, a cara e a parte interna das orelhas (estas duas por último, pois irritam o animal).

## TABELA DE DOSAGEM

Quantidade de Ectoplus	Quantidade de litros de água
10 ml	4
15 ml	6
20 ml	8
25 ml	10
30 ml	12
35 ml	14
40 ml	16
45 ml	18
50 ml	20
100 ml	40

OBS.: Agitar bem a mistura e pulverizar de 3 a 5 litros de calda por animal.

# Características físico-químicas

## Formulação

Concentrado emulsionável contendo 4% de Cipermetrina High-Cis e 60% de Dichlorvos.

## Aspecto

Líquido viscoso, inflamável, de cor amarelo-âmbar.

## Estabilidade

O concentrado tem ótima estabilidade em condições normais de manejo e armazenamento.

O produto diluído em água para pronto uso é instável, devendo ser usado dentro de 24 h. após a sua preparação.

## Classificação química

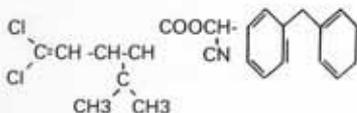
Cipermetrina High-Cis  
ciclopropanocarboxilato  
Dichlorvos - organofosforado.

## Fórmula empírica

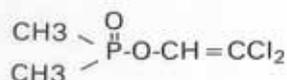
Cipermetrina High-Cis  
 $C_{22}H_{19}Cl_2NO_3$   
Dichlorvos -  $C_4H_7Cl_2O_4P$

## Fórmula estrutural

Cipermetrina High-Cis



Relação cis/trans: > 80: > 20  
Dichlorvos:



**Dosagem:**  
Diluição de 1 litro do concentrado emulsionável para cada 400 litros de água. Aplicar de 3 a 5 litros desta solução para cada animal a ser tratado.

## Toxicologia

### dos ingredientes ativos

#### Dichlorvos

Espécie	Oral Aguda	Dermal Aguda
Rato macho	80 mg/kg	107 mg/kg
Rato fêmea	56 mg/kg	75 mg/kg

#### Cipermetrina High-Cis

Rato macho	251 mg/kg	1.600 mg/kg
Camundongo	138 mg/kg	—
Coelhos	2.400 mg/kg	2.400 mg/kg
Cobaia	4.000 mg/kg	—

## Indicações de uso:

Combate simultâneo do berne e carrapato dos bovinos. Controle de piolhos e sarna de bovinos. Ação repelente contra moscas.

## Modo de ação:

**ECTOPLUS** é eficaz contra os ectoparasitas, agindo sobre os mesmos pela sua ação de contato, inalação e ingestão. O produto atua simultaneamente pela inibição da colinesterase e pela alteração da permeabilidade da membrana nervosa para os íons de sódio e potássio. Em virtude da presença de 2 modos de ação diferentes, o produto dificulta o aparecimento de estirpes resistentes.

## ADVERTÊNCIA

Este produto, como toda referência, está em perigo para o homem e o meio ambiente. Use-o com cuidado. Consulte sempre as recomendações de uso. Consulte um Veterinário.

# ECTOPLUS

CIBA-GEIGY

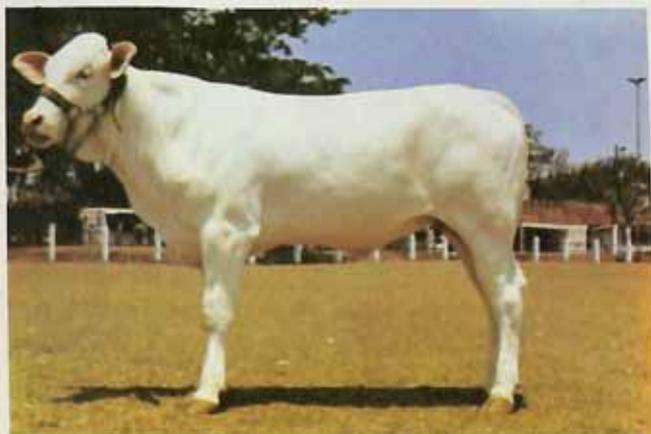
## Saúde Animal

São Paulo - SP  
Av. Santo Amaro, 5137 - tel. (011) 241-6393  
Belo Horizonte - MG  
R. Aimorés, 2588 - tel. (031) 335-3088  
Caixa Postal 123  
Porto Alegre - RS  
Av. do Forte, 235 - tel. (0512) 40-7022 e 40-7067  
Caixa Postal 1471

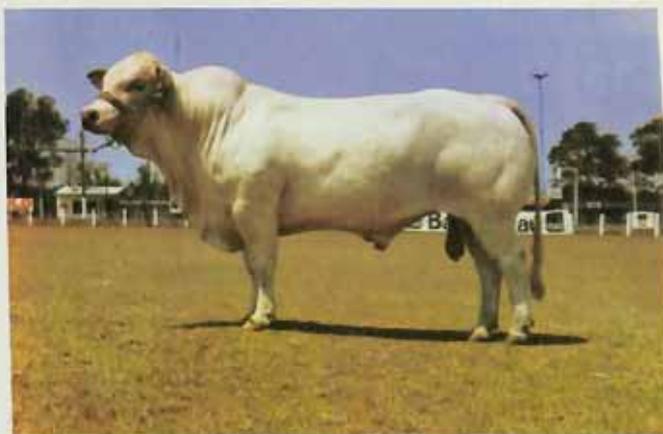
# Sítio Santo Antonio do Jaguari

Marcelo Paiva

Jaguariúna - SP



**VODKA DO JAGUARY** (13 meses) — Campeã Novilha  
— Res. Grande Campeã da Raça Canchim Expo 85 —  
São José do Rio Preto



**CHARLES BABILONIA** (38 meses) — Campeão Touro  
Sênior — Res. Campeão da Raça Canchim Expo 85 —  
São José do Rio Preto.

## Venda Permanente de Tourinhos



**TEKILA DO JAGUARY** (13 meses)  
Expo 85 — São José do Rio Preto



**FABIO BABILONIA** (23 meses) — Campeão Touro  
Jovem — Res. Campeão da Raça Canchim Expo 85 —  
São José do Rio Preto

Rua Líbero Badaró, 377 - 25.º andar - São Paulo - SP  
Tels.: (011) 239-2187 - 239-2699 - São Paulo - SP

# FAZENDA PEDRA VERDE

Prop: DR: SERGIO GUERRA  
fone (081) 628-0279 Limoeiro -PE.

MOLEQUE TABATINGA

reg  
00936



Campeão Nacional Potro - Uberaba.  
Campeão Nacional Cavallo - Salvador.  
Reservado Campeão Progeni de Pai III Especializada,  
Mangalarga Marchador - Belo Horizonte 1985.  
02 filhas Campeãs Nacionais:  
Especializada 1984 - HORA DE PEDRA VERDE  
Campeã Potranca.  
IRIS DA PEDRA VERDE  
Campeã Nacional Mirim 1985.





# Ocaucu

AGRÍCOLA E COMERCIAL S.A.

FAZENDA SANTA FILOMENA  
Fones: (011) 288 e 298 (Ocaucu)  
Prop.: Dr. Roberto Calmon de  
Barros Barreto  
Resp. Técnico: Eng.º Agr.º José  
Wilson Baião  
Fones: 83-1431 e 83-1728  
Cx. Postal 36 - CEP: 13690  
DESCALVADO — SP



**Sherlok Lad SLN**

ALAMITOS LAD  
P2168

DIVIDE QUEEN 159  
P2155

ALAMITOS BAR  
AQHA-150623  
MISS EVER TIME  
AQHA-400473

MR. DIVIDEND  
AQHA-164885  
CARRIE MISS 159  
AQHA-265666

**VENDA DE COBERTURAS**

# Trator D4E Caterpillar. Dá mais valor ao seu investimento.

Na época atual, o alto custo de aquisição de equipamento pesado exige, cada vez mais, uma análise extremamente criteriosa das características técnicas da máquina. Afinal, um alto investimento tem que ter em contrapartida o produto de maior valor disponível no mercado.

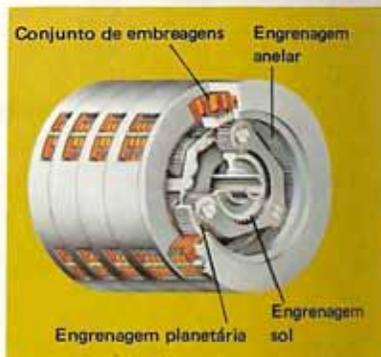


Verifique o que cada fabricante está lhe oferecendo. Você tem todo o direito de exigir o melhor. E, por falar em melhor, o trator D4E Caterpillar, fabricado no Brasil, apresenta as seguintes características:

Motor Diesel Caterpillar 3304, com 80 HP (60 kW) no volante do motor, funcionando à baixa rotação de 2.000 rpm, quando equipado com servotransmissão, e a 1.900 rpm (menos ainda), com transmissão direta. Motores concorrentes têm rotação superior que compromete sua durabilidade. O sobretorque do 3304 é de 15 a 22% (dependendo do tipo de transmissão), característica esta necessária aos motores de máquinas para serviço pesado e que não se encontra em máquinas de outras marcas. Esse sobretorque evita as constantes mudanças de marcha e reduz o consumo de combustível. A cilindrada é de 7 litros, isto é, 20% a mais que nos motores de outros fabricantes. Tudo isto somado se traduz em menores custos de operação, maior produtividade e longa vida útil.



**Escolha do tipo de transmissão.** Além da transmissão direta, o D4E é o único em sua classe disponível com servotransmissão. Esta possibilidade de escolha permite a seleção da máquina mais apropriada em função do tipo de trabalho que irá desenvolver. Se o trator deve executar constantes mudanças de marcha e de sentido de direção, então a opção correta é a servotransmissão porque será muito mais produtiva nestas condições. Com um simples movimento da alavanca de controle, o operador faz as mudanças de marcha e de sentido de direção, sem perda de tempo e confortavelmente. E, é claro, com ciclos mais rápidos e com maior rendimento.



opcionais para atender às suas necessidades específicas. Com esta configuração padrão o cliente não é forçado a comprar acessórios que ele não necessita.

Apenas os pontos mencionados seriam suficientes para mostrar as superiores características de fabricação do D4E. Mas não é só isso. O atendimento prestado pelo Revendedor Caterpillar é, reconhecidamente, o melhor do ramo no país. A alta disponibilidade de



**Material rodante Caterpillar.** Uma simples análise das esteiras de tratores diferentes provavelmente não revelará grandes diferenças. Porém só o trator D4E Caterpillar tem esteira vedada e lubrificada que evita a entrada de material abrasivo entre pinos e buchas, aumentando a vida útil do material rodante e diminuindo as despesas de manutenção e reparos. Mais ainda, os roletes e rodas-guia são de lubrificação permanente. Para se ter uma idéia de quanto o material rodante Caterpillar é melhor, basta dizer que os Revendedores Caterpillar o têm instalado com sucesso em máquinas de outros fabricantes na hora da reforma.

O D4E tem configuração básica bem simplificada, permitindo a seleção de uma ampla gama de equipamentos

peças, combinada com programas como o Serviço Especializado de Material Rodante (SEMR), o Serviço de Peças à Base de Troca (SPBT) e muitos outros, garante que a sua máquina pare o mínimo possível.

O seu investimento merece o nosso respeito. Daí estarmos oferecendo a máquina que vale muito mais. Até na hora da venda.

 **CATERPILLAR**

*Seu investimento em valor.*



# Técnicas de Formação e Recuperação de pastagens

Eng.º Agr.º Gastão Moraes da  
Silveira

A pecuária de corte está se desenvolvendo com grande intensidade no Brasil Central, principalmente nas áreas cobertas na região de cerrados. As criações são extensivas, envolvendo grandes propriedades, que precisam ser formadas a curto prazo, tirando-se o cerrado e colocando-se no seu lugar braquiária que se adapta bem a região com muitas vantagens na engorda do gado.

A consorciação de gramíneas com leguminosas é uma prática que há muito tempo os técnicos vêm recomendando, pelas vantagens dessa combinação: as primeiras produzem a fração energética da alimentação e as leguminosas a fração protéica. Além disso, estas são responsáveis pela fixação do nitrogênio atmosférico, evitando o empobrecimento das terras de pastagem.

No Mato Grosso do Sul, tanto na formação como na recuperação das pastagens, o uso de tratores é indispensável, principalmente o de esteiras. Os de pneus não podem ser utilizados devido a furos, rasgos e danificação do sistema rodado em geral.

Segundo os técnicos deve haver uma perfeita compatibilidade entre o tipo de cerrado e as máquinas utilizadas, procurando-se, sempre, um maior rendimento e conseqüentemente um serviço mais econômico.

## As técnicas

Nas áreas de campo e cerrado leve, costuma-se utilizar o sistema denominado de "plantio direto" que consiste no uso de uma grade, sendo a braquiária semeada logo em seguida. Assim, com um trator de esteiras de 97 HP no volante do motor, (74 HP na barra de tração) tracionando uma grande de 24 discos com 28" de diâmetro tendo largura de corte de 4 m prepara-se 1,6 ha/h, gastando-se 17 litros/h de óleo die-



Ancinho para eleiramento.

sel. Já um trator de esteiras de 165 HP (125 HP na barra de tração) com grade 20 x 32" o rendimento é de 1,8 ha/h com consumo de 32 l/h. Neste sistema usa-se dois tratoristas, um trator, duas grades (uma de reserva para substituição no caso de quebras) trabalhando-se 18 horas por dia.

No sistema direto, o trator de esteiras de 165 cv pode substituir de 6 a 8 tratores de pneus de 118 HP, economizando-se o número de tratoristas (6 a 8 para 2); menor possibilidade de quebras e gastos com oficina; menos da metade de consumo de óleo diesel (32 l/h contra 72 l/h) para 8 tratores de pneus. Logicamente que os dois tratoristas poderão ter um salário maior, trabalhando-se dois turnos de 9 horas/dia.

Estando a terra preparada, no plantio utiliza-se trator de pneus com 75 HP de potência no motor e semeadora a lança tipo pendular, com rendimento de 4,5 a 5,5 ha/h. As operações de gradeação e plan-

tio são feitas o ano todo, mesmo durante a seca pois julga-se que o melhor depósito de semente é o solo.

O maior problema da formação de pastagem no cerrado é a brotação das essências nativas após o plantio da forrageira. Para que isto não ocorra, a quantidade de semente deve ser a ideal, e que permita o desenvolvimento da brachiária de tal forma que ela abafe a brotação. A fórmula empregada é a seguinte:  $\text{kg/alqueire de semente} = 360/\text{valor cultural}$ . Este é calculado multiplicando-se a germinação pela pureza da semente. Nestas condições sai pouco broto e na maioria das vezes o capim vence a parada.

Nos locais em que por qualquer motivo aparecer brotação intensa, pode-se empregar dois tratores de esteiras com 97 cv tracionando corrente de elos de 1" a 2" de diâmetro, fazendo-se a quebra e "arrepio" (segunda passada em sentido contrário) obtendo-se um rendimento de 7,5 a 9,0 ha/h. A passada de arrepio ajuda a danificar o broto com



Máquinas

NOGUEIRAMAQUINAS

Comércio de máquinas e implementos agrícolas  
R. Guaicurus, 1192 — Lapa  
TEL.: (011) 65-5714



Correntão para "deitar" a mata de cerrado.

maior intensidade. O sistema direto é utilizado em 30% da área total das propriedades, apresentando um elevado rendimento de trabalho, permitindo a formação da pastagem com a rapidez necessária.

Para as áreas de cerrado médio e pesado, correspondendo a 70% da vegetação da região utiliza-se o sistema convencional que é composto das seguintes operações: uso do correntão, enleiramento, gradeação e plantio. O correntão é tracionado por dois tratores de esteiras pesados, distante 60 m empregando-se corrente com 1 1/4" a 1 3/4" de diâmetro com rendimento ao redor de 12,5 ha/h. Neste caso recomenda-se somente uma passada do correntão. A segunda passada em sentido contrário quebra muito a vegetação dificultando o enleiramento.

No emprego do correntão indica-se o uso de correntes mais leves para vegetação mais densa, pois sendo

leve a corrente sobe mais facilmente na árvore, distanciando-se do solo o que permite a formação de um braço de alavanca facilitando a sua queda. Já para a vegetação mais leve, principalmente na desbrota, recomenda-se, no centro da corrente, isto é a parte que realmente derruba as árvores, também denominada de "colo", o uso de elos mais pesados. Tais elos danificam a brotação principalmente quando empregada de "arrepio".

O enleiramento é a operação mais cara e ponto de estrangulamento do sistema convencional. Para se ter uma idéia, um trator de 140 HP faz de 0,4 a 0,5 ha/h.

Para contornar tal problema, nas áreas de vegetação mais fraca, utiliza-se pá carregadeira com 170 HP, dotada de ancinho-enleirador frontal com dentes bem espaçados, evitando-se com isto juntar muita terra na leira. O rendimento é bem su-

perior: 1,5 a 2,1 ha/h. Para evitar o ataque de insetos como abelhas, vespas e marimbondos, a cabine do operador pode ser protegida por uma tela de náilon, dando maior segurança à operação.

Decorrido algum tempo da formação das leiras, são queimadas, passando-se logo em seguida uma grade. Um trator de esteiras com 97 cv com grade 40 x 28" dá um rendimento de 3,0 ha/h. A profundidade de trabalho varia de 15 a 20 cm dependendo da umidade do solo.

O segredo da formação da pastagem é o manejo do gado, que deve ser feito da maneira mais correta possível, evitando-se a superlotação. Não é aconselhável deixar os animais bater demais o pasto, pois haverá um enfraquecimento da forrageira, facilitando o aparecimento dos brotos. Na desbrota pode-se utilizar a seguinte técnica: o pasto é vadoado, depois queimado. Quando o capim



Peças de reposição  
originais

**NOGUEIRAMAQUINAS**

Comércio de máquinas e implementos agrícolas  
R. Guaiçurus, 1192 — Lapa  
TEL.: (011) 65-5714



## TÊM COISAS QUE NÃO DÁ PARA ENGOLIR.

Principalmente se forem inteiras. Mas a Nogueira desenvolveu uma completa linha de máquinas agrícolas que vão desde DESINTEGRADORES, PICADORES E MOEDORES, até ENSILADEIRAS e COLHEDEIRAS DE FORRAGENS que transformam o milho, sorgo, nabiê, cana etc. em alimentos picados ou triturados, proporcionando uma ração rica e homogênea.

Mas além de proporcionar uma melhora na qualidade do trato animal, as máquinas Nogueira são muito mais resistentes e racionalizam mão-de-obra, pois são fáceis de serem operadas, podendo ser acionadas por motores elétricos,



diesel, gasolina e também por tomada de força de tratores. Portanto, quando você pensar em equipamentos para agilizar e melhorar a alimentação de bovinos, equinos, suínos, aves, pense um pouco mais e decida-se pela qualidade e experiência das MÁQUINAS AGRÍCOLAS NOGUEIRA.



**Sinônimo de máquinas agrícolas.**

IRMÃOS NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas e Motoredoras,  
Muirão, Rua 15 de Novembro 751 - Caixa Postal 7 - CEP: 13270  
- ITAPURA 3 - P. SÃO CARLOS - SP - BRASIL - Tel. (011) 281.921 a 1.100  
Telex (011) 2880 INDO. 88



brotar estando com altura que corresponde à metade da ideal para o pastoreio, passa-se o correntão que vai danificar os brotos secos. No primeiro ano 50 a 60% dos brotos são danificados.

Na reforma, o pecuarista tem que utilizar implementos pesados, como grade aradora ou o subsolador, para promover a aeração do solo aumentando a mineralização do nitrogênio. Trator de esteira com 165 HP tração grade 20 x 32" dá um rendimento de 1,8 ha/h.

Como alternativa a médio prazo, os técnicos aconselham a introdução de leguminosas nas áreas de pastagens degradadas, que melhoram a

quantidade e qualidade da forragem, sobretudo no período crítico da seca. Tal método requer cuidados quanto ao manejo animal durante o primeiro ano, de modo a favorecer o estabelecimento das leguminosas. No prazo de dois anos, já é possível observar os seus efeitos na recuperação da pastagem.

Para a introdução de leguminosas, é necessário fazer uma movimentação de superfície com grade convencional, aplicando os fertilizantes necessários e efetuar o plantio a lança. Em trabalhos de pesquisa tal introdução quintuplicou a produção de matéria seca, sendo a leguminosa

responsável por 50% do incremento. Observou-se também melhoria considerável na qualidade da forragem, com maior disponibilidade de proteína bruta.

Qualquer que seja o método adotado na recuperação das pastagens, é necessário que o pecuarista faça também a correção das deficiências nutricionais próprias dos solos dos cerrados, para obter resultados satisfatórios. Nesse sentido, indicam os adubos fosfatados, especialmente o superfosfato simples na dose de 100 a 200 kg/ha, que fornecem, além do fósforo, o enxofre e o cálcio.



Assistência  
técnica

NOGUIMÁQUINAS

Comércio de máquinas e implementos agrícolas  
R. Guaicurus, 1192 — Lapa  
TEL.: (011) 65-5714

## ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente, à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores. Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até às  
22 horas.

Agora mais perto  
da sua fazenda.

**ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES**

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 821-7968 - Jaguaré - São Paulo. S. J. Bos Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro: R. Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 264-7150, 264-7155 + 800.2107





## Marca VR comemora 70 anos

Com um leilão no Clube Paineiras do Morumbi — o 1.º Leilão Especial VR São Paulo — os criadores de Nelore, marca VR, comemoraram, no início de novembro, os 70 anos dessa marca, que se tornou a mais famosa do país. Ao completar 70 anos, a marca VR já escreveu muitas histórias. Essa marca começou a ser escrita na Fazenda Macega, em Uberaba, MG, por Vicente Rodrigues e prosseguiu com seu filho, Torres Homem Rodrigues da Cunha.

O núcleo inicial foi constituído em 1914 com 16 novilhas adquiridas por Hipólito Rodrigues da Cunha. Eram animais sem caracterização precisa. Um ano depois nasciam as primeiras crias, que Vicente Rodrigues, então com 22 anos, marcaria com o nome VR. Desde o início, ele quis formar um plantel com animais de boas origens — Nelore, Gir, Guzerá ou Indubrasil. Assim, ia buscar, onde estivesse, os tipos que lhe interessava e que fossem melhorar o seu plantel.

Embora não contasse com um sólido amparo da ciência, VR procurava guiar-se por sua intuição — mas sempre procurava levar para o seu plantel gado de origem importada, que comprovasse a sua procedência. Como, na época, o gado não fosse uniforme, por não haver um trabalho de seleção, Vicente Rodrigues procurou extrair da quantidade a qualidade que desejava.

Incansável, ia buscar exemplares excepcionais onde soubesse que existia. Na década de 30, por exemplo, adquiriu, de uma vez só, 600 matrizes de Nelore, de Geraldino Rodrigues da Cunha, dono da marca 22, selecionada em Veríssimo, MG. Esses animais foram levados para povoar a Fazenda Pontal de Corumbaf-

ba, GO. Na mesma época, comprou 6 animais da criação de José Pedro Dirceu, de Dores do Campo Florido, MG. Nessa mesma época, criadores mineiros e baianos importaram alguns exemplares da Índia — e Vicente, novamente, foi ver. E, como sempre, pagou caro — para ele não havia preço para um animal bom, que fosse injetar melhoria em seu plantel. Depois foi buscar dois reprodutores que o criador Argemiro Lopes tinha e não se dispunha a vender. Com muito custo, conseguiu convencer o renitente criador — mas, em troca, teve que dar 10 éguas paradeiras da Corumbalva.

Em 1940, resolveu retornar a Minas. Foram 16 marchas, atravessando florestas. Com quase 50 anos, em 1942, Vicente morria — mas legava, à pecuária brasileira, um material genético que muito contribuiu para a seleção dos Zebus. Do seu plantel, entraram para a história do Nelore brasileiro os reprodutores Nassik, Lama, Rodopio, Bagi, Indu etc. Porém, sua mulher, Olinda Arantes Cunha, prosseguiu no trabalho do marido — e a marca VR consolidava, nacionalmente, no Zebu. Após a perda do marido, ela assumiu o trabalho de Vicente e continuou sua obra, evitando que seu esforço caísse no vazio.

Interligando o elo, iniciado em 1914, Torres Homem Rodrigues da Cunha, seu filho, empurrou para frente a seleção ao assumir o comando no início da década de 60, preservando a marca VR e mais do que isso infundindo dinamismo ao trabalho de melhoramento genético do gado. Uma das primeiras providências tomadas por Torres, após assumir o comando, foi enviar dois especialistas em Nelore à Índia, mes-

mo que na época a importação estivesse proibida: o veterinário José Deutsch e José da Silva — Dico, que permaneceram dois anos no berço do Zebu.

Sem pressa, eles tinham uma missão importante: descobrir, com calma, o que de melhor houvesse para trazer. Uma decisão acertada: conseguiram escolher e trazer o notável Karvadi — um dos melhores Nelore que o país conheceu. Havia sido tetracampeão indiano e supercampeão Nelore da Ásia em 1961. Nesse lote viriam 381 animais que muito contribuíram e contribuem para o melhoramento do Nelore brasileiro.

Na própria Ilha de Fernando de Noronha, esperando a autorização para o desembarque no país, Torres montou o trabalho de seleção. Ali, já nasceria, filho de Karvadi e Langri, o famoso Chumak. Com a autorização, Torres levou esses animais para Araçatuba, inaugurando, em 1968, o primeiro laboratório nacional de congelamento de embrião, na Chácara Zebulândia, transformada, hoje, em santuário do Zebu. Dali, têm saído os expoentes da raça — tanto nas exposições como nos leilões. É seguro dizer que em qualquer canto do país há sempre um pouco de sangue VR.



## Produção de mandioca para alimentação de vacas leiteira

MARCIO JOSÉ FURTADO  
Eng.º Agr.º e Pesquisador da  
EMCAPA/EEBN

Na região sul do Espírito Santo, onde a pecuária leiteira é uma das atividades de grande importância social e econômica, o uso da mandioca como forragem, ao natural (fresca) ou nas formas de feno e silagem, tem sido uma prática constante na suplementação alimentar do rebanho, no período seco, proporcionando o aumento da disponibilidade de alimentos de bom valor nutritivo nessa época do ano e diminuindo o custo da alimentação a nível de produtividade.

### VARIETADES

Devem ser manivas, com boa produção de parte aérea e de raízes, de caule macio, sem ramificação e com bastante folha. Ex. Sabia, Aipim Paraíba, Chagas e Pão de Chila.

### PREPARO DO MATERIAL PARA PLANTIO

Escolher ramos vigorosos, de lavouras saudias, com 10-14 meses de idade; picar as manivas com 20 cm de comprimento, eliminando as pontas das ramos.

### SISTEMA DE PLANTIO

O solo deve ser arado e gradeado ou, simplesmente, capinado. As manivas devem ser colocadas no fundo dos sulcos ou covas com 10 cm de profundidade e cobertas por uma camada de terra levemente compactada. O espaçamento deve ser de 80 cm entre covas ou sulcos por 50 cm entre plantas. O plantio deve ser solteiro.

### TRATOS CULTURAIS

Manter a cultura no limpo, de preferência, até o 6.º mês de idade. Controlar formiga com isca Mixex ou formicida em pó, e o mandarová, com inseticida biológico (DIPEL).

### CORTE DA PARTE AEREA

Deve ser efetuado a 20 cm do solo, quando as plantas estiverem com 4 a 5 meses de idade. Usar facão amolado para evitar rachadura.

Para o forçamento da parte aérea fresca, deixar murchar de um dia para outro.

### EPOCAS DE PLANTIO E DE CORTE

ÁREAS	PLANTIO					CORTE					
	N	D	J	F	M	M	A	M	J	J	A
1	■					■					
2		■					■				
3			■					■			
4				■					■		
5					■					■	

Usar a picadeira de forragem para o preparo do material.

### COLHEITA DA RAIZ

A depender do desenvolvimento das plantas e das variedades empregadas, pode-se realizar a colheita entre 12 e 17 meses de idade. Nos plantios de Novembro e Dezembro as plantas desenvolvem mais em função, principalmente, do corte ser dado em março e abril (antes do inverno).

### USO DAS RAÍZES

Podem ser usadas frescas, fazendo a colheita de 2 em 2

dias; ou em forma de respa. Neste caso, colhe-se toda a área, elimina-se a terra das raízes, picando-as em fatias em torno de 7 cm de comprimento por 2 cm de espessura; deixar secar em terreiro de pedra ou sobre lonas por 2 dias; armazenar em galpões e fornecer aos animais juntamente com a parte aérea.

### NOVO PLANTIO

De cada área cultivada (1, 2, 3, 4 e 5), deixar em torno de 20% sem cortar, para que se possa ter ramos de boa qualidade para o plantio do próximo ano.

## III Festa Nacional da Raça Gir

Durante a XXII Exposição Agropecuária de Uberlândia, realizada de 31 de agosto a 8 de setembro, a Associação dos Criadores de Gir do Brasil (Assogir) promoveu a III Festa Nacional da Raça Gir. Foi um sucesso essa promoção. Vieram caravanas do México, Estados Unidos e África do Sul, que, por terem um clima semelhante ao do Brasil, podem tornar-se um grande mer-

cado internacional para nossos zebuínos. Os criadores desses países vieram a Uberlândia apenas para ver "in loco" a Nova raça Gir, criada no país. Por causa disso, no próximo ano — julho de 1985 — será realizado no México o I Congresso Internacional da Raça Gir, com grande participação dos criadores brasileiros. Vicente Araújo de Souza Júnior, presidente da Assogir, disse que "o boi grande de ontem, o boi pesado de hoje, serão sucedidos pelo boi precoce de amanhã, numa evolução natural requerida pelas necessidades econômicas do mundo

moderno, o mundo de velocidade. E neste contexto que entra o Gir — um animal moderno", explicou.

## Cooperativa de São José dos Campos completa 50 anos

Com aproximadamente dois mil associados e operando em 17 municípios do Vale do Paraíba, a Cooperativa de Laticínios de São José dos Campos Ltda. está completando os 50 anos de fundação. Pioneira no país, a Cooperativa surgiu em 1935, na esteira da cruden-

ça da exploração agrícola do Vale do Paraíba. Nesse período, o café já havia migrado para a região de Ribeirão Preto e os agricultores iniciavam a exploração da pecuária leiteira, que tornaria a região a principal bacia leiteira do país. Com uma enorme variedade de linhas de produtos da marca Cooper, a Cooperativa foi fundada pelo pecuarista dr. Donato Mascarenhas Filho, que foi presidente de 1935 a 1941. Essa cooperativa é a única do país a ter, em sua linha, caminhões latornícos para o recolhimento do leite dos associados.

## Embrapa faz transferência de embriões em caprinos

Tradicional na pecuária bovina, a técnica de transferência de embrião começa a ser aplicada na caprinocultura. Na úl-



tima semana de setembro, nasceram, pela primeira vez no Brasil, cabritos frutos da transferência de embriões. O trabalho foi desenvolvido pelos pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite da Embrapa, em Coronel Pacheco, MG, contando com a colaboração da Granja Água Limpa, que se dedica à criação de cabras leiteiras, e os criadores Lucfola e Antônio Meurer Rosa, de Juiz de Fora. É a mesma técnica empregada na bovinocultura. De acordo com os técnicos Carlos Jaume e José Henrique Bruschi, da

Embrapa, e Marlene Campos Mendes Bruschi, da Água Limpa, a viabilização da transferência de embrião em cabras, trará sensíveis benefícios à caprinocultura nacional, por permitir agilizar o processo de produção de animais com ótimos pedigrees — o que é impossível pelo processo comum.

## Sociedade Rural do Sul de Minas elaboram documento sobre Reforma Agrária

Os agricultores e pecuaristas, ligados à Sociedade Rural do Sul de Minas, elaboraram um documento sobre o Plano Nacional de Reforma Agrária durante a XXXIV Exposição de Animais de Caxambu, que será entregue ao Ministério de

Assuntos Fundiários. Nessa reunião, participou Flávio Telles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira, que falou sobre a reforma agrária e o Plano do Governo.

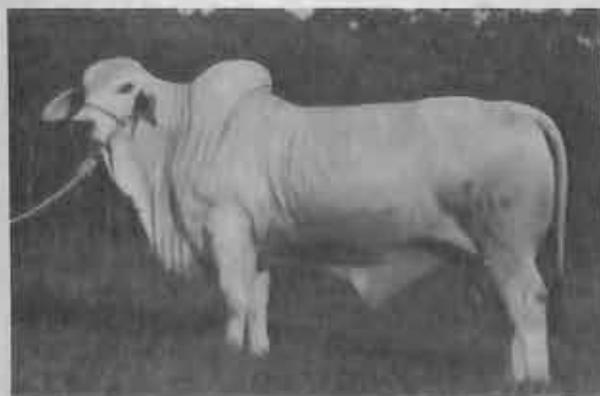
Esses são os pontos do documento da Sociedade Rural do Sul de Minas.

- 1) Prorrogação do prazo do debate e aprovação do 1.º PNRA para que sejam judiciosamente relacionadas e analisadas as manifestações de todos os segmentos realmente interessados;
- 2) Recadastramento geral de todos os imóveis do país de modo a impedir possíveis injustiças na execução do Plano;
- 3) Constituição da Comissão Nacional de Reforma Agrária que, presidida pelo Poder Público contendo 3 membros dos Empregadores Rurais e 3 dos Empregados Rurais, com a finalidade de identificar as áreas de tensões e conflitos sobre a terra; bem como, baseada em parecer de Institutos de Agronomia, estabelecer critérios de produtividade para as diversas regiões do País passíveis e apreciação judicial;
- 4) Aprovação da mesma maneira do Módulo Rural de cada região;
- 5) Atender ao que está explícito no Dec. 55.891 de 03/03/65, que regulamenta o Estatuto da Terra quando diz que os meios a serem utilizados pelo poder Público para

a execução da Reforma Agrária são, na ordem:

- a) Tributação
  - b) Assistência e Proteção à Economia Rural
  - c) Desapropriação
  - d) Colonização
  - 6) Estimulo a este item Colonização, seja ela oficial ou privada.
  - 7) Instituição do Sistema Nacional de Crédito Fundiário, a longo prazo para permitir a aglutinação dos minifúndios e a colocação dos minifundiários deslocados em novas regiões.
  - 8) Assentamento de famílias capacitadas à produção rural em terras já arrecadadas pelo INCRA;
  - 9) Orçamentos realistas dos custos de assentamento e de assistência técnica e econômica por família e a explicitação da origem e dos recursos existentes para um plano pluri-anual;
  - 10) Estabelecer que a atual estrutura em pleno regime de produção representada pela Propriedade Familiar, pela Empresa Rural e também pelo chamado Latifúndio por dimensão, desde que produzindo dentro dos parâmetros recomendáveis, seja considerada INTOCÁVEL.
- A não consideração de todos os itens aqui exposto, redundará na frustração do Plano Nacional de Reforma Agrária, com efeitos negativos para toda a Nação.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



Ciclone de Tabapuã T-K 5820  
734 kg aos 24 meses

# TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

**Dr. ALBERTO ORTENBLAD**

Fazenda Água Milagrosa  
C. Postal 23  
15.880 - Tabapuã - SP  
Tels.: (0175) 62-1117 e  
62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema  
Rodovia Campo  
Grande - Cuiabá, a  
40 km de Campo Grande  
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:  
Rua da Assembléia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ  
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

# Frimisa, a sua Cooperativa

Francisco Teatini

Eu estava na exposição de Esteio no Rio Grande do Sul, quando o Governo resolveu a brigar com os produtores por causa do preço da carne. Foi um grito geral dos gaúchos. A televisão falou o dia inteiro. Dentro da exposição havia uma série de reclamações. Os jornais estampavam nas primeiras páginas. Era um absurdo. Os líderes das Cooperativas de carne falavam, outros produtores em nome das Cooperativas também davam entrevistas.

Procurei me inteirar do assunto e verifiquei que a industrialização de carne no Rio Grande do Sul está entregue às Cooperativas dos produtores. Procurei analisar com mais detalhes e verifiquei que criadores e invernistas gaúchos estão muito na frente do produtor de carne mineiro. Vi que eles ganham mais, que o ICM sobre a carne é a metade do nosso, que eles exportam muito mais, que não dependem deste "difícil" mercado interno, mesmo assim, estavam brigando e reclamando, com o Governo... Entendi porque o Gaúcho manda e nós pedimos.

Saí do Rio Grande e voltei para Minas. Nos jornais eu vi uma entrevista do Dr. Antônio Ernesto. Verifiquei que os jornais deram apenas alguma notícia e que as donas de casa estavam reclamando. Os produtores estavam sós... Sem companheiros...

## A COOPERATIVA DE CARNE

Passei a entender mais o negócio de carne, e vi que a venda de carne tem que ser igual a venda de leite. Produtor de carne tem que ser cooperado, porque fora da cooperativa não tem salvação. Você criador tem que procurar entender isto a fundo... Não tem salvação.

Os criadores e invernistas mineiros estão totalmente à mercê dos frigoríficos intermediários. Os donos de frigoríficos não podem, não devem e não têm interesse algum em brigar com o Governo, porque eles são intermediários. Eles têm que fi-

car no meio, entre consumidores e o governo. Não é entre consumidores e produtores. Você criador... fica fora desta jogada. Você não manda. Eles têm que ficar de bem com o Governo. Os produtores de carne?... Que se lasquem...

Eu verifiquei que, em Minas, os produtores mineiros perdem muito com esse negócio de não ter uma cooperativa de carne para ficar com o dinheiro que o intermediário está ganhando. Entendeu?

Vamos supor que você seja o dono de um frigorífico grande, ou você faz parte de um frigorífico que compra boi gordo do produtor e vende para o consumidor. Pergunto: você teria interesse em brigar com o homem da fiscalização, do imposto e de financiamentos? Você teria interesse em brigar com o consumidor... seu freguês? É claro que não. Você ficaria ao lado do Governo. É lógico. Converse comigo uma hora e eu lhe contarei detalhes.

Os frigoríficos do Rio Grande do Sul estão nas mãos das cooperativas. Não existem intermediários. Os cooperados são os produtores. Eles brigam, reivindicam, lutam com o Governo e com os consumidores, estão em muito melhor situação do que nós mineiros.

Conseguem financiamento que nós não conseguimos, pagam o ICM muito menor do que nós. Você sabia que o ICM aqui em Minas é 17% e que no Rio Grande do Sul é 8%? Você sabia que do total de imposto sobre o boi aqui em Minas fica em quase 25%.

Isto quer dizer o seguinte: Que um fazendeiro gaúcho que vende 100 bois para corte dá para o Governo apenas 8% e um fazendeiro que vender 100 vacas, aqui em Minas dá 17%, ou melhor 35 milhões. Viu?

## ONDE ENTRA A FRIMISA

Um grupo de cooperativas está negociando a FRIMISA. Um bom negócio e você terá que aproveitar e tornar-se cooperado. Eu não vejo

outra saída para você que vende vacas gordas ou bois gordos.

A FRIMISA tem uma capacidade de abate de mil bois por dia. É um frigorífico enorme. Foi adquirido pelo preço de 16 bilhões de cruzéis. Participaram da compra: a Cooperativa MINAS CANE, a Cooperativa de Montes Claros, a Cooperativa de Janaúba, a de Passos e a de Curvelo. Mais isso não impede a você que tem fazenda em outra região entrar para a Cooperativa. Você pode e deve tornar-se sócio, porque tudo aquilo que você vender fora dela dá lucro para os intermediários e não ganha nada.

Preste atenção: se você é cooperado, o lucro do que você vender se torna seu também. Se você vende a sua vaca gorda para um outro frigorífico que não é a sua cooperativa, o que acontece? A carne vai para o consumidor e o lucro vai ficar para o dono do frigorífico e não para você. Além de tudo, a cooperativa tem que brigar por você com o Governo e com os consumidores e o dono do frigorífico, não pode e não deve brigar por você. Entendeu?

O intermediário ganha sempre, se ele tiver uma chance de ganhar muito mais de você, ele ganha. Vamos supor agora dentro da sua cooperativa: se ela ganhar você estará ganhando também. Quanto mais ela ganhar você estará ganhando também, mas isto não é o mais importante.

O mais importante de tudo é que a cooperativa goza das delícias de certos benefícios que um frigorífico particular não pode gozar e você vai ter isto.

Quero informar que as cooperativas adquirirão o complemento da FRIMISA sem ônus financeiro, sem fiscal, sem ônus tributário, trabalhista e previdenciário, e qualquer outro. Vou falar a verdade foi bom para o Governo que levava prejuízo com a FRIMISA, mas o Governador Hélio Garcia, o Arnaldo Rosa Prata e Afranio Avelar foram realmente companheiros na negociação. São

companheiros "parelha" de suar a camisa pelo produtor. Toda vida foram. Conheço-os há trinta anos. Esta foi a nossa sorte.

**SEJA COOPERADO DA FRIMISA AGORA**

Você é produtor de leite na região de Sete Lagoas, Curvelo, Pará de Minas, Divinópolis, ou qualquer lugar por aí. Todos os anos você tem que descartar as suas vacas. Você está descartando assim: pingando, descarta três, vem um dono de açougue aí na sua casa e lhe compra uma vaca. O intermediário do frigorífico lhe compra também. Não é assim?

Na verdade, este negócio de carne de boi é parada difícil. Ninguém lhe

deu colher de chá. Não pense você que os outros frigoríficos vão lhe dar colher de chá que não vão. O frigorífico ganha no peso ou na limpeza, ou no imposto, ou no comércio.

A Cooperativa tem interesse em fazer uma limpeza correta, porque de qualquer maneira ela está ganhando para você. Ela venderá direito ao consumidor também.

O frigorífico tem os "peixinhos" deles. Os "peixinhos" recebem mais por arroba. No caso da Cooperativa "Não tem peixada não" o lucro é seu. O preço do leite não é igual para todos? Da carne será também. Os impostos que uma cooperativa paga são menores do que os impostos que os frigoríficos pagam.

A FRIMISA está se tornando uma cooperativa moderna e diferente des-

tas antigas. Agora é sua, você tem o seu direito, que é igual ao de qualquer cooperado, independente do seu capital. Tanto faz um cooperado pequeno, médio ou grande, não existe diferença, os direitos são iguais dentro da cooperativa da FRIMISA. Ninguém pode receber mais do que ninguém. Todos têm de receber igual.

Além do mais, se você vender a sua fazenda, você pode vender em separado sua cota da cooperativa para outro, recebe o dinheiro correspondente ao lucro do que você vendeu nesses anos para trás e você vendendo para um frigorífico qualquer, você nunca gozaria dessas delícias.

Vá correndo para FRIMISA, a sua cooperativa. Ela está te esperando.

**O Nacional  
financia qualquer  
equipamento  
pra você trabalhar  
no campo**



**Seja qual for o seu campo de trabalho**



As vantagens de fazer Arrendamento Agrícola no Nacional são as seguintes:

- Você pode arrendar qualquer equipamento ou bens de produção que sejam utilizados em sua atividade econômica.
- É fácil, simples e rápido.
- Financiamento integral de equipamentos novos ou usados a longo prazo.
- Prestações reduzidas e totalmente dedutíveis do Imposto de Renda.
- Libera recursos para aplicação em custeio.
- Pode renovar periodicamente o equipamento arrendado.
- Ao final do contrato, você tem a opção de compra.



**NACIONAL**



**LEASING S.A. ARRENDAMENTO MERCANTIL**

- a publicação para ser RABISCADA

- para ser RABISCADA e FOLHEADA nos 365 dias do ano porque tem páginas para você fazer anotações diárias do que aconteceu com você e com seus negócios e dos próximos compromissos.

— porque tem páginas para fazer anotações do que recebeu e do que gastou dia após dia, tendo mais adiante páginas para fazer resumos mensais e, depois, então, fechar o balanço do ano e fazer o inventário da fazenda.

— porque tem páginas para anotações, tais como: notas pessoais; endereços e telefones registro de empregados; compromissos a solver; haveres a receber; registro diário de vendas de leite e de ovos; controle de lactação e de venda de reprodutores; manejo para sanidade do rebanho; nascimento e perda de bovinos; estoques, entrada e saída de bovinos; registro de uso de insumos; máquinas e mão-de-obra nas diversas culturas e registro de chuvas e intempéries.

— porque publica vários CALENDÁRIOS, como de planejamento zootécnico orientando a época em que se deve começar as coberturas e a época em que o touro deve ficar apartado do rebanho; calendário para as grandes culturas; das hortaliças; das flores e de safra de hortifrutigranjeiras.

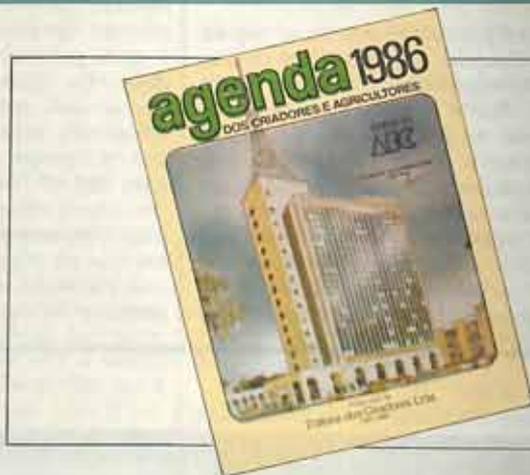
## VEJA AGORA OUTROS ASSUNTOS

### PECUÁRIA

Manejo da reprodução e o aumento da eficiência reprodutiva do zebu.

### PROJETOS E CONSTRUÇÕES RURAIS

Sala de ordenha e mini-estábulo. Projetos para ordenhar 6 vacas de cada vez, para ordenhar 12 vacas, para ordenhar 11 vacas, para ordenhar 6 vacas e mini-estábulo para ordenhar 8 vacas.



Projeto de estábulo convencional com bezerreiras. Cocho coberto para sal mineral. Projetos de currais para bovinos de corte. Terminação de bovinos em confinamento. 100 animais — 6 Projetos de currais para bovinos de corte. Bebedouro de concreto para animais de grande porte.

**Eqüinos** — instalações.

**Caprinos** — Um projeto simples e funcional.

**Suínos** — projeto de galpão maternidade para 8 e 18 matrizes. Depósito para cereais e para produtos ensacados.

### AGRICULTURA

Seringueira — Formação de mudas. Instalações de seringal. Práticas culturais. Estimativa de custos.

### SILVICULTURA

Reflorestamento heterogeneo com essências indígenas. Fauna indígena da região de Campinas. Descrição das espécies da flora e das espécies frutíferas.

**E O MAIS IMPORTANTE:**

A AGENDA publica um verdadeiro MANUAL DO EMPREGADOR RURAL, que esclarece importantes assuntos como: Empregador e empregado rural — Outros trabalhadores rurais que não são considerados empregados rurais — Empregados domésticos em:

e FOLHEADA nos 365 dias do ano.

Peça hoje mesmo  
o seu exemplar.

Preço: Cr\$ 120.000.

propriedade rural — Carteira de trabalho e anotações — Anotações durante a vigência do contrato — Anotações no ato da rescisão do contrato — Proibição — Prorrogação — Livro ou fichas de registro de empregados — Admissão do empregado rural — Contrato individual de trabalho — Aviso prévio — Salário — Faltas justificadas ao trabalho — Gratificações de Natal ou Décimo Terceiro Salário — Duração do Trabalho — Intervalo para descanso — Trabalho noturno — Férias — Proteção ao trabalho do menor — Proteção ao trabalho da mulher — Assistência técnica social — Indenização por tempo de serviço — Prescrição — Organização Sindical.  
16 Modelos de Contrato de Trabalho, de empreitada, de safra, recibos, acordos, aviso de férias, etc.

## VALORES BÁSICOS DE CUSTEIO 85/86 E CUSTOS

- Valores básicos de custeio — De formação de pastagem de VBC. Safra 85/86. Brachiária.
- VBC — Limite de adiantamento. — De produção de leite tipo C e B.
- Preços da cana por tonelada na esteira São Paulo.
- Ovos 1.000 aves, produção 722 caixas de 30 dúzias, Estado de São Paulo.
- Preço do leite deflacionado de 1975/85.
- 1.000 frangos de corte, conversão 2,3:1.
- Evolução do preço do leite "B".
- De formação da cultura da laranja, 200 pés; 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano.
- ORTN — evolução mensal do coeficiente.
- Da cultura do Maracujá.
- Tabela de salários mínimos de Maio 70 a Maio 85.
- Estatísticas e índices econômicos de uso corrente: série de salário mínimo, ORTN, UPC, UGP, INPC, taxas cambiais.
- PRODUTORES DE SEMENTES E MUDAS.
- Custo diário de operação de máquinas e implementos a tração mecanizada e animal, Estado de São Paulo.
- Endereços: Ministério da Agricultura, da Indústria e Comércio e da Fazenda. Secretarias da Agricultura, Confederação e Federações Rurais, Associações de Registro Genesalógico, Escolas de Agronomia, Veterinária e Zootecnia. Publicações especializadas. Bibliotecas Agrícolas do Estado de São Paulo, Cooperativas, Empresas de Pesquisas Agropecuária, Postos de venda de mudas e sementes, Conselho Federal de Medicina Veterinária, Secretarias da Agricultura do Estado de São Paulo.
- Do custo operacional, no Estado de São Paulo (em porcentagem).
- De formação de pastagem de Napier.
- De formação de pastagem de Colônias.

## Agenda dos Criadores e Agricultores - 1986

Com a presente peça um exemplar da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES — 1986 ao preço de Cr\$ 120.000. Para pagamento, segue anexo o cheque n.º ..... c/o Banco ..... e no valor de Cr\$ 120.000.

À EDITORA DOS CRIADORES LTDA.  
Rua Venâncio Aires, 31  
CEP 05024 — SÃO PAULO — SP  
A Remessa da AGENDA deve ser feita para:

Nome: .....  
Endereço: .....  
CEP: ..... Cidade: ..... Estado: .....

## Família Junqueira reúne-se no sul de Minas, em Cruzília

A família Junqueira reuniu-se nos dias 6, 7 e 8 de setembro no Sul de Minas para comemorar o Sesquicentenário da construção da Fazenda Traituba, município de Cruzília. No dia 6, os familiares foram recepcionados no Hotel Glória, de Caxambu, onde foram servidos queijo e vinho como boas vindas aos participantes do encontro. O queijo foi oferecido pelo Laticínio Scandia, que pertence à família. Dia 7, a família visitou a 34.ª Exposição Agropecuária do Sul de Minas, no Parque de Exposições de Caxambu, pela manhã e à tarde esteve na Fazenda Favacho, a primeira da família Junqueira e que hoje pertence ao casal Lúcia e José Mário Junqueira de Azevedo. No mesmo dia, a comitiva esteve na Fazenda Campo Lindo, também da família, onde se realizou um leilão de Gado Holandês, Mangalarga e Mangalarga Marchador. E às 22 horas houve



A comissão organizadora dos festejos da Família Junqueira, na comemoração do sesquicentenário da fundação da Fazenda Traituba, em Cruzília, MG.



Sr. Urbano Junqueira de Andrade e esposa D. Irene e Sr. Celso Junqueira Melrelles.

um recital de piano no Hotel Glória executado por um membro da família.

No dia 8, foi iniciado o programa de comemoração do sesquicentenário da construção da casa sede da Fazenda Traituba, com missa solene concelebrada por três padres Junqueira. A oração proferida pelo padre Francisco Junqueira, que teve como tema a família, foi uma obra prima. Após a missa, houve o desceramento dos três quadros dos ex-proprietários da Fazenda, Major José Frauzino Fortes Junqueira, Otto Junqueira e Oswaldo Cruz Azevedo Junqueira. A seguir foi servido almoço pelo Buffet Wilson, de Juiz de Fora, para 1.600 pessoas. À noite, nos salões nobre do restaurante do Hotel Glória, houve o Baile de Confraternização.

Encerrava-se, assim, a comemoração do sesquicentenário da construção da senhorial casa da Fazenda

Traituba, erguida, de 1831 a 1835, por João Pedro Diniz Junqueira para hospedar o Imperador D. Pedro II, de quem era amigo pessoal. Os proprietários atuais são d. Alice Aguiar Junqueira e filhos.

O primeiro Junqueira a se estabelecer no Brasil foi João Francisco — o Patriarca — que veio de Portugal e radicou-se na Fazenda Favacho, distrito de Encruzilhada, hoje município de Cruzília. João Francisco Junqueira casou-se em 16 de janeiro de 1758 na Capela do Carmo, em São João Del Rei. Trabalhou, inicialmente, na mineração e comércio de escravos, que eram vendidos para a região do Rio de Janeiro, que se iniciava na cafeicultura. Mas a sua predileção era a pecuária — gosto que legou aos descendentes.

Foram homenageados nesse encontro dois casais, netos do Patriarca, — Francisco Antônio casado com



Roberto Diniz Junqueira, sua esposa D. Margarida, familiares e Dona Lucía Junqueira Neto, tendo ao fundo o portão principal da Fazenda Traituba.

Genoveva Clara e Gabriel de Souza Diniz.

De Minas, a família Junqueira espalhou-se por São Paulo. Migraram para a região Mogiana em 1815, levada por José de Carvalho, casado com Helena Fausta, filha de Maria da Encarnação. Partindo do Sul de Minas, rumo a Oeste de São Paulo, montada em cavalos Mangalarga, a família enfrentou uma internada de chuvas, teve que acampar definitivamente no local que deram o nome de Internada. Formou-se um novo núcleo dos Junqueiras, que aí se assentou, tomando posse de uma área de 200 mil alqueires.

Nessa área nasceram, posteriormente, os municípios de Batatais, Nuporanga, Orlândia, São Joaquim da Barra, Morro Agudo, Gualra, Sales Oliveira, Bebedouro, Colina, Terra Roxa, Jaborandi, Monte Azul e Barretos. E nas Fazendas Favacho, Traituba e Campo Lindo, que pertenciam no século XIX a José Braulio, Francisco Olinto e João Frauzino, começavam, também, a selecionar o cavalo Mangalarga — uma raça que tem sua história amarrada simbioticamente à família Junqueira. José Braulio Fortes Junqueira, sobrinho de Barão de Alfenas, foi o maior selecionador da raça.

Ele adquiriu o famoso cavalo Fortuna, comprado em troca de 40 novilhas holandesas, que valiam uma fortuna — daí derivando o nome do primeiro animal da raça. Este foi o responsável pelo surgimento do Fortuna I, II, III, IV e V — este, por sua vez, gerou o Colorado. Na seleção de gado Holandês, a família Junqueira, também, foi pioneira: os três irmãos importaram da Holanda o primeiro touro da raça. Era um animal excepcional, que, em 1980, numa exposição em Paris, havia ganhado uma medalha. O animal desembarcou em Soledade e caminhou até a Fazenda Campo Lindo. O touro servia um ano em cada fazenda e deixou uma descendência notável. Essa medalha, ganha em Paris, compõe o acervo de troféus do sr. Urbano Junqueira de Andrade, filho de José Braulio, proprietário atual da Fazenda Campo Lindo, de Cruzília, e foi presidente da Comissão Organizadora das Comemorações da 13.ª Reunião da Família Junqueira.

Além da pecuária e criação de cavalos, a família Junqueira, também, na época notabilizava por outras inovações. José Braulio, pai do sr. Urbano, trouxe da Dinamarca técnicos em laticínios, instalando em Campo Lindo a 1.ª fábrica de queijo prato no Brasil, criando as marcas Campo Lindo, Dana e Scandia.

Apesar do tamanho da família, os Junqueiras não são muito chegados à política. Deles, Gabriel Francisco Junqueira (Barão de Alfenas) foi político de prestígio, comendador da Ordem de Cristo, Deputado Geral eleito em 1831 e reeleito na legislatura seguinte; José Monteiro Ribeiro Junqueira foi deputado Estadual, Federal e Senador por Minas e foi um dos fundadores do Banco Ribeiro Junqueira; Ormeu Botelho Junqueira, hoje com 88 anos e presente à reunião, foi bilhante deputado Federal por Minas em duas legislaturas.

De toda forma, o berço dos Junqueiras é pródigo em revelar políticos de grande peso. Assim nas cidades históricas e no circuito das águas, nasceu Tancredo Neves, que conviveu com os Junqueiras tanto nas salas de aula do Ginásio Santo Antônio de São João Del Rei como ocupando o seu primeiro cargo público como promotor da comarca de Aiuruoca, também originada por Junqueiras. Em Três Pontas, nasceu Aureliano Chaves, acadêmico e professor da Escola de Engenharia de Itajubá, que cresceu junto aos Junqueiras e iniciou a sua brilhante carreira política ao lado da família. É a grande esperança da família Junqueira em ter mais um dos seus amigos no topo de uma carreira política — a Presidência da República.



Um aspecto do almoço na Fazenda Traituba, em que aparece o seu atual proprietário Dr. José Mario Junqueira Azevedo, D. Beatriz Villela de Andrade, D. Madalena A. Azevedo, D. Lucía Junqueira Azevedo e Sr. Maurício Strang.

## Os irmãos Luis Antonio e Paulo Cezar Barreira criando e selecionando Mangalarga Marchador

As aptidões que adquirimos durante a vida são delimitadas desde que nascemos, sendo assim, Paulo César e Luiz Antonio Barreira, filhos de tradicional família de fazendeiros, descobriram que também seria possível conquistar alguns de seus ideais através de uma atividade desenvolvida no campo.

A paixão pela equinocultura corre nas veias, e é desta afirmação que nasce a dedicação, o zelo e a vontade de vencer todos os desafios visando atingir os objetivos traçados para o plantel da Fazenda Vista Alegre ou Rebanho Agropecuária.

SONIA DIETRICH PAES LEME

A história da Rebanho Agropecuária ou Fazenda Vista Alegre, cujas terras estão situadas na cidade de Carmo da Mata em Minas Gerais, teve seu início há 12 anos, quando os irmãos Luiz Antonio e Paulo César Barreira, descendentes de uma tradicional família de agropecuaristas mineira, decidiram ser sócios na atividade de equinocultura e, já com esta decisão tomada, visitaram cidades e criatórios afim de buscar uma definição de qual seria a raça criada. A primeira cidade a ser visitada foi Ribeirão Preto no interior de São Paulo, na intenção de desenvolver a raça Mangalarga Paulista. Mas não ficando satisfeitos com a desenvoltura deste cavalo, continuaram a peregrinação pelos criatórios, agora mineiros, quando chegaram à Fazenda Campo Grande, propriedade de Márcio Andrade, e com a opinião formada, adquiriram então o primeiro potrinho Mangalarga Marchador com o nome de Modelo do Pasatempo e algumas éguas. "A decisão de que seria o Mangalarga Marchador formou-se à partir do contato direto com o cavalo que comprovou sua incrível comodidade, rusticidade e as inúmeras habilidades desta raça".

Para a aquisição das cinco primeiras éguas de boa linhagem (2 anos após terem iniciado o trabalho) todas com origem no Sul de Minas, o "então Presidente da Caixa Econômica de Minas Dr. Hélio Garcia, nos concedeu um financiamento para a compra destes animais. Foram adquiridas matrizes notáveis de diferentes criatórios e linhagens, entre outras, Fazenda Campo Lindo com Canária JB e Harmonia JB; Fazenda do Porto; Fazenda Bela Cruz e Fazenda Angay. Estas fêmeas foram comercializadas no 1.º Leilão MACAPE".

Uma vez formado o plantel de matrizes, era preciso adquirir um garanhão, por isso, "inserimos no rebanho o cavalo Herdade Cobalto (Herdade Cadillac x Herdade Prata) que traz tudo de mais nobre que existe dentro da linhagem Herdade". Com este reprodutor já convivendo com o plantel da Rebanho Agropecuária, o planejamento de monta foi desenvolvido por este animal durante os quatro primeiros anos de criatório.



O casal Maria Dulce e Paulo Cezar Barreira com o filho Rafael.

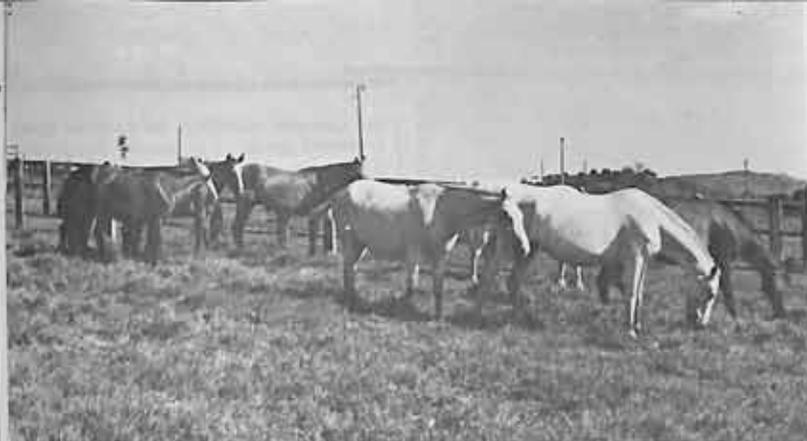
Desde então, o plantel da Rebanho Agropecuária foi se desenvolvendo em cima dos objetivos pré-estabelecidos tais como, a melhoria da conformação sempre preservando a marcha batida, incentivando a ginástica funcional e aprimorando, cada vez mais, a beleza e estética dos cavalos do plantel de Luiz Antonio e Paulo César Barreira. "Devo frisar que este objetivo é comum à maioria dos criatórios de Mangalarga Marchador", concluiu Luiz Antonio.

Hoje o atual plantel é formado dos seguintes animais: éguas mais antigas, Canária JB e Harmonia JB, mais tarde Esperança do Rebanho (Prelúdio do Porto x Futurista do Porto) e Faceira do Rebanho (Herdade Capricho x Angay Lindeza). Filhas de Herdade Cobalto: Futurista do Rebanho (Herdade Cobalto x Futurista do Porto), "esta matriz — Futurista do Porto — originária da Fazenda do Porto, foi a que mais se destacou naquele criatório pela qualidade de seus produtos"; Gazela do Rebanho (Herdade Cobalto x Canária JB); Enchoya HO (Her-

dade Cobalto x Abaíba Viçosa); Independência do Rebanho (Herdade Cobalto x Esperança do Rebanho); Ilha Bela do Rebanho (Herdade Cobalto x Abaíba Capoeira); Imagem do Rebanho (Herdade Cobalto x Harmonia JB); Invejosa do Rebanho (Herdade Cobalto x Angay Lindeza); Intriga do Rebanho (Herdade Cobalto x Ara Valsa); Ilhoa do Rebanho (Herdade Cobalto x Linche JB) e Jornada do Rebanho (Herdade Cobalto x Harmonia JB).

Há cinco anos foram adquiridas cinco fêmeas Abaíba para melhor "temperar os produtos de nosso criatório objetivando material Abaíba puro". São elas: Abaíba Lídia (Abaíba Reserva x Abaíba Quimera); Abaíba Lira (Abaíba Reserva x Abaíba Relíquia); Abaíba Libra (Abaíba Reserva x Abaíba Quitanda); Abaíba Escrava (Abaíba Reserva x Abaíba Vila) e Abaíba Garoupa (Abaíba Eros x Providência Sincera).

Juntamente com a matriz Abaíba foi também adquirido o garanhão Abaíba Ludo (Abaíba Gim x Abaíba Veneza) com



Oito éguas filhas de Herdade Cobalto.

a finalidade de cobrir as filhas de Herdade Cobalto, que possuem linhagem marchadora, visando a formação da linhagem REBANHO. Este garanhão — Abaíba Ludo — era da reserva do plantel da Fazenda Abaíba e, que depois de muita insistência, "por precisarmos de um bom sangue em nossa linhagem, nos foi cedido pelo então proprietário". Nesta estação de monta, nos próximos meses, Abaíba Ludo irá cobrir, além das 10 filhas de Herdade Cobalto, as cinco éguas Abaíbas, Alamanda Tabatinga filha de Tabatinga Predilero e Gôndola Tabatinga filha de Zingaro Tabatinga.

Ao lado de Abaíba Ludo está sendo desenvolvido um trabalho com o garanhão Guapo do Rebanho (Herdade Cobalto x Futurista do Porto) campeão da Semana Nacional do Cavalo 1984 em Brasília, destacando-se por seu andamento e sua caracterização racial.

Há 3 anos o garanhão Kodak Bela Cruz, cedido por Darcy Junqueira, "grande amigo nosso", permaneceu na Rebanho Agropecuária durante uma estação de monta, portanto 8 meses. Dessas cruzas originaram as potras que, atualmente, somam a idade de 2 anos, Juriti do Rebanho (Kodak Bela Cruz x Canária JB) Jarrinha do Rebanho (Kodak Bela Cruz x Faceira do Rebanho) e o potro Japuí do Rebanho que está sendo preparado para o próximo leilão em São Paulo, no dia 9 de dezembro deste ano.



Potros de um ano: Lebre, Lembrança, Linda, Labareda e Liberdade.

E finalmente as potras de um ano que também fazem parte do plantel: Lebre do Rebanho (Tabatinga Senegal x Gazela do Rebanho); Lembrança do Rebanho (Adido Tabatinga x Futurista do Rebanho); Labareda do Rebanho (Hércules do Rebanho x Harmonia JB) e Linda do Rebanho (Guapo do Rebanho x Falena). Hércules Cobalto filho de Herdade Cobalto x Providência Quimera, também faz parte do quadro de reprodutores do plantel da Rebanho Agropecuária. "A equinocultura é uma atividade de grande liquidez e um bom negócio, apesar dos grandes investimentos para manter o plantel em boas condições", comentou Luiz Antonio.

A comercialização dos produtos do plantel dos irmãos Paulo César e Luiz An-



Lote de éguas tordilhas.

tonio Barreira é "restrito" devido ao critério estabelecido por eles em não vender as fêmeas, a fim de proporcionar uma maior condição para selecionar as melhores — futuras — matrizes. "Está certo que esta conduta, por um lado, não traz nenhum retorno imediato de capital, mas oferece a vantagem de investir no futuro qualitativo do plantel que, por sua vez, irá atingir, futuramente, maiores cotações no mercado". Os potros machos, desde que nascem, observa-se seu fenótipo e genótipo, com a finalidade de que, os animais de boa caracterização, sejam preparados para exposições ou leilões, e aqueles que não apresentarem boas conformações, serão devidamente castrados e adestrados para o trabalho no campo, "nem todos os produtos, mesmo de boa descendência, nascem com apreciáveis caracterizações raciais". Os animais da Rebanho Agropecuária participam frequentemente de exposições tais como, Exposição Na-



5 éguas linhagem Abaíba: Lira, Libra, Lidia, Garoupa e Escrava.

cional do Cavalo Mangalarga Marchador, Exposição Estadual de Minas Gerais e Exposição Estadual de São Paulo (Mangalarga Marchador).

A equitação tem grande importância dentro das atividades do Rebanho Agropecuária. "Esta atividade, ao meu ver, não deve deixar de existir em nenhum criatório. Nós procuramos sempre deixar o cavalo em forma, principalmente o equino da raça Mangalarga Marchador, que não pode nem deve esquecer de sua natureza que é a marcha batida e a rusticidade. Na fazenda exercitamos os cavalos no galope e improvisamos as figuras de equitação das provas funcionais.

O manejo com os cavalos "é o mais simplificado possível, conduta esta que tem a finalidade de evitar que o animal, torna a repetir, perca uma de suas características básicas que é a rusticidade".

Os machos de até 3 anos são criados em regime semi-estabulado, ocupando as 15 baias e cocheiras durante a maior parte do dia e, por algumas horas, são soltos à pasto para exercitarem o pastoreio respirando ar puro e convivendo com outros animais de sua espécie. As éguas e potras vivem em regime de pasto, recebendo, quando necessário, uma suplementação. A ração oferecida é constituída de rolão de milho e mais o concentrado que é a fonte de proteína. O volumoso é formado de cameron e meloso, também conhecido por gordura e, esporadicamente, quando atingem bons preços no mercado, aveia e alfafa. Os piquetes são formados com o capim braquiária humiflora.



Vista de piquetes do Haras Bela Vista.

## A ASSOCIAÇÃO

Durante 3 anos Luiz Antonio Barreira, na gestão do Dr. Aristides Márcio Ferreira, ocupou o cargo de Diretor de Relações Públicas da Associação Brasileira do Cavalo Mangalarga Marchador. "Pude me realizar porque meu trabalho teve grande repercussão, pois as três primeiras Exposições Nacionais do Cavalo Mangalarga Marchador, os Campeonatos de Provas Funcionais, o reincentivo do 'house-organ' O MARCHADOR, devo ressal-

tar que este periódico foi fundado durante minha gestão, a impressão de um calendário com fotos de grandes e importantes animais do criatório brasileiro, a programação de uma edição especial só sobre a raça em uma revista especializada que, anteriormente, não divulgava nada sobre o nosso cavalo e o 1.º Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais, foram todas organizadas e agilizadas durante minha gestão".

Aproveitando a oportunidade Luiz Antonio expôs um dos eternos problemas da Associação: "devido à grande extensão do País e uma só entidade a ter a incumbên-

cia de executar o trabalho de Registro Genealógico, torna-se por vezes, insatisfatório o atendimento. A época de partição, anualmente, acontece em um período determinado, sendo assim, se a Associação contratar técnicos para atender a esta demanda, ficará muito oneroso pois na maior parte do ano esta mão-de-obra ficará ociosa".

Antes de ocupar o cargo de Diretor da Associação, Luiz Antonio fez parte da Comissão Especial da Registro, funcionando durante dois anos, e que por lei deveria ter um representante da Associação, um do Ministério da Agricultura e um criador. Esta Comissão tinha a finalidade de registrar os animais em Livro Aberto, isto é, de acordo com o Ministério da Agricultura, registrar animais sem genealogia mas com qualidades mínimas da raça. Participou ainda da Comissão Organizadora da Convenção Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador, realizada em Caxambu em 1981.

Para encerrar a entrevista que Luiz Antonio concedeu à reportagem da Revista dos Criadores, sugeriu aos novos ou futuros equinocultores, em especial os da raça Mangalarga Marchador, que, sempre, ao adquirir um cavalo, procurar os de melhores qualificações. Para que assim, o plantel tenha uma boa resposta havendo, preferivelmente, um controle rigoroso para o planejamento das cruzas.



Baias bem construídas para boa acomodação dos garanhões.

## Exposição Nacional de Mangalarga Marchador em Belo Horizonte



Abertura oficial com desfile.

De 7 a 15 de setembro, foi realizada, em Belo Horizonte, a IV Exposição Nacional do Cavallo Mangalarga Marchador, que reuniu 600 animais de alta linhagem de vários pontos do país. A égua Bazuca Standart, de Guilherme Ribeiro Meirelles, foi a campeã da raça e Belaíba da Santa Terezinha, de Alexandre Rocha de Miranda, foi a reservada campeã. O campeão da raça foi Sambaqui Tabatinga, de Sebastião Paz de Lizardo Lima e o reservado foi Dilúvio do Porto Azul, de Carlos Fernando Villar Coutinho. O Leilão, realizado no dia, vendeu 41 animais de elite por Cr\$ 2,118 milhões. O cavalo Catuni Quindin, vendido pela Eldorado Agropecuária ao criador baiano Carlos Vasconcellos, alcançou Cr\$ 260 milhões. E a média de preços por categoria foram: potro Cr\$ 28 milhões, cavalo Cr\$ 71 milhões, potra Cr\$ 46 milhões, égua Cr\$ 60 milhões. Média geral alcançou Cr\$ 51 milhões.

Durante a mostra, foi realizado o Concurso de Marcha, que apresentou esta classificação:

**Campeã de Marcha Égua Jovem:** JABARA JOTA ESSE, de João Sergio Reis.

**Reservada Campeã de Marcha Égua Jovem:** ELITE DO PORTO AZUL, de Carlos Fernando Villar Coutinho.

**Campeã de Marcha Sênior:** BELAIBA DA SANTA TEREZINHA, de Alexandre Rocha de Miranda.

**Reservada Campeã de Marcha Sênior:** CATUNI RUMBA, de João Carlos Penna de Araujo Moreira.



Aspecto da prova de agilidade do Mangalarga Marchador.

## Veilões e Exposições

**Campeão de Marcha Jovem:** DITADOR DE GOU-LART, de Mauro Melcher Goulart da Cunha.

**Reservado Campeão de Marcha Jovem:** MOCAM-BO QUINAU, de José Lúcio Rezende.

**Campeão de Marcha Sênior:** ESPADIM R.B., de Jo-sé Rocha de Sá.

**Reservado Campeão de Marcha Sênior:** SONHO DE PASSA TEMPO, de Milton Sobral de Vasconcelos.

Foi realizado, também, o Torneio de Provas Funcionais. O torneio foi vencido por Rodrigo Meirelles Carril, de Ribeirão Preto, montando Sonho RR. O segundo lugar foi Américo Verneck Neto, com Herói de Santa Cruz. Rodrigo também ficou com a terceira posição. A quarta e quinta, ficaram para Carlos José Barbosa e João Sérgio Reis, que montaram, respectivamente, PH Fúria e Hai Cai JS.

O julgamento da IV Exposição apresentou os seguintes resultados:

**Concurso Progenie de Mãe**  
— 1.º: Mãe: Abarba Sereira.  
Filhos: Cafundó Vitória, Cafundó Urânio e Cafundó Sublime, de José dos Reis Meirelles Filho.

**Concurso Progenie de Pai Júnior** — 1.º: Pai: Santana Nababo, Filhos: Mig Danúbio, Mig Doutrina, Mig Ervadoce, de Miguel Viriato de Souza.

**Concurso Progenie de Pai Sênior** — 1.º: Pai: Herdade Jupia, Filhos: Cafundó Urca, Cafundó Volga, Cafundó Vitória, de José dos Reis Meirelles Filho.

### CLASSIFICAÇÃO GERAL

#### FÊMEAS

1.º CAT. — 8 a 10 meses

1.º: Carícia Trimonte, de Eldorado Agropecuária Ltda.

2.º CAT. — 10 a 12 meses

1.º: Iris da Pedra Verde, de Severino Sérgio Estelita Guerra.

3.º CAT. — 12 a 15 meses

1.º: Inocência HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho.

Campeã Mirim: Iris da Pedra Verde, de Severino Sérgio Estelita Guerra.

4.º CAT. — 15 a 18 meses

1.º prêmio: Trezentos e Quarenta e Seis Prateado da Tosana, da Tosana Agropecuária S/A.

5.º CAT. — 18 a 20 meses

1.º: Mig Ervadoce, de Miguel Viriato de Souza.

6.º CAT. — 20 a 28 meses

1.º: Hora AJ, de Lael Vieira Varella.

Campeã Júnior — Hora AJ, de Lael Vieira Varella.

7.º CAT. — 22 a 27 meses

1.º: Quereza da Ponte Alta, de Ricardo Fred Schwarz Pascoli.

8.º CAT. — 27 a 32 meses

1.º: Gândola da Preguiça, de Eldorado Agropecuária Ltda.

9.º CAT. — 32 a 36 meses

1.º: Mig Doutrina, de Eldorado Agropecuária Ltda.

Campeã Potra, Mig Doutrina, de Eldorado Agropecuária Ltda.

Reservada Campeã Potra, Gândola da Preguiça, de Eldorado Agropecuária Ltda.

10.º CAT. — 36 a 44 meses

1.º: Sarita do Granito, de Lúcio Flávio Segundo de Barros Wanderley.

11.º CAT. — 44 a 48 meses

1.º: Europa do Porto Azul, de Newton Sturzeneker.

12.º CAT. — 48 a 56 meses



Fernando Coutinho recebe prêmio de Aristides Raché a faixa de Reservado Grande Campeão.

1.º: Draga de Santa Marta, de Geraldo Magalhães Barbosa.

Campeã Égua Jovem — Draga da Santa Marta, de Geraldo Magalhães Barbosa.

Reservada Campeã Égua Jovem, Sarita do Granito, de Lúcio Flávio Segundo de Barros Wanderley.

13.º CAT. — 56 a 60 meses

1.º: Cafundó Urca, de Eduardo José Lyra Pessoa de Mello.

14.º CAT. — 60 a 68 meses

1.º: Santo Antonio Fênix, de Ormeu Junqueira Botelho.

15.º CAT. — 68 a 72 meses

1.º: Bazuca Standart, de Guilherme Ribeiro Meirelles.

Campeã Égua — Bazuca Standart, de Guilherme Ribeiro Meirelles.

Reservada Campeã Égua, Santo Antonio Fênix, de Ormeu Junqueira Botelho.

16.º CAT. — 72 a 80 meses

1.º: Belaiba de Santa Terezinha, de Alexandre Rocha de Miranda.

17.º CAT. — 80 a 92 meses

1.º: Batuta AC, de Eduardo José Lyra Pessoa de Mello.

18.º CAT. — 92 a 96 meses

1.º: Deidade RB, de Carol Fernandes de Aguiar e Silva.

Campeã Égua Adulta: Belaiba da Santa Terezinha, de Alexandre Rocha de Miranda.

Reservada Campeã Égua



José Lúcio Rezende e Sra.

## Leilões e Exposições

Adulta, Balua AC, de Eduardo José Lyra Pessoa de Mello.  
19.º CAT. — 96 a 108 meses  
1.º: Cantada do Joquitibá, de Maria Irene Baptista dos Reis.

Campeã da Raça, Bazuca Standard, de Guilherme Ribeiro Meirelles.

Reservada Campeã da Raça, Belaiba da Santa Terezinha, de Alexandre Rocha de Miranda.

### MACHOS

1.º CAT. — 08 a 10 meses  
1.º: Banjo do Solarzinho, de Carlos Augusto Azevedo Beaumont.

2.º CAT. — 10 a 12 meses  
1.º: Invencível HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho.  
3.º CAT. — 12 a 15 meses  
1.º: Escudo da Papuca, de José Dulio Piragibe.

Campeão Mirim, Invencível HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho.

Reservado Campeão Mirim, Banjo do Solarzinho, de Carlos Augusto Azevedo Beaumont.

4.º CAT. — 15 a 18 meses  
1.º: Orgulho HB, de Hélio Bello Cavalcanti.

5.º CAT. — 18 a 20 meses  
1.º: Balé da Parahy, de José Asley Lima Costa.

6.º CAT. — 20 a 22 meses  
1.º: Himalaia HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho.

Campeão Júnior, Orgulho HB, de Hélio Bello Cavalcanti.  
Reservado Campeão Júnior, Himalaia HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho.

7.º CAT. — 22 a 27 meses  
1.º: Garboso Standard, de Guilherme Ribeiro Meirelles.

8.º CAT. — 27 a 32 meses  
1.º: Havai da Corumbinha, de Carlos Ivan Viana Rodrigues.

9.º CAT. — 32 a 36 meses  
1.º: Guincho da Santa Terezinha, de André Maurício Miranda.

Campeão Potro, Guincho da Santa Terezinha, de André Maurício Miranda.

Reservado Campeão Potro, Havai da Corumbinha, de Carlos Ivan Viana Rodrigues.

10.º CAT. — 36 a 44 meses  
1.º: Mig Cognac, de Miguel Viriato de Souza.

11.º CAT. — 44 a 48 meses  
1.º: Escorpião de São Joaquim, de Almir Francisco de Moraes.

12.º CAT. — 48 a 56 meses  
1.º: Berlimbau das Garças, de Murillo Cardoso Boechat.  
Campeão Cavalto Jovem, Mig Cognac, de Miguel Viriato de Souza.

Reservado Campeão Cavalto Jovem, Escorpião de São Joaquim, de Almir Francisco de Moraes.

13.º CAT. — 56 a 69 meses  
1.º: Dilóvio do Porto Azul, de Carlos Fernando Villar Coutinho.

14.º CAT. — 60 a 66 meses  
1.º: Duzentos e Treze da Tosana, da Tosana Agropecuária S/A.

15.º CAT. — 68 a 72 meses  
1.º: Guarani de Santa Cruz, de Pedro Américo Werneck Neto.

Campeão Cavalto: Dilóvio do Porto Azul, de Carlos Fernando Villar Coutinho.

Reservado Campeão Cavalto: Cafundó Urândo, de Olayo Egidio Monteiro de Carvalho.

16.º CAT. — 72 a 80 meses  
1.º: Brasil de Goulart, de

Joacy Encida Cortes.

17.º CAT. — 80 a 92 meses  
1.º: Mar Delfin, de Zelito Brandão Fontes

18.º CAT. — 92 a 96 meses  
1.º prêmio: Abaiba Edipo, de Eduardo José Lyra Pessoa de Mello.

Campeão Cavalto Adulto, Abaiba Edipo, de Eduardo José Lyra Pessoa de Mello.

Reservado Campeão Adulto, Mar Delfin, de Zelito Brandão Fontes.

19.º CAT. — 96 a 108 meses  
1.º: Sambaqui Tabatinga, de Sebastião Paz de Lizardo Lima.

20.º CAT. — 108 a 120 meses  
1.º M.H.: Ara Itaipu, de Tasso de Moraes.

22.º CAT. — 144 a 168 meses  
1.º M.H.: Gilzi do Grande, de Almir Francisco de Moraes.

Campeão Sênior, Sambaqui Tabatinga, de Sebastião Paz de Lizardo de Lima.

Campeão da Raça, Sambaqui Tabatinga, de Sebastião Paz de Lizardo Lima.

Reservado Campeão da Raça, Dilóvio do Porto Azul, de Carlos Fernando Villar Coutinho.

## Caem recordes no Leilão VR

Com presença de 700 pessoas, o Leilão do Grupo VR, que comemorou 70 anos, quebrou diversos recordes nacionais. Realizado no Clube Fainéiras do Morumbi, em São Paulo, o leilão começou calmo, até que Bênis POI da Zebulândia VR, uma fêmea de dois anos e meio, apareceu na pista, provocando agitação dos criadores. E, lance após lance, o leiloeiro Djalma B. de

Lima bateu o martelo nos Cr\$ 500 milhões — um recorde absoluto entre todos os leilões de bovinos do país. Porém, outra surpresa estava reservada pelo leilão pelo macho de pouco mais de um ano: Chengar POI da Zebulândia VR quebraria esse recorde, sendo vendido por Cr\$ 600 milhões. O primeiro animal foi comprado por José Olavo B. Mendes, de Uberaba, e o segundo pela Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, de Lençóis Paulista. No total, o Leilão VR vendeu 64 animais por Cr\$ 5,115 bilhões, com média de

Cr\$ 79,922 milhões, maior volume de venda e média em leilões de bovinos de todas as raças.

## Londrina define eventos de 1986

A Sociedade Rural do Paraná já elaborou o calendário de Eventos para 1986, já oficializado pelo Ministério da Agricultura, Secretaria da Agricultura e Comissão Esta-

dual de Exposições Agropecuárias. De 4 a 13 de abril de 1986, será realizada a XXVI Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina. Dias 24 e 25 de maio, a 1.ª Feira de Bezerros de Corte. Dias 19 e 20 de julho, II Grande Feira de Bezerros. Dias 20 e 21 de setembro, II Leilão da Primavera — vendas de bezerros, matrizes e reprodutores bovinos e equinos e nos dias 7, 8 e 9 de novembro, será realizado o IX Leilão de Todas as Raças — matrizes e reprodutores equinos, ovinos e bovinos registrados.

## Nova Índia vende Cr\$ 4,635 bilhões

O II Leilão Nova Índia, realizado na Fazenda Nova Índia, Campo Grande, MS, em outubro, vendeu Cr\$ 4,635 bilhões, com média geral de 37,682 milhões. Foram colocadas à venda 123 animais, distribuídos em 107 lotes. Foram vendidos 40 machos Nelore POI por Cr\$ 1,776 bilhões, com média de 44,4 milhões; 25 fêmeas Nelore POI por Cr\$ 1,523 bilhões, média de Cr\$ 60,92 milhões; 12 machos

PO por Cr\$ 229 milhões, média de Cr\$ 19,083 milhões; 21 fêmeas PO por Cr\$ 318 milhões, média de Cr\$ 15,142 milhões; 8 (fêmeas) Nelore Mocho PO por Cr\$ 267 milhões, média de Cr\$ 33,375 milhões, 17 machos Nelore Mocho por Cr\$ 522 milhões, média de Cr\$ 30,705 milhões. Os maiores vendedores do leilão foram Lúcio e Sérgio Costa, com total de Cr\$ 2,944 milhões. O maior comprador foi Ruth Esteves Peixoto Cavaleira, com Cr\$ 576 milhões. O animal mais caro — Thagard da Nova Índia, POI — foi vendido por Cr\$ 350 milhões para Ge-

raldo Correa da Silva. Esse preço é recorde nacional. A fêmea mais cara — Sikhara da Nova Índia, POI — foi vendida por Cr\$ 260 milhões para Torres Homem Rodrigues da Cunha. Esse preço é recorde nacional para matrizes fêmeas.

## Leilões de equinos em Rio Preto

Durante o I Semano de Leilões de São José do Rio Preto, foram realizados diver-

sas licitações. Entre os equinos — raças Mangalarga, Quarto de Milha, Árabe, Jumentos, Appaloosa e PSI, os resultados foram: na raça Quarto de Milha, 4 animais vendidos por Cr\$ 74,6 milhões, média de 18,65 milhões; 1/2 sangue Árabe, 1 animal por Cr\$ 4,5 milhões; Jumentos, 12 por Cr\$ 73,4 milhões, média de Cr\$ 8,116 milhões; Appaloosa, 4 por Cr\$ 153 milhões, média Cr\$ 38,25 milhões; PSI,

4 por Cr\$ 37,8 milhões, média de Cr\$ 9,45 milhões; Mangalarga, 9 por Cr\$ 110 milhões, média de Cr\$ 12,222 milhões.

Houve em Rio Preto, ainda o leilão de gado de leite, que vendeu 43 animais por Cr\$ 198 milhões, média de Cr\$ 4,606 milhões. No leilão de Zebu de Rio Preto, os resultados foram: 37 Nelore PO machos por Cr\$ 252 milhões, média de Cr\$ 6,836 milhões; 3 fêmeas Nelore PO por

12,8 milhões; 9 Tabapuá macho por Cr\$ 23,590 milhões, média de Cr\$ 2,621 milhões; 8 Gir Mocha (macho) por Cr\$ 44,4 milhões, média Cr\$ 5,55 milhões; 4 fêmeas por Cr\$ 25,5 milhões, média de Cr\$ 6,375 milhões; 5 Nelore POI macho, por Cr\$ 71 milhões, média de Cr\$ 14,2 milhões. No leilão de gado de corte, os resultados foram: machos 36 por Cr\$ 33 milhões, média de Cr\$ 917 mil, e 15 fêmeas por Cr\$ 9,6 milhões, média de Cr\$ 640 mil.

## Leilão da tradição mineira

FRANCISCO TEATINI

O 13.º Leilão da Colonial, foi realizado no dia 26 de outubro/85, em Janaúba, com a presença de mais de 1.000 pessoas provenientes de diversas localidades, principalmente do Norte de Minas, como também de outras regiões mineiras. Era gente conhecendo gente, velhos amigos se reencontrando, se informando, um bate papo agradável, todo mundo se confraternizando com a chegada das chuvas e com o Tradicional Leilão da Colonial.

Nesse Leilão, os compradores foram os mais favorecidos, pois os preços médios sobem todos os dias. Poderia dizer mesmo assim que agradeu a "Gregos e Troianos".

Foram arrematados 26 touros nelore controlados, excelentes, brancos, lindos, pelo preço médio de Cr\$ 7 milhões, ou seja, o dobro do preço da arroba do boi gordo.

O touro chamado Utópico — Reserva da Colonial — cedido para o Leilão, Campeão diversas vezes em várias exposições, foi arrematado por José Soares Dias, por Cr\$ 32 milhões.

As novilhas e novilhotas comuns, que somavam 263, obtiveram o preço médio de Cr\$ 1.100.000 em outras palavras, saíram a preço de arroba do dia.

Os machos de corte saíram em torno de Cr\$ 170 mil/arroba. As 58 novilhas e novilhotas Nelore controladas alcançaram a média de Cr\$ 1.900.000.

O maior comprador deste Leilão foi o Aristides Martins Maia (Tidinho) com Cr\$ 170.000.000 (cento e setenta milhões), seguido de Alcides Torres Faria (Tirizinho) e Hélio Alberto Farias.

Tradicionalmente, nos Leilões da Colonial, os preços nunca ultrapassaram o que

está vigorando na região, pois, o principal objetivo não é vender por preços elevados e sim comercializar em grande escala, oferecendo o que existe de melhor para os compradores.

Graças aos esforços de Dr. Francisco Pereira — Vice-Presidente do Banco do Brasil — houve uma verba de Cr\$ 150 milhões para financiar aos pequenos, que contaram também com as facilidades oferecidas pela Colonial, ou seja, 3 pagamentos sem juros, ou à vista com 10% de desconto.

O próximo Leilão da Colonial, o décimo quarto — já está programado para 31 de janeiro de 1986, onde deverão ser leiloadas, cerca de 1.000 novilhas Nelore, cruzadas; Chianinas e Caracu.

Em 16 de maio de 86, o DÉCIMO QUINTO LEILÃO, será de 2.000 garrotes para pasto...

# FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031



# ROTALEILÕES

## II LEILÃO NOVA ÍNDIA

12 de outubro de 1985

Fazenda Nova Índia  
Campo Grande - MS

Valor total vendido	Cr\$ 4.635.000.000
Número de lotes	107
Número de machos	
P.O.I.	040
Número de fêmeas	
P.O.I.	025
Número de machos	
P.O.	012
Número de fêmeas	
P.O.	021
Número de machos PO (mocho-machos)	017
Número de fêmeas PO (mocho-fêmeas)	008
Valor total de fêmeas	
P.O.I.	Cr\$ 1.523.000.000
Média	Cr\$ 60.920.000
Valor total de machos	
P.O.I.	Cr\$ 1.776.000.000
Média	Cr\$ 44.400.000
Valor de machos PO	Cr\$ 229.000.000
Média	Cr\$ 19.083.333
Valor de fêmeas PO	Cr\$ 318.000.000
Média	Cr\$ 15.142.857
Valor de fêmeas (mocho)	Cr\$ 267.000.000
Média	Cr\$ 33.375.000
Valor de machos (mocho)	Cr\$ 522.000.000
Média	Cr\$ 30.705.882
Média total do leilão	Cr\$ 43.317.757
Média total por animal	Cr\$ 37.682.926

### Preços e negócios

Maior vendedor: Lúcio e Sérgio Costa  
Cr\$ 2.944.000.000.  
Maior comprador: Ruth Esteves Peixoto Cavaleira  
Cr\$ 576.000.000  
Macho P.O.I. de maior valor: — (Tha-gord da Nova Índia) — Comprador: Ge-raldo Correa da Silva  
Cr\$ 350.000.000.  
(RECORDE NACIONAL)  
Fêmea P.O.I. de maior valor: — (Sik-hara da Nova Índia) — Comprador: Torres Homem Rodrigues da Cunha  
Cr\$ 260.000.000.  
(RECORDE NACIONAL)

### I SEMANA DE LEILÕES DE SÃO JOSE DO RIO PRETO - SP

#### LEILÕES DAS RAÇAS QUARTO DE MILHA, ARABÊ, JUMENTOS, APALOOSA, P.S.I. E MANGALARGA

Total vendido no Leilão Cr\$ 453.300.000

#### QUARTO DE MILHA

Total vendido ..... Cr\$ 74.600.000  
N.º de animais ..... 04  
Média por animal ..... Cr\$ 18.650.000

#### 1/2 ARABÊ

Total vendido ..... Cr\$ 4.500.000  
N.º de animais ..... 01  
Média por animal ..... Cr\$ 4.500.000

#### JUMENTOS (AS)

Total vendido ..... Cr\$ 73.400.000  
N.º de animais ..... 12  
Média por animal ..... Cr\$ 6.116.666

#### APALOOSA

Total vendido ..... Cr\$ 153.000.000  
N.º de animais ..... 04  
Média por animal ..... Cr\$ 38.250.000

#### P.S.I.

Total vendido ..... Cr\$ 37.800.000  
N.º de animais ..... 04  
Média por animal ..... Cr\$ 9.450.000

#### MANGALARGA

Total vendido ..... Cr\$ 110.000.000  
N.º de animais ..... 09  
Média por animal ..... Cr\$ 12.222.222

#### GADO LEITEIRO

Total vendido ..... Cr\$ 198.100.000

Número de animais ..... 43  
Média por animal ..... Cr\$ 4.606.976

#### RAÇAS ZEBUINAS

Total geral de vendas ..... Cr\$ 472.790.000  
Nelore P.O. (machos) ..... 37  
Nelore P.O. (fêmeas) ..... 03

Total vendido Nelore P.O. (macho) ..... Cr\$ 252.900.000

Total vendido Nelore P.O. (fêmea) ..... Cr\$ 12.800.000

Média por Nelore P.O. (macho) ..... Cr\$ 6.836.000

Média por Nelore P.O. (fêmea) ..... Cr\$ 4.267.000

Tabapuã (macho) ..... 09

Média por Tabapuã (macho) ..... Cr\$ 2.621.111

Total vendido Tabapuã (macho) ..... Cr\$ 23.590.000

Gir variedade Mocha (macho) ..... 08

Gir variedade Mocha (fêmea) ..... 04

Total vendido Gir V. Mocha (macho) ..... Cr\$ 44.400.000

Total vendido Gir V. Mocha (fêmea) ..... Cr\$ 25.500.000

Média Gir V. Mocha (macho) ..... Cr\$ 5.550.000

Média Gir V. Mocha (fêmea) ..... Cr\$ 6.375.000

Nelore P.O.I. (macho) ..... 05

Total vendido por Nelore P.O.I. (macho) ..... Cr\$ 71.000.000

Média por Nelore P.O.I. (macho) ..... Cr\$ 14.200.000

Gado de Corte (machos) ..... 36

Gado de Corte (fêmeas) ..... 15

Total vendido Gado de Corte (macho) ..... Cr\$ 33.000.000

Total vendido Gado de Corte (fêmeas) ..... Cr\$ 9.600.000

Média Gado de Corte (macho) ..... Cr\$ 917.000

Média Gado de Corte (fêmea) ..... Cr\$ 640.000



O novo carrapaticida é aplicado apenas na linha dorso lombar.

## Novo carrapaticida da Bayer já no mercado

A Bayer do Brasil lançou, no mercado brasileiro, o novo carrapaticida para bovinos — o Bayticol Pour-on — já usado com sucesso na Austrália, África e no Uruguai. Esse novo medicamento foi desenvolvido e formulado para a aplicação no campo, não exigindo que os bovinos sejam agrupados e nem exige mão de obra treinada. Ao contrário de outros carrapaticidas, o Bayticol é aplicado no próprio pasto, substituindo o método tradicional de tratamento por banhos de imersão e pulverizações.

O novo medicamento tem como princípio ativo o flumetrin, um pirretroide de baixa toxicidade, que não oferece risco ao homem e nem requer cárcera para o consumo de car-

ne ou leite. Sua ação é simples: basta que se aplique uma dose sobre o dorso, traçando uma linha do pescoço à inserção da cauda, para que o produto forme uma emulsão com as partículas de gordura da pele e gradativamente se espalhe, atingindo a superfície corporal matando os carrapatos em quaisquer fase de seu ciclo. Seu efeito residual, segundo a fábrica, é mais prolongado, permitindo a aplicação a intervalos maiores — aproximadamente a cada 40 dias.

O Bayticol é comercializado, pronto para uso, em embalagens de 1 litro, com bico autodoador, e de 5 litros, com pistola de aplicação. Cada litro é suficiente para tratamento de 33 animais com peso médio de 300 kg.



Embalagens do Bayticol

## Presidente da Westfalia Separator AG visita o Brasil

O sr. Wolfgang Habig, presidente mundial da Westfalia Separator, sediada em Oelde, na Alemanha Ocidental, esteve visitando sua subsidiária no Brasil de 09.11.85 a 14.11.85. O objetivo de sua visita às instalações da Westfalia Separator do Brasil, situadas em Sumaré, SP, foi a verificação pessoal das ampliações que estão sendo realizadas na empresa.

A subsidiária brasileira do grupo, fundada pelo Sr. Wolfgang Habig, é responsável pela produção e pelo fornecimento das centrífugas e ordenhadeiras mecânicas Westfalia Separator para todo o Brasil e a maioria dos países da América Latina.

Todas as máquinas de porte médio com tambor de parede fixa para os setores óleo vegetal e leite são produzidas na filial brasileira e redistribuídas para todo o mundo através da matriz. Este fato comprova o nível internacional de qualidade dos equipamentos aqui produzidos.

Aproveitando o ensejo de sua vinda ao Brasil, o sr. Wolfgang Habig visitará também as instalações da Westfalia Separator Argentina.



**TRIUNFO DA CALCIOLÂNDIA.** Tem mais de 30 irmãs com lactação acima de 2.800 kg. Sua mãe Ficção foi Campeã em Concurso Leiteiro na Exposição de Bambuí e Formiga com 24 kg de leite por dia.

## GIR LEITEIRO DA CALCIOLÂNDIA

LINHAGEM BOMBAIM

**GABRIEL DONATO DE ANDRADE**

VENHA ASSISTIR A ORDENHA DE SUAS FILHAS

**FAZENDAS SERRINHA E CALCIOLÂNDIA**

FONES: (037) 351-1267 ARCOS-MG  
(031) 531-2737 BETIM-MG

## Salário-família para o rural – Constitucionalidade da cláusula em dissídio coletivo

JOSE ALBERTO COUTO MACIEL(\*)

Discute-se no Tribunal Superior do Trabalho, em dissídio coletivo, a possibilidade de concessão do salário-família ao trabalhador rural.

Os votos da maioria dos Ministros têm sido no sentido de que o disposto no inciso II do artigo 165 da Constituição Federal, é norma dependente de regulamentação, não sendo auto-aplicável o preceito que determina a concessão do salário-família aos dependentes dos trabalhadores.

Argumentam os que compõem essa maioria, que a Lei 4.266, de 3 de outubro de 1963, que concedeu o salário-família, quis que o alcance de tal direito beneficiasse apenas o trabalhador urbano, vinculado à Previdência Social, sendo a vantagem de natureza previdenciária, reembolsando-se o empregador dos pagamentos efetuados a este título, mensalmente, através da Previdência Social.

Entendem, assim, que conceder aos trabalhadores rurais, em dissídio coletivo, a obrigatoriedade do empregador pagar-lhes salário-família, sem o devido reembolso, seria tratar desigualmente a classe patronal, ferindo o texto constitucional.

Consideram, ainda, que a medida socialmente é justa, mas como no caso dos trabalhadores urbanos, teria que ser regulamentada em lei, pois não sendo a norma constitucional auto-aplicável, o Supremo Tribunal Federal consideraria inconstitucional a cláusula, violado o artigo 142 da Emenda Constitucional n.º 1.

Outro argumento favorável à inconstitucionalidade da cláusula é o de que o artigo 43 da Constituição, em seu item X, expressa caber ao Congresso Nacional dispor sobre a contribuição social referente ao salário-família (Emenda Constitucional n.º 8, de 14 de abril de 1977).

Dentre os que votaram em favor da manutenção da referida cláusula, destaca-se o voto do Ministro Orlando Teixeira, demonstrando que a Lei 4.266/63 regulamentou o direito ao salário-família do urbano, anteriormente à Constituição de 1967, que concedeu tal direito amplamente, sem restrições, a todos os trabalhadores.

Analisando os fundamentos dos votos que, em maioria, determinaram a exclusão da citada cláusula, entendo que, com a devida venia, tem o poder normativo da Justiça do Trabalho competência, para impor cláusula referente à concessão do salário-família para os empregados rurais.

E assim considero, pelos seguintes argumentos.

O artigo 165, inciso II da Constituição, realmente não é auto-aplicável, mas não foi por essa razão que concederam o salário-família ao trabalhador urbano, mediante lei, uma vez que a legislação que o rege é anterior à Constituição de 1967, e vigente quando do texto constitucional de 1946 que não o previa. E exatamente por não ser auto-aplicável, e necessitar de regulamentação, é que se impõe que tais regras sejam elaboradas pelo poder normativo da Justiça do Trabalho, na forma do artigo 142 do texto constitucional, pois se existe norma na Constituição, determinando que o salário-família seja concedido a todo o trabalhador, e se há um vácuo regulamentar no que concerne ao seu recebimento pelo empregado rural, é nesse espaço que deve atuar o poder normativo da Justiça do Trabalho.

Nem se diga que o Supremo Tribunal Federal consideraria inconstitucional tal cláusula, por ser matéria não regulamentada em lei.

Entendo que o poder normativo deve atuar no vácuo da regulamentação, mas é preciso que exista alguma

norma, constitucional ou legal, que estabeleça o direito, passando então a cláusula a ser constitucional. Não foi outro o entendimento do Supremo Tribunal Federal, julgando o recurso extraordinário 98.385-6, em 26 de outubro de 1983.

Fazendo distinção entre a cláusula que concedeu estabilidade para o empregado acidentado, que aplicada por analogia seria inconstitucional, por inexistir lei regendo a espécie, entendeu o Ministro Moreira Alves que, nos casos de estabilidade provisória da gestante, era tal direito constitucional, em razão, não da analogia, mas de interpretação finalística da lei existente, pois a analogia é modo de preencher lacuna de lei, o que quer dizer que se pressupõe sua inexistência, enquanto que o direito de regresso da gestante ao emprego está afirmado solenemente pela Constituição, podendo, assim, o poder normativo regulamentá-lo.

Tenho para mim que a hipótese é a mesma, pois o direito ao salário-família de todo o empregado está expresso na Constituição, não sendo inexistente a lei que o concede, existindo sim um vácuo no que concerne à sua regulamentação. Concedê-lo, pois, não violaria a Constituição, mas ao contrário, iria de encontro às funções que tem o poder normativo na Justiça do Trabalho.

O fundamento de que, no caso, haveria uma desigualdade de tratamento, prejudicando-se o empregador rural que pagaria diretamente o salário-família, enquanto que o empregador urbano dele é reembolsado, não me parece que impossibilitaria a concessão da cláusula em dissídio coletivo. A Justiça do Trabalho, com sua função protetora do hipossuficiente, e com essa finalidade social de equilibrar as partes, teria que pensar, antes, no princípio constitucional de igualar os trabalhadores rurais aos urbanos, uma vez que, so-

(\*) José Alberto Couto Maciel é Advogado em Brasília, DF.

cialmente, é muito mais relevante que se conceda direitos iguais aos trabalhadores, desiguando-se a forma de pagamento patronal de tais vantagens, do que se negue a igualdade desses direitos, para não desigualar a parte economicamente mais forte. Mesmo porque, o preceito do artigo 153, § 1.º da Constituição Federal, estabelece a igualdade perante a lei, sem distinção de trabalho.

É evidente que o empregador que se sentir lesado por não ter uma compensação do salário-família pago ao rural, poderá pleitear ao Congresso Nacional que, na forma do art. 43 item X da Constituição, legisle sobre a contribuição social para custear este encargo, mas quem estará, na verdade, desiguando as situações entre empregadores urbano e rural não será o Tribunal Superior do Trabalho, no dissídio coletivo, mas o próprio Congresso Nacional, que constitucionalmente tem a obrigação de legislar sobre o custeio, o que não faz até agora, não cabendo aos trabalhadores pagarem por tal desleixo.

Realmente o artigo 43 da Constituição Federal, em seu item X, decorrente da Emenda Constitucional n.º 8, de abril de 1977, estabelece que cabe ao Congresso Nacional dispor sobre contribuições sociais, para custear os encargos previstos no art. 165 da C.F., dentre eles o salário-família. Mas, verifica-se que os outros encargos não pragmáticos tais como Fundo de Garantia, previdência social e aposentadoria para a mulher, foram todos regulamentados, não devendo o empregado, que tem garantido constitucionalmente determinado direito, e que também possui o direito constitucional de ver tal vantagem regulamentada através do Poder Normativo da Justiça do Trabalho, ser prejudicado na concessão do benefício, porque o Congresso Nacional não regulamentou em favor do empregador a contribuição social para custear este encargo.

Cabe, assim, à Justiça do Trabalho conceder o direito ao salário-família para o trabalhador rural, porque existe norma constitucional disponível sobre a matéria, devendo o Congresso Nacional legislar sobre a contribuição social que deverá custear os encargos dele decorrente.

Entendo que são duas questões diversas. O Tribunal Superior do Trabalho não tem competência para fixar contribuições sociais para custear os encargos do salário-família do rural, e nisso estão certos os julgadores, mas, no meu entender, tem competência normativa para determinar que o direito seja concedido, cabendo aos empregadores buscar no Poder competente a regulamentação do custeio.

É de se ressaltar que o direito ao salário-família para todos os trabalhadores, foi inserido na Constituição de 1967, independentemente de ser custeado ou não pela Previdência Social, pois esta previsão só foi inserida no texto constitucional por força da Emenda Constitucional n.º 8, de 14 de abril de 1977.

É mais lógico, portanto, pensar que deve o empregador exigir, administrativa ou judicialmente, do Poder Legislativo, que regulamente a contribuição social para compensação do salário-família devido aos empregados rurais, do que entender que, porque não regulamentada a matéria, não têm os empregados direito ao benefício.

A Justiça do Trabalho não cabe determinar no dissídio coletivo, qual a contribuição social para compensar o direito, matéria de competência constitucional do Poder Legislativo.

Mas pode, e deve, conceder o direito pleiteado, porque, para tanto, possui competência normativa.

(Rev. LTr)

**ACORDAOS**

**PENHORA SOBRE IMÓVEIS - OBRIGATORIEDADE DE REGISTRO**

— A Lei n.º 6.015, de 31-12-73 (Lei dos Registros Públicos) determina o registro das penhoras de imóveis no Registro de Imóveis correspondente. A circunstância de ser o agravante pessoa pobre não implica em dispensa desse registro, mas, apenas, em dispensa do pagamento dos correspondentes emolumentos, o que deverá ser pleiteado, como de direito.

TRT, 2.ª Reg. AP-13.235/83 — Ac.  
3.ª T. 18.051/83, 5-12-83  
Rel. Juiz Nelson de Oliveira Medeiros  
Vistos, relatados e discutidos estes autos de Agravo de Petição (Processo TRT/

SP — 13.235/83) da 21.ª JCJ da Capital, em que figuram como agravante: Walter dos Santos Esteves e como agravada: Construtora Dumex S/A.

Acordam os Juizes da Terceira Turma do Tribunal Regional do Trabalho da Segunda Região, por unanimidade de votos, em repelir a questão prévia argüida da tribuna pelo patrono da agravada, de baixa dos autos à d. Procuradoria para novo parecer; por maioria repelir a questão prévia de incompetência da 3.ª Turma, consoante do contra-apelatório, vencido o Juiz Waldemar Albiem; no mérito, por unanimidade de votos, em negar provimento ao apelo.

Custas na forma da lei.

Agrava de petição o exequente às fls. 336, contra a r. decisão de fls. 333, eis que não existe dispositivo legal para que o juízo determinasse ao exequente que registrasse a penhora, mesmo porque é o autor comprovadamente pobre.

Contraminuta às fls. 350/352.

A d. Procuradoria manifestou-se pelo provimento do agravo.

É o relatório.

Voto — Conheço o agravo por observados os pressupostos legais de admissibilidade.

Não acolho as preliminares deduzidas da tribuna pelo patrono da agravada.

Esta 3.ª Turma é competente para conhecer e dirimir a controvérsia. A circunstância de ter sido o recurso ordinário apreciado pela 2.ª Turma, não a torna competente por prevenção. O agravo de petição é recurso cabível em processo de execução, o qual é autônomo e diverso do processo de conhecimento.

Repilo também a preliminar de que os autos deverão retornar à d. Procuradoria após ter a agravada apresentado sua contraminuta em razões da determinação de fls. 347 v. A d. Procuradoria já havia exarado parecer às fls. 344, não sendo necessária nova manifestação desse órgão.

No mérito, nego provimento.

A Lei n.º 6.015, de 31-12-73 (Lei dos Registros Públicos) determina o registro das penhoras de imóveis no Registro de Imóveis correspondente. A circunstância de ser o agravante pessoa pobre (fls. 338), não implica em dispensa desse registro, mas, apenas, em dispensa de pagamento dos correspondentes emolumentos, o que deverá ser pleiteado, como de direito.

Em face do exposto, nego provimento ao agravo.

São Paulo, 05 de dezembro de 1983. — José Henrique Marcondes Machado, Presidente — Nelson de Oliveira Medeiros, Relator — Ciente: Rubens Tavares Aida, Procurador.

(LTr — 49 — 1/55)

**SALÁRIO - FÉRIAS - PAGAMENTO EM CHEQUE**

— Portaria METB n.º 3.201, de 7-12-1984 (DOU 12-12-84) — Dispõe sobre o pagamento de salários e férias por meio de cheque.

## Legislação

O Ministro de Estado do Trabalho, no uso das atribuições que lhe confere o art. 913, da Consolidação das Leis do Trabalho, e

Considerando que os arts. 145, 463 e 465 da Consolidação das Leis do Trabalho objetivam proteger os interesses imediatos do trabalhador quando do pagamento de seus salários e férias, a fim de que possa dispor de todo o seu tempo após o término do horário de trabalho, para atividades desvinculadas dos interesses empresariais;

Considerando que o pagamento do salário em cheque não contraria lei federal; Considerando que a utilização de cheque constitui um dos imperativos da vida moderna;

Considerando, ainda, que se torna imprescindível a adaptação da lei à evolução tecnológica, desde que não contrarie os princípios que a inspiraram, resolve:

Art. 1.º As empresas situadas em primeiro urbano poderão efetuar o pagamento dos salários e da remuneração das férias através de conta bancária, aberta para esse fim em nome de cada empregado e com o consentimento deste, em estabelecimento de crédito próximo ao local de trabalho, ou em cheque emitido diretamente pelo empregador em favor do empregado, salvo se o trabalhador for analfabeto, quando o pagamento somente poderá ser efetuado em dinheiro.

Parágrafo único. As condições de funcionamento do sistema previsto neste artigo serão estipuladas em convênio entre a empresa e o estabelecimento de crédito, de modo a que o empregado possa utilizar a importância depositada de conformidade com o disposto nos arts. 145, 459, parágrafo único, e 465, todos da Consolidação das Leis do Trabalho.

Art. 2.º Os pagamentos efetuados na forma do art. 1.º obrigam o empregador a assegurar ao empregado:

- horário que permita o desconto imediato do cheque;
- transporte, caso o acesso ao estabelecimento de crédito exija a utilização do mesmo;
- condição que impeça qualquer atraso no recebimento dos salários e da remuneração das férias.

Art. 3.º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente a Portaria n.º 3.245, de 28 de julho de 1971.

Munillo Macêdo  
(Tr — 49 — 1/10 6/107)

## INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SFR N.º 057, DE 03.07.85

IR-Fonte — Trabalho assalariado e não-assalariado — Tabelas a partir de julho/85

Dispõe sobre apuração dos limites de renda líquida e rendimento bruto para

fins de incidência do imposto de renda na fonte, a partir de 1.º de julho de 1985.

O Secretário da Receita Federal, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto no Decreto-lei n.º 2.182, de 11 de dezembro de 1984, e na Portaria Ministerial n.º 334, de 02.07.85.

Resolve:

1 — O imposto de renda a ser descontado na fonte, dos rendimentos do trabalho assalariado, inclusive a remuneração mensal correspondente a prestação de serviços paga a titulares, administradores ou dirigentes de pessoas jurídicas, a partir de 1.º de julho de 1985, será calculado de acordo com a seguinte tabela progressiva.

Classes de Renda	Renda Líquida Mensal Cr\$	Alíquota %	Parcela a Deduzir Cr\$
01	Até 1.172.000	Isento	—
02	de 1.172.001 a 1.711.000	2	140.640
03	de 1.711.001 a 2.438.000	16	209.060
04	de 2.438.001 a 3.797.000	20	306.600
05	de 3.797.001 a 6.112.000	25	486.450
06	de 6.112.001 a 8.687.000	30	807.500
07	de 8.687.001 a 13.093.000	35	1.236.400
08	de 13.093.001 a 19.741.000	40	1.894.050
09	Acima de 19.741.000	45	2.878.100

1.1 — O imposto a ser descontado corresponderá à soma dos valores obtidos pela aplicação das respectivas alíquotas sobre a porção de renda compreendida nos limites de cada classe.

1.1.1 — Fica dispensada a retenção quando o valor do imposto for de até Cr\$ 47.000 (quarenta e sete mil cruzeiros).

1.2 — Para determinação da renda líquida mensal, sujeita ao desconto do imposto, são permitidas as seguintes deduções:

a) encargos de família à razão de 112.000 (cento e doze mil cruzeiros) por dependente;

b) importância equivalente à de dois dependentes, a partir do mês em que o contribuinte completar 65 anos de idade, exceto quando ocorrer a hipótese prevista na letra "h";

c) contribuições para institutos e caixas de aposentadorias e pensões ou outros fundos fechados de beneficência inclusive entidades de previdência privada fechadas que obedeam às exigências da Lei n.º 6.435, de 15 de julho de 1977;

d) contribuição sindical e outras para o sindicato de representação da respectiva classe;

e) pensões alimentícias pagas em virtude de sentença judicial;

f) despesas com ação judicial necessária ao recebimento dos rendimentos, inclusive de advogado, se tiverem sido pagas pelo contribuinte, sem indenização.

g) no caso de caixeiros-viajantes, quando correrem por sua conta, os gastos pessoais do passageiro, alimentação e alojamento, bem como os de transporte de volume e aluguel de locais destinados a mostruários, quando em viagem e estada fora do local de residência, até 30% (trinta

por cento) do rendimento bruto, independentemente de comprovação;

h) de Cr\$ 1.172.000 (um milhão cento e setenta e dois mil cruzeiros) no caso de proventos de inatividade pagos por pessoa jurídica de direito público, em decorrência de aposentadoria, reforma ou transferência para a reserva remunerada, a partir do mês em que o beneficiário completar 65 anos de idade, vedada a acumulação com a dedução referida na letra "b".

1.3 — Quando a fonte pagadora não for responsável pelo desconto de pensão alimentícia referida na letra "c" do inciso anterior, o valor mensal efetivamente pago poderá ser considerado para fins de apuração da renda líquida, desde que o alimentante forneça cópia do comprovante do pagamento.

1.4 — Para fins de apuração do imposto na fonte, os rendimentos correspondentes ao ano-base, mesmo quando pagos ou creditados após o período devido, serão considerados nos meses a que se referirem.

1.5 — Os rendimentos referentes a exercícios anteriores, de que trata a IN-SRF n.º 66, de 22.09.81, não serão computados na renda líquida mensal para apuração do imposto devido na fonte.

2 — O imposto de renda a ser descontado na fonte, dos rendimentos da prestação de serviços sem vínculo de emprego, assim como dos rendimentos atribuídos aos dirigentes e administradores de pessoas jurídicas, a título de gratificação ou participação no resultado, será calculado, a partir de 1.º de julho de 1985, de acordo com a seguinte tabela progressiva.

Classes de Renda	Rendimento Bruto Mensal Cr\$	Alíquota %	Parcela a Deduzir Cr\$
01	Até 469.000	Isento	—
02	de 469.001 a 1.172.000	10	40.930
03	de 1.172.001 a 1.711.000	2	70.240
04	de 1.711.001 a 2.438.000	16	138.790
05	de 2.438.001 a 3.797.000	20	236.760
06	de 3.797.001 a 6.112.000	25	426.150
07	de 6.112.001 a 8.687.000	30	731.750
08	de 8.687.001 a 13.093.000	35	1.166.100
09	de 13.093.001 a 19.741.000	40	1.820.750
10	Acima de 19.741.000	45	2.807.800

2.1 — Conforme determina o art. 3.º do Decreto-lei n.º 2.067, de 09 de novembro de 1983, esta tabela também se aplica aos rendimentos pagos ou creditados à sociedade civil a que se refere o art. 2.º do Decreto-lei n.º 2.030, de 09 de junho de 1983, quando for controlada direta ou indiretamente por pessoas físicas que sejam diretores, gerentes ou controladores da pessoa jurídica que pagar ou creditar os rendimentos, bem como pelo cônjuge ou parentes de 1.º grau das referidas pessoas.

2.2 — O imposto a ser descontado corresponderá à soma dos valores obtidos pela aplicação das respectivas alíquotas sobre a porção de renda compreendida nos limites de cada classe.

Luiz Romero Patry Accioly  
(DOU de 08.07.85)  
(IOB — Sol. 30/85 — Textos legais).

## JULHO E AGOSTO

# Surge uma candidata ao Troféu Vaca de Ouro na raça HVB

Com cria nova, Liza RRP Betina's, de Pedro Conde, é séria candidata ao Troféu Vaca de Ouro na raça Holandesa Vermelha e Branca. Na última lactação, com 11 anos e 2 meses, produziu 11.620 kg de leite e 353,7 kg de gordura, com médias diárias respectivamente de 31,836 kg e 0,969 kg.

WALTER C. BATTISTON

Resolvemos condensar em um só comentário as observações sobre as lactações encerradas no Serviço de Controle Leiteiro nos meses de Julho e Agosto deste ano.

O número de animais foi bastante representativo, o mesmo acontecendo com as produções apresentadas. Entre os 1.125 bovinos encerrados em Julho e 819 em Agosto, predominaram, como os demais meses, da Raça Holandesa Preta e Branca (1.300) e da Raça Holandesa Vermelha e Branca (301), como veremos no resumo a seguir: Na Divisão II, que se incluem as lac-

tações até 365 dias colocaram-se 1290 fêmeas.

### VACA DE OURO

Já "pintou" a nova detentora do troféu Vaca de Ouro, na Raça Holandesa Vermelha e Branca; trata-se de LIZA RRP BETINA'S, de Pedro Conde, que aos 11 anos e 2 meses produziu 11.620 kg de leite e 353,7 kg de gordura com as médias diárias, respectivamente 31,836 kg e 0,969 kg. Atualmente essa fêmea está com a cria nova e está fazendo jus ao cobiçado troféu.

MA SUGAR DA LIMEIRA, Raça Pardo Suíço e GODIE II TITLE DO BUTIÁ da Raça Jersey.

A primeira já tem o título homologado para a produção de leite, mas as representantes Pardo Sulgo e Jersey, tem a "marca" dependendo de acertos finais.

OPINOSA DO PAU D'ALHO, de Jacob Rosier Dutilh aos 3 a. e 4 m., obteve título dando em 305 dias 8.296 kg de leite e 209,9 kg de gordura, batendo o recorde da classe BJ, duas ordenhas, I Divisão, conseguido em 1975 por S.N. NOLDIEN 3 REFLECTION PAUL com 6.596 kg de leite.

LIMA SUGAR DA LIMEIRA, de Giovanni B. Grossi, está na reta para a obtenção do título, na produção de leite e de gordura, pois produziu em 305 dias 6.913 kg de leite e 280,5 kg de gordura ultrapassando assim, os 5.989 kg de leite e 234,6 kg, respectivamente, dados por MILE LAWN DORSET JUNE em 1978.

A representante da raça Jersey, também está no mesmo caminho, pois GODIE II TITLE DO BUTIÁ, dos Irmãos Bertagnóli, com 1 a. e 11 m., deu 4.933 kg de leite e 255,6 kg de gordura em 329 dias, ultrapassando SOLITA 2.º PEPE DA NOVA QUERENCIA; com seus 3.717 kg de leite e 227,1 kg de gordura em 329 dias dados em 1981.

### REPRODUTORAS EMÉRITAS

Foram 10 as vacas que alcançaram o título de Reprodutoras Eméritas (RE), todas da Raça Holandesa; no lote das "pretas e brancas" apareceu 6 e no grupo das "vermelhas e brancas" outras 4.

### JULHO

### AGOSTO

Raças	305	LE	365	LM	T	305	LE	365	LM	T	T.G.
H.P.B.	238	36	528	28	766	174	24	360	43	534	1300
H.V.B.	53	22	116	16	169	45	6	27	12	72	241
P. Suíço	15	7	20	6	35	11	1	29	4	40	75
Jersey	6	2	21	9	27	10	4	10	2	20	47
Gir	21	4	73	12	94	18	4	53	9	71	165
R. Polf	1	—	3	—	4	2	—	5	—	7	11
Gírol.	3	—	3	1	6	2	—	5	2	7	13
Cruz.	7	2	4	1	11	5	—	5	2	10	21
Guernsey	—	—	—	—	—	6	2	21	16	27	27
Nelore	6	—	7	—	13	—	—	—	—	—	13
	350	76	775	73	1125	273	41	515	90	78	1913

OBS.: T — Total da Divisão 305 dias ou 365 dias.

T.G. — Soma do Total das Duas Divisões.

Entre esses 193 animais, 117 ou 14,8% se inscreveram em Livro de Escol (LE) e outros 163 em Livro de Mérito (LM); mantiveram-se na Divisão I, até 305 dias, com nova parição dentro de 427 dias, 623 fêmeas o que representa 32,6% do total.

### RECORDISTA EM PRODUÇÃO

Três excelentes bovinos deverão estar incluídos na categoria de Recordista a saber; UNA CAVALIER OPINOSA DO PAU D'ALHO, da Raça Holandesa Vermelha e Branca, LI-

## O que vai pelo Controle Leiteiro

Começando pela Holandesa Preta e Branca mais nova, citaremos:

IG MARTA 3 DA HOLAMBRA, com 5a. e 6m., com 7.137 kg de leite e 241,7 kg de gordura em 281 dias, na granja de Willerbrordus Groot; ela é filha de J.P.R. LAMBRI e IG MARTA II DA HOLAMBRA.

ENTOMICA ROSAFÉ JR. PARAISO, de Maria Lúcia F. Silva Dias, com 6a e 2m., 7.777 kg de leite e 224,8 kg de gordura em 273 dias.

AF. FORTALEZA SACARINA, Fazenda Fortaleza Ltda., com 6a. e 3m., 8.473 kg de leite e 265,7 kg de gordura em 305 dias.

ILUSÃO ULTRAMAR ML, filha de PARAISO ULTRAMAR FIDALGO e COPA RANCHO ML, com 6 anos e 7 meses, de Maria Lúcia F. Silva Dias, 8.198 kg de leite e 297,3 kg de gordura em 305 dias.

CASTANHOLA LINS, filha de J.P.R. IGUALADO e MARQUIS LINS, de Waldir Junqueira de Andrade, com 6a. e 10m., 7.088 kg de leite e 255,6 kg de gordura em 305 dias.

PARAISO CHALUPA ROSAFÉ JUNIOR, com 8a. e 4m., filha de PARAISO ROSAFÉ JR. e PARAISO VELEIRA FIDALGO, da S/A Faz. Paraíso Agropec., dando em 295 dias 7.208 kg de leite e 227,1 kg de gordura.

Da Raça Holandesa Vermelha e Branca, são as seguintes representantes:

CORONA DOODIE JASPER, com 4a. e 5m., filha de CORONA ROMÁNDALE JASPER RED e DUALLYN TOP DOODIE DON DID, de Arnílcar Farid Yamin, dando em 274 dias 7.639 kg de leite e 224,0 kg de gordura.

MYEROSE JASPER DINAH RED, com 5a. e 5m., de Elza Ribeiro Meirelles e Filhos, dando em 305 dias, 6.509 kg de leite e 219,9 kg de gordura.

CASACA LINS, filha de CORONA JASPER RED e FRAJOLA LINS, com 5a. e 7m., de Waldir Junqueira de Andrade, com 8.739 kg de leite e 273,6 kg de gordura em 305 dias.

IRIS DA HOLAMBRA, filha de SPRING FARM ROYAL e JOIA DA HOLAMBRA, com 6a. e 0m., de Henricus A. Wopereis, dando 7.462 kg de leite e 253,9 kg de gordura em 297 dias.

## RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Como se desprende do quadro, foram 766 em Julho e 534 em Agosto, as representantes dessa raça especializada para a produção de leite, que encerraram suas lactações.

Já comentamos o comportamento das Reprodutoras Eméritas, mas muitas outras fêmeas se destacaram, como veremos a seguir:

Entre as 117 que alcançaram o Livro de Escol, tiveram ótimas produções as seguintes vacas:

PARAGON CAMILA ADMIRAL STARCRAFT, da Paragon Agropec. Ltda., com 2a e 3m., 8.353 kg de leite e 204,0 kg de gordura em 305 dias.

POSSE RAJADA OYURA LEADER, da Faz. S. Maria da Posse Agric. e Past. Ltda, com 3a. e 4m., 8.503 kg de leite e 238,2 kg de gordura em 295 dias.

POSSE SORANA PEDREIRA CAVALIER, da mesma proprietária, com 2a e 5m., com 7.905 kg de leite e 237,2 kg de gordura em 293 dias, na Faz. S. Maria da Posse.

POSSE SARA PECADORA LEADER, com 2a. e 5m., da mesma proprietária, com 7.228 kg de leite e 201,6 kg de gordura em 305 dias.

CARAMBOLA INVESEA SUPERIOR PARAGON, com 2a. e 1m., da Paragon Agropec. Ltda., dando em 305 dias, 7.439 kg de leite e 252,7 kg de gordura.

STA. CECILIA CRISTIE R.A.M. NED, com 5a. e 5m., de Arnaldo Mendes de Oliveira, dando em 305 dias 7.679 kg de leite e 272,8 kg de gordura.

No lote das detentoras do Livro de Mérito, (LM), lembraremos de:

AF. FORTALEZA SANGA, com 10.403 kg de leite e 357,2 kg de gordura em 365 dias, das Faz. Fortaleza Ltda.

POSSE SILVIA PALMA CAVALIER, com 2a. e 5m., da Faz. S. Maria da Posse, com 9.715 kg de leite e 261,8 kg de gordura em 365 dias.

POSSE SERRANIA LAZULITA, com 2a. e 4m., do mesmo proprietário, com 8.535 kg de leite e 245,3 kg de gordura em 365 dias.

POSSE SALINA LISA MARVEX, com 2a. e 6m., de Joaquim Peixoto

Rocha, com 8.724 kg de leite e 303,3 kg de gordura em 365 dias.

J.P.R. LIDIA, com 7 anos, do mesmo criador com 11.580 kg de leite e 395,2 kg de gordura em 365 dias.

J.P.R. MALTA, com 6a. e 3m., do mesmo proprietário, com 10.238 kg de leite e 332,4 kg de gordura respectivamente.

AF. FORTALEZA BOA NOVA, com 2 anos, da Faz. Fortaleza Ltda., 10.244 kg de leite e 300,0 kg de gordura em 365 dias.

BICOTA DOWNLANE DO PARAISO, com 9a. e 1m., de Maria Lúcia Ferreira Silva Dias, 11.948 kg de leite e 376,2 kg de gordura em 365 dias.

QUIRERA DE VIRACOPOS DE SÁBIA, de Maria Aparecida Pacheco Borba, com 5a. e 4m., 10.165 kg de leite e 371,2 kg de gordura em 365 dias.

AF. FORTALEZA BONANZA, com 2a. e 1m., da Faz. Fortaleza Ltda., com 8.067 kg de leite e 256,4 kg de gordura em 365 dias.

J.P.R. QUARTELA TE, com 2a. e 6m., de Joaquim Peixoto Rocha, com 8.724 kg de leite e 300,3 kg de gordura em 365 dias.

SONATA ORGIA L. DA POSSE, com 2a. e 7m., com 8.318 kg de leite e 218,7 kg de gordura em 333 dias.

TAMPA M. PACIFICA DO PAU D'ALHO, com 4a e 7m., de Jacob R. Dutilh, com 11.248 kg de leite e 340,1 kg de gordura em 365 dias.

M.S. NEVADA SUPERIOR ASTRONAUT, com 3a. e 3m., da Faz. Shiguano Ltda., com 9.280 kg de leite e 286,9 kg de gordura em 365 dias.

AF. FORTALEZA BONANZA, com 2a. e 1m., da Faz. Fortaleza Ltda., com 8.067 kg de leite e 256,4 kg de gordura em 365 dias.

DELICADA DA MAB, com 2 anos, de Maria Aparecida Pacheco Borba, com 7.300 kg de leite e 238,0 kg de gordura em 365 dias.

J.P.R. MARTA, com 6a. e 3m., de Joaquim Peixoto Rocha, com 10.238 kg de leite e 332,4 kg de gordura em 365 dias.

## RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Das 301 lactações encerradas, 37 foram em três lactações, 264 em duas lactações, 21 em Livro de Es-

## ◉ que vai pelo Controle leiteiro

col (LE), 40 em Livro de Mérito (LM).

Além da nova Recordista em produção de leite e das Reprodutoras Eméritas, já comentadas, destacaram-se mais às seguintes fêmeas:

**CORONA PRIMA LANCER**, com 6a. e 5m., de Amílcar Farid Yamin, dando 9.685 kg de leite e 306,8 kg de gordura em Livro de Escol e 305 dias.

**ALBERTINA'S MOR RELIGIOSA**, com 4a. e 10m., LM, de Pedro Conde, 9.095 kg de leite e 289,6 kg de gordura em 365 dias.

**CORONA JUSSARA ROBARON**, com 2a. e 1m., LM, de Amílcar Farid Yamin, dando em 7.256 kg de leite e 262,2 kg de gordura em 349 dias.

**CORONA NASSA ROBARON**, com 2a. e 3m., LE, mesmo proprietário, com 6.724 kg de leite e 209,3 kg de gordura em 275 dias.

**WILLARDS JASPER RUBY-RED**, com 5a. e 2m., LM, de Antonio Toledo Lara Neto dando 10.542 kg de leite e 349,1 kg de gordura em 365 dias.

**ELBURST NANDY DONNA**, com 6a. e 1m., LM, de Amílcar F. Yamin, 8.904 kg de leite e 295,9 kg de gordura em 338 dias.

### RAÇA PARDO SUIÇO

Foram 75 as vacas Suíças com lactações encerradas, sendo 23 em re-

gime de 3 ordenhas, 52 em duas lactações, 3 inscritas em Livro de Escol, e 10 em Livro de Mérito.

Nesse lote destacaram-se:

**CORONA ELLA TWIN**, com 4a. e 6m., de Amílcar F. Yamin, 6.177 kg de leite e 216,9 kg de gordura em LE e 294 dias.

**CORONA VICTÓRIA IMPROVER**, com 3a. e 5m., do mesmo proprietário, 5.185 kg de leite e 177,4 kg de gordura em 305 dias.

**CORONA GRACE HARRY**, com 7a. e 1m., LM, do mesmo criador, com 6.560 kg de leite e 253,2 kg de gordura em 334 dias.

### RAÇA JERSEY

Dos 47 exemplares Jersey, somente 17 alcançaram a produção média da raça, todas em duas ordenhas e pertencentes a José Ronald Bertagnoli. Inscreveram-se em Livro de Escol 6 vacas e em Livro de Mérito, outras 13.

As melhores produções foram as de:

**GRETA GENERATOR DO BUTIÁ**, com 2 anos, LM, 5.037 kg de leite e 246,8 kg de gordura em 298 dias.

**RITA GENERATOR DO BUTIÁ**, com 2a. e 4m., LM, 5.337 kg de leite e 254,4 kg de gordura em 295 dias.

### RAÇA GIR

A raça foi representada por 167 lactações encerradas, sendo 8 em Livro de Escol e 21 em Livro de Mérito.

**C.A. POMPÉIA**, com 5a. e 9m., LE, de Antonio José de Oliveira Costa, foi a melhor da raça dando em 270 dias, 4.840 kg de leite e 212,5 kg de gordura.

**MARAVILHA HIENA FAIZÃO**, com 8a. e 11m., LE, de Manuel e José João Salgado R. dos Reis, deu em 294 dias, 4.445 kg de leite e 228,5 kg de gordura.

**LANCHEIRA 5136**, da Kenia Agrícola e Pecuária Ltda., aos 12a. e 11m., produziu 4.099 kg de leite e 178,7 kg de gordura em 365 dias.

### CRUZAMENTO DIRIGIDO

Todas as vacas agrupadas no Cruzamento Dirigido, pertencem a Fazenda Erina, de Paulo da Tharso Bittencout, e estão inscritas no PRO-CRUZA.

As produções que mais se destacaram foram as seguintes:

**P.T.B. ILHA BELA**, com 5a. e 7m., LE, 5.877 kg de leite e 213,2 kg de gordura em 274 dias.

**P.T.B. VIRGINIA 13607**, com 6a. e 11m., LM, deu em 326 dias, 4.098 kg de leite e 164,2 kg de gordura.

## Firmado convênio MA/ABC sobre Controle Leiteiro

Na Delegacia Regional de São Paulo, do Ministério da Agricultura, foi celebrado o contrato para a execução, pela ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, do Controle Leiteiro das várias raças. Este documento significa o coroamento de um trabalho que a ABC vem realizando há 40 anos, já tendo, inclusive, publicado 488 relatórios mensais de encerramentos de lactações. Nesse período, a entidade realizou o controle de mais de 200 rebanhos, dos quais 150 permaneceram em atividade. A ABC exerceu o controle, bem como calculado 180.000 lactações registradas por 80.000 vacas.

A comercialização de animais de raças leiteiras, está, hoje, toda ela alicerçada nos elementos publicados mensalmente pelo Departamento Técnico da ABC na "REVISTA DOS CRIADORES".

### VANTAGENS AOS CRIADORES

Em consequência do contrato ora firmado, todos os resultados das lactações emitidos pela ABC, continuarão a ter valor oficial para efeito de anotações nas Associações Brasileiras de Registro Genealógico. E, diante da concessão desta subvenção, os controles executados pela ABC gozarão de descontos proporcionais a partir de dezembro/1985.

O Controle Leiteiro executado pela ABC está, hoje, sensivelmente ampliado, abrangendo, inclusive, os Controles de Reprodução, de Alimentação e de Custo de Produção de Leite. Isto representa para os criadores, sem dúvida alguma, um apoio muito grande em termos de exploração econômica dos rebanhos. (AR)

# Serviço de Controle Leiteiro

## DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - Variedade preta e branca

RESSALVA A.G., RG/GHB/1048, G.H.B., Pai/1'ARAISSO ROSAFÉ JÚNIOR, RG.HBB/A-11913, Mãe/ PEQUENA AG., RG.HB/SP/55823, REPRODUTORA EMÉRITA com novo LIVRO DE ESCÓL.

3a0m	-	2x	-	6.223	-	220,0	-	3,53%
3a1m	-	2x	-	7.071	-	256,2	-	3,62%
4a1m	-	2x	-	7.087	-	246,3	-	3,47%
5a1m	-	2x	-	7.476	-	271,3	-	3,62%
7a0m	-	2x	-	7.018	-	240,6	-	3,42%
7a1m	-	2x	-	7.413	-	254,8	-	3,43%

PROP: SEMENTES AGROCERES S/A.

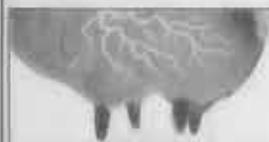
NOVA REPRODUTORA EMÉRITA:

RAÇA HOLANDESA - Variedade vermelha e branca.

COROLA TRANS-LEFFIE JASPER 2º TE, RG/HBB/11B-6847. P.O., Pai/C.FORMIDALE JASPER RED, RG.HBE/LAA-130, Mãe/FOXEARH EFFIE 2 ND, RG/HBE/BB-3270, obteve "LE" aos.

2a0m	-	3x	-	6.634	-	216,3	-	3,54%
3a1m	-	3x	-	6.729	-	238,8	-	3,54%
4a3m	-	3x	-	8.077	-	259,3	-	3,21%

PROP: AMILCAR FARID YAMIN.



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT**  
**PROLEITINA GL**  
**LACTINA GL**



# LACTAÇÕES TERMINADAS

I — DIVISÃO — Lactações até 305 dias

COM NOVA PARIÇÃO — ATÉ 427 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
<b>Raça Holandesa — variedade preta e branca</b>								
					Três Ordenhas (3x)			
<b>CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.</b>								
Rta. Esperança Kiev. F.N. Nancy-HP/B-58770	PO	2-4	79951	305	6.330	195,7-LE		3,09 Lázaro de Mello Brandão
<b>CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.</b>								
Posse Salina Lina Marvex-B/74174	PO	2-7	81394	297	8.458	232,5-LE	2,74	Faz. S.Ma. Posse Ag. Past. Ltda
Bacros Cory Acres Marvex-B/78133	PO	2-6	80283	305	6.704	236,7-LE	3,53	Faz. S.Ma. Posse Ag. Past. Ltda
Santa Cecilia Foundation Light-B/71909	PO	2-6	81092	305	5.992	184,6	3,08	Arnaldo Mendes de Oliveira
Posse Holanda Poltrona Jap.-B/72465	PO	2-7	80763	305	5.361	166,1	3,09	Faz. S.Ma. Posse Ag. Past. Ltda
<b>CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos.</b>								
Posse Humilha d. Tippy-B/69950	PO	3-3	76734	305	6.869	216,6	3,15	Faz. S.Ma. Posse Ag. Past. Ltda
<b>CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos.</b>								
Harlene Sta. Esperança - HP/160017	GC2	4-3	77003	257	7.352	205,7	2,79	Lázaro de Mello Brandão
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>								
Jang. Uniflor Pedro Japará-B/58034	PO	6-0	76347	305	9.054	303,7-LE	3,35	Luiz Augusto Sacchi
JPR. Necemina - B/59533	PO	5-2	69029	283	7.889	231,5	2,93	Joaquim Peixoto Rocha
Loesner Les Royal Leader-B/52321	PO	6-10	68114	244	7.214	244,2	3,38	Lázaro de Mello Brandão
Tropa Flamingo Saracura - B/48725	PO	6-5	73002	305	7.252	236,7	3,26	Arnaldo Mendes de Oliveira
Intiree Hillswald - B/59310	PO	6-2	75999	305	6.490	192,6	2,97	Valmir Spirelli O. & Irmãos
					Duas Ordenhas (2x)			
<b>CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.</b>								
Cláudia Ford Sabina I TB-B/73524	PO	2-3	80502	305	8.004	262,2-LE	3,27	Guilherme W. Soares Caidan
Jang. I Cirinea Sensitive Lift OF-B/74757	PO	2-4	80504	305	7.762	269,8-LE	3,47	Joaquim de Arruda Campos
Color Bootsaker Carmelinda-B/72485	PO	2-4	80436	305	6.558	221,0-LE	3,37	Lair Antonio de Souza
Ventaneira J. Mica P. D'Alho-BAJ/277	GR8	2-2	81205	289	6.435	187,6-LE	2,91	Jacob Rosier Dutilh
Engeltrje 23 do Stoffer-PR/75212	GC2	2-3	80503	305	5.741	182,4-LE	3,17	Joaquim Peixoto Rocha
Color Vallant Célio-B/73216	PO	2-4	81199	305	5.429	188,5	3,47	Lair Antonio de Souza
<b>CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.</b>								
ATALINA E. Astro ML. - SP/173098	FOOD	2-7	80494	305	6.045	187,1-LE	3,09	Maria Lucia F.S. Dias
Santa Cláudia Veroca - B/74315	PO	2-8	80860	305	5.629	190,8-LE	3,39	Joaquim de Arruda Campos
Batília Jerk - SP/169713	FOOD	2-11	80324	305	5.537	184,7-LE	3,36	Fernando Kiel e Os
Flauta Dado do Príncipe-SP/171783	GC2	2-8	80903	305	5.493	182,1-LE	3,31	Carlos A. Julio Lohmann
<b>CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos.</b>								
Dracaca Cavalier B.P. D'Alho -BAJ/2250	GR8	3-1	76993	298	7.927	234,1-LE	2,95	Jacob Rosier Dutilh
Mávia Victor ML. - HP/117481	GC1	3-4	79696	305	6.857	196,1-LE	2,86	Maria Lucia F.S. Dias
Haste Navigator do Melisso-GR8/1959	GR8	3-5	76243	296	6.598	187,8	2,84	Márcio Elísio de Freitas
J. Nari Chuzner Cavalier-B/69315	PO	3-2	76829	282	6.263	179,2	2,86	Faz. S. Magalhães Ltda
CAR. Piracema Mayo Star - HP/B/41042	PO	3-3	76595	297	6.244	214,4-LE	1,43	Colégio Adv. Brasileiro
ML. Agria - B/69319	PO	3-1	76830	305	6.148	201,2-LE	3,27	Fazenda S. Magalhães Ltda
Nepa ML. - SP/160612	GC2	3-4	77893	305	6.090	189,1-LE	3,15	Dorival Antonio Galotto
<b>CLASSE CI - de 3 1/2 a 4 anos.</b>								
Tetiana Esseling Win Grande-B/70270	PO	3-7	80399	305	5.921	188,3-LE	3,17	Gabriel e Sérgio Siano
<b>CLASSE CU - de 4 a 4 1/2 anos.</b>								
Talívio Astro Regata Pau D'Alho-BAJ/1758	GR8	4-1	75422	297	7.788	249,6-LE	3,20	Jacob Rosier Dutilh
Reacros do Melisso - SP/149318	GC1	4-0	74485	305	6.503	214,5-LE	3,29	Márcio Elísio de Freitas
<b>CLASSE DI - de 4 1/2 a 5 anos.</b>								
Reia da Prata - SP/153260	GC3	4-6	80700	299	6.838	191,5	2,80	H. Hirácio Cerchansky
A-597 Dinopis Apolo Roca-SP/149921	GC1	4-11	76248	282	6.235	196,3	3,14	Mendes e Elieser Stöhrbruch
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>								
Desert Red Facemaker Maria-B/67230	PO	6-6	63741	262	8.931	264,2-LE	2,95	Gabriel e Sérgio Siano
Iris Rancho ML. - SP/101989	FOOD	7-3	66309	305	7.910	263,2-LE	3,32	Maria Lucia F.S. Dias
P. D'Alho Semeta P. Misty - B/60151	PO	5-2	68860	305	7.883	224,5-LE	2,84	Jacob Rosier Dutilh
Neurolia ML. - GR8/1048	GR8	7-11	60104	305	7.433	254,8-LE	3,43	Semeter Agrociênc. S/A
Adria São Quirino - GR8/1362	GR8	7-4	61139	305	7.149	211,5	2,95	Fazenda Arizanas Ltda
Lanterjola ML. - SP/153539	FOOD	5-1	76673	287	6.786	211,8	3,12	Maria Lucia F.S. Dias
Artijo 2 de Nova - SP/144338	GC1	6-10	81505	305	6.698	222,3-LE	3,31	Joaquim de Arruda Campos
Arleta Evoshof Star de Caldas-GR8/936	GR8	7-2	60184	276	6.502	230,3-LE	3,54	Maria Aparecida P. Botas
Ossolvida Holanda Astromist-B/59208	PO	6-2	68067	265	6.445	209,2	3,24	Barba Agr. Comercial S/A
D. Anacoreta Hillson - B/60946	PO	6-0	67874	305	6.279	213,1	3,38	S/A Faz. Paraíso Agro Pnc.
Crescentmad Tippy Talent - B/49221	PO	8-1	56751	250	6.240	214,0	3,42	Carlos Alberto J. Lohmann

**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL

Grau de  
sangue  
Idade  
anos/meses  
N.º SCL  
Dias de  
lactação  
Leite  
kg  
Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

## Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos. GF7, Desires Magnet - TE	PO	2-7	81128	305	5.534	186,6-LE	3,37	Geraldo F. Forbes
CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos. Corona Jasper Amie-Rad-ET - BR/7462	PO	3-8	76011	305	7.524	232,2-LE	3,08	Amilcar Farid Yamin
Caricula Maximus GFV - WJ/2113	GBB	3-7	76945	305	6.266	227,8-LE	3,63	Geraldo F. Forbes
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Corona Trans-Effie Jasper II TE -BE/6847	PO	4-3	72459	263	8.077	259,3-LE	3,21	Amilcar Farid Yamin
CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos. Corona Marston Darky - BR/6580	PO	4-10	71220	291	8.511	291,0-LE	3,41	Amilcar Farid Yamin
Albertina's Religiosa - BR/6539	PO	4-10	72256	305	8.407	259,0-LE	3,08	Pedro Conde
Corona Opera Yuraden - BR/6584	PO	4-9	71574	300	7.256	230,7-LE	3,17	Amilcar Farid Yamin
Albertina's R/R Ravetria - BR/6543	PO	4-11	70771	305	6.069	196,6	3,23	Pedro Conde
Falca Jasper Pereira - WJ/1647	GBB	4-11	71802	302	5.991	200,9	3,35	Emp.de Gabriel Dias Pereira
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Corona Ronica Jasper - BR/6175	PO	5-5	69444	290	6.509	224,8	3,45	Amilcar Farid Yamin
Corona Formosa Yuraden - BR/6167	PO	5-3	71261	238	6.508	208,8	3,20	Amilcar Farid Yamin

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A5 - de 2 1/2 a 3 anos. Favela Lobo de Metrolles-WJ/2514	GBB	2-6	81076	305	5.096	158,2-LE	3,10	Elna Ribeiro M.A Filhos
CLASSE B6 - de 3 1/2 a 4 anos. Lépis Nancy V.de Groen - SP/157309	OC2	3-8	76754	305	6.319	206,1-LE	3,26	Johannes W.M.V.Groen - HLL.
Apaçada Jasper Red Metrolles-WJ/2122	GBB	3-6	76462	305	6.268	212,9-LE	3,39	Elna Ribeiro M. A Filhos
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Rusty Ferny II Van Groen-SP/157316	OC3	4-0	76072	302	6.636	220,4-LE	3,32	Johannes W.M.V.Groen-HLL.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Beltrilla Maracanã Leda - PP-11856	OC2	8-4	65721	305	6.650	232,0-LE	3,48	Iago Rinaldo Basso,
Bela do Arroz Verde - SP/107465	POCC	7-5	66448	284	6.133	206,2-LE	3,36	Fernando de S. Toledo

## Raça Jersey

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A4 - até 2 anos. Greta Generator do Butiã-A-29404	PO	2-0	81500	298	5.037	246,8-LE	4,90	João Ronald Bertagnolli
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos. Fozilani Spot do Butiã - A-29404	PO	2-3	81568	257	4.322	185,9-LE	4,30	João Ronald Bertagnolli
Lolas Spot do Butiã - 16631-C	PO	2-3	81565	276	3.872	171,8-LE	4,43	João Ronald Bertagnolli
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos. Rita Spot do Butiã - 16630-C	PO	2-6	81563	290	4.082	204,7-LE	5,01	João Ronald Bertagnolli
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Cintia Lúcia Title do Butiã -	PO	3-3	78036	297	3.682	178,3-LE	4,84	João Ronald Bertagnolli

## Raça Parda Suíça (Schwyz)

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A5 - de 2 1/2 a 3 anos. Corona Harpasin M.Stretch - 836	PO	2-7	80757	305	5.616	195,1-LE	3,47	Amilcar Farid Yamin
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Corona Praxise Tallman - 8083	PO	3-4	77089	267	5.093	193,3-LE	3,79	Amilcar Farid Yamin
CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos. Corona Scallia Depresser - 7862	PO	3-9	75784	305	5.524	215,1-LE	3,89	Amilcar Farid Yamin
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Sto. Isidoro Diva - 208184	PO	3-1	81137	305	3.911	149,6-LE	3,82	Agropecuária Sto. Isidoro Ltda

## Raça Gir

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Iracema de Brantilla - T-2966	BE	8-5	63421	305	4.026	178,6-LE	4,43	Arthur S.Moier Filizuela
Maravilha Linda Onemô	BE	6-2	79919	279	3.037	175,9-LE	5,79	Manoel e João J.S.R. dos Reis

## Cruzamento Dirigido

Duas Ordenhas (2x)

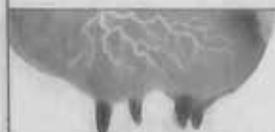
CLASSE B - Adultas de mais de 6 anos. PTE, Virginia - 13607	BE	6-11	80907	305	4.005	160,0-LE	3,99	Paulo T. Wittencourt
72	BE	-	77705	305	3.560	139,7	3,92	João Alberto C. de Castro

## II DIVISÃO — ATE 365 DIAS

## Raça Holandesa — variedade preta e branca

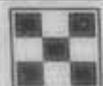
Três Ordenhas (3x)

CLASSE A1 - até 2 1/2 anos. AF, Furt. Bomis - TE	PO	2-0	81604	365	10.147	302,0-LE	3,97	Fat. Fortaleza Ltda
---	----	-----	-------	-----	--------	----------	------	---------------------



**GERADORES  
DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT  
PROLEITINA GL  
LACTINA GL**



**Purina**

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Gord. kg	%	

Santinha Talacacheta 3,4 da Fosse-PAJ/2722	GB	2-3	81386	365	8.747	240,4-1M	2,74	Faz. S.Ma. Fosse Ag. Past. Ltda
Joese Saola Q. Vossatt - B/74509	PO	2-3	81389	365	8.626	297,6-1M	3,44	Faz. S.Ma. Fosse Ag. Past. Ltda
Fosse Secretaria N. Vossatt - B/74511	PO	2-3	81388	365	8.069	230,9-1M	2,86	Faz. S.Ma. Fosse Ag. Past. Ltda
Fosse Rada Odalina Hortatiner-B/74510	PO	2-4	81392	340	6.547	193,6	2,95	Faz. S.Ma. Fosse Ag. Past. Ltda
Barro's Julia Rodney Harvey-27/10/59519	PO	2-5	81395	326	6.253	206,2	3,29	Faz. S.Ma. Fosse Ag. Past. Ltda

**CLASSE AJ - de 2 1/2 a 3 anos.**  
Fosse Serra Labiada Harvey-B/73480 PO 2-7 81396 319 7.263 243,4-1M 3,35 Faz. St. Ma. Fosse Ag. Past. Ltda

**CLASSE BU - de 3 a 3 1/2 anos.**  
JFL Ferreira - B/68502 PO 3-5 77814 311 8.484 285,1-1M 3,35 Joaquim Peixoto Rocha  
Iga de Chacara Gravatal-79784 PCD 3-2 81458 335 7.403 232,2 3,13 Arnaldo Mendes de Oliveira  
Fosse Radoleira P. Japiter-B/71073 PO 3-5 77923 277 6.731 203,6 3,02 Faz. S.Ma. Fosse Ag. Past. Ltda

**CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos.**  
Arens Superior Rockport - SP/151122 OCI 4-4 76790 365 7.691 222,1 2,88 Paragon Agro Pec. Ltda

**CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.**  
AP Part. Dália - B/60456 PO 5-5 68454 365 11.198 353,5-1M 3,15 Faz. Fortaleza Ltda  
JPL Naira - B/57920 PO 5-7 69502 339 8.980 324,2-1M 3,61 Joaquim Peixoto Rocha  
SS, Boreia Jersum - B/40769 PO 9-5 54378 365 7.716 261,7 3,39 Luiz Augusto Sacchi

**Doas Ordenhas (2x)**

**CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.**  
Calina Vradition Idalia Pva TB-B/75774 PO 2-2 81764 365 8.614 285,6-1M 3,31 Guilherme W.S. Caldas  
ME Orca Gey Pond TB-SP/9/56595 PO 2-3 81747 365 7.881 217,9-1M 2,76 Faz. Shiguero Ltda  
MNA Valiant Dallas - SP/8/59475 PO 2-0 81509 365 7.659 284,3-1M 3,71 Maria Aparecida F. Bortol  
ME Ota Superior Starcraft-29/B/58596 PO 2-2 81293 365 7.196 260,5-1M 3,73 Faz. Shiguero Ltda  
Calina Vossatt Aarens - B/70/58678 PO 2-3 81765 365 7.170 230,3-1M 3,21 Guilherme W. Soares Caldas  
Color Miss Cintila-B/73448 PO 2-3 81206 358 7.120 224,6-1M 3,15 Lair Antonio de Souza

**CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.**  
Vaga Cavalier Savara P. D'Alho-B/2592 GIB 2-7 81611 365 9.094 255,5-1M 2,80 Jacob Wosier Dutill  
Jang. I Oestê La P. Boligon-B/74156 PO 2-6 81266 365 7.923 283,5-1M 3,57 Joaquim Agra da Campos  
Múva Agrinhas - B/168827 OCI 2-6 81317 365 6.500 198,3-1M 3,03 Agrinhas S/A Esp. Agr. Past.

**CLASSE BU - de 3 a 3 1/2 anos.**  
Rogéria Orta ML - SP/173117 OCI 3-0 81454 365 9.185 277,4-1M 3,02 Maria Lucia F.S. Dias  
Avelia Primitivo Atum ML - SP/173118 OCI 3-1 81096 358 8.323 296,6-1M 3,56 Maria Lucia F.S. Dias  
Jardineira N. S. M. Pva D'Alho-GB/249 GIB 3-1 37709 354 8.077 250,8-1M 3,10 Jacob Wosier Dutill  
Paracuru Japiter Nativa-B/71287 PO 3-3 77537 343 7.483 238,3-1M 3,18 Donald Graber  
Jabulina Rodam 76 - SP/173115 OCI 3-2 81457 365 7.154 224,1-1M 3,13 Maria Lucia F.S. Dias  
Color Willow Comet Nativo-2/6810 PO 3-5 76749 365 6.998 247,2-1M 3,53 Lair Antonio de Souza  
Sistolina Agrinhas - B/SP/160152 OCI 3-4 81581 365 6.570 214,9-1M 3,27 Agrinhas S/A Esp. Agr. Past.

**CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.**  
Willow Harvey J. Muffin - B/67009 PO 3-10 76229 365 11.108 289,8-1M 2,60 Donald Graber  
Jadu Yiz Bulaker ML - SP/164432 OCI 3-10 76967 345 8.638 249,7-1M 2,89 Maria Lucia F.S. Dias  
Condoctra New-Way Klyse - B/66979 PO 3-11 75274 329 7.896 227,3-1M 2,87 Donald Graber  
Paracuru Japiter Elite - B/71287 PO 3-7 76985 324 7.357 213,4-1M 2,87 Donald Graber

**CLASSE CU - de 4 a 4 1/2 anos.**  
Arianna Pond Friend ML - SP/153558 OCI 4-2 81455 365 8.066 248,1-1M 3,07 Maria Lucia F.S. Dias  
Paracuru Gey Galvres-B/67432 PO 4-4 74134 358 7.142 230,7-1M 3,22 Donald Graber

**CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.**  
Paracuru Chief Cristiano - B/63129 PO 4-11 71856 350 10.117 303,1-1M 3,99 Donald Graber

**CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.**  
Fagundes Pascho T. - B/7043 BI/32 9-1 58521 365 8.480 248,6-1M 2,93 Maria Lucia F.S. Dias  
Domestica Agrinhas - SP/102921 OCI 7-3 81717 341 8.395 290,1-1M 3,45 Agrinhas S/A Esp. Agr. Past.  
Little Alver B. Willow Leo-B/54618 PO 7-1 67776 325 8.190 275,6-1M 3,36 Guilherme W.S. Caldas  
P. Siquete Elevator - B/52283 PO 7-2 62522 365 8.007 310,1-1M 3,87 S/A Faz. Paraiso Agro Pec.  
Belvalente Agrinhas - SP/123836 OCI 6-5 67186 358 7.930 222,4 2,80 Agrinhas S/A Esp. Agr. Past.  
Sokoladino Boreador Bailon-B/59036 PO 6-10 61724 365 7.860 258,4-1M 3,28 Wairley Colobini  
Orens S.F.A. Dellight - B/54649 PO 7-9 70295 365 7.639 282,2-1M 3,60 Belarmino da Ascensão Marta  
Richman Aquillo Sovereign Deb-B/47639 PO 7-9 62241 328 7.708 214,9 2,78 Jacob Wosier Dutill  
S.A. Netico Contador Astronut-B/57384 PO 6-7 67385 365 7.622 225,3 2,95 José Mario J. Neto  
ONI-ota Babel Marquis-B/52884 PO 6-7 64597 329 7.384 285,9-1M 3,67 Col. Adventista Brasileiro

**Raça Holandesa — variedade vermelha e branca**

**Três Ordenhas (3x)**

**CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.**  
Albertina's W. Osoro - B/6212 PO 2-3 81218 365 7.209 250,8-1M 3,48 Pedro Conde  
Cruza Nestor Yuracan TB-88/8558 PO 2-1 81258 365 6.370 222,7-1M 3,49 Amílcar Farid Yamin  
Albertina's JB. Susita-B/8129 PO 2-5 81524 365 5.748 188,5-1M 3,27 Pedro Conde

**CLASSE BU - de 3 a 3 1/2 anos.**  
Albertina's RB. Susita TB-128/440 PO 3-1 81523 340 6.096 207,0-1M 3,39 Pedro Conde

**CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.**  
Quirina PP. Susita's - B/SP/28485 OCI 6-0 67284 365 9.788 358,2-1M 3,66 Pedro Conde  
Castro Centiga - B/3473 PO 11-2 44602 365 9.699 349,3-1M 3,60 Amílcar Farid Yamin  
Mumboline Lassia Ned - B/4980 PO 7-3 67355 365 9.473 296,8-1M 3,13 Amílcar Farid Yamin  
Sollinet 1q. Far-Ned - B/5449 PO 6-11 69673 365 8.853 285,4-1M 3,33 Agric. Past. Sta. Cruz S/A  
Pipes World Jang Ltda Ref. B/56313 PO 5-1 69889 354 7.373 232,4-1M 3,15 Pedro Conde

**Doas Ordenhas (2x)**

**CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.**  
Casal Spring Farm Van de Groen-SP/168925 OCI 2-6 81829 293 5.957 189,9-1M 3,18 Johannes W.M. Van de Groen, ICL.



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
<b>CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.</b>								
Helenira Wany Strickler-BS/5926	PO	3-10	74862	292	6.308	209,2-1M	3,31	Albert Slautjos - Hol.
<b>CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.</b>								
Acanta Stricklander da Gueltria-SP/147414	GC3	4-6	73523	365	8.751	339,3-1M	3,87	Henricus A. Wopereis - Hol.
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>								
Hervalves Jasper Twinkler Red-BS/5133	PO	8-0	55731	365	7.597	243,0-1M	3,19	Geraldino Natal Modureira
Ialu Aggeel Red SP.- GEM/628	GBS	7-9	58696	365	7.135	247,9-1M	3,47	Hugo Reinaldo Bueno
<b>Raça Jersey</b>								
Dois Ordenhas (2x)								
<b>CLASSE AA - até 2 anos.</b>								
Beula Tille do Butiá - A-29973	PO	1-11	81566	365	5.024	246,2-1M	4,90	João Ronald Bertagnoli
<b>CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.</b>								
Elolisa Spot do Butiá - A-29402	PO	2-1	81567	337	5.004	232,5-1M	4,64	João Ronald Bertagnoli
<b>CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.</b>								
Marcos Rita Faithful do Butiá - 14485-C	PO	4-11	75659	365	6.242	281,6-1M	4,51	João Ronald Bertagnoli
Carvalho Carolina Strbad Master-14330-C	PO	4-7	81564	345	4.636	217,0-1M	4,68	João Ronald Bertagnoli
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>								
Gabriel Coseta do Butiá - 12536-C	PO	7-11	74056	365	5.893	274,8-1M	4,66	João Ronald Bertagnoli
<b>Raça Parda Suíça (Schwyz)</b>								
Três Ordenhas (3x)								
<b>CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.</b>								
RC,Jerusa Dakota - 207951	PO	3-7	76315	344	5.219	221,4-1M	4,24	Fernando Prado Bueno
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>								
Valley Gold Delogant J Joy - 6557	PO	6-8	64521	365	6.922	313,4-1M	4,52	Antônio Farid Yamin
RC,Francosa Evilo II - 207346	PO	5-1	69551	283	5.086	210,3	4,13	Fernando Prado Bueno
RS Roy Hillie - 5830	PO	10-3	44576	275	5.053	192,1	3,80	Antônio Farid Yamin
Dois Ordenhas (2x)								
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>								
Idelaira Antígona Ragar - 6425	PO	7-2	66891	328	5.954	225,2-1M	3,78	Giovani Benespírito Grossi
Corona Juliana Medalist - 206439	PO	6-6	65975	324	5.308	209,7-1M	3,80	Agro Inc. Sto. Isidoro Ltda
Amélia de Sto. Isidoro-206619	PO	5-9	70436	365	5.487	209,0-1M	3,80	Agro Pec. Sto. Isidoro Ltda
SE R Royal Gloom-6549	PO	6-3	44927	306	5.382	224,5-1M	4,17	Antônio Farid Yamin
<b>Raça Gir</b>								
Três Ordenhas (3x)								
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>								
Opalina de Brasília - B-1445	BE	5-5	49203	365	4.654	211,9-1M	4,55	Rubens Resende Peres
Rubalta de Brasília - B-2817	BE	7-2	70908	277	3.851	183,1	4,70	Rubens Resende Peres
Repulha de Brasília - S/2578	BE	8-0	80935	365	3.796	184,6	4,86	Rubens Resende Peres
Dois Ordenhas (2x)								
<b>CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.</b>								
Wira - D-7911	BE	4-9	81511	365	3.857	178,4-1M	4,57	Arthur S. Maier Filizola
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>								
Prociosa de Brasília - U-4581	BE	7-11	47626	365	6.593	194,6-1M	4,23	Arthur S. Maier Filizola
Ilhéua - O-5341	BE	13-3	75221	330	1.891	157,5-1M	4,04	João Dario Resende e Outros
Leiz	BE	6-1	81514	365	3.851	172,4-1M	4,47	Arthur S. Maier Filizola
Sta. Cruz Maria Cachimbo-T-3013	BE	8-9	73030	292	3.701	198,5-1M	5,36	Mansel e José J.S.R. dos Reis
Navridha Fodista Patão	BE	11-2	55248	301	3.531	191,7-1M	5,72	Mansel e José J.S.R. dos Reis
<b>Cruzamento Dirigido</b>								
Dois Ordenhas (2x)								
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>								
PH,Aracatama - 12879	MI	8-6	78965	231	4.894	159,3	3,28	Paulo de T. Rittencourt

L.M - LÍVRO DE MÉRITO

L.E - LÍVRO DE ESCOL

## Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con-trole	Dias de lactação	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con-trole	Dias de lactação	%	
<b>Raça Holandesa — variedade preta e branca</b>						Dr. Antenor de Willems Dr. Carlos Willems Dr. Umberto Willems Jr. Dr. Yngve Benin Dr. José de Willems Dr. Gerrit Willems Dr. José de Willems Dr. Leocádio S. P.						
Dr. Carlos Willems	PO	3-4	28	21	26,5	2,1	Dr. Carlos Willems	PO	3-4	28	21	26,5
Dr. Umberto Willems	PO	3-7	28	21	18,0	3,1	Dr. Umberto Willems	PO	3-7	28	21	18,0



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**











NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%		
Color Alberta Gamba	PO	2-4	30	92	23,0	2,2	JPP, Ogiva	PO	2-6	80	250	15,0	3,2
Color Ford Demise	PO	2-6	10	17	22,0	1,5	Pabor, Proof Casotta	PO	2-2	50	131	15,0	4,2
Color Fern Opazita	PO	2-5	20	51	25,0	3,4	Satia Jette Furmore	OCI	2-2	20	51	20,0	3,1
Color Tera Beliziana	PO	2-4	10	10	24,0	2,8	Pabor, Gay Desiriosos	PO	2-10	20	55	21,0	3,8
Color Tera Beliziana	PO	2-4	28	12	20,0	2,1	Quaresma Gay Ispalca de P.P.'Alto	OCI	2-0	50	149	14,0	1,8
Viciosa Pury Becky	PO	2-8	20	50	21,0	3,4	Arlatona Beulah Franco	PO	2-5	20	227	15,0	3,9
Estreva Pury Maria	PO	2-5	49	112	22,0	2,4	Gerry Lynn Elevator Malle	PO	2-4	119	265	17,0	3,2
Viciosa Stormed Maria	PO	2-3	19	13	28,0	1,7	Wendee Jay Lela Dan	PO	2-4	40	178	17,0	3,9
Indel Collier Sara	PO	2-4	20	10	27,0	2,4	Kliss Romina Baldano	PO	2-1	50	128	25,0	2,8
Scumbay Joe Lave	PO	2-2	20	40	30,0	2,0	JPP, Sedit	PO	2-2	19	29	15,0	1,8
Bark Hill Gail	PO	2-2	19	30	27,0	2,0	Pow-Field Willow Dale Layle	PO	2-1	19	31	28,0	4,2
Shane Dew Willow Jo	PO	2-9	60	170	20,0	2,0	Ihai Island Commander Fern	PO	2-4	19	9	27,0	4,9
Ray Fromm Hecstasy Ach	PO	2-11	40	110	22,0	2,0	Rocky Vallis Devon	PO	2-11	19	31	23,0	3,1
Millenora Willow Saine	PO	2-0	20	42	26,0	2,0	Elise Carpi Stankov	PO	2-2	19	10	21,0	3,2
Yokobe Milant, Annee	PO	2-7	69	109	30,0	2,9							
Arc-Kit, Apazita Anari	PO	2-7	39	68	28,0	2,8							
Statkitt Wilton Vanessa	PO	2-8	19	38	25,0	2,2							
R, Mary Hill Betty Beauty	PO	2-7	39	67	23,0	2,6							
William, Perfection Stark	PO	2-8	29	54	37,0	1,8							
Grand Originator Helen	PO	2-3	69	199	30,0	3,3							
Nashoo Carlo Lumbia	PO	2-8	19	32	29,0	2,7							
Joe-Vita Starock Mlotody	PO	2-6	20	33	30,0	2,0							
Color Jami Caspara	PO	2-3	69	161	27,0	2,1							
Color Valant Constantine	PO	2-11	49	109	20,0	2,1							
Color Demari Caspara	PO	2-4	60	146	24,0	2,8							
Color Ollian Davidson	PO	2-11	30	65	22,0	2,0							
Color Valant Conchetta	PO	2-2	50	147	21,0	2,3							
Color Cavalier Corera	PO	2-4	60	195	22,0	2,8							
Color Eleonora Claudia	PO	2-9	60	107	27,0	2,4							
Color Valant Clio	PO	2-5	60	188	28,0	2,5							
Color H. Iustina Cleopatra	PO	2-5	60	165	30,0	3,0							
Color Chris Cecilia	PO	2-4	50	158	38,0	2,0							
Color Russo Cristina	PO	2-6	40	114	27,0	2,8							
Dry-Vive Sam Bond	PO	2-8	20	43	31,0	2,1							
Shaw -Gess Carlo Vascio	PO	2-3	60	107	35,0	1,7							
Time Nels -Joyce Picking	PO	2-3	30	42	29,0	2,8							
Quar Nilsa Clapita	PO	2-8	20	34	31,0	1,8							

12. Colheita Walter Soares Caldas, Regi-Quarta, Est. de São Paulo, Controle em 24/09/95. Registre de parto em raço suplementar. 2 Ovelhas.

Caldas Ford Gina	PO	2-4	40	118	28,0	2,4
Caldas Astronaut Origides	PO	2-11	30	134	28,0	2,2
Chapita TV, Star Caldas	OCI	2-11	30	53	34,0	2,2
Caldas Valant-Edilia Ray - TE	PO	2-4	20	189	22,0	3,3
PIR, Royalbel Comet Astronaut	PO	2-5	20	55	37,0	2,4
Lembrak Astron-Sagfure	PO	4-2	100	307	20,0	3,2
Caldas Traditon Edilia Dan - TE	PO	2-5	20	326	24,0	2,8
PIR, Kirlindal Vico Starlet	PO	2-4	20	77	25,0	2,2
Caldas Root - Marcus Sabrina	PO	2-4	30	255	19,0	4,2
Caldas Hanna Adelaide	PO	2-2	60	209	32,0	3,3
Caldas Traditon Sentina - TE	PO	2-1	110	349	26,0	3,2
Isabela TV, Star Caldas	OCI	2-8	60	152	37,0	2,8
Caldas Traditon Rosa - TE	PO	2-7	30	63	25,0	2,8
Caldas Standart Bernadete - TE	PO	2-0	20	41	34,0	2,4
Karlund Commander Ela	PO	2-2	19	13	31,0	3,9
Caldas Ford Sabina I - TE	PO	2-5	19	31	24,0	3,8
Caldas H. Iustina Edilia Herta	PO	2-1	27	56	28,0	2,5
H. Iustina Edilia Herta	PO	2-1	27	73	29,0	3,1
JMC, Debara Mark	PO	2-10	19	21	26,0	2,8
Sorona 3396 Fabiana C. Cavalier	PO	2-1	20	48	37,0	2,8
PHC, Italia Chico	PO	2-11	50	128	32,0	2,9
PIR, Milibel Chief Astronaut	PO	2-10	50	171	27,0	2,8
Caldas Standart Adelia	PO	2-6	50	151	27,0	2,8
Caldas Cavalier Isolina	PO	2-3	50	149	30,0	2,8
Caldas Traditon Salina - TE	PO	2-5	100	287	24,0	2,9
Caldas Root, Hajstana	PO	2-4	50	179	24,0	2,9
Pravost, H. Iustina Bernadete	PO	2-10	100	284	24,0	3,2
Caldas Valant Edilia Summe - TE	PO	2-7	40	118	28,0	3,2
Nov, Pash Anadele Victoria	PO	2-9	20	31	34,0	2,8
PIR, Astrazel "Anapa Vago	PO	2-11	50	148	29,0	3,2
Spring Garden E. Perry	PO	2-2	40	239	21,0	3,1
Caldas Apollo T. Margueta	PO	2-7	40	114	32,0	2,8

13. Maria Aparecida Pacheco Brada, Capitani, Est. de São Paulo, Controle em 24/09/95. Registre de parto em raço suplementar. 2 Ovelhas.

Identity RM	OCI	2-2	80	244	23,0	3,2
WMA, Lamin	PO	2-1	90	233	16,0	3,5
WMA, Ford Melitona - TE	PO	2-6	90	242	23,0	3,5
Caldas Root, Jethu Aparecida-TE	PO	2-2	60	254	16,0	3,8
Caldona RM	OCI	2-1	70	201	25,0	3,1
WMA, Scott, Joe - TE	PO	2-4	70	285	24,0	3,4
Geord, WMA	OCI	2-3	70	197	15,0	3,7
WMA, WMA	OCI	2-6	60	206	14,0	3,3
WMA, Sabes Elise - TE	PO	2-1	50	141	17,0	3,3
WMA, Antypaar Isolina	PO	2-0	50	116	30,0	3,2
WMA, Natas Desandula - TE	PO	2-1	50	132	32,0	3,2
WMA, Clarissa	PO	2-4	50	122	24,0	3,4
WMA, WMA	OCI	2-3	40	118	25,0	3,4
WMA, Richter WMA - TE	OCI	2-1	30	85	39,0	3,1
WMA, WMA	OCI	2-3	30	81	39,0	3,1
WMA, Ruth Demise - TE	PO	2-5	40	112	41,0	3,0
WMA, WMA	OCI	2-1	30	62	34,0	2,9
WMA, WMA	OCI	2-1	30	38	37,0	2,7
WMA, Valant Isolina - TE	PO	2-2	19	39	25,0	3,4
WMA, WMA	OCI	2-2	10	32	18,0	3,4
WMA, WMA	OCI	2-2	10	28	34,0	3,2
WMA, Te, Star de Ovelha	OCI	2-0	10	21	42,0	3,0
WMA, WMA, Te - TE	PO	2-4	10	26	31,0	2,8
WMA, WMA, Te - TE	PO	2-2	10	7	26,0	3,0
WMA, Valant Isolina	PO	2-0	120	365	14,0	4,5
WMA, Ford Rex - TE	PO	2-10	100	299	14,0	3,0
WMA, Traditon Sinta - TE	PO	2-5	100	167	24,0	3,7
WMA, Traditon Sinta - TE	PO	2-5	100	229	22,0	3,9
WMA, WMA, Star demer - TE	PO	2-2	90	250	17,0	4,3
WMA, WMA	OCI	-	90	244	18,0	3,7

14. Elze Aparecida Loda, Fátima, Est. de São Paulo, Controle em 23/09/95. Registre de parto em raço suplementar. 2 Ovelhas.

Indepira WMA Elze	OCI	2-4	40	109	13,0	3,7
Elze Rosary, Elze	PO	2-3	20	71	16,0	3,8
Elze Rosaria Ace	PO	2-1	20	42	28,0	3,3
Elze Rosaria Caldas	PO	-	20	45	17,0	3,9
Elze's WMA Elze, M. Rosary	PO	2-5	20	41	42,0	4,3
Elze, WMA	OCI	2-3	10	13	11,0	2,6
Elze, WMA	OCI	2-2	10	16	20,0	2,6
Elze's Star, Elze Rosaria	PO	2-1	10	14	22,0	2,5
Elze Rosaria Adelaide	PO	2-1	10	12	17,0	3,0
Elze Costa Elze	PO	2-4	10	12	18,0	3,1

15. Elze Aparecida Loda, Fátima, Est. de São Paulo, Controle em 25/09/95. Registre de parto em raço suplementar. 2 Ovelhas.

WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-11	30	292	15,0	3,8
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-5	40	37	20,0	4,0
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-0	20	38	36,0	3,2
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-0	20	38	38,0	3,9
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-0	20	194	17,0	3,8
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-18	30	127	19,0	3,0
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-7	40	47	22,0	3,7
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-3	30	80	23,0	3,7
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-7	30	195	15,0	2,8
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-1	40	98	20,0	3,7
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-3	40	98	21,0	3,2
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-3	40	104	20,0	3,2
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-3	40	140	20,0	3,2
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-1	40	167	15,0	2,8
WMA, WMA's Capriola M. Acara	OCI	2-4	40	172	13,0	3,7
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-3	20	78	18,0	3,2
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-3	20	120	17,0	4,1
WMA, WMA's Capriola M. Acara	PO	2-1	40	168	13,0	3,1

16. Colheita Walter Soares Caldas, Regi-Quarta, Est. de São Paulo, Controle em 24/09/95. Registre de parto em raço suplementar. 2 Ovelhas.

Caldas Ford Gina	PO	2-4	40	118	28,0	2,4
Caldas Astronaut Origides	PO	2-11	30	134	28,0	2,2
Chapita TV, Star Caldas	OCI	2-11	30	53	34,0	2,2
Caldas Valant-Edilia Ray - TE	PO	2-4	20	189	22,0	3,3
PIR, Royalbel Comet Astronaut	PO	2-5	20	55	37,0	2,4
Lembrak Astron-Sagfure	PO	4-2	100	307	20,0	3,2
Caldas Traditon Edilia Dan - TE	PO	2-5	20	326	24,0	2,8
PIR, Kirlindal Vico Starlet	PO	2-4	20	77	25,0	2,2
Caldas Root - Marcus Sabrina	PO	2-4	30	255	19,0	4,2
Caldas Hanna Adelaide	PO	2-2	60	209	32,0	3,3
Caldas Traditon Sentina - TE	PO	2-1	110	349	26,0	3,2
Isabela TV, Star Caldas	OCI	2-8	60	152	37,0	2,8
Caldas Traditon Rosa - TE	PO	2-7	30	63	25,0	2,8
Caldas Standart Bernadete - TE	PO	2-0	20	41	34,0	2,4
Karlund Commander Ela	PO	2-2	19	13	31,0	3,9
Caldas Ford Sabina I - TE	PO	2-5	19	31	24,0	3,8
Caldas H. Iustina Edilia Herta	PO	2-1	27	56	28,0	2,5
H. Iustina Edilia Herta	PO	2-1	27	73	29,0	3,1
JMC, Debara Mark	PO	2-10	19	21	26,0	2,8
Sorona 3396 Fabiana C. Cavalier	PO	2-1	20	48	37,0	2,8
PHC, Italia Chico	PO	2-11	50	128	32,0	2,9
PIR, Milibel Chief Astronaut	PO	2-10	50	171	27,0	2,8
Caldas Standart Adelia	PO	2-6	50	151	27,0	2,8
Caldas Cavalier Isolina	PO	2-3	50	149	30,0	2,8
Caldas Traditon Salina - TE	PO	2-5	100	287	24,0	2,9
Caldas Root, Hajstana	PO	2-4	50	179	24,0	2,9
Pravost, H. Iustina Bernadete	PO	2-10	100	284	24,0	3,2
Caldas Valant Edilia Summe - TE	PO	2-7	40	118	28,0	3,2
Nov, Pash Anadele Victoria	PO	2-9	20	31	34,0	2,8
PIR, Astrazel "Anapa Vago	PO	2-11	50	148	29,0	3,2
Spring Garden E. Perry	PO	2-2	40	239	21,0	3,1
Caldas Apollo T. Margueta	PO	2-7	40	114	32,0	2,8

17. Severina Agostina S.A. Serra Cruz das Pedras, Est. de São Paulo, Controle em 13/09/95. Registre de parto em raço suplementar. 2 Ovelhas.

Osmanis AL	OCI	2-1	90	29
------------	-----	-----	----	----

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Comercial e Distribuidora J. Reges Ltda. Fazenda Feliciano, Est. de São Paulo. Controle em 09/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Agência Fary dos Navey	PO	6-11	29	217	19,0	5,1
Alvina Agrietas	OC2	4-5	30	158	16,0	4,4
Vagner Darcos Lucina Flaminia	PO	6-9	29	114	20,0	3,9
Isabela Vago Defetor	PO	3-11	29	59	24,0	4,5
S.T. Alécia Regas Perreira	PO	7-4	30	147	14,0	4,0
Cláudia Alcides Marinho	PO	7-1	30	141	19,0	3,5
Lygia Beck-Rick-Jane	PO	6-2	30	202	20,0	3,9
Wag	-	-	30	144	15,0	4,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Liliane Guarnição Alcantara-Liana, Est. de São Paulo. Controle em 12/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Elizete Wagner Takami	SB	-	10	15	13,0	3,1

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Thomaz Espinosa, Coop. Agropec. Babilônia, Departamento, Est. de São Paulo. Controle em 26/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Alécia Wilson de Mat.	OC2	5-2	30	183	23,0	3,5
Dedeeza Sylvia	OC2	3-5	30	100	13,0	3,4
Robe Thaisel	OC2	3-8	30	99	26,0	3,3
PNE. Inara	PO	3-8	30	28	28,0	3,3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Sílvio Vei de Ghert, Coop. Agropec. Babilônia, Departamento, Est. de São Paulo. Controle em 26/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Priscilla dos Reis de Mat.	OC2	2-2	30	130	13,0	3,3
Marlene Luciana Rocha	PO	6-9	30	127	19,0	3,4
Camélia Ch. Polilopopine	PO	7-1	30	179	14,0	3,4
Mar-Janeira Imperial	PO	2-9	30	101	19,0	3,3
Cláudia Silveira ZDF	PO	3-10	30	77	22,0	3,7
Fernanda Gay Denton	PO	5-6	30	79	25,0	3,7
M. Jussara Tizian	PO	4-5	30	4	25,0	3,5
Isaqui Raul Waldemar	PO	5-10	30	22	17,0	3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Geraciela R. Groot, Coop. Agropec. Babilônia, Departamento, Est. de São Paulo. Controle em 21/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Jane J. Bezerra Lima-Isabela	PO	3-4	30	339	14,0	3,2
Denise S. de Mat.	OC2	2-8	30	251	20,0	3,4
Isabela Maria de Mat.	OC1	3-8	30	220	14,0	3,5
Cláudia Rosa de Mat.	OC2	3-8	30	210	23,0	3,1
Lygia Clemente Lee	PO	-	30	125	24,0	3,4
St. Ana, Paul. Dalmas	PO	7-11	30	149	23,0	3,1
Lu. Lina II de Mat.	OC1	3-4	30	129	21,0	3,4
Cláudia Oliveira Magalhães	PO	3-7	30	104	30,0	3,2
Alvina S. Oliveira	OC2	7-8	30	109	31,0	3,0
de Nere S. de Mat.	OC2	7-5	30	109	26,0	3,3
Lara de Mat.	OC2	4-0	30	110	22,0	3,2
Alécia Isabel Esp.	OC2	4-7	30	71	27,0	2,9
Cláudia-Cara de Mat.	OC2	3-3	30	79	18,0	3,0
de Maria J. de Mat.	OC2	4-7	30	86	29,0	3,0
de Thoma S. de Mat.	OC2	4-8	30	54	31,0	3,0
Cláudia-Pereira Esp.	OC2	3-5	30	41	37,0	3,0
Cláudia-Genes Esp.	OC2	3-1	30	46	34,0	3,0
W. de Mat. Maria Beat.	OC2	4-7	30	48	37,0	3,0
de Maria J. de Mat.	OC2	4-8	30	55	21,0	3,5
de Jerônimo II de Mat.	OC1	4-7	30	53	43,0	3,4
Cláudia Rosa S. Esp.	OC2	3-5	30	53	29,0	3,4
de L. J. de Mat.	PO	4-4	30	37	26,0	3,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
De-Ovelhas F. Furtoso, Est. de São Paulo. Controle em 27/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Denise Luciane Faria GFF.	PO	-	30	173	28,0	3,1
GFF. Agnolinda Sal Volante	PO	-	30	120	20,0	3,5
GFF. Lucretia Julia Volante	PO	-	30	81	29,0	3,1
GFF. Denise Lucia Defetor - PO	PO	2-8	30	62	29,0	3,3
GFF. Lina Elvira Volante	PO	-	30	34	27,0	4,0
GFF. Alécia Regina Volante	PO	2-2	30	23	21,0	3,4
Rebeca Maria Pires de Mat. GFF	PO	2-7	30	25	29,0	3,5
de Lina Regina Pires de Mat. GFF	PO	2-7	30	183	25,0	3,5
de Lina Regina Pires de Mat. GFF	PO	4-2	30	55	41,0	3,5
de Lina Regina Pires de Mat. GFF	PO	11-0	30	122	25,0	4,3
de Lina Regina Pires de Mat. GFF	PO	11-12	30	23	32,0	3,2
GFF. Carolina Fern Lindy	PO	4-4	30	43	13,0	3,2
GFF. Lina Lindy GFF.	OC1	4-7	30	53	20,0	3,2
Cláudia Regina GFF	OC2	3-3	30	117	26,0	3,4
GFF. Cláudia Leopoldo	PO	3-8	30	120	25,0	4,1
Denise Fern GFF.	OC2	3-4	30	34	27,0	3,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Departamento S.M. Fazenda Est. de São Paulo. Controle em 05/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Priscilla de Mat. Isabela	PO	3-8	30	189	14,0	3,0
Magali-Neel Oryson Wilson	PO	6-4	30	141	13,0	3,3
Cláudia Fern	PO	7-0	30	119	15,0	3,0
Wenderson de Mat. Wandy	PO	6-7	30	123	15,0	3,1
Nataly de Mat. Wandy	PO	6-5	30	98	18,0	2,9
Wenderson de Mat. Wandy	PO	5-2	30	81	15,0	2,9
Wenderson de Mat. Wandy	PO	5-4	30	100	16,0	2,0
Wenderson de Mat. Wandy	PO	4-7	30	39	17,0	2,9
M. Fern. Regina	PO	3-10	30	30	24,0	2,9
Wenderson de Mat. Wandy	PO	6-0	30	48	15,0	2,9
Wenderson de Mat. Wandy	PO	4-9	30	17	18,0	2,9
de Mat. Wandy	PO	6-11	30	53	15,0	2,9
Wenderson de Mat. Wandy	PO	5-10	30	178	13,0	2,8
de Mat. Wandy	PO	4-0	30	44	14,0	3,1
de Mat. Wandy	PO	3-6	30	128	15,0	2,9
de Mat. Wandy	PO	6-1	30	17	15,0	2,8
de Mat. Wandy	PO	3-1	30	64	19,0	3,0
de Mat. Wandy	PO	5-0	30	124	16,0	2,8
de Mat. Wandy	PO	4-4	30	100	16,0	2,8
de Mat. Wandy	PO	-	30	58	20,0	2,8
de Mat. Wandy	PO	4-8	30	84	27,0	2,8
de Mat. Wandy	PO	2-10	30	75	19,0	3,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
José Maria Jurequeira Netto, Ovelhas, Est. de São Paulo. Controle em 15/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Nevalinde Champ. Cleome	PO	3-10	30	76	18,0	3,4
Mirante Tempo Dora	PO	3-0	30	148	15,0	3,1
Mirante Tempo Dora	PO	3-1	40	102	17,0	3,4
Mirante Shenke Debra	PO	3-1	40	111	14,0	3,4
Mirante Starline Debra	PO	3-1	30	81	13,0	3,6
Mirante Starline Debra	PO	3-2	30	87	14,0	3,6
Mirante Hilltop Dinarah	PO	2-8	30	271	13,0	2,1
Mirante Champion Dinares	PO	2-11	40	108	14,0	3,1
Mirante Tempo Dinares	PO	3-0	30	92	14,0	3,0
Mirante Champion Dinares	PO	3-0	30	31	14,0	3,4
Mirante Alina Defora	PO	2-10	30	47	15,0	2,8
MC. Janice Laib Sengler	PO	5-3	10	8	13,0	3,4
Mirante Tempo Comandante	PO	3-11	10	4	19,0	3,0
Regeneração Red Healer	PO	9-11	10	32	14,0	3,1
Mirante Alina Shen	PO	2-4	10	12	15,0	3,2

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Comercial e Distribuidora J. Reges Ltda. Fazenda Feliciano, Est. de São Paulo. Controle em 09/09/85. Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Graciela Beliciana R. Ori.	OC2	2-8	30	195	15,0	3,1
Dulce Maria Lúcia	OC2	2-8	30	91	17,0	2,4
Cláudia Beliciana R. Ori.	OC2	2-10	30	19	18,0	3,1
Cláudia Beliciana R. Ori.	OC2	2-10	30	37	14,0	3,1
Cláudia Beliciana R. Ori.	OC2	2-8	30	54	19,0	3,1
Cláudia Beliciana R. Ori.	OC2	2-8	30	39	17,0	3,1
Begona Ori.	OC2	3-2	19	34	13,0	3,3
Wenderson de Mat. Wandy	PO	6-5	40	106	17,0	2,7
Wenderson de Mat. Wandy	PO	11-12	40	25	24,0	3,1
Fátima Ori.	OC2	6-3	10	6	17,0	3,4
Ode I. Orlândia	OC2	6-1	40	140	13,0	3,0
Alvina Orlândia	OC2	5-4	29	45	13,0	3,6
Alvina Orlândia	OC2	5-3	10	13	21,0	3,2
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	156	19,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	173	19,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	191	13,0	2,5
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	183	15,0	3,7
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	78	18,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	49	17,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	38	17,0	3,0
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	70	14,0	3,1
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	102	15,0	3,7
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	68	15,0	3,0
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	129	20,0	3,5
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	75	15,0	3,5
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	102	15,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	30	21,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	112	23,0	3,0
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	41	28,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	81	25,0	3,1
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	142	20,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	159	23,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	71	18,0	3,0
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	159	18,0	3,2
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	128	16,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	68	16,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	90	16,0	3,9
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	142	19,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	102	18,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	50	16,0	3,1
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	174	19,0	3,3
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	80	22,0	3,6
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	121	20,0	3,1
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	66	21,0	3,1
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	44	13,0	3,9
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	25	30,0	3,0
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	27	27,0	3,2
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	144	14,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	80	17,0	3,5
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	150	14,0	3,8
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	181	20,0	3,2
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	110	17,0	3,1
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	144	14,0	3,4
Alvina Orlândia	OC2	3-10	40	57	17,0	3,3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
Yara Mary N. Ingi	OCI	2-11	70	244	11,0	3,5	Família Portalesa Ind. Nova Odeana, Ind. de São Paulo, Controle em 20/04/85, Reg. de parto com raço suplementar, 3 Odeanas.						
Saida	OCI	10-5	50	59	21,0	3,4	AF. Port. Taífa	OCI	5-4	80	330	29,0	2,7
Overena	OCI	10-1	60	123	19,0	3,3	AF. Port. Cabocla	OCI	2-0	80	231	26,0	2,9
Cláudia	OCI	9-10	30	404	18,0	3,4	AF. Port. Redona	OCI	7-7	80	230	28,0	3,0
Nárciza	OCI	9-7	30	84	19,0	3,1	AF. Port. Orelha	OCI	9-4	80	230	27,0	3,0
Clara	OCI	8-1	40	48	20,0	3,0	AF. Port. Algodão	OCI	3-10	70	188	25,0	3,4
Genete	OCI	7-10	20	176	17,0	3,2	AF. Port. Flocos	OCI	3-8	80	370	28,0	3,1
Caçona	OCI	7-10	20	60	21,0	3,3	AF. Port. Acadêmia	OCI	6-2	60	168	29,0	3,0
Cláudia	OCI	-	40	141	16,0	3,4	AF. Port. Palito	OCI	9-0	60	361	29,0	3,4
SM. Gaci Dandi Lerner	OCI	7-5	20	30	26,0	3,3	AF. Port. Paleta	OCI	8-10	50	254	28,0	3,2
SM. Carina Per. Celestar	OCI	6-4	10	20	26,0	3,3	AF. Port. Calçada-TE	OCI	2-0	30	144	22,0	3,0
SM. Carolina Chist. Roch.	OCI	3-10	40	159	14,0	3,4	AF. Port. Baita	OCI	7-1	30	138	21,0	3,1
SM. Catarina Root. Lerner	OCI	3-2	20	57	30,0	3,0	AF. Port. Wallarta	OCI	3-3	40	94	30,0	3,0
SM. Christina A. Roch.	OCI	3-6	20	76	25,0	3,0	AF. Port. Sacerina	OCI	7-5	30	90	36,0	3,1
SM. Lyana Root. Lerner	OCI	7-4	40	137	17,0	3,5	AF. Port. Ventana	OCI	4-8	30	70	27,0	3,4
SM. Cyelle Eliv. Rocher	OCI	6-7	30	164	14,0	3,2	AF. Port. Iarla	OCI	11-0	20	43	32,0	3,3
SM. Constantia Beza. Lerner	OCI	2-10	10	8	23,0	3,7							
SM. Cláudia Cit. Roch.	OCI	2-7	30	82	14,0	3,9							
SM. Cláudia Mich. Lerner	OCI	2-7	20	82	23,0	3,1							
SM. Dina Vignara Noron	OCI	7-2	50	171	14,0	3,2							
Shirley Springs. V. L. Marre	OCI	11-7	40	160	15,0	3,7							
SM. Peggy Fride. Roch.	OCI	13-11	30	56	20,0	3,5							
Clara Cap. Originator Anden	OCI	10-0	20	41	31,0	3,0							
SM. Ieda Cesar. Roch.	OCI	11-2	40	111	21,0	3,2							
SM. Barbara Cit. Astrophit	OCI	10-0	20	68	20,0	3,2							
SM. Vera Per. Rocher 2	OCI	9-11	80	154	20,0	3,3							
SM. Gental Inoverar Rocher	OCI	8-7	30	100	20,0	3,3							
SM. Rita Pargelov. Dutch.	OCI	8-5	40	107	20,0	3,3							
SM. Rosaura H. Abstrai	OCI	7-10	10	28	23,0	3,3							
SM. Lela. Rocha	OCI	7-2	30	83	19,0	3,2							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	4-6	20	28	24,0	3,6							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	4-2	20	37	18,0	3,2							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	4-2	20	52	29,0	3,3							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	4-0	20	74	19,0	4,1							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	3-10	40	106	19,0	3,4							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	3-8	40	88	29,0	3,1							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	3-5	40	140	14,0	3,3							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	3-2	30	82	22,0	3,1							
SM. Lúcia. Rocha	OCI	3-0	30	9	27,0	3,9							
Artina Oclândia	OCI	11/32	10	9	20,0	3,1							
Neodete Oclândia	OCI	10/16	50	170	20,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	1-1	30	81	17,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	5-10	30	162	20,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	6-13	40	141	14,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	6-18	50	180	14,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	6-9	30	72	19,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	10/16	50	128	21,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	6-9	30	41	27,0	3,6							
Neodete Oclândia	OCI	6-4	30	83	19,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	10-0	20	27	19,0	3,2							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	40	120	22,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	40	140	16,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	10-11	30	129	21,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	10-8	40	105	14,0	3,1							
Neodete Oclândia	OCI	10-7	30	181	13,0	3,9							
Neodete Oclândia	OCI	10-3	30	97	14,0	4,0							
Neodete Oclândia	OCI	10-2	20	75	31,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	111	20,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	75	17,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	51	15,0	3,0							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	232	13,0	3,2							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	103	14,0	3,5							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	146	20,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	115	19,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	10-1	20	62	21,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	20	20,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	80	14,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	182	16,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	173	15,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	105	14,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	30	15,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	141	15,0	3,6							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	58	14,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	108	14,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	30	15,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	165	14,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	21	24,0	3,1							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	202	20,0	3,1							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	41	20,0	3,1							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	12	20,0	3,5							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	81	23,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	115	18,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	142	15,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	215	13,0	3,5							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	59	18,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	23	16,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	7	16,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	1	14,0	3,2							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	9	17,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	66	21,0	3,5							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	24	20,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	30	18,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	17	16,0	3,4							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	25	14,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	108	14,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	48	15,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	113	15,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	123	10,0	3,3							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	270	17,0	3,2							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	141	14,0	3,2							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	185	10,0	3,7							
Neodete Oclândia	OCI	11/32	10	85	16,0	3,4							

Família Portalesa Ind. Nova Odeana, Ind. de São Paulo, Controle em 20/04/85, Reg. de parto com raço suplementar, 3 Odeanas.

João F. Victor das Bontas Eli. Mendes, Ind. de Minas Gerais, Controle em 15/08/85, Reg. de parto com raço suplementar, 3 Odeanas.

Barba Affrósia e Gertruda S.A. Descolado, Ind. de São Paulo, Controle em 18/09/85, Reg. de parto com raço suplementar, 3 Odeanas.

Theodoros A. J. Vermeiren, Odeana 111, Paraguará, Ind. de São Paulo, Controle em 16/09/85, Reg. de parto com raço suplementar, 3 Odeanas.

Percebe Arara Kishi e Virginia Corralini, Ode 2, Odeana, Ind. de São Paulo, Controle em 16/09/85, Reg. de parto com raço suplementar, 2 Odeanas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Artina Oclândia	OCI	11/32	10	9	20,0	3,1
Neodete Oclândia	OCI	10/16	50	170	20,0	3,3
Neodete Oclândia	OCI	1-1	30	81	17,0	3,4
Neodete Oclândia	OCI	5-10	30	162	20,0	3,4
Neodete Oclândia	OCI	6-13	40	141	14,0	3,7
Neodete Oclândia	OCI	6-18	50	180	14,0	3,7
Neodete Oclândia	OCI	6-9	30	72	19,0	3,4
Neodete Oclândia	OCI	10/16	50	128	21,0	3,4
Neodete Oclândia	OCI	6-9	30	41	27,0	3,6
Neodete Oclândia	OCI	6-4	30	83	19,0	3,3
Neodete						

# Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: José Lucio Resende e Outros

Seleção e Criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

**VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS**

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO

Município de Matozinhos - MG

Tel.: (031) 661-1312

B. Horizonte: Rua Santa Rita Durão, 1160

Tel.: (031) 212-5011



**TARIMBA**

6a 2x 362d 2784 kg 1056 kg 3,77%

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Teco José	11/11	-	20	129	26,0	4,9
Sociedade José	11/12	4-0	10	39	15,0	3,6
Soma José	0000	3-10	40	101	25,0	3,1
V.F. Saramba Aluísia N. Letatzer	PO	3-10	30	89	17,0	4,2
Saramba José	11/12	3-10	70	210	36,0	4,0
Saramba José	11/12	7-11	20	209	21,0	3,2
Nettie da República	11/11	1-0	60	198	21,0	3,5
Saramba José	11/11	4-0	60	153	20,0	3,5
Nettie José	001	3-0	20	7	16,0	3,5
Nettie José	11/12	3-0	60	142	17,0	3,1
Wilson José	11/12	4-0	40	81	24,0	3,9
Nettie José	11/12	4-0	60	164	21,0	3,2

Fazenda Santa Inês, Fazenda São João, Fazenda São Paulo, Fazenda São Pedro em 16/05/85. Restos de parto com razão suplementar, 1 Ovelha.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Sociedade José	0000	3-1	70	189	21,0	3,5
Nettie José	PO	3-0	20	71	21,0	3,3
Nettie José	PO	4-10	21	13	34,0	3,0
Nettie José	001	4-1	30	73	28,0	4,0
Nettie José	PO	3-0	10	7	31,0	3,3
Nettie José	PO	4-7	20	40	41,0	2,4
Nettie José	PO	3-0	20	24	32,0	3,4
Nettie José	PO	3-0	20	61	30,0	2,7
Nettie José	PO	4-1	10	7	37,0	2,6
Nettie José	PO	4-1	10	44	28,0	3,5
Nettie José	PO	3-0	10	125	24,0	3,5
Nettie José	PO	3-0	40	103	21,0	3,7
Nettie José	PO	4-1	20	65	23,0	2,8
Nettie José	PO	4-1	40	73	30,0	2,8
Nettie José	PO	7-11	70	179	22,0	3,4
Nettie José	PO	3-10	30	23	39,0	2,7
Nettie José	PO	6-7	30	147	22,0	2,8
Nettie José	PO	4-4	10	11	12,0	3,0
Nettie José	PO	4-1	100	25	21,0	3,1
Nettie José	PO	6-0	20	44	29,0	2,6
Nettie José	PO	5-0	20	41	36,0	3,2
Nettie José	PO	4-4	20	47	24,0	3,2
Nettie José	11/12	4-1	50	131	24,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	20	127	23,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	70	201	21,0	3,2
Nettie José	PO	3-4	30	60	34,0	2,8
Nettie José	PO	3-0	20	39	40,0	3,1
Nettie José	PO	3-0	40	95	36,0	3,0
Nettie José	PO	3-0	50	139	24,0	3,1
Nettie José	PO	3-0	60	28	28,0	3,0
Nettie José	PO	3-0	20	58	28,0	3,1
Nettie José	PO	3-0	40	81	40,0	2,8
Nettie José	PO	3-0	30	77	38,0	3,1
Nettie José	PO	3-0	20	47	21,0	3,1
Nettie José	PO	3-11	20	61	28,0	3,1
Nettie José	PO	3-11	2	49	31,0	3,1
Nettie José	PO	3-11	7	120	23,0	3,2
Nettie José	PO	3-11	11	34	43,0	2,8
Nettie José	PO	3-11	10	34	21,0	3,2
Nettie José	PO	3-11	8	40	3,0	3,2

Fazenda São João, Fazenda São Paulo, Fazenda São Pedro em 16/05/85. Restos de parto com razão suplementar, 1 Ovelha.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
F. P. Aldo Bairo (Bocão) José	PO	3-1	10	40	22,0	3,2
Nettie José	PO	3-1	20	39	23,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	100	237	26,0	2,9
Nettie José	PO	3-0	100	274	20,0	4,3
Nettie José	PO	3-0	70	190	24,0	3,0
Nettie José	PO	3-0	20	149	20,0	3,4
Nettie José	PO	3-0	20	131	28,0	2,5
Nettie José	PO	3-0	30	22	22,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	30	35	34,0	2,6
Nettie José	PO	3-0	60	131	33,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	60	7	29,0	4,2
Nettie José	PO	3-0	40	35	21,0	3,8
Nettie José	PO	3-10	10	23	11,0	3,0

Carla Osvaldo José Lima, Fazenda São João, Fazenda São Paulo, Fazenda São Pedro em 16/05/85. Restos de parto com razão suplementar, 1 Ovelha.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Nettie José	PO	11-0	20	88	22,0	3,4

Fazenda São João, Fazenda São Paulo, Fazenda São Pedro em 16/05/85. Restos de parto com razão suplementar, 1 Ovelha.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Nettie José	PO	10-0	10	34	32,0	3,0
Nettie José	PO	7-1	30	71	49,0	2,5

Fazenda São João, Fazenda São Paulo, Fazenda São Pedro em 16/05/85. Restos de parto com razão suplementar, 1 Ovelha.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Nettie José	PO	3-0	10	7	26,0	3,3
Nettie José	PO	3-0	40	98	27,0	2,6
Nettie José	PO	4-0	50	121	22,0	3,8
Nettie José	PO	7-10	20	121	28,0	4,0
Nettie José	PO	4-10	20	81	33,0	2,8
Nettie José	PO	4-1	20	70	29,0	3,0
Nettie José	PO	4-1	30	47	15,0	4,5
Nettie José	PO	3-0	30	62	13,0	3,3
Nettie José	PO	3-0	40	110	21,0	3,1
Nettie José	PO	4-0	30	33	29,0	3,0
Nettie José	PO	4-10	60	152	18,0	3,7
Nettie José	PO	4-10	60	154	20,0	4,2
Nettie José	PO	11-0	10	11	28,0	3,1
Nettie José	PO	3-0	10	19	21,0	2,7
Nettie José	PO	3-10	30	70	31,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	30	61	32,0	3,1
Nettie José	PO	4-0	20	52	27,0	3,2
Nettie José	PO	11-0	20	34	23,0	4,0
Nettie José	PO	4-0	30	90	28,0	4,0
Nettie José	PO	11-0	30	60	17,0	3,9
Nettie José	PO	6-11	30	45	25,0	3,1
Nettie José	PO	4-11	30	60	15,0	4,4
Nettie José	PO	4-11	30	59	17,0	4,1
Nettie José	PO	3-0	30	31	19,0	3,5
Nettie José	PO	6-0	40	101	28,0	3,4
Nettie José	PO	3-0	40	136	27,0	3,4
Nettie José	PO	3-0	40	163	25,0	4,0
Nettie José	PO	4-0	70	154	20,0	3,5
Nettie José	PO	7-4	70	100	13,0	3,2
Nettie José	PO	3-0	60	110	20,0	3,2
Nettie José	PO	11-0	20	141	14,0	4,7



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**











# Estância Kankrej

## José Resende Peres

### GUZERÁ LEITEIRO,

Garantia de vacas maiores, mais rústicas. Quanto o sangue for ficando muito europeu, e a perda de bezerros aumentando... É melhor usar a raça mais rústica do mundo.



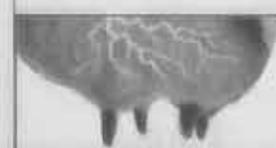
SEMEN À VENDA

Lagôa da Serra Ltda.

Praça José Peres, 17-A  
35360, São Pedro dos Ferros, MG  
Tels.: (033) 352-1457, 352-1218  
No Rio: (021) 265-3654

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%
<b>Matas Guimarães Alcantara-Lima, Est. de São Paulo, Controle em 21/04/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Tarcia Mônica de Jesus	023	7-2	29	58	15,8 2,1
Quatrina Rosa Pq. 10/01 av.	023	6-1	29	77	13,8 2,6
Quatrina Rosa de Jesus	023	10-1	29	66	14,2 1,5
<b>Adriano Nogueira de Freitas, Hq. de São Paulo, Controle em 10/06/81, Reg. de parto em raça experimental, 1 bezerro.</b>					
Adriano Augusto de J.	023	6-1	29	109	44,0 1,1
<b>Dr. Adilson de Barros Filho, Hq. de São Paulo, Controle em 17/04/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Adriano L.B.	023	5-11	29	201	11,8 1,2
Adriano L.B.	023	6-0	29	79	10,1 1,8
Myriane L.B.	023	5-0	29	63	14,0 1,5
<b>Agência e Pastoral Santa Cruz S/A, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 21/04/81, Reg. de parto em raça experimental, 1 bezerro.</b>					
Alb. de Jesus	020	7-2	120	146	15,0 3,1
Adriano de Jesus	020	7-4	60	221	17,0 3,5
Camélia B.C.	1/2	2-2	60	155	16,2 3,3
Camélia B.C.	000	0-0	29	102	10,0 1,7
Camélia B.C.	020	11-8	60	114	14,0 4,2
Camélia B.C.	1/2/1/2	1-4	60	104	15,0 3,0
Camélia B.C.	1/2/1/2	1-2	60	78	15,0 4,3
Camélia B.C.	020	7-10	29	77	27,4 7,4
<b>Adriano R.B. de Jesus, Est. Agr. Per. Guimarães, Departamento Est. de São Paulo, Controle em 10/06/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Adriano R.B. de Jesus	023	3-11	60	109	17,8 3,2
Adriano R.B. de Jesus	023	7-4	60	120	18,8 3,1
Adriano R.B. de Jesus	020	3-2	29	89	16,8 3,0
Adriano R.B. de Jesus	023	4-2	29	70	20,8 3,4
Adriano R.B. de Jesus	023	7-8	29	71	26,8 4,0
Adriano R.B. de Jesus	023	10-0	29	63	20,0 1,7
Adriano R.B. de Jesus	023	2-0	29	43	10,0 1,7
Adriano R.B. de Jesus	023	6-8	29	17	6,4 1,1
Adriano R.B. de Jesus	023	5-0	10	13	1,8 0,4
Adriano R.B. de Jesus	023	5-1	10	10	2,8 0,4
Adriano R.B. de Jesus	023	2-1	29	11	1,8 0,2
Adriano R.B. de Jesus	023	1-4	30	112	17,8 1,5
Adriano R.B. de Jesus	023	1-4	30	101	16,8 1,7
Adriano R.B. de Jesus	023	1-7	60	247	14,8 3,0
Adriano R.B. de Jesus	020	4-6	60	140	19,8 1,6
Adriano R.B. de Jesus	020	2-3	60	144	15,8 1,4
Adriano R.B. de Jesus	023	10-3	60	108	13,8 2,8
Adriano R.B. de Jesus	023	7-10	60	102	17,8 2,5
Adriano R.B. de Jesus	023	1-4	20	103	10,8 2,4
Adriano R.B. de Jesus	023	1-5	60	106	19,8 1,9
Adriano R.B. de Jesus	023	1-5	29	107	21,8 1,4
Adriano R.B. de Jesus	023	1-4	29	111	17,8 1,4
Adriano R.B. de Jesus	023	2-4	30	100	15,8 1,1
Adriano R.B. de Jesus	023	5-1	20	109	10,8 1,4
Adriano R.B. de Jesus	023	10-1	29	124	21,8 1,1

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%
<b>Adriano R.B. de Jesus, Est. Agr. Per. Guimarães, Departamento Est. de São Paulo, Controle em 10/06/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Adriano R.B. de Jesus	023	3-1	29	104	15,8 4,0
Adriano R.B. de Jesus	023	3-1	29	105	15,8 3,8
Adriano R.B. de Jesus	023	3-4	29	106	15,8 3,5
Adriano R.B. de Jesus	020	7-1	60	110	15,8 3,7
Adriano R.B. de Jesus	023	2-5	60	104	15,8 3,0
<b>Adriano R.B. de Jesus, Est. Agr. Per. Guimarães, Departamento Est. de São Paulo, Controle em 10/06/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Adriano R.B. de Jesus	023	6-10	60	141	14,8 4,0
Adriano R.B. de Jesus	023	7-7	29	120	15,8 3,8
Adriano R.B. de Jesus	020	3-5	60	124	14,8 3,8
Adriano R.B. de Jesus	020	1-4	60	100	17,8 1,7
Adriano R.B. de Jesus	023	7-11	29	66	21,8 2,3
Adriano R.B. de Jesus	023	6-7	29	79	27,8 3,1
Adriano R.B. de Jesus	023	3-4	10	10	21,8 3,4
<b>Adriano R.B. de Jesus, Est. Agr. Per. Guimarães, Departamento Est. de São Paulo, Controle em 21/04/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Adriano R.B. de Jesus	020	-	60	151	23,8 3,8
Adriano R.B. de Jesus	020	10-8	29	91	30,8 1,2
Adriano R.B. de Jesus	020	9-2	20	31	28,8 4,3
Adriano R.B. de Jesus	020	6-1	10	29	28,8 1,4
Adriano R.B. de Jesus	020	6-10	10	5	30,8 3,3
Adriano R.B. de Jesus	020	4-7	10	4	29,8 2,8
Adriano R.B. de Jesus	023	4-3	20	26	30,8 3,1
Adriano R.B. de Jesus	020	6-3	20	45	32,8 3,3
Adriano R.B. de Jesus	020	7-2	29	62	31,8 3,6
Adriano R.B. de Jesus	020	0-8	10	21	32,8 3,1
Adriano R.B. de Jesus	020	-	60	168	30,8 3,8
Adriano R.B. de Jesus	020	-	60	100	31,8 3,4
Adriano R.B. de Jesus	020	7-8	10	9	30,8 3,3
Adriano R.B. de Jesus	020	7-8	29	8	27,8 3,3
Adriano R.B. de Jesus	020	1-10	20	27	25,8 1,7
Adriano R.B. de Jesus	020	3-1	20	117	26,8 4,1
Adriano R.B. de Jesus	023	4-1	20	19	31,8 2,8
<b>Adriano R.B. de Jesus, Est. Agr. Per. Guimarães, Departamento Est. de São Paulo, Controle em 10/06/81, Reg. de parto em raça experimental, 2 bezerros.</b>					
Adriano R.B. de Jesus	023	2-10	29	27	27,8 2,9
Adriano R.B. de Jesus	023	1-2	29	47	28,8 3,1
Adriano R.B. de Jesus	020	1-4	20	101	21,8 4,0
Adriano R.B. de Jesus	020	1-1	20	70	31,8 1,0
Adriano R.B. de Jesus	020	1-1	29	71	16,8 3,4
Adriano R.B. de Jesus	023	7-3	29	60	17,8 3,0
Adriano R.B. de Jesus	023	7-3	29	44	29,8 3,1
Adriano R.B. de Jesus	020	1-10	20	64	22,8 3,4
Adriano R.B. de Jesus	020	1-10	20	49	26,8 4,3
Adriano R.B. de Jesus	020	1-10	20	61	21,8 4,4
Adriano R.B. de Jesus	023	1-8	10	1	16,8 1,8
Adriano R.B. de Jesus	023	1-4	10	8	27,8 4,1
Adriano R.B. de Jesus	020	7-1	20	20	21,8 4,5
Adriano R.B. de Jesus	023	7-10	20	1	17,8 3,6
Adriano R.B. de Jesus	023	1-1	60	101	19,8 3,4
Adriano R.B. de Jesus	023	6-11	60	102	20,8 4,1
Adriano R.B. de Jesus	023	4-1	60	104	20,8 4,1
Adriano R.B. de Jesus	023	3-2	60	106	20,8 3,8
Adriano R.B. de Jesus	023	4-0	60	107	17,8 3,0



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lactos.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**





NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Martha Lima	028	3-11	79	184	24,0 2,9
Tracyana Lima	027	3-4	79	186	25,0 2,4
Geneta Lima	024	3-2	79	185	25,0 2,4
Shel Lima	778	3-5	89	225	25,0 4,6
Marjory J.B.	022	3-5	89	228	25,0 2,5
Aracemara Lima	11/03	10-5	17	7	25,0 1,9
Galiléia Lima	023	4-5	19	13	28,0 1,4
Natália Lima	021	4-5	29	30	27,0 1,1
Carla Lima	027	4-4	29	63	13,0 1,5
Luiz Lima	027	4-5	29	63	24,0 2,8
Quaresma Lima	028	5-5	29	31	27,0 3,3
Camélia Lima	30	-	29	32	30,0 3,0
Marlene Superior P. del	30	3-4	30	59	33,0 4,0
Lina Super Lady	30	4-11	49	114	27,0 2,4
Lina Melinda	30	4-9	79	198	25,0 2,7
Lina Lima	30	3-4	10	192	19,0 3,4

grupos Carlos Lima Herdeiro, Aracemara Lima do São Paulo, Controla em 06/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Geneta de São Jerônimo	021	4-2	29	45	20,0 2,80
------------------------	-----	-----	----	----	-----------

Geneta Superior de Aracemara Lima do Genoma, Francisco Bot. do São Paulo, Controla em 23/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Isabella Superior Lady	-	-	19	282	17,0 3,20
Rosa Top Lady	020	5-11	69	201	19,0 2,85
Dea Super Lady	020	3-11	69	249	17,0 2,90
Dea Super Lady	020	3-4	49	220	24,0 3,79
Dulce Super Lady	024	4-10	19	118	19,0 2,65
Debra Superior Lady	021	4-1	30	77	24,0 3,25
Debra Superior Lady	022	4-4	29	87	24,0 3,00
Debra Superior Lady	022	3-5	29	80	19,0 2,54
Debra Superior Lady	022	3-5	19	8	21,0 3,44

Elvira Super Lady do São Paulo, Bot. do São Paulo, Controla em 28/09/85, Região de parto com raça esportivas: 1 e 1 Orelhões.

1 Orelhão	2 Orelhões				
Conceição Superior Lady 2. del	021	4-2	39	117	22,0 3,7
Conceição Superior de Terceira	021	3-7	69	194	21,0 3,7
Superior P.O.	024	3-8	29	34	21,0 3,7
2 Orelhões					
Superior de São Paulo	024	5-11	19	4	39,0 4,5
Superior	30	-	29	44	38,0 3,0

Dr. Luiz Roberto Nogueira Porto, Chadeia Bot. do São Paulo, Controla em 08/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

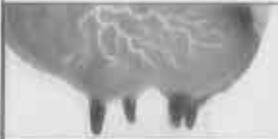
Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Carney 140 Albany	022	5-8	49	160	15,0 3,3
Joana Algodão Albany	022	3-4	89	188	10,0 2,4
Paracatita Albany	022	3-4	79	132	10,0 3,9
Top Oiler Vela Albany	70	6-2	99	129	16,0 3,3
Top Oiler Vela Albany	70	3-2	49	117	12,0 3,8
Yvonne Albany	020	3-11	49	157	18,0 3,4
Yvonne Albany	020	3-1	79	67	18,0 3,4
Yvonne R. de São Paulo	020	4-2	39	64	18,0 3,7
Yvonne Superior Albany	022	4-2	29	42	12,0 3,9
Yvonne Albany	020	4-11	39	33	15,0 4,1
Yvonne Albany	020	3-4	39	31	12,0 3,8
Yvonne Albany	020	5-2	19	19	18,0 3,8
Yvonne Albany	020	3-2	19	14	13,0 3,4
Yvonne Albany	020	3-2	19	1	20,0 4,0
Yvonne Albany	020	4-2	69	114	30,0 4,3

Yvonne Superior de São Paulo, Bot. do São Paulo, Controla em 17/09/85, Região de parto com raça esportivas: 1 e 2 Orelhões.

1 Orelhão	2 Orelhões				
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	10-3	39	149	15,0 3,0
Yvonne Superior Lady do São Paulo	022	9-11	69	114	19,0 3,8
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	10-1	89	128	18,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	6-5	69	145	21,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	6-7	79	208	18,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	6-1	19	10	26,0 3,9
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	6-4	49	109	19,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	5-9	49	170	22,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	4-9	79	124	15,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	4-9	89	240	20,0 3,8
2 Orelhões					
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	6-3	89	184	13,0 4,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	-	39	74	13,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	-	39	82	12,0 3,8
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	4-9	69	120	14,0 4,1
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	6-2	69	120	13,0 4,2
Yvonne Superior Lady do São Paulo	022	5-11	19	6	16,0 3,5
Yvonne Superior Lady do São Paulo	022	4-1	39	84	14,0 3,3

Yvonne Superior Lady do São Paulo, Bot. do São Paulo, Controla em 10/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	4-2	39	110	20,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	4-2	39	128	20,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	30	5-1	19	124	20,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	4-6	69	220	20,0 3,8
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	3-11	39	231	20,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	6-4	29	116	24,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	028	3-2	49	94	18,0 3,0
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	4-1	69	110	15,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	3-7	49	108	18,0 4,2
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	4-4	49	98	18,0 3,7
Yvonne Superior Lady do São Paulo	30	4-1	39	39	21,0 3,3
Yvonne Superior Lady do São Paulo	30	4-1	39	49	22,0 3,3
Yvonne Superior Lady do São Paulo	021	5-2	29	44	21,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	30	10-7	29	64	20,0 3,4
Yvonne Superior Lady do São Paulo	30	2-11	29	64	20,0 3,4



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Adriana de São Paulo	028	4-2	29	76	20,0 3,0
C. Virgínia de São Paulo	30	3-5	29	49	34,0 3,4
Geneta de São Paulo	028	3-5	29	52	18,0 3,7
Geneta de São Paulo	40	3-5	29	42	20,0 3,1
Alma de São Paulo	024	3-11	29	41	17,0 3,7
Agência de São Paulo	028	3-4	29	36	20,0 4,2
S. Sônia de São Paulo	30	3-4	19	26	17,0 3,2
Cláudia de São Paulo	028	4-4	19	18	27,0 3,7
Cláudia de São Paulo	30	3-4	19	13	26,0 3,4
S. Sônia de Lavoura	30	3-11	19	11	20,0 2,9
Barbara Bot. T. Bot. - Bot.	30	7-2	69	222	23,0 4,2
C. Leoborck Classicus Mod. - Bot.	30	5-4	79	183	17,0 4,3
Hebebert Superior Lady - Bot.	30	3-10	79	233	23,0 2,1
S. Sônia de Lavoura	30	5-2	79	248	20,0 4,4
Helena Classicus Mod. - Bot.	30	4-7	79	224	17,0 4,0
Cláudia de Lavoura	30	10-0	69	281	24,0 3,0
C. Cláudia Classicus Mod. - Bot.	30	4-10	79	184	18,0 2,9
Geneta de São Paulo	1000	3-9	79	197	19,0 3,6
S. Sônia de Lavoura	30	3-8	69	244	20,0 4,4
Cláudia de Lavoura	30	4-7	69	167	18,0 3,8
S. Sônia de Lavoura	30	3-11	49	151	22,0 3,2
Geneta de São Paulo	028	3-4	69	160	17,0 3,7
S. Sônia de Lavoura	30	3-11	69	173	19,0 3,1
Geneta de São Paulo	30	7-6	59	144	20,0 3,4
Cláudia de Lavoura	022	4-1	39	119	18,0 3,7
S. Sônia de Lavoura	30	7-2	39	239	17,0 3,8

Rosa Adelaide Bot. Superior Bot. do São Paulo, Controla em 02/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	75	26,0 3,7
Cláudia de Lavoura	021	6-0	29	51	20,0 2,4
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	82	21,0 3,8
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	82	18,0 3,4
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	42	10,0 4,0
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	42	10,0 4,0
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	42	10,0 4,0
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	42	10,0 4,0
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	42	10,0 4,0
Geneta de Lavoura	021	5-5	29	42	10,0 4,0

Rosa Adelaide Bot. Superior Bot. do São Paulo, Controla em 25/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3
Cláudia de Lavoura	021	5-5	29	52	18,0 2,3

Rosa Adelaide Bot. Superior Bot. do São Paulo, Controla em 25/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8

Yvonne Superior Bot. Superior Bot. do São Paulo, Controla em 25/09/85, Região de parto com raça esportivas: 2 Orelhões.

Nome do Animal	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8
Cláudia de Lavoura	021	10-7	49	136	13,0 3,8

**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**

**Purina**

NOME DO ANIMAL	Grav de idade de anos e meses	Con-trole de sangue	Dias de lactação	Leite %
Corona - 28 Sunny Jasper	20	5-6	79	25,0 3,4
Amorim Inocencio	20	12-1	12	22,0 3,4
Corona Sweet Alabama	20	3-11	39	27,0 3,1
Corona Venus Alabama	20	5-3	29	34,0 3,5
Corona Collins Turador	20	3-3	29	29,0 4,1
Corona Renata Turador	20	5-1	49	118 26,0 3,6
Corona Maria Ribeiro	20	3-4	29	48 27,0 3,6
Corona Saverio A. Red. PT	20	4-10	19	12 41,0 3,4
Corona Letitia Spinoso	20	7-4	19	62 31,0 4,2
Sharonex Red Spinoso Red	20	9-2	39	87 30,0 3,6
Renata Ribeiro Corona	20	7-5	29	29 29,0 4,2
Corona Mila Neodolado	20	6-2	59	134 29,0 4,4
Corona Rosalia Sauer	20	7-4	29	21 47,0 4,0
Corona Verônica Sout	20	2-9	19	11 36,0 3,9
Jagüê Lacerda Corona	20	7-3	39	89 26,0 3,8
Florencia Sauer Corona	20	6-8	29	58 26,0 3,7
Corona Jocely Noyel	20	7-1	49	114 33,0 3,8
C. Nereida - 19.000	20	8-2	49	39 37,0 3,7
Corona Nilson Sauer	20	3-4	29	44 29,0 4,4
Corona Saverio Sauer	20	4-2	49	111 41,0 3,3
Corona Lucy Elvito	20	4-2	49	39 27,0 3,5

### Raça Jersey

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 01/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Belaí Quartilha Fumante	20	7-9	39	125 10,8 6,04
Belaí Sava Fumante	20	5-3	29	39 10,8 6,20

Severina e Catarina Natal Ltda. Hortagalví & Filhos, Puaçu Funch, Est. do Rio Grande do Sul, Controle em 03/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 1 Ordena.

Orta	20	-	19	23 20,0 4,75
Veranda Gregório do Brasil	20	3-11	19	39 19,0 3,50
Teia Sant. do Brasil	20	3-5	19	23 20,8 3,92
Fuadil Rêd do Brasil	20	3-1	19	22 27,0 4,65
Henrikim Sauer, Fantasy	20	6-2	19	4 20,0 4,45
Rear Belle R. Nereida's Goldie	20	4-11	49	107 21,0 4,69
Mela Caco do Brasil	20	4-9	29	53 18,0 5,27
Bel. Constante do Brasil	20	4-6	29	44 29,0 4,4
Osório Tília do Brasil	20	2-11	29	31 19,0 5,25
Natali Berthelina Tasso	20	4-2	29	40 22,0 3,00

Ins. de Anselmo Antônio Netto Pacheco, Tatuí, Est. de São Paulo, Controle em 21/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Mila Jagüêtilly Rey	20	5-4	19	19 12,0 3,4
Sharon Coffey Rey	20	8-2	29	46 13,0 4,1
Chalimbe Coffey Rey	1/2	4-8	19	18 13,0 4,3
Oliveria Verônica Rey	20	5-1	29	44 13,0 5,8

Ins. de Milton Lopes João, Cabreúva, Est. de São Paulo, Controle em 25/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Boa Fumante S.F.	20	-	29	56 17,0 3,6
Veranda Fumante S.F.	20	-	29	45 14,0 3,8
Boa Virgínia S.F.	20	-	29	31 12,0 3,7
Boa Virgínia S.F.	20	4-1	29	42 15,0 4,0
Boa na Coroa 30 Reis	20	11-3	29	37 14,0 4,3
Boa Virgínia S.F.	20	-	19	23 13,0 4,6
Veranda Fumante S.F.	20	4-4	109	23 12,0 4,1
Veranda Fumante S.F.	20	8-10	49	97 11,0 5,6
Mila Constante S.F.	20	8-0	49	104 12,0 5,8
Veranda High S.F.	20	7-4	49	97 20,0 5,5
Jagüê Higley S.F.	20	7-2	49	84 12,0 4,0
Jagüê Higley S.F. Primitivo	20	8-10	49	111 12,0 5,5
Boa Veranda S. Primitivo	20	6-3	49	183 12,0 5,0
Boa Veranda S. Primitivo	20	-	39	31 14,0 3,1
Veranda Fumante S.F.	20	-	49	97 12,0 4,2
Veranda Miller S.F.	20	3-5	19	18 18,0 3,2

### Raça Parda Suíça (Schwyz)

Dr. Fernando Traldi Neto, Jacupiranga, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 1 Ordena.

SC. Saverio Clayton II	20	6-5	119	228 18,0 4,3
SC. Saverio Clayton I	20	4-8	109	272 19,0 4,7
SC. Saverio SC. Sava	20	3-9	79	139 15,0 4,0
SC. Saverio Saverio II	20	4-5	49	139 18,0 4,0
SC. Saverio Saverio	20	2-4	29	104 12,0 3,5
SC. Saverio Saverio I	20	3-4	29	188 28,0 3,8
SC. Saverio SC. Sava II	20	5-9	29	71 24,0 4,1
SC. Saverio Saverio III	20	2-7	29	88 31,0 3,5
SC. Saverio SC. Sava III	20	5-10	19	2 11,0 3,7
SC. Saverio Saverio II	20	6-7	19	27 23,0 3,2

Dr. Francisco Traldi Neto, Jacupiranga, Est. de Minas Gerais, Controle em 13/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 1 e 2 Ordenas.

1 Ordena	20	6-4	79	200 22,0 4,0
2 Ordena	20	6-5	69	221 29,0 4,2
SC. Saverio Clayton III	20	5-1	69	126 17,0 4,2
SC. Saverio Clayton III	20	4-5	39	75 17,0 4,9
SC. Saverio Clayton III	20	4-4	39	75 17,0 4,9
SC. Saverio Clayton III	20	23-0	39	25 39,0 3,9
SC. Saverio Clayton III	20	3-4	39	34 24,0 3,4
SC. Saverio Clayton III	20	3-2	19	12 31,0 3,9
SC. Saverio Clayton III	20	2-5	19	27 18,0 3,2

1 Ordena	20	6-4	29	40 29,0 3,7
----------	----	-----	----	-------------

NOME DO ANIMAL	Grav de idade de anos e meses	Con-trole de sangue	Dias de lactação	Leite %
SC. Gertruda Depover III	20	4-5	69	171 18,0 3,7
Gertruda Depover III	20	4-5	19	13 20,0 2,4

Cia. Agrop. Santa Helena, Jazuzinho, Est. do Paraná, Controle em 17/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

St. Tânia Primitivo Sava	20	9-5	29	45 20,0 3,1
--------------------------	----	-----	----	-------------

Interagrop S/A, Itaipira, Est. de São Paulo, Controle em 05/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Corona Nilda Twin	20	5-3	29	39 14,0 3,4
-------------------	----	-----	----	-------------

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 01/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Belaí Vivian Sava	20	4-4	39	47 10,0 4,49
Belaí Rosalia Depover	20	2-7	29	47 11,0 3,19
Belaí Trindade Sava	20	4-10	19	21 19,0 3,23

Antonio Carlos Lima Morito, Arizalina, Est. de São Paulo, Controle em 06/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Lise Jocilaine de S. Anita	20	5-4	29	11 19,0 2,41
Roselina Jocilaine de S. Anita	20	6-2	29	43 20,0 1,79

Amilcar Fátis Yasin, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 29/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 3 Ordenas. PCCB: 0152.62.21.22.

Corona 28 Rafael Tallman	20	4-9	29	47 31,0 3,3
Corona Rosalia Depover	20	4-10	29	9 27,0 3,4
Corona Clelia Twin	20	4-4	49	120 26,0 4,2
Corona Victoria Depover	20	4-4	29	39 17,0 4,3
Corona Priscila Tallman	20	4-4	19	25 25,0 4,0
Corona Regaini M. Stretch	20	3-9	19	25 29,0 3,7
Corona Vera Perf.	20	3-8	19	17 28,0 4,1
Corona Tallman Lilian	20	11-4	29	67 26,0 4,0
SC. Saverio Sava	20	10-4	29	203 27,0 3,8
Corona Elvira Medalist	20	7-4	69	128 26,0 3,8
Corona Dulce Medalist	20	6-9	19	26 26,0 3,8
Corona Fátis Twin	20	5-11	29	38 29,0 3,9
Corona Elia Twin	20	5-4	39	71 30,0 4,2
Corona Marley Perf.	20	2-2	29	31 31,0 4,1

Clóvis Henrique Grossi Mogi das Cruzes, Est. de São Paulo, Controle em 13/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Deolade da Almeida	20	9-11	19	49 14,0 3,3
Otilukina da Almeida	20	8-6	99	137 15,0 4,1
Liliane da Almeida	20	6-10	49	119 16,0 3,3
Liliane Rosa Jones	20	6-8	79	104 14,0 3,1
Veranda stretch da Almeida	20	4-10	29	45 15,0 3,1
Veranda Anice da Almeida	20	3-2	39	119 14,0 3,7
Veranda Rosalinda	20	5-18	29	41 17,0 4,2
Lina Sava da Almeida	20	-	29	42 14,0 3,4
Liliane Rosa Jones	20	2-9	19	38 14,0 3,1
Veranda Regina da Almeida	20	3-3	29	119 21,0 3,1
Liliane Rosa Jones	20	9-2	29	41 20,0 3,2
Veranda da Almeida	20	11-1	19	16 21,0 3,1
Liliane Rosa Jones	20	9-3	19	4 21,0 3,2

Agrop. e Sava Santa Helena Ltda, Curitiba, Est. de São Paulo, Controle em 03/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Almeida de Almeida	20	6-9	39	128 14,0 4,4
Almeida de Almeida	20	6-7	39	88 17,0 4,1
S. Saverio Rosalinda	20	3-5	69	164 13,0 3,3
S. Saverio Rosalinda	20	5-5	79	119 14,0 4,8
S. Saverio Rosalinda	20	3-2	89	211 17,0 4,2
S. Saverio Rosalinda	20	4-7	79	209 17,0 4,1
S. Saverio Rosalinda	20	4-11	49	209 14,0 3,4
S. Saverio Rosalinda	20	8-4	39	138 13,0 3,1
S. Saverio Rosalinda	20	-	89	184 23,0 4,8
Almeida de Almeida	20	7-3	49	207 18,0 4,1
Almeida de Almeida	20	8-5	19	119 21,0 3,1
Almeida de Almeida	20	1-9	19	4 21,0 3,1
Lina Rosa - 84 Ardo	20	-	89	127 17,0 3,9
Almeida de Almeida	20	1-2	39	75 11,0 4,1
Almeida de Almeida	20	2-5	19	27 26,0 3,7
Almeida de Almeida	20	4-11	29	84 24,0 4,9
Almeida de Almeida	20	8-8	29	4 20,0 4,2
Almeida de Almeida	20	4-2	19	4 20,0 4,2

### Raça Guernsey

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 01/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

Belaí Tattor Barry	20	6-11	69	179 11,0 4,49
Belaí Vainy Martin	20	3-9	19	29 12,0 3,29

Dr. Cláudio Canal de Almeida, Itaipira, Est. de São Paulo, Controle em 29/09/85. Regiões de pasto com raça suplementar, 2 Ordenas.

SC. Saverio Clayton III	20	7-10	39	66 19,0 4,44
SC. Saverio Clayton III	20	7-10	39	65 22,0 4,12
SC. Saverio Clayton III	20	7-0	39	65 24,0 4,76
SC. Saverio Clayton III	20	12-4	29	55 17,0 4,64
SC. Saverio Clayton III	20	-	29	53 14,0 4,22
SC. Saverio Clayton III	20	4-10	29	53 15,0 4,22
SC. Saverio Clayton III	20	7-9	29	47 14,0 4,27
SC. Saverio Clayton III	20	-	29	47 14,0 4,27



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLETTINA GL LACTINA GL**

Purina

# GIR LEITEIRO - FB

ECO  
RGD-8499

SÂNDALO

RGD-A7045

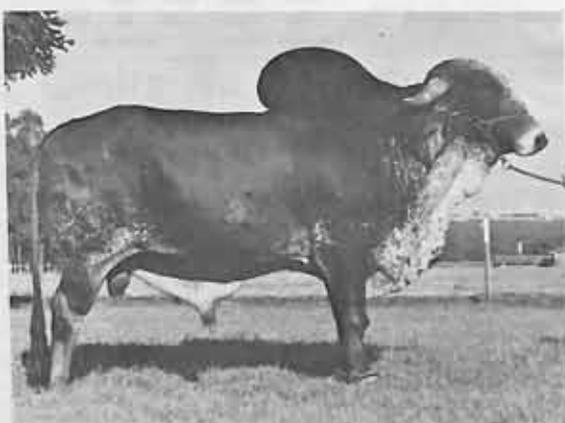
ESCALA  
RGD-H1650

07 lactações

	Leite	Gordura
Produção total	32.407	1.438
Média por lactação	4.629	205
Melhor lactação	6.418	277

**FAÇA-NOS UMA VISITA,  
NÓS TEMOS O REPRODUTOR  
QUE O SEU REBANHO ESTÁ NECESSITANDO**

# GIR LEITEIRO - FB



## O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO.

**COLETA E VENDA DE SÊMEN  
PECLAN-BRADESCO  
AGROPECUÁRIA LAGOA DA SERRA**

**KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA. — FAZENDA SANTANA DA SERRA**  
Estrada Mococa-Cajuru Km 295 - Município de Cajuru - Fone (0196) 55-0801  
Telefone Rural — Canoas SP — (telefonista 101) 98-1164  
Mococa - SP — Fone (0196) 55-9085 — São Paulo - SP — Fone (011) 36-1681

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Vou India Roy D'Abadia	90	-	29	36	15,0	4,75
Galéia M-1 D'Abadia	9/8	-	20	24	37,0	5,02
Fee Miriam Fabian D'Abadia	90	-	29	33	36,0	4,59
Galéia M-2 D'Abadia	3/4	-	19	36	21,0	4,73
Galéia M-3 D'Abadia	3/4	-	19	36	17,0	4,59
Fee May Fabian D'Abadia	90	-	29	35	38,0	4,87
Chico M-1 D'Abadia	1/2	-	19	34	19,0	4,54
Fee M-Lou George D'Abadia	90	1-3	29	37	15,8	5,00
Fee M-1 D'Abadia	3/4	-	29	33	22,0	5,01
Fee M-1 D'Abadia	3/8	-	29	33	14,0	5,00
Fee Denise Roy D'Abadia	90	-	29	37	34,0	5,13
Fee Wilson Roy D'Abadia	90	-	29	33	15,0	4,89
Galéia M-2 D'Abadia	1/2	-	29	32	24,0	5,23
Fee Diana Roy D'Abadia	90	1-3	29	36	15,5	5,11
Fee Marc Hildebrand D'Abadia	90	-	29	38	23,0	5,29
Galéia M-3 Roy D'Abadia	30	18-2	29	37	15,0	4,76
Galéia M-2 D'Abadia	3/4	2-11	29	32	20,0	4,86
Fee Roy D'Abadia	1/2	2-11	29	32	20,0	4,80
Fee M-1 D'Abadia	1/2	1-10	29	36	24,0	5,02
Fee Nancy Roy D'Abadia	90	6-10	29	33	24,0	4,94
Fee Hildebrand Roy D'Abadia	90	6-4	29	3	19,0	4,75
Fee Diana do Brasil	90	-	29	3	18,0	4,79

### Raça Red-Poll

Curso de Pós-Graduação em Pecuária - São Paulo - Outubro em 25/09/85. Degraus de sangue de raça suplementar: 2 Ondalês.

Princesa Malva	90	18-3	29	43	20,0	2,8
M	-	-	29	50	20,0	3,7
Princesa Despedida	90	6-3	29	43	19,5	2,3
Princesa George	90	6-11	30	6	18,0	3,4
Princesa Paula III	90	6-5	29	40	19,5	1,9
D	-	-	29	34	19,5	3,3
Princesa Stephanie	90	6-6	29	23	19,0	2,5
D	-	-	29	9	19,0	3,0

### Raça Gir

Curso de Pós-Graduação em Pecuária - São Paulo - Outubro em 22/09/85. Razão de sangue de raça suplementar: 1 a 3 Ondalês.

J. Deodoro	90	5-8	29	34	17,0	4,1
------------	----	-----	----	----	------	-----

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Versagem	1A	5-7	19	13	14,0	3,5
Nery	9C	13-5	20	9	16,0	3,2
Tranquila	9C	9-11	19	9	15,0	3,8
Perleira	2C	9-10	20	7	14,0	3,9
Bianca	9B	13-0	20	6	16,0	4,6
Márcia	9C	13-4	20	6	16,0	4,6
União	1A	6-7	20	40	14,0	3,8
Brasil	9B	9-9	20	45	16,0	3,8
Theresa	1A	3-8	20	42	16,0	3,4
Sandra	9A	3-7	20	40	15,0	3,6
Teobertina	9B	7-9	20	50	14,0	3,8
Unicidade	1A	6-3	20	34	14,0	3,9
Paqueta	9B	10-3	20	38	13,0	3,4
Vadagny	9B	5-5	20	38	16,0	3,1
Oligiana	9B	-	20	38	16,0	3,1
Lafete	9C	13-8	20	47	14,0	3,7

### J. Deodoro

Alcega	9B	3-11	19	21	22,0	4,4
Wânia	9B	3-3	19	20	21,0	4,0
Alcega	9B	3-10	20	19	15,0	4,8
Azorel	9B	4-1	18	27	21,0	4,7
Acácia	9B	4-1	20	11	19,0	3,2
Acácia	9B	4-2	20	19	20,0	4,2
Verônica	9B	4-8	20	10	20,0	3,4
Alfama	9B	3-8	20	11	20,0	4,2
Alfama	9B	4-1	20	11	20,0	4,2
Adriana	9A	4-0	20	28	22,0	3,7
Adriana	9B	4-2	20	22	22,0	4,3
Ala	9B	4-0	20	28	20,0	4,0
Vaidagny	9B	10-1	20	67	22,0	3,7
Alfama	9B	10-1	20	66	21,0	4,3
Francistela	1A	6-0	20	66	13,0	3,3
Ortizinha	1A	6-0	20	66	14,0	3,8
Ortizinha	9B	4-0	20	64	10,0	3,4
Vaidagny	1A	6-4	20	64	21,0	3,5
Amélia	2C	6-4	20	64	18,0	3,4
Tranquila	2C	6-4	20	59	16,0	3,6
Tranquila	9B	4-2	20	58	12,0	4,0
Gea	9B	5-2	19	48	13,0	3,9
M	9B	5-3	19	37	12,0	3,4
Deborah	9B	5-2	19	36	12,0	3,5
Magalhães	9B	5-2	19	35	12,0	3,5
Fátima	9B	5-2	19	34	12,0	3,5
Lúcia	9B	5-2	19	33	12,0	2,4
Milena	9B	5-2	19	34	12,0	2,5
Suzana	9B	-	-	-	-	-



**GERADORES  
DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT  
PROLEITINA GL  
LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Alia	PC	8-12	37	73	20,0	3,3
Amida	SB	6-2	29	73	16,0	4,3
Trinidade	SB	7-1	46	71	19,0	3,5
Albino	SB	3-7	46	109	10,0	3,4
Aracatia	SB	1-11	40	107	11,0	4,5
Alia	PC	8-12	49	101	12,0	3,3
Apina	PC	8-3	20	90	14,0	4,0
Opetana	PC	13-4	29	96	12,0	3,6
Uania	LA	5-1	29	92	10,0	3,0
Delia	PC	1-10	29	92	11,0	4,4
Uruada	SB	3-8	20	90	11,0	3,4
Petubata	PC	8-8	20	130	12,0	3,8
Sococera	PC	7-6	20	130	11,0	4,6
Sapocasta	PC	13-6	29	120	11,0	4,4
Tota	PC	10-0	20	122	11,0	3,0
Ufalia	LA	5-2	29	125	10,0	3,5
Ustina	PC	14-0	20	124	11,0	4,4
Uruada	PC	12-7	20	124	10,0	4,0
Talena	PC	7-3	40	122	14,0	3,2
Ugona	SB	7-12	40	121	10,0	4,8
Ustina	SB	7-5	40	120	11,0	4,8
Ustina	SB	13-11	29	148	11,0	4,2
Ustina	SB	5-0	20	147	11,0	3,5
Ustina	SB	3-11	20	143	10,0	4,2
Ustina	PC	13-0	20	142	11,0	2,8
Ustina	SB	4-4	20	142	10,0	3,2
Ustina	SB	4-4	20	136	10,0	3,5
Ustina	SB	4-4	20	136	10,0	4,4
Ustina	SB	4-1	20	134	10,0	3,8
Ustina	SB	3-7	20	133	11,0	3,5
Ustina	PC	10-8	20	135	10,0	3,4
Ustina	PC	13-8	20	168	10,0	4,0
Ustina	LA	7-2	29	142	11,0	4,2
Ustina	SB	11-0	20	141	10,0	4,5
Ustina	SB	5-0	20	136	10,0	4,0
Ustina	SB	8-1	20	150	10,0	4,7
Ustina	SB	14-5	20	180	11,0	3,7
Ustina	SB	11-2	20	206	10,0	3,5

Assessor José Lucio de Oliveira Costa, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.

Cl. Ovelha	LA	4-2	20	22	14,0	3,5
Cl. Ovelha	LA	4-10	20	42	14,0	3,3
Cl. Ovelha	LA	3-3	20	20	11,0	4,3
Cl. Ovelha	PC	13-3	10	38	14,0	3,2
Cl. Ovelha	PC	10-3	10	11	10,0	4,4
Cl. Ovelha	PC	3-2	20	189	11,0	3,9
Cl. Ovelha	PC	8-1	20	147	10,0	3,4
Cl. Ovelha	SB	5-7	40	111	12,0	4,2
Cl. Ovelha	SB	8-10	20	100	14,0	3,8
Cl. Ovelha	PC	13-8	20	71	10,0	3,4

José Gabriel de Costa, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.

Alia	SB	10-2	29	95	10,0	4,8
Alia	PC	10-10	29	95	13,0	4,3
Alia	SB	6-2	20	82	12,0	4,0
Alia	PC	10-8	20	75	18,0	4,6
Alia	SB	5-10	49	44	15,0	3,0
Alia	SB	8-2	20	39	14,0	3,0
Alia	PC	10-4	29	209	11,0	4,4
Alia	SB	5-2	20	201	11,0	8,7
Alia	PC	10-3	29	185	13,0	5,2
Alia	SB	5-3	20	179	12,0	4,7
Alia	SB	5-7	40	169	12,0	5,0
Alia	SB	8-4	40	121	10,0	4,5
Alia	SB	8-1	40	119	13,0	3,9
Alia	SB	8-4	40	229	11,0	3,9

José Wilson Costa, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 2 Ovelhas.

Cl. Ovelha	SB	9-1	20	81	10,0	3,5
Cl. Ovelha	PC	7-4	20	49	11,0	4,2
Cl. Ovelha	PC	6-5	20	27	17,0	4,4
Cl. Ovelha	PC	6-3	20	21	11,0	3,8
Cl. Ovelha	SB	8-1	20	44	10,0	4,9

Assessor José Wilson Costa, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 2 Ovelhas.

Alia	SB	13-10	20	88	11,0	3,43
Alia	SB	10-11	20	154	10,0	3,83
Alia	SB	8-8	40	180	10,0	3,63
Alia	SB	9-8	20	189	10,0	4,80
Alia	SB	11-0	40	102	11,0	4,38
Alia	SB	3-2	20	93	11,0	3,23
Alia	SB	13-1	40	86	11,0	3,40
Alia	SB	12-9	20	193	13,0	3,27
Alia	SB	8-8	40	182	10,0	3,30
Alia	SB	7-3	20	129	10,0	3,44
Alia	SB	7-3	20	120	10,0	4,12
Alia	SB	7-3	20	63	10,0	3,50
Alia	SB	8-2	20	18	10,0	1,43
Alia	SB	8-1	20	32	14,0	3,78
Alia	SB	8-1	20	49	11,0	2,84
Alia	SB	10-4	20	14	12,0	3,43
Alia	SB	8-8	40	161	10,0	3,23
Alia	SB	10-2	20	397	10,0	1,84
Alia	SB	8-8	20	71	12,0	3,10
Alia	SB	8-0	20	27	10,0	3,43

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Liliana	SB	9-8	40	91	13,0	3,80
Margarita dos Poços	SB	5-3	40	110	14,0	3,72
Maria	SB	6-2	40	10	10,0	3,52
Tranquila dos Poços	SB	7-10	20	67	10,0	4,12
Coariva dos Poços	SB	9-10	20	107	11,0	4,13
Orléa dos Poços	SB	4-7	20	1	10,0	2,84
Orléa dos Poços	SB	4-0	40	114	10,0	4,02
Opera dos Poços	SB	4-8	20	73	12,0	3,28
Operadora dos Poços	SB	4-6	20	18	10,0	2,88
Vertília dos Poços	SB	4-0	20	21	10,0	3,41

José Lucio Ferreira e César, Paleontólogos, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 2 Ovelhas.

Acilização	SB	7-5	10	20	11,0	3,10
Acilização	SB	4-8	40	219	10,0	4,10
Adriana	SB	5-3	20	73	11,0	4,11
Albina	SB	8-9	20	27	10,0	3,98
Africana	SB	5-1	20	31	10,0	4,13
Alminda	SB	3-2	20	27	11,0	3,58
Alminda	SB	5-8	20	20	10,0	3,38
Alminda	SB	4-8	20	35	10,0	3,88
Alminda	SB	5-1	20	11	10,0	3,31
Alminda	SB	12-1	20	31	10,0	4,11
Alminda	SB	8-7	20	101	10,0	4,28
Alminda	SB	10-4	20	33	10,0	4,17

Fazenda Brasileira Agrícola, Ltda., São Pedro das Pedras, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 3 e 2 Ovelhas.

Alminda	SB	5-7	40	185	14,0	3,10
Alminda	PC	7-9	20	187	10,0	4,78
Alminda	SB	6-13	40	114	10,0	4,72
Alminda	SB	6-6	20	144	11,0	4,72
Alminda	SB	6-6	20	197	10,0	5,40
Alminda	SB	5-7	40	254	11,0	3,37
Alminda	SB	8-4	20	113	10,0	4,34
Alminda	SB	13-0	20	142	12,0	4,99
Alminda	SB	11-9	20	70	10,0	4,13
Alminda	SB	7-3	20	11	10,0	4,68
Alminda	SB	8-11	20	33	10,0	3,10
Alminda	SB	6-10	40	88	10,0	4,47
Alminda	SB	5-5	20	200	11,0	3,49
Alminda	SB	5-5	20	205	10,0	3,49
Alminda	SB	13-0	20	128	10,0	4,38
Alminda	SB	5-0	20	231	10,0	3,30
Alminda	SB	7-9	20	24	10,0	4,38
Alminda	SB	8-10	20	18	10,0	4,38

Alminda	SB	10-11	20	47	10,0	4,47
Alminda	SB	9-7	20	45	10,0	4,14
Alminda	SB	7-3	20	20	10,0	4,13
Alminda	SB	7-3	20	47	10,0	4,13
Alminda	SB	6-2	20	61	10,0	3,73
Alminda	SB	11-0	20	81	10,0	4,38

**FAZENDA PINHALZINHO - Araras - SP**

Tel. (0195) 41-5567

**Venda permanente de matrizes holandesas PB**  
— registradas e cruzadas prenhas e tourinhos —  
oriundos de inseminação de touros provados.

Dr. Gabriel Donato de Andrade, Paleontólogos, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 13/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 2 Ovelhas.

Alminda	SB	8-11	20	41	11,0	4,13
Alminda	SB	4-8	19	17	11,0	4,13

Assessor José Wilson Costa, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 06/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 2 Ovelhas.

Maria-Pedroza Mantovani	SB	7-1	40	158	10,0	4,38
SB-Gabriel Cachibá	SB	10-5	40	127	12,0	4,14
SB-José Maria	SB	7-5	20	127	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	7-4	40	148	10,0	4,38
SB-Gabriel Cachibá	SB	10-11	40	89	11,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	8-7	20	39	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	10-0	20	76	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	10-11	20	73	10,0	4,38
SB-Maria Mantovani	SB	8-0	20	73	10,0	4,38
SB-Maria Mantovani	SB	7-0	20	51	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	10-3	20	23	10,0	4,38
SB-Maria Mantovani	SB	8-7	20	31	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	7-4	20	34	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	13-1	10	73	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	4-9	20	11	10,0	4,38
SB-José Maria Mantovani	SB	7-8	40	213	10,0	4,38

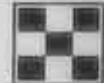
Dr. Gabriel Donato de Andrade, Paleontólogos, Rua dos Paleontólogos, 100 São Paulo. Controle em 06/08/85. Registro de parto com ração suplementar. 2 Ovelhas.

Alminda	SB	6-8	20	11	10,0	3,94
---------	----	-----	----	----	------	------



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**

  
**Purina**



# REVISTA DOS CRIADORES



## ANUÁRIO DOS CRIADORES



## AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES



São algumas das publicações destinadas àqueles que abraçam a missão de trabalhar com o campo e com tudo que a ele se refere.

**EDITORA DOS CRIADORES LTDA.**

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca

Tel: 263 - 8400

# O Sal da Vida e da Saúde e da Fartura.



Rigorosamente formulado para suprir às reais necessidades da criação animal, segundo largo e profundo conhecimento da matéria - adquirido e experimentado no Brasil - o Sal Mineralizado ABC é o que há de mais completo e de mais atual.

Pela simples razão de que cavalo não dá leite, boi não serve para ser montado e vaca não puxa e nem ganha corridas, temos uma fórmula para cada espécie, respeitando o que a natureza de cada um requisita em macro e micronutrientes para viver, ter saúde, produzir e reproduzir.

O ideal seria os animais obterem tudo diretamente dos alimentos naturais que ingerem. Mas como nenhum alimento é completo o Sal Mineralizado ABC é o fator compensador insubstituível para manter o seu rebanho sempre forte, vistoso, produtivo.

Experimente e comprove a eficiência do Sal Mineralizado ABC - especialmente recomendado para quem já cansou de experiências.

Fórmula da Associação Brasileira de Criadores, elaborada pelo Prof. João Soares da Veiga.

A ABC não tem finalidade lucrativa: existe para servir.

Sal Mineralizado ABC para Leite - Engorda - Equínos.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 674 - fone: 826-3033 - Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - fone: 874-7966 -

Aberta até às 22 horas.

S.J. BOA VISTA: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746.

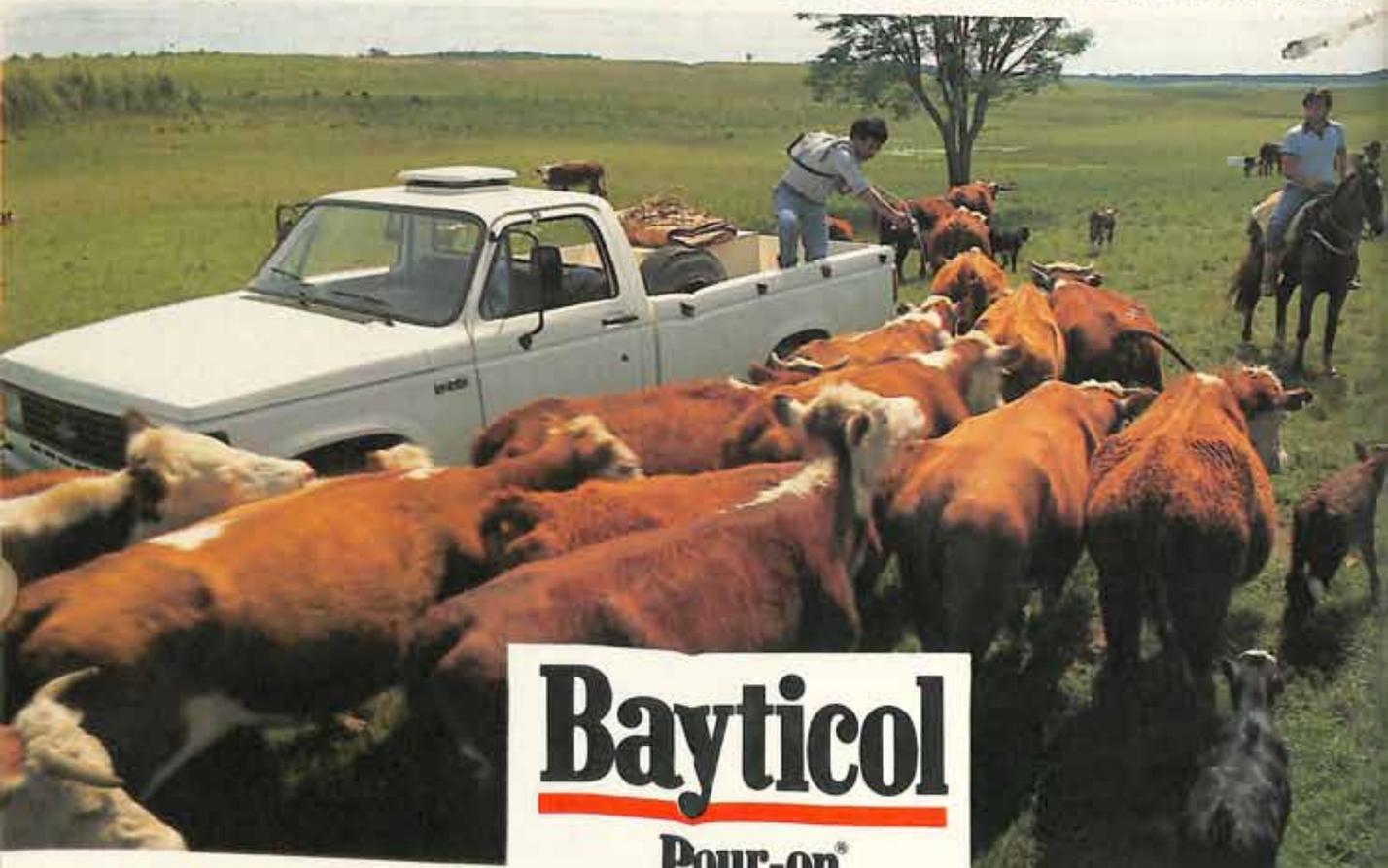
RIO DE JANEIRO: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão -

fone: (021) 228-7377.

WSS  
ABC



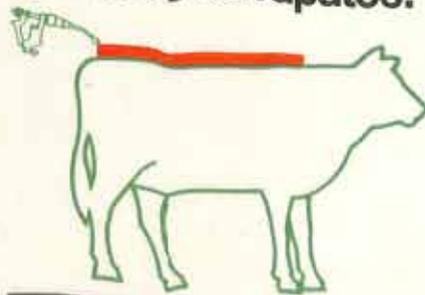
# Matar carrapatos agora se resume em uma linha.



## Bayticol

Pour-on®

A linha mortal  
para os carrapatos.



Você sempre aprendeu que para matar carrapatos é preciso tirar todo o gado do pasto, levá-lo a um local específico e depois banhar ou pulverizar um a um com todo o cuidado. Agora, a Bayer está lançando Bayticol Pour-on.

Um carrapaticida que, para aplicar, basta você ir até o pasto e, com apenas uma dose, traçar uma linha sobre o dorso do animal. Gradativamente, Bayticol Pour-on espalha-se por todo o corpo do gado matando todos os carrapatos em todas as

suas fases. E continua matando por muito tempo, já que seu efeito residual é maior que o de qualquer carrapaticida. Quanto à segurança, fique tranquilo. Bayticol Pour-on não oferece riscos para o homem, nem requer período de carência para o consumo da carne ou do leite.

Se é Bayer, é bom.

Bayer

